

Rulian B. Maftum

Caixinha de Surpresas

E se muito do que você
sabe sobre futebol fosse
uma grande mentira?



CAIXINHA DE

SURPRESAS

E se muito do que você sabe sobre
futebol fosse uma grande mentira?

1ª. EDIÇÃO - 2014

R U L I A N B M A F T U M I



Sobre o autor:

Rulian B Maftum

Rulian Belinski Maftum nasceu em
Guaratuba, Paraná, em 03/01/1980.

Jornalista, já atuou nas mais diversas mídias como jornal, TV, internet e rádio. Nestes veículos sempre teve alguma ligação com esportes, uma paixão cultivada desde cedo. Hoje é diretor-geral da Lumen Comunicação, em Curitiba, sendo responsável pela gestão de duas rádios FM, TV e revistas. É colunista da rádio Lumen FM, Mestre em Tecnologia e professor de graduação e pós-graduação na PUC-PR.



**Este livro está disponível para download em versão PDF no site:
www.livrocaixinhadesurpresas.com.br**

Esta obra está licenciada sob Creative Commons - Atribuição - Uso Não-Comercial - Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Brasil.

Você tem o direito de:



Compartilhar. Copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

De acordo com o seguintes termos:



Atribuição. Você deve dar crédito, indicando o nome do autor e endereço do site onde o livro está disponível para download.



Não comercial. Você não pode usar esta obra com finalidades comerciais.



Sem derivações. Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

Para mais informações visite:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>

CAIXINHA DESURPRESAS

PREFACIO

FIFA teme que máfias de apostas manipulem

resultados da Copa de 2014

Chefe de segurança da Fifa não descarta que
se
possa
suspender
jogos
com
pouca

antecedência se houver suspeitas de fraude

12/01/2014 - AGÊNCIA EFE

O chefe de segurança da FIFA, Ralf Mutschke,
alertou para o risco de máfias de apostas
tentarem manipular o resultado de partidas
da Copa do Mundo de 2014.

Em

uma

entrevista

ao

jornal

alemão

"Frankfurter Allgemeinen" publicada neste
domingo (12/01), Mutschke não descartou que
inclusive se possa suspender jogos com pouca
antecedência se houver suspeitas de fraude.

"Temos que dar como garantido que o crime organizado tentará manipular partidas também na Copa. É a competição na qual se registra o maior volume de apostas e na qual se conseguem os maiores lucros", declarou.

A FIFA, explicou, tem um pacote de medidas pronto para combater esta máfia, e nos 12 estádios nos quais serão disputadas as partidas da Copa no Brasil há encarregados de segurança.

Para evitar fraudes, funcionários da FIFA estão em contato com as casas de apostas e monitoram redes sociais em busca de pistas.

R U L I A N B M A F T U M I

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPITULO 1

9 km em 36 minutos!

Vou ter que forçar um pouco mais para chegar. 10 quilômetros em 40 minutos. Isso é o mínimo! Menos do que isso é melhor largar tudo. Várias pessoas conseguem isso dando risada.

A dor no peito é repentina. Uma dor muito forte e profunda. A sensação é de que o coração está sendo espremido violentamente.

9 km e 100! Agora é tudo ou nada. Minhas pernas doem. Onde já se viu, uma corridinha e já está com tudo doendo. Tenho que pegar mais firme nos pesos para a panturrilha.

A dor intensa começa a se espalhar rapidamente, primeiro para o braço esquerdo.

9 km e 200! Agora sim. Essa música é o que eu precisava. Que bom que sempre a deixo programada para os minutos finais. Tenho que chegar antes que ela acabe.

Uma pontada forte no pescoço joga-o para trás. Já não sabe mais se aquilo é o mal que continua se espalhando ou se é resultado do esforço para conter a dor.

9 km e 300! Quem é esse cara que acenou pra mim? Ele já acenou pra mim antes e eu nem faço ideia de quem seja. E o que é aquele short dele? Deve achar que está super sexy usando aquilo. Duvido que eu conheça alguém que corra com um shortinho daquele. Deve ser alguém que acha que me conhece só porque nos cruzamos correndo uma ou duas vezes.

RULIANBMAFTUM2

CAIXINHADESURPRESAS

Ele está paralisado. Olha em volta e o raciocínio não vem. A única coisa que existe ali agora é a dor. Não consegue se manter mais em pé. Deixa o corpo cair sentado no chão.

9 km 500! Merda! Aquele mané me fez perder a concentração!

Fiquei prestando atenção naquele short ridículo e quase perdi o tempo.

Só faltam 500 metros. 500 metros!

Precisa gritar por socorro, mas o ar começa a faltar rapidamente. O barulho que sai de sua boca nem ele mesmo consegue ouvir.

9 km 600! Acho que vai dar! Tem que dar! Concentra! Concentra!

Em três meses eu nunca fiz abaixo dos 40 minutos. Não vai ser hoje! Logo hoje!

Um calafrio brota dos pés e percorre o corpo todo. Está gelado ali, mas ele continua suando como se estivesse ao lado de uma fogueira.

9 km 700! Logo hoje que eu acordei tão bem. Estava me sentindo ótima. Achei que ia arrebentar na corrida. Como eu estava errada. É isso que dá ficar achando que já está bem.

A dor já nem incomoda tanto, pois é como se já fizesse parte dele. A vista embaralha de vez. O corpo não aguenta mais aquilo e ordena para que ele se deite no chão.

9 km 800! Essa fígada é normal. Você já assentiu antes. E não foi nada demais. Não é uma dorzinha assim que vai te fazer parar agora. São

só duzentos metros.

Os olhos veem um borrão da luz acesa no teto antes de se fecharem por completo. Ele ainda tenta murmurar alguma coisa, sem sucesso.

9 km 900! Aquele sprint final. Sem diminuir! Sem diminuir! É logo ali! Cem metros pra você provar que presta pra alguma coisa. Que esse esforço todo dá algum resultado. Corre! Corre!

R U L I A N B M A F T U M 3

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

A quietude é absoluta. Não vê mais nada, não ouve mais nada, não sente mais nada. Está feliz porque agora a dor foi embora. É a última sensação que aquele corpo sentiu.

Cheguei! 39min47seg. Deu certo. Consegui! Consegui! Calma, agora caminha um pouco para voltar o batimento. Consegui! Ufa! 39 e 47. Foi em cima, em cima da hora, mas deu.

* * *

Morto.

Xavier Delabona não conseguia acreditar.

A palavra ecoava em sua cabeça. Parecia até outro idioma, pois foi preciso repeti-la várias vezes para que ele pudesse identificá-la. Um carro cruzou pelo lado esquerdo em alta velocidade o que tirou Xavier de seu quase transe. Olhou no relógio digital do painel, 23h55min, e percebeu que tinha passado vários minutos com aquela reflexão curta e recorrente. Ainda bem que ele não precisava pensar para acertar o

trajeto, de tantas vezes que já o tinha feito. Estava no piloto automático de sua memória e de seu corpo. Custava a acreditar que aquele caminho estava agora levando-o para uma das maiores tristezas de sua vida.

Morto.

Ela ressoou novamente. Não era a palavra que incomodava, afinal ela estava sempre presente no dia-a-dia de Xavier. Aquela palavra praticamente definia boa parte da rotina de trabalho dele. O que estava fora de propósito era a construção da frase, com a palavra “morte” aparecendo junto ao nome de Martino Andreatto.

Quando o telefone tocou, perto das 23h, Xavier Delabona logo pensou que fosse mais uma das inúmeras ligações que recebia no meio da noite para informar algum crime. Àquela hora, com certeza, um crime que envolvia morte. Xavier estava certo, em parte. A ligação era realmente sobre um cadáver. Mas a voz que deu a notícia não era uma das usuais, apesar de ser muito conhecida dele.

Colocou o telefone no gancho e permaneceu sentado. Ele já estava acostumado com aquelas situações. Até suas companhias femininas mais

R U L I A N B M A F T U M 4

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

frequentes já sabiam como funcionava. Horas antes tinha dispensado uma delas pois imaginava que naquela noite poderia dormir tranquilo.

Mas, agora era diferente. O que fazer?

Xavier Delabona decidiu pegar o caminho mais fácil. Levantou-se e

seguiu a rotina que acontecia de 2 a 3 vezes por semana. O casaco estava no mesmo lugar, sempre com um bloquinho, um gravador e duas canetas nos bolsos. Pegou as chaves e a carteira que ficavam estrategicamente na mesinha ao lado.

Antes de sair parou em frente a porta e recordou a quantidade de vezes que já havia praguejado ouvindo aquelas ligações. Lembrou da frase que seu primeiro chefe na redação repetia para justificar a relevância do trabalho que faziam: “Alguém sempre vai morrer”. Só agora Xavier percebeu a verdade arrepiante que havia por trás daquelas palavras. Pois naquela noite o “alguém” era seu amigo Martino Andreatto. Enquanto estacionava o carro na rua, Xavier Delabona olhou a janela do 401. A luz estava acesa. Ficou alguns minutos parado no carro olhando para cima. Lembrou do número de discussões que teve com Martino, estando o amigo debruçado ali no parapeito, fumando um cigarro atrás do outro. E o assunto acabava sempre caindo no tema que significava a vida para Martino, futebol. O maldito futebol. Por causa disto tinham parado de se falar nos últimos meses, depois de uma discussão muito agressiva. De dentro de sua cabeça, provavelmente do mesmo lugar onde a palavra “morte” vinha sendo repetida constantemente durante o trajeto todo, pode ouvir a voz do amigo: “Como pode alguém não gostar de futebol? Pior, ignorar o futebol?! Se eu não te conhecesse diria que isso é coisa de bicha. Pelamordedeus Xis!”. O sorriso que veio com a lembrança trouxe junto uma tristeza profunda e

um vazio na boca do estômago como se tivesse ficado horas sem comer. A luz da sirene da ambulância trouxe a realidade a tona. Olhou no relógio do painel do carro: 00h07min. Havia um homem de branco, encostado no furgão fumando. Devia ser o motorista à espera da maca com o cadáver do morto.

Martino Andreatto, morto.

R U L I A N B M A F T U M 5

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

A fígada muscular durante a corrida a fez demorar mais com o alongamento. Não podia nem pensar em se contundir agora que estava conseguindo manter um ritmo tão bom. Além do mais, como iria ficar algum tempo sem uma academia disponível, ainda precisava fazer uma sessão de musculação. No dia seguinte a rotina seria a mesma, antes de embarcar.

O voo estava marcado para a noite, portanto sobraria muito tempo para cumprir com o treino e ainda finalizar a arrumação das coisas. Este era um dos momentos em que sentia-se superior a maioria das mulheres. Praticidade e objetividade eram características marcantes nela. Por isso, sabia que a mala estaria pronta em tempo recorde.

Apesar da rotina mudar sempre neste período do ano, desta vez ia ser diferente. Desde que recebeu a carta as coisas tinham ficado um pouco confusas. Os planos mudaram radicalmente e isso bagunçou as

ideias dela. A bagagem, que estava toda separada, teve que ser mudada quase que inteira. Estava preparada para o frio, mas agora poderia enfrentar temperaturas de mais de 30 graus. Além disso, teria que encarrar 9 horas de voo, fora o tempo de espera no aeroporto. Mas nem tudo isso tirava a empolgação dela. Afinal, era por um bom motivo. Um ótimo motivo.

* * *

Xavier Delabona subiu os oito lances de escada melancolicamente. Lembrou-se das inúmeras corridas idiotas pelos degraus que ele e Martino disputaram ali. Subir as escadas era o único exercício que Martino praticava, afinal só existia aquela forma de chegar em casa. No começo Xavier tomou vários “chocolates”, “goleadas”, “buchas” como gostava de lembrar o amigo Martino. Esportes nunca foram o forte de Xavier. Mas, com pretensão ferrenha de parar de ouvir gozações começou a praticar corrida. Um esporte que não exige muita coordenação motora era o ideal para Xavier. Não demorou para que as “buchas” mudassem de lado.

Quando chegou ao quarto andar foi recebido por um sorriso bastante afetivo de Dona Etelvina, seguido de um abraço caloroso. Xavier

R U L I A N B M A F T U M 6

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

percebeu que a mulher estava um caco, mas mesmo assim teve forças para consolá-lo.

–
Eu fui levar um pedaço de bolo que tinha acabado de fazer para ele
– emendou Dona Etelvina antes que Xavier pudesse falar qualquer coisa –
Toquei várias vezes e ninguém atendeu. Mas a TV estava ligada então eu
resolvi ver se a porta estava aberta. Ela estava. Chamei por ele e nada,
Xavier. Quando fui até a cozinha deixar o pedaço de bolo o encontrei caído
no chão. Foi horrível, meu filho. Chamei a ambulância e logo depois liguei
pra você.

–
Onde ele está agora?

–
Está na maca, já todo coberto. Eu não consigo acreditar, meu filho.

Não consigo...

Xavier entendia perfeitamente o que Dona Etelvina estava querendo
dizer. Também não acreditava ainda. Martino não poderia estar morto.

Ele não era o tipo de pessoa que combinava com a palavra.

O jornalista entrou pela porta do 401 e viu a maca no meio da sala.

Em cima dela um saco preto com zíper. Dois paramédicos estavam por lá.

Um deles ao lado do balcão logo na entrada. Ele recebeu-o com um leve
aceno de cabeça enquanto preenchia um formulário que estava na
prancheta. Deveria ser novo na função pois Xavier não o conhecia. Olhou
em volta mais uma vez. Uma cena corriqueira na rotina de um jornalista
policial.

—
Xavier? Era a voz do outro médico que estava ao lado do corpo.

—
Como vai Geraldo - respondeu enquanto apertava a mão do homem.
Este ele conhecia, tratava-se do Doutor Geraldo Pereira. Aliás, Xavier conhecia praticamente todos os profissionais, policiais, médicos, que, como ele, tinham mortes e crimes como rotina de trabalho.

—
Sinto muito. Fiquei sabendo há poucos minutos que o falecido era seu amigo.

—
O que tem pra mim doutor? Xavier pegou rapidamente o bloco e uma caneta em um movimento quase involuntário, até se dar conta de que não estava ali a trabalhar. O hábito o traiu. Disfarçou rapidamente, guardando tudo nos bolsos, e voltou-se ao médico fazendo um aceno de cabeça para que começasse o relato.

—
Ao que tudo indica foi um ataque cardíaco, daqueles fulminantes.

—
Vocês ainda não tem certeza?

R U L I A N B M A F T U M 7

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

O quadro indica isso quase com certeza. Conversei com a senhora ali fora, Dona... - Ele folheou os papéis que tinha na prancheta. - Ah, aqui está. Dona Etelvina contou que ele nunca tinha tido problemas antes, o senhor confirma isso?

-

Sim. Martino tinha saúde de ferro, apesar de não cuidar muito bem dela.

-

É, pelo que pude perceber é o típico quadro dos infartados - disse o Doutor Geraldo enquanto coçava a cabeça.

-

Sedentário, fumante e com alimentação inadequada - Doutor Geraldo identificou na cara de Xavier a curiosidade e nem esperou as perguntas.

-

Sobre o cigarro vi cinzeiros por toda a casa, além de um pacote novinho que estava na cozinha. Além disso, as marcas na barba e nas mãos dele não deixam dúvidas de que a quantidade de cigarros por dia devia ser grande. Sobre a alimentação basta uma pequena olhada na cozinha e na geladeira para perceber. A senhora aí fora confirmou que, se não fosse pela iniciativa dela, comida saudável não entrava nesta casa.

-

É doutor, o quadro que o senhor pinta é bastante fiel. Isso quer

dizer que foi realmente uma fatalidade, uma morte sem motivo específico?

—

É geralmente assim nos infartos deste tipo. Pode acontecer com qualquer um, mas seu amigo obviamente fazia parte do grupo de maior risco.

Xavier apenas concordou com a cabeça.

—

Já tivemos o reconhecimento da senhora Etelvina. Como você sabe normalmente nestes casos precisamos de um parente próximo, mas ela contou que ele não tinha ninguém e que você era a pessoa mais próxima. Preciso que faça um reconhecimento.

Xavier olhou assustado para o médico, mas concordou. Ver cadáveres não era nada incomum para ele, mas reconhecer um cadáver seria a primeira vez. Doutor Geraldo levou-o ao lado da maca e abriu o zíper. Há meses não via a cara de Martino, mas mesmo com os efeitos da morte, não havia dúvida.

Martino Andreatto, morto.

R U L I A N B M A F T U M 8

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Xavier Delabona abriu os olhos. Por alguns instantes foi acometido por uma confusão mental, não sabia muito bem onde estava. Olhou em

volta e viu que era mesmo seu quarto.

Quando sentou na cama passou pela tradicional sensação que acomete as pessoas nestas ocasiões, a dúvida entre sonho e realidade.

Será que aconteceu mesmo? A resposta veio. Martino Andreatto estava morto e isso era fato.

Levantou-se e caminhou até o banheiro. Lavou o rosto demoradamente evitando olhar-se no espelho pois sabia que ia ver ali algo que só pioraria as coisas. Por mais que tentasse não pensar a culpa o acompanhava desde quando viu o amigo sem vida. Todas as coisas que não foram ditas. Todas as outras que foram ditas sem necessidade. Uma discussão besta, muito besta.

Essa merda de futebol!

Até então Xavier tinha certeza de que a culpa pela briga era toda de Martino. Ele vinha apresentando um comportamento estranho nos meses anteriores. Como sempre, quando estavam juntos, o assunto futebol dominava a conversa por insistência do velho. Só que o tom foi ficando mais solene. Martino não aceitava mais as brincadeiras de Xavier e também não fazia das suas. Insistia que Xavier deveria se interessar mais pelo assunto. Por vezes quase uma catequese. O rompimento foi inevitável.

Foi a cozinha e ligou o rádio que ficava na sala, como fazia todas as manhãs, para se atualizar enquanto preparava o café. Não demorou para vir a notícia da morte. Ele era um jornalista esportivo muito conceituado

na cidade. Não havia fã de futebol que não conhecesse o Martino “Andrechato”. Sempre com posições contundentes e com opiniões bastante ácidas. Assim era Martino, um chato mesmo. Ele não se incomodava com o apelido, na verdade se vangloriava.

Lembre-se do seguinte, Xis, para um jornalista, ser chamado de chato é um grande elogio, costumava repetir.

Para Xavier aquela foi uma das grandes lições da profissão que recebeu de Martino. Talvez a mais sábia de todas.

A notícia não teve nada demais. Foi dada como pregam os manuais na voz do locutor do horário:

R U L I A N B M A F T U M 9

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

“Morreu hoje, de problemas no coração, aos 56 anos de idade, o jornalista Martino Andreatto. Martino foi um dos grandes nomes do jornalismo esportivo do estado e era colunista de diversos jornais e sites esportivos. Durante algum tempo fez parte da equipe esportiva desta emissora como comentarista. Tinha como marca as opiniões contundentes e polêmicas. O corpo será velado no Cemitério Municipal”.

Na madrugada anterior, Xavier tinha tomado todas as providências para o enterro de Martino. Foi a funerária e marcou o velório para as 9h da manhã. Pela primeira vez precisou usar a procuração que o amigo tinha deixado dois anos antes tornando ele seu representante. Aquilo fez dele oficialmente o membro mais próximo da família. Xavier lembrou que

no dia em que recebeu de Martino os papéis para que assinasse, o velho o fez jurar que se qualquer coisa acontecesse nunca deveria entrar em contato com os tios. Ele jurou sem discutir.

Martino tinha alguns parentes vivos na cidade natal, a mesma de Xavier, dois tios e alguns primos. Os pais já eram falecidos e ele filho único. Desde a morte dos pais não teve mais contato com os outros parentes. Dizia que eles tinham matado o seu pai, sugado ele até a morte. O pai de Martino era dono de uma pequena confecção e os irmãos trabalhavam com ele. O típico homem que vivia para o trabalho, aquele senhor Carlo Andreatto. Martino nunca se interessou em trabalhar com o pai na confecção. E o senhor Andreatto logo percebeu que era difícil fazer Martino mudar de opinião. Algumas pequenas brigas e discussões bastaram para Martino vencer a resistência do pai. Foi aí que os tios entraram de vez no negócio. Era uma das poucas culpas que o velho amigo carregava. Seu eu tivesse topado trabalhar com meu pai talvez ele estivesse vivo até hoje, resmungava de vez em quando, principalmente quando tais ocasiões eram regadas a álcool.

A hora certa da rádio tirou Xavier de seus pensamentos. Eram 7h10min. Tomou rápido um café puro e saiu de casa rumo ao cemitério para as últimas providências. Era esperado um bom número de pessoas no velório, principalmente os colegas de trabalho e profissão de Martino.

R U L I A N B M A F T U M 10

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

A água escorria abundante pelo corpo, que estava todo embaixo da ducha. Como de costume, ficou naquela posição por alguns minutos. Já tinha ouvido diversas versões para justificar porque aquela sensação era tão boa, mas nenhuma conseguiu dar a dimensão do prazer que ela sentia quando a água batia da cabeça imersa e depois descia pelo seu corpo.

A rotina pensada para o dia transcorria bem. A corrida tinha sido ótima, bem diferente do dia anterior. Na sessão de musculação sentiu-se tão bem que aumentou alguns pesos e conseguiu incluir mais duas séries para as panturrilhas. A mala estava pronta e já havia marcado um táxi para pegá-la dali há pouco. Tudo corria como deveria. Poderia ficar até mais tempo do que de costume aproveitando o banho.

Passou lentamente a bucha por todo o corpo, como um ritual. Sentiu uma pontada quando as mãos tocaram a lateral do joelho esquerdo. Viu que havia um roxo ali. Já estava acostumada com o aparecimento de machucados. Além daquele, o corpo dela tinha outros dois em lugares diferentes. Mas não ligava mais. Eram marcas do esforço para conseguir melhores resultados. E provavelmente ainda teria muitos daqueles hematomas. Porque para ela o resultado ainda não era bom o suficiente.

* * *

Quando Xavier Delabona chegou a capela algumas coroas de flores já haviam sido deixadas. Eram mensagens do pessoal do jornal e uma de fãs. O caixão com o corpo ainda não estava lá. Xavier ligou então para o

telefone do funcionário da funerária e ele disse que já estavam a caminho. Sentou em um dos bancos de dentro da sala e esperou. Sentiu um vazio muito grande. Nem os pensamentos ininterruptos que estavam sempre na cabeça de Xavier pareciam suficientes para lhe fazer companhia. Martino Andreatto já era um jornalista formado quando Xavier chegou a cidade para estudar. Tinha passado em três vestibulares, mas as indicações de amigos e o convite que a família recebeu parecia irrecusável. Estudar em uma capital e ainda por cima com casa garantida para morar parecia um sonho. Mais ainda quando soube que moraria com um jornalista já formado. O que poderia ser melhor do que isso?

Martino cresceu na mesma cidade de Xavier, uma pequena vila no

R U L I A N B M A F T U M 11

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

interior, com forte influência italiana. Na infância e adolescência os dois não tiveram muito contato no dia-a-dia porque Martino era alguns anos mais velho. Os hábitos dos dois não batiam. Mas em cidade pequena todos sabem quando alguém vai estudar na capital. Martino foi um dos mais comentados. Primeiro porque jovem que vai estudar na capital em cursos que não sejam de engenharia, medicina ou direito acaba sempre comentado. Mais ainda em um curso como jornalismo. Em princípio os familiares e amigos estranharam a opção. Mas em seguida alguém lembrou que um jornalista pode ficar famoso e aparecer na televisão. Não era isso que Martino Andreatto queria. Ele amava escrever. E

escrever sobre apenas um assunto: futebol. Não, ele não gostava de escrever sobre esportes, só sobre futebol. Dizia que os outros esportes eram piada. Imagine comparar qualquer outro esporte com futebol. Os argumentos estavam sempre afiados e atualizados, “Como comparar alguma coisa com um esporte que tem 300 milhões de praticantes no mundo? E eu nem estou citando os que não praticam mas acompanham”, costumava repetir Martino. E tinha a outra, “Você sabe qual foi a audiência da final da última Copa do Mundo? Um bilhão de pessoas!”. Logo, Xavier se deu conta que parecia muito perfeito para ser verdade. Definitivamente morar junto a um doente por futebol não fazia parte do sonho dele. Acontece que Xavier abominava futebol, ignorava futebol. E o futebol era a vida de Martino.

Sobre o velório de Martino Andreatto não há muito o que relatar.

Quem já foi a um foi a todos. Muitos tapinhas nas costas, apertos de mão e abraços de condolências. Incontáveis vezes a frase: “Morreu muito novo!”. Mais uma vez Xavier foi salvo pelo carinho de Dona Etelvina. Na hora do desespero, em meio as cerimônias intermináveis de pêsames, procurava pelo olhar caloroso daquela senhora tão amável. Por muitas vezes ela se encarregou de lhe poupar de ouvir os discursos vazios de algumas pessoas presentes. Parecia que ela sabia exatamente o que fazer durante o velório. Xavier agradecia mas, ao mesmo tempo, torcia para que ele nunca precisasse desenvolver essa habilidade.

Entre as pessoas presentes estava o editor chefe do jornal onde

trabalhava. Paulo Camargo não era uma pessoa de demonstrar sentimentos. Lamentou a morte e disse a Xavier que estava com as férias vencidas e que talvez fosse uma boa usar aqueles dias neste momento.

R U L I A N B M A F T U M 12

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Despediu-se do editor prometendo pensar na proposta.

Aproximou-se mais uma vez de Martino. Na primeira vez que olhou, meio de relance o corpo, quase não o reconheceu. Martino era um homem de 1,85m e quase 100 quilos. Não chegava a ser gordo, se encaixava mais na descrição de um homem corpulento. Desde que Xavier o conheceu usava barba. O que mudou é que ela aos poucos foi ficando grisalha. Na verdade meio amarela por causa do cigarro, como bem tinha percebido o médico com quem Xavier conversou na noite anterior.

O figurino tradicional de Martino eram as calças jeans surradas, as camisas de botão de manga curta e tênis. Coisa um pouco melhor apenas quando ele participava das mesas redondas na televisão. Tinha duas camisas que guardava para essas ocasiões. Por isso era tão estranho para Xavier ver Martino de terno e com a barba aparada. Quando o rapaz da funerária pediu um terno para vesti-lo, ele ficou confuso. Havia apenas um pendurado na arara no quarto de Martino que Xavier nem sabia se iria servir. O rapaz insistiu que esse era o procedimento padrão e que eles dariam um jeito.

O enterro aconteceu as 12h30min, uma hora e meia antes do que

estava combinado. Percebendo o suplício para o jornalista, Dona Etelvina sugeriu a medida que foi prontamente aceita. Enquanto o corpo era colocado no jazigo, Xavier olhou em volta e viu uma paisagem muito bonita. Era um cemitério parque e a grama estava especialmente verde naquela época do ano. Ele pensou na ironia que a situação representava. O amigo sendo colocado abaixo do gramado, território que ele tanto amava e tanto dominava. Só faltaram as duas traves para completar. Xavier saiu de fininho, sem cumprimentar ninguém. Apenas um aceno de cabeça para Dona Etelvina que parecia não perdê-lo de vista. Sentou em seu carro e partiu. A primeira ideia era a de ir para casa tomar um banho e tentar descansar. Mas o caminho que acabou tomando foi outro.

* * *

Chegou ao apartamento 401 cerca de 30 minutos depois. No corredor um silêncio absoluto. Dona Etelvina disse a ele que passaria uns dias com o filho e o neto. Para ela, ficar em casa seria muito difícil depois

R U L I A N B M A F T U M 13

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

do acontecido na noite anterior. Xavier lembrou que esteve com os dois algumas vezes, em visitas que fizeram a ela. Deu com o neto de Dona Etelvina algumas vezes na casa de Martino. O menino tinha o sonho de ser jogador de futebol e, para os apaixonados pelo assunto, o velho era uma atração.

Colocou a chave na porta e contou duas voltas. A fechadura fez aquele clic característico que tantas vezes ele havia escutado quando dividia o apartamento com Martino. Entrou pela porta e ela se fechou atrás dele. Apesar de ainda ser dia as grossas cortinas estavam totalmente fechadas e não deixavam muita luz entrar. Xavier deu aproximadamente três passos em direção ao balcão que ficava na entrada. Em cima dele havia uma cesta onde ele sempre jogava as chaves. Mas antes de ouvir o barulho do metal batendo na cesta uma dor intensa na cabeça e a escuridão.

* * *

O voo saiu de Turim no horário certo. Em uma hora e quinze minutos chegou a Roma. Como sempre uma viagem tranquila e rápida. Agora estava ela na sala de embarque do Fiumicino. Teria que esperar duas horas antes de pegar o outro voo. Este sim seria demorado, umas nove horas, mais ou menos. Iria viajar durante a noite. O que pode parecer bom para alguns não era para ela. Prezava muito o sono. Sabia que noite mal dormida significava menos desempenho nos treinos. E para ela a poltrona de um avião não combinava com uma boa noite de sono. Tinha se preparado e, além de um livro bem grosso e o notebook, levava no bolso dois comprimidos, daqueles milagrosos para dormir durante a viagem. Tudo para fazer o tempo passar mais rápido.

Ligou para o número salvo em seu celular. Assim como no dia anterior ninguém atendeu. Apesar de já estar acostumada, por um

momento ficou preocupada.

Mudou de posição na poltrona da sala de embarque. Ao fazer isso sentiu dores em vários lugares do corpo. A rotina de treinos intensos durante a semana fez com que novos incômodos musculares aparecessem, além dos já usuais. Mas para ela aquelas dores não eram ruins, eram companheiras inseparáveis. Estava viajando satisfeita

R U L I A N B M A F T U M 14

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

consigo mesma pelo empenho dos últimos dias. Tinha certeza de que seria premiada por aquele esforço adicional. Por isso, sabia que precisava caprichar ainda mais nos alongamentos. Fez isso pela manhã, depois da corrida, e à tarde, depois da musculação. Mas seria necessária outra bateria antes da viagem. Logo que chegou a sala de embarque entrou no banheiro feminino e checkou o box para deficientes que ficava no fundo. Como de costume era bem espaçoso. Trancou-se ali e começou a se esticar.

Na saída do banheiro mais uma checada no monitor. O horário de saída do voo estava confirmado. Em pouco tempo o embarque ia começar. Pensou de novo nas nove horas que teria que ficar sentada. Pegou a mochila que carregava nas mãos e abriu o bolso da frente. Tirou um pedaço de papel e passou os olhos cuidadosamente. Tinha perdido a conta de quantas vezes lera aquela carta. Deixara o papel no bolso externo da mochila, para poder pegar facilmente a qualquer hora,

principalmente quando batia o desânimo pela duração da viagem. Tudo aquilo tinha um bom motivo. Em poucas horas todo o esforço seria compensado com sobras.

* * *

Xavier Delabona abriu os olhos. A primeira imagem que se definiu diante dele foi do cesto de jornais e revistas que ficava ao lado do sofá. Percebeu que estava estatelado no chão. Os pensamentos foram logo interrompidos por uma dor na cabeça. Era uma dor intensa, latejante. O jornalista tentou apoiar as mãos no chão para levantar mas a dor aumentou. Ficou deitado mais alguns segundos antes de tentar de novo. Procurou colocar as ideias no lugar. Não conseguiu.

Tentou mais uma vez se mover e rolou de lado o que facilitou ficar de joelhos no chão. A visão ainda estava meio embaçada. A sensação era de total confusão. Passou as mãos nos olhos para tentar focalizar melhor as coisas. Olhou em volta e a situação começou a fazer mais sentido. Viu que estava na casa de Martino. Xavier se apoiou no balcão da sala e conseguiu levantar. Percebeu as chaves dentro do cesto. Olhou pela janela por uma fresta que a cortina deixava. Já estava escurecendo. Devia ser umas 18h. Na verdade não, umas 19h porque era época de horário de

R U L I A N B M A F T U M 15

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

verão. A cabeça deu mais uma latejada forte. Passou a mão na parte de trás, de onde vinha a dor. Olhou as mãos e não havia sangue. Sem dúvida

um golpe muito bem dado, por alguém que sabia o que estava fazendo.

Mas por que isso? O que tinha acontecido ali? Por que alguém

estaria dentro do apartamento de Martino naquela hora?

Mais uma pontada forte na cabeça. Xavier olhou em volta e as

pernas formigaram quase levando-o novamente ao chão. Era medo. E se a

pessoa que o atacou ainda estivesse ali? Por alguns segundos o silêncio

tomou conta dos pensamentos de Xavier. Abriu bem os ouvidos para

perceber alguma coisa, mas um zunido contínuo deixava tudo ainda mais

confuso. Pensou se era o caso de trancar a porta, mas seria melhor deixá-

la aberta. Se ainda houvesse alguém na casa precisaria de uma rota de

fuga.

Xavier Delabona tomou coragem e deu alguns passos em direção ao

corredor que levava aos quartos. Estava escuro ali dentro. Ele então

acendeu as luzes. Parecia não haver ninguém. Entrou no primeiro quarto,

que tinha sido dele durante cinco anos. Apenas os livros e jornais

empilhados, igual a última vez que havia estado ali. Na porta em frente o

banheiro também estava vazio. Deu mais alguns passos e entrou no

quarto de Martino. Acendeu a luz. Nada. Apenas a cama, o gaveteiro e a

arara com alguns casacos e camisas pendurados de qualquer jeito. Mais

alguns passos até o outro banheiro. Também tudo normal.

Depois de ter se certificado que estava sozinho na casa Xavier

voltou para a sala e trancou a porta. Percebeu que a fechadura estava

intacta, não tinha sido forçada ou coisa parecida. Quem quer que tenha

entrado ali utilizou métodos profissionais. Foi até a geladeira e pegou um pouco de gelo. Por sorte era a única coisa que sempre havia na geladeira de Martino. Enrolou algumas pedras em um pano de prato. Deixou-se cair no sofá e colocou a bolsa gelada improvisada na nuca. No início parecia uma agulha enfiada na cabeça. Mas em seguida o gelo começou a fazer efeito e foi aliviando aos poucos a dor. O jornalista olhou em volta e tentou imaginar o que uma pessoa iria querer levar dali.

Lembrou de uma matéria que havia escrito há algum tempo sobre uma quadrilha que roubava casas de mortos solitários. Alguns casos já haviam sido registrados na cidade e a polícia suspeitava de que eram as mesmas pessoas. Os marginais se aproveitavam para roubar os

R U L I A N B M A F T U M 16

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

pertences do morto nas horas seguintes ao falecimento. Até então, o caso ainda não tinha solução. Era uma das pautas da lista para ser atualizada.

Xavier logo descartou a hipótese de roubo. Era óbvio que, quando entrou no apartamento 401, a pessoa (ou as pessoas) já estava lá dentro. Mas não havia sinal de assalto. Via tudo ali, a TV, o aparelho de DVD, o rádio. Nenhuma pessoa precisaria de conhecimentos muito apurados para perceber que aquilo não era um cenário de assalto. Mas o que alguém iria querer ali, então? Xavier imaginou que Martino poderia ter alguma coisa de valor que ele desconhecia. Mas o quê?

Na verdade as únicas economias que Martino tinha foram

conseguidas graças a uma interferência direta de Xavier. Logo que saiu dali fez o amigo jurar que ia guardar algum dinheiro para eventualidades. Obrigou-o a ir ao banco combinar com o gerente para que toda vez que o salário do jornal caísse na conta uma parte fosse automaticamente para uma poupança. Depois de um tempo não havia uma fortuna lá mas o suficiente para pagar todas as despesas do enterro. E ainda sobrou uma boa quantia.

Mais uma pontada forte na cabeça. Serviu para trazer o jornalista de volta de seus pensamentos. A dor e o medo que fazia bambear as pernas aliviaram um pouco e decidiu percorrer novamente o apartamento, desta vez a procura de algo fora do padrão. Revirou todos os cantos da casa em busca de algo que justificasse o que o atingiu na cabeça. Martino não era uma pessoa de ter esconderijos para guardar as coisas. Na verdade ele não guardava as coisas, ele as jogava em qualquer canto.

Olhou na cozinha. Lembrou-se imediatamente das palavras do paramédico da noite anterior. Nos armários, além das louças velhas, alguns poucos mantimentos como café, açúcar, biscoitos. Na geladeira uma garrafa de água, alguns ovos, margarina, um pão meio embolorado e duas maçãs que pareciam podres. No quarto que havia sido dele quando morava com Martino também não teve muito o que procurar. Os armários estavam abarrotados de livros e jornais velhos. Havia também dois cobertores. Fora todos os livros espalhados pelo cômodo, no chão, em

cima da cama. Na suíte também não houve nada que chamasse a atenção.

Trabalhou com a hipótese do intruso não ter tido tempo de achar o que procurava, afinal não estava nos planos de ninguém que houvesse

R U L I A N B M A F T U M 17

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

uma pessoa ali naquela hora. Em resumo, não era um roubo. Não havia provas nem de invasão de domicílio. O único crime configurado era a agressão que ele tinha sofrido. Ou seja, chamar a polícia não ajudaria muito. Xavier sabia que isso ia contra todas as regras policiais, da importância de se registrar a ocorrência por menor que ela fosse. Em suas matérias ele sempre fazia questão de reforçar este ponto. Mas a situação era diferente. Pela primeira vez ele estava dentro de uma história como tantas que já havia contado, e precisava de mais tempo para saber o que fazer.

A dor na cabeça voltou, bem mais leve do que as anteriores. Xavier resolveu ir para casa, descansar um pouco e voltar no dia seguinte para tentar achar pistas. Pensou se era o caso de ficar dormindo ali para evitar que o intruso voltasse. Sorriu constrangidamente para si mesmo. É claro que não tinha coragem suficiente para isso. Além do mais, Xavier imaginava ser pouco provável que a pessoa que o apagou horas atrás fosse se arriscar a voltar tão cedo para aquela casa.

* * *

Foi só dar os primeiros passos rumo a sala de desembarque para

confirmar o que já previa. Estava quebrada. Dormir em aviões para ela era uma experiência muito desagradável.

Como teve que recorrer a um comprimido para conseguir dormir sentia-se dopada e com a boca muito seca. Por sorte não ia precisar passar pela esteira de bagagens, já que tudo o que trazia estava bem ali, na grande mochila que carregava nas costas e que cabia perfeitamente no espaço disponível dentro do avião. Ao ver as pessoas se empilhando a espera das malas sentiu-se melhor do que a maioria das mulheres, mais uma vez.

Na chegada ao portão de desembarque olhou em volta ansiosamente esperando encontrar um rosto conhecido. Nada.

Estava calor e ela precisou tirar o casaco que vestia. Pensou que talvez, se aguardasse mais um pouco, apareceria quem ela esperava.

Entrou na fila da casa de câmbio para trocar dinheiro. Estava ansiosa. Um rapaz na fila tentou puxar conversa, mas ela nem respondeu as perguntas que ele fez. Simplesmente o ignorou. Sabia fazer isso como ninguém.

R U L I A N B M A F T U M 18

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Já com um pouco da moeda local foi ao banheiro. Talvez algo tivesse acontecido, pensou ela. Quem sabe algum imprevisto. Daria um pouco mais de tempo. Ficou no sanitário por exatos seis minutos. Caminhou mais alguns passos pelo salão do aeroporto. Nada.

Em uma lanchonete comprou uma garrafa de água e um cartão

telefônico. Poderia ligar do celular, mas sairia caro. Discou mais uma vez para o número, sem sucesso. Do outro lado do salão avistou uma cabine de táxi. Pagou a corrida com cartão.

R U L I A N B M A F T U M 19

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPITULO 2

“Nós estamos em um jogo e em um jogo sempre há trapaças. As trapaças nunca vão acabar. Também sabemos que é muito difícil pegar estas organizações”.

Joseph Blatter - Presidente da FIFA.

Enquanto estava sozinho no carro naquela manhã, a caminho do 401, Xavier Delabona pensou em todos os eventos das últimas horas e tentou colocá-los em ordem para ver se algo poderia aparecer. Precisava encadear os fatos, montar um mapa mental dos acontecimentos. Nessas horas algum detalhe deixado de lado, algum fato aparentemente sem importância, poderia se tornar esclarecedor. A ligação de Dona Etelvina, a notícia da morte do amigo Martino Andreatto, a conversa com o paramédico, as providências para o enterro, as pessoas no velório, a visita à casa de Martino, a agressão, os motivos que levaram o invasor a entrar na casa. Apesar de não chegar a nenhuma conclusão ficou feliz porque pensar já não provocava mais dores na cabeça.

Estacionou o carro e subiu os oito lances de escadas. Parou em frente

a porta e respirou fundo antes de colocar a chave na fechadura. Pensou mais uma vez se não era mesmo o caso de chamar a polícia. Ouviram-se dois giros e a porta se abriu. Ele não estava sozinho ali.

Era uma mulher. Parada, em frente ao sofá da sala. Ele pensou em correr, ligar para a polícia. Talvez se a pessoa que tivesse encontrado fosse o que se esperava de um criminoso teria feito isso.

–

Quem é você? – perguntou a intrusa.

–

Como quem sou eu? Quem é você, moça? E porque voltou aqui?

–

Como assim voltou aqui?

A voz não parecia ameaçadora. Xavier olhou novamente para as mãos da mulher. Nenhuma arma. Ela vestia um agasalho esportivo largo, estava com os cabelos amarrados. Em cima do sofá uma grande mochila, talvez com coisas de Martino dentro.

–

Eu não sei o que você quer aqui mas podia ter me machucado

R U L I A N B M A F T U M 20

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

seriamente ontem – disse Xavier levantando a voz para tentar disfarçar todo o medo que sentia.

–

Do que você está falando? Onde está o Martino?

Neste momento Xavier notou um leve sotaque na maneira de falar da mulher, quando ela falou “Martino”. Um sotaque que, em princípio, lhe pareceu familiar.

–

O que você quer com Martino? De onde conhece ele?

–

Eu sou filha dele.

–

O quê? Que brincadeira é essa? Martino não tinha nenhuma filha.

Olha moça, ou você me diz o que quer aqui ou eu vou chamar a polícia – ameaçou Xavier já tomando o celular nas mãos.

Por alguns segundos os dois ficaram se encarando sem dizer nada.

Xavier pode perceber que se tratava de uma mulher jovem, mas com porte atlético. Dadas as circunstâncias da condição física dele parecia que ela não teria dificuldades em surrá-lo.

–

Meu nome é Lenora. Lenora Silvano. Posso saber o seu? A moça adotou um tom de voz mais ameno e estabeleceu um clima mais relaxado na expressão do rosto.

–

Xavier Delabona – respondeu seco e desconfiado ainda com o telefone nas mãos.

—

Você é o Xavier? Meu pai sempre falou muito de você. Você estava com ele agora?

—

Escuta aqui - Xavier levantou o tom de voz novamente - você está querendo mudar de assunto para se safar dessa. Mas eu vou perguntar só mais uma vez antes de discar para a polícia. Quem é você e o que você quer aqui?

—

Eu já disse. Meu nome é Lenora e eu sou filha de Martino Andreatto. E eu gostaria de saber onde está o meu pai.

A estratégia de Xavier em aumentar o tom de voz não provocou reação. Ela continuava com o olhar fixo nele e com a voz firme. E ele continuava com a certeza de que poderia levar uma surra a qualquer momento. Então mudou a estratégia e resolveu fazer o jogo dela.

—

Martino Andreatto está morto. Ele morreu há dois dias aqui mesmo, neste apartamento.

Xavier percebeu um abalo na postura da moça. Os olhos imediatamente começaram a ficar mareados. As pernas pareceram

R U L I A N B M A F T U M 21

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

bambear. Ela olhou para baixo pela primeira vez desde que a conversa

começou. Deu um sorriso nervoso e voltou encará-lo.

—

Isso só pode ser uma brincadeira, não é? Você combinou isso com o Martino. Onde ele está? Ali fora ouvindo tudo? Isso não tem graça! Martino, você é um idiota!

Aquela reação desconcertou Xavier. Passou pela cabeça dele que aquela moça pudesse estar falando a verdade.

—

Eu não estou brincando. O Martino faleceu anteontem a noite de infarto.

—

Mas não pode ser! Ele pediu para que eu viesse encontrá-lo aqui hoje! Como pode estar morto?

A moça se deixou cair no sofá, atônita. Xavier deu alguns passos em direção dela.

—

Você é mesmo filha dele? Quero dizer, do Martino? Você é filha do Martino?

Lenora devolveu a ele um olhar fulminante.

—

Ele nunca falou de mim pra você, não é?

Xavier balançou a cabeça negativamente. Sentou-se ao lado dela no sofá pensando em como o melhor amigo poderia ter escondido algo tão

importante dele.

—

Onde você mora?

—

Na Itália.

—

Itália? E quantos anos você tem?

—

Tenho vinte.

Xavier voltou aos seus pensamentos. Lembrou que conhecia Martino há mais ou menos vinte anos e que, portanto, se aquilo fosse verdade o fato tinha sido escondido dele durante todo o tempo.

—

Como ele morreu? Lenora rompeu o silêncio.

—

Ele morreu de infarto. Fulminante. Foi enterrado ontem.

—

Eu estou tentando falar com ele há alguns dias. Ele não atendia o telefone. Pensei que fosse alguma das brincadeiras dele e não me preocupei.

—

Você disse que ele te pediu para vir encontrá-lo aqui hoje? Como assim?

—

Ele me enviou uma carta há uns dez dias com uma passagem para o Brasil. Estava achando bem esquisito porque ele nunca tinha me convidado para vir pra cá. E a carta era estranha.

R U L I A N B M A F T U M 22

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

O que tinha a carta?

—

Não sei, ela era esquisita. Chegou há poucos dias e falava de você.

—

Essa carta está com você?

—

Está sim.

—

Eu posso vê-la?

Xavier recebeu mais um olhar duro, desconfiado. Ele ainda não sabia com quem estava lidando. A moça poderia ser mesmo a filha de Martino, mas também não seria surpresa se ele descobrisse que foi ela quem o nocauteou no dia anterior ali mesmo, naquele apartamento. Lenora se levantou em direção a mochila e enfiou a mão em um grande bolso que ficava na parte da frente. Xavier não pode evitar um calafrio. Fosse a filha de Martino aquela mão sairia com um envelope, caso contrário. .

Ela tirou a mão do bolso. Entre os dedos um envelope pardo. Deu ele

nas mãos de Xavier e sentou-se novamente no sofá.

Xavier examinou o envelope. Era definitivamente a letra de Martino. Ele sempre se surpreendia quando via a letra do amigo. Apesar de ser uma pessoa totalmente desorganizada e pouco preocupada com questões estéticas, Martino tinha uma letra muito bonita. A escrita trazia suavidade e firmeza ao mesmo tempo. Era um convite a leitura. Xavier desconfiava que era um dos segredos do sucesso do texto de Martino, escrever à mão. Ele relutava em digitar os textos direto no computador. A primeira versão sempre era à mão. Os editores que trabalhavam com ele tinham que se acostumar com a ideia.

–

Você não vai abrir? A pergunta tirou Xavier de seus pensamentos.

–

Hã? Ah, sim – Ele abriu o envelope pardo e tirou duas folhas de papel que estavam dentro. A primeira delas com um texto bem curto.

Lenora,

Preciso que você venha ao Brasil. Há uma passagem com seu nome no aeroporto.

Alguns assuntos importantes impedem que eu me ausente daqui neste momento. Você finalmente vai poder conhecer meu bom amigo Xavier Delabona, de quem tanto lhe falei. Verá que você e ele terão muito que conversar.

Abraços

Martino Andreatto.

R U L I A N B M A F T U M 23

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Xavier olhou então a folha seguinte e não entendeu nada. Ali havia um texto que, num primeiro momento, não parecia ter sentido.

COPA DE 70 – FINAL

Brasil

Itália

Félix

Albertosi

Carlos Alberto Torres

Burgnich

Brito

Facchetti

Piazza

Cera

Everaldo

Rosato

Clodoaldo

Bertini

Gérson

De Sisti

Jairzinho

Gianni Rivera

Tostão

Domenghini

Pelé

Boniseгна

Rivelino

Luigi Riva

Técnico: Zagallo

Técnico: Ferruccio Valcareggi

—

O que é isso? - perguntou Xavier.

—

Então, era sobre isso que eu estava falando quando disse que a carta era esquisita. Isso é uma escalação de um jogo de futebol. Mais precisamente do jogo Brasil e Itália da final da Copa de 70.

—

E isso estava junto com a carta?

—

Sim, veio junto. Achei que podia ser uma das brincadeiras dele.

—

Como assim brincadeira?

—

É que ele sempre fez brincadeiras sobre esse jogo comigo. Porque

eu sou italiana. Além disso, esse é o jogo preferido do Martino. Ele sempre disse que foi a “partida mais perfeita da história do futebol”.

–

É. Eu me lembro dele ter me dito isso algumas vezes também. Na verdade tivemos duas ou três discussões sobre esse assunto. Mas porque ele te mandaria isso?

R U L I A N B M A F T U M 24

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

–

Eu não sei – disse Lenora pegando a carta das mãos de Xavier – Ele sempre dava um jeito de lembrar algum fato desse jogo nas conversas que tínhamos sobre futebol. A escalação ele repetia sempre que podia. O problema é que esta escalação escrita na carta não está certa.

–

Como assim não está certa? - estranhou Xavier.

Lenora se aproximou mais uma vez de Xavier. Ele sentiu um cheiro suave e bastante agradável. Percebeu que vinha dos cabelos dela.

–

É como eu disse, tem um erro na escalação do time da Itália. Um nome de jogador está trocado.

–

Trocado? Você quer dizer que ele errou o nome do jogador?

–

É. Ele trocou um jogador por outro. Você não percebeu ainda?

Lenora encarou Xavier esperando alguma reação. Tudo o que ela viu foi a cara de interrogação do jornalista.

—

Você não tem a mínima ideia do que eu estou falando, certo?

—

Futebol nunca foi um dos meus fortes – disse Xavier um pouco embaraçado. Você pode traduzir isso para mim?

—

O que está errado é isso aqui – Lenora apontou para um dos nomes da escalação da Itália “Gianni Rivera” - Não foi ele que começou jogando esta partida.

—

Ok, entendi. Era o nome de outro jogador que deveria estar aí.

—

Isso. Quem começou jogando aquela partida foi o Mazzola e não o Rivera. Muita gente confunde isso até hoje.

—

Confunde? Por quê?

Lenora respirou fundo e olhou com certo desprezo para Xavier.

Estava nítido na cara dela que a moça não acreditava que teria que explicar isso a ele.

—

Antes da Copa de 70 a Itália ganhou a Eurocopa de 1968. Foi o primeiro título europeu da Itália. O Rivera e o Mazzola eram destaques do time. Os dois jogaram juntos, entende? Todo mundo na Itália fala até hoje que esses dois quando jogavam juntos era bonito de se ver. Mas o técnico da Itália, esse Valcareggi, dizia que não dava para os dois jogarem juntos. Então na Copa de 70 ele revezava os dois. Ele chamava isso de “staffeta”. Era um revezamento entre os dois.

Lenora olhou para Xavier e pode perceber uma expressão de espanto na cara do jornalista.

–

Estou falando muito rápido?

R U L I A N B M A F T U M 25

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

–

Um pouco, sim. Mas não é... Como você sabe tudo isso?

–

Eu gosto de futebol. E esse era um assunto que eu o Martino conversávamos sempre. Ele adorava dizer que a Itália perdeu aquela final porque o técnico era um cagão e não queria colocar o Rivera e o Mazzola para jogarem juntos.

–

Então deixa eu ver se entendi – Xavier reclinou o corpo para frente e apontou para o papel – aqui no lugar do Gianni Rivera quem jogou, na

verdade, foi o Mazzola. E pelo que você está dizendo seria impossível o seu pai ter errado.

—

Impossível mesmo. Ele nunca iria errar.

Xavier se levantou e parou virado de frente para a porta. Em um instante uma série de fatos começaram a se encadear na cabeça do jornalista. A pancada na cabeça. A presença da filha de Martino que ele desconhecia. A carta que ela trazia. E o que veio junto com a carta, aquela escalação que não fazia sentido. Xavier teve certeza de que tinha alguma coisa faltando. Ele precisava de mais dados.

—

Lenora, você disse que essa carta chegou para você há poucos dias, certo?

—

Três dias, pra ser mais exata. Foi a primeira coisa estranha que aconteceu. O Martino nunca fez isso.

Xavier então sentou-se ao lado do telefone. Puxou a grossa lista telefônica que estava na cesta junto as revistas. Olhou para o envelope pardo que carregava a carta e passou o dedo pelos nomes na lista procurando algo.

—

O que você está fazendo, Xavier?

—

Dá só uns minutos.

O jornalista pareceu achar o que procurava. Discou um número e logo foi atendido. Ligou para uma agência dos Correios, a agência pela qual Martino enviou a carta. Pediu para falar com o gerente ou o dono. Fez quatro ou cinco perguntas e desligou em seguida. Ficou sentado, com os olhos fixos no envelope.

—

Então, vai me contar o que está acontecendo ou vou ter que adivinhar?

Xavier olhou assustado para a moça. Em pouco tempo com Lenora já podia ver que delicadeza não era uma característica muito presente.

Mais uma vez teve a sensação de que ela poderia esmurrá-lo quando

R U L I A N B M A F T U M 26

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

quisesse.

—

A agência do Correio pela qual seu pai enviou a carta disse que o envelope estava lá para ser enviado há mais de dez dias. O gerente da agência era conhecido do Martino. Disse que foi um dos pedidos mais estranhos que recebeu. O combinado era que se o Martino ficasse mais de um dia sem ligar para a agência a carta deveria ser enviada.

—

Merda! O que o Martino estava inventando?

Xavier teve vontade de aprofundar o que pensava com Lenora. Mas ainda estava confuso. Não sabia quem ela era, se podia mesmo confiar.

–

Lenora, o que mais você pode me contar sobre esta história entre o Mazzola e o Rivera?

–

Você quer mesmo saber? Lenora estranhou a pergunta mas parecia interessada em mostrar mais um pouco dos conhecimentos sobre o assunto.

–

Quero sim – Xavier já estava sentado novamente ao lado da moça. Pegou o bloco e a caneta no bolso da jaqueta e se preparou para anotar algumas ideias.

Durante os 10 minutos seguintes Xavier ouviu atentamente um relato complementar de Lenora sobre o assunto. Procurou não interrompê-la, mesmo quando começava a falar muito rápido tomada pela empolgação. Lenora repetiu que durante a Copa de 70 o técnico da Itália promoveu a tal “staffeta” revezando a escalação entre o Mazzola e o Rivera. Em alguns jogos o Mazzola começou jogando e em outros foi o Rivera. Lenora contou também detalhes sobre o jogo da semifinal entre Alemanha e Itália. A partida é considerada até hoje na Itália como a “Partita del Secolo”, o “Jogo do Século”, o melhor da história das copas do mundo. A Itália fez 1 X 0. A Alemanha empatou no finalzinho do jogo, que

acabou indo para a prorrogação. Na prorrogação, os alemães fizeram 2 X 1. A Itália empatou novamente o jogo e depois fez 3 X 2. A Alemanha empatou de novo. E no finalzinho a Itália fez 4 X 3 com um gol do tal Gianni Rivera.

—
...e quando o técnico escalou para a final o Mazzola e não o Rivera ninguém entendeu. Ele tinha sido o grande herói da semifinal – completou Lenora. É por isso que ainda hoje muita gente confunde quem começou jogando na final contra o Brasil. Mas o Martino nunca ia confundir isso.

—
E sobre esses dois jogadores em especial. O que mais você sabe?

R U L I A N B M A F T U M 27

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—
Sobre o Mazzola, sei que ele era filho do Valentino Mazzola que também foi jogador de futebol. As pessoas costumam confundir os dois. O Mazzola pai foi um dos grandes jogadores da história na Itália e morreu em um acidente de avião. Você deve ter ouvido falar nisso já. A grande squadra da época na Itália era o Torino. Todos morreram no acidente. Xavier negou com a cabeça.

—
Bom, foi um grande desastre para os italianos, principalmente para o pessoal de Turim. Eu conheço uma pessoas mais velhas lá que lembram

disso até hoje e até choram. Bom, o Mazzola filho virou jogador de futebol também. Jogou pela Internazionale de Milão. Hoje ele é comentarista esportivo lá na Itália.

—
Ok Podemos procurar mais detalhes sobre isso depois na internet.

E sobre o Rivera?

—
O Martino gostava mais do Rivera. Dizia que se ele tivesse começado jogando o vexame poderia ter sido menor.

Xavier esboçou um leve sorriso enquanto continuava a escrever.

—
Eu também gosto mais do Rivera, porque ele jogou no meu Milan.

Foi um dos grandes ídolos do clube. Inclusive tinha um apelido na Itália que o Martino gostava sempre de repetir: “Ragazzo D'oro”.

—
“O Menino de Ouro” - interrompeu Xavier. Ele escreveu rapidamente aquelas palavras na caderneta e sublinhou com destaque.

* * *

Lenora sentou-se um pouco mais longe, em uma poltrona confortável estrategicamente posicionada em frente a TV. Com certeza era ali que Martino acomodava-se para assistir as partidas de futebol. Era o lugar que ela escolheria.

Ainda não acreditava que o pai estivesse morto. Desde que ouviu a

notícia da boca de Xavier torcia com todas as forças para que a qualquer momento o velho Martino entrasse pela porta com aquele sorriso irônico dizendo que tudo não passava de uma brincadeira.

Não pode ser verdade! Lenora cochichou baixinho, com lágrimas quase saindo dos olhos. Depois de tanto tempo ela finalmente estava no Brasil, na casa de Martino, mas ele estava morto. Com o canto do olho fixou Xavier que, por sorte, não tinha percebido a manifestação de

R U L I A N B M A F T U M 28

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

fraqueza dela e continuava entretido com a carta e as anotações. Lenora não costumava chorar e se tivesse que fazê-lo não seria na frente de um quase estranho.

Quase estranho, repetiu e moça para si mesma. Para ela a sensação de conhecer Xavier é que era estranha. Já tinha ouvido muito falar dele, participante de várias das histórias que o pai costumava contar. E

Martino, sem dúvida, fora preciso nas descrições do amigo jornalista. Era um homem comum, mas bastante charmoso. A pele era branca e os cabelos levemente grisalhos tinha um corte descompromissado. O rosto era anguloso, com o queixo proeminente e lábios carnudos. O olhar era penetrante, de um homem que já devia ter visto e vivido muita coisa. Era alto, provavelmente 1,80m, e magro. Lenora teve certeza de que a falta de barriga não estava ligada a prática de atividade física, já que Xavier não apresentava qualquer indício de ser uma pessoa que gostava de se

exercitar. Mesmo assim, Lenora imaginou que ele devia fazer sucesso com as mulheres. Xavier era uma figura que inspirava segurança e confiança, portanto um prato cheio para as fêmeas comuns, frágeis e carentes por natureza. Mas esse não era o caso dela, afinal tinha certeza que passava longe de ser uma mulher comum.

Lenora se espreguiçou na poltrona. Sentia ainda os efeitos da noite horrível no avião. Levantou-se e foi até a janela. Passou por Xavier que continuava fixado nos papéis e anotações. O dia estava ensolarado, mas a temperatura era amena naquele momento. Olhou no relógio, 10h06min. Precisava se movimentar.

—

Vou dar uma volta, disse ela enquanto tirava da mochila uma pequena sacola.

—

O quê? Você vai sair?

—

É, vou correr um pouco.

—

Como assim, vai correr? Você está de sacanagem?

Lenora virou-se para Xavier com a sacola nas mãos, no rosto o mesmo olhar de “não estou nem aí” que já tinha dado a ele algumas vezes desde que se encontraram e que, ela sabia, fazia como ninguém.

—

Mas, Lenora, estamos no meio de uma coisa importante aqui. Seu pai morreu, enviou uma carta esquisita pra você, e aí você resolve ir correr!

Lenora continuou encarando Xavier. Pensou em milhares de formas

R U L I A N B M A F T U M 29

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

de explicar a ele que ela realmente precisava daquilo, mas do que qualquer outra coisa. Seria perda de tempo. As vezes nem ela mesma entendia. Podia parecer uma forma de fugir dos problemas, de esquecer tudo. E de certa forma era mesmo. Ela precisava sentir aquelas sensações todas que só o exercício físico proporcionava.

—

Eu não demoro.

* * *

O carro prata encontrava-se estacionado do outro lado da rua. De onde ele estava parado tinha uma visão perfeita da janela do 401, endereço onde costumava morar Martino Andreatto.

Desde que voltou a monitorar o lugar registrou a presença de apenas uma pessoa, o jornalista Xavier Delabona. Sabia que ele era o único amigo de Martino, mas que estavam brigados há alguns meses. Por isso não o vira ali antes. Pelas pesquisas que fez conseguiu um perfil do tal Xavier. Jornalista, 45 anos, solteiro e sem filhos. Morava sozinho em um apartamento não muito longe dali. Trabalhava em um jornal popular

da cidade, destes que vendem muito exatamente por darem destaque a reportagens sobre crimes, principalmente assassinatos. Chegou a comprar uma ou duas edições do jornal para ler textos do amigo de Martino Andreatto. Até gostou de uma reportagem sobre a resolução de assassinatos ligados a uma quadrilha de tráfico de drogas. Xavier era detalhista e dava valor as informações e fatos. Além disso, utilizava com competência clichês de literatura policial. Pode até parecer uma coisa ultrapassada, mas poucas coisas prendem mais a atenção do leitor do que um pouco de suspense barato.

A ficha continha outras informações, mas que para ele não acrescentavam muito. Em princípio, julgou que seria necessário apenas mais algumas horas de observação. Mas a situação tinha mudado de figura. Havia desde aquela manhã uma outra pessoa com Xavier Delabona no apartamento.

Ele a viu chegar logo cedo, com uma grande mochila nas costas. Era uma mulher jovem, de uns vinte e poucos anos. Como era sua característica, esperou ali pacientemente por 44 minutos. Precisava saber quem era, vê-la mais de perto. Agora estava com o rosto da mulher

R U L I A N B M A F T U M 30

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

enquadrado em sua câmera. Ela tinha aberto as cortinas e estava parada na janela, olhando para fora. Ficou ali por alguns segundos, tempo suficiente para que ele conseguisse algumas fotos.

Ele colocou a câmera no colo e checkou com cuidado as imagens.

Tratava-se de uma jovem com traços fortes e olhar decidido. Ele sabia que tinha um gosto diferente da maioria dos homens para o sexo feminino. E aquela mulher o agradava.

Guardou a câmera rapidamente quando a viu sair pela porta da frente do edifício. Estava com roupas esportivas, provavelmente pretendia praticar alguma atividade física. Enquanto a mulher cumpria uma breve rotina de alongamentos, ele pode perceber que ela tinha um belo corpo, com músculos definidos. Com certeza alguém que praticava esportes com rotina e dedicação. E dedicação era uma das características que ele mais apreciava em uma pessoa. Desta vez preferiu apenas observá-la e não tirou nenhuma foto.

Em poucos minutos, ela começou a correr. Ele saiu cuidadosamente do carro e observou-a passar à distância. Ela voltaria logo, aí sim captaria outras imagens. Precisava descobrir quem era aquela mulher. Para isso teria que ficar mais tempo do que imaginara por ali. Mas, devido ao último acontecimento, que ele agora via dobrando a esquina, o esforço adicional tinha agora sua compensação.

* * *

Cinquenta minutos depois Lenora Silvano parou em frente a porta do 401 e tirou os fones do ouvido. Ela entraria no apartamento e lá estaria Xavier Delabona com cara de poucos amigos querendo conversar. E ela não queria conversar. Precisava tomar um banho. Ficar embaixo d'água ia

ajudá-la a pensar o que fazer. Era necessário, então, bolar uma estratégia para passar por Xavier, pegar a mochila e entrar no banheiro sem ser incomodada. Colocou novamente os fones no ouvido e aumentou o som.

Lenora respirou fundo e abriu a porta. Apesar de não olhar diretamente, percebeu que Xavier estava em pé, apoiado no balcão da cozinha tomando alguma coisa. Seria mais fácil do que ela imaginava.

Passou rapidamente pela sala, pegou a mochila que estava no sofá e colocou nos ombros. Assim que virou em direção ao banheiro coisas

R U L I A N B M A F T U M 31

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

começaram a cair pelo chão. A mochila estava aberta.

Merda! Praguejou baixo. Pelo menos para ela tinha sido baixo, mas como estava com o fone no ouvido provavelmente foi o suficiente para que Xavier escutasse. Enquanto juntava as coisas rapidamente, com o canto do olho, Lenora percebeu que o jornalista encontrava-se agora encostado na porta da cozinha, mas sem esboçar qualquer reação de querer a atenção dela. Certificou-se que estava tudo no lugar novamente e fechou o zíper maior. Checou o grande bolso na frente enquanto se levantava, mas havia algo errado. A carteira tinha sumido. Lenora olhou em volta rapidamente praguejando uma série de palavrões em italiano até que a visualizou. Xavier estava na mesma posição anterior, apoiado na porta da cozinha, mas agora abanava no ar um objeto que tinha em mãos.

Minha carteira...

Xavier deu dois passos em direção a ela. Tinha no rosto um sorriso sarcástico e continuava segurando o objeto de couro a vista de Lenora.

—

Não acredito! Você mexeu nas minhas coisas?!

—

Seu idiota! Devolve a minha carteira!

Xavier apenas tocou com os dedos nos próprios ouvidos. Lenora precisou de alguns segundos para entender. Era para que ela tirasse os fones, pois devia estar gritando como uma louca.

—

Pronto, agora vamos poder conversar sem gritaria.

—

Você mexeu nas minhas coisas! Você não tinha o direito...

—

Lenora! Cala a boca! A voz de Xavier saiu grave e direta no tom exato para fazer alguém que está surtando se calar.

—

Você chega aqui dizendo que é filha do Martino, com uma carta muito doída nas mãos. Acontece que seu suposto pai acaba de morrer. Aí ao invés de ficar e tentar conversar para esclarecer as coisas você vai correr. Esta história está muito maluca para o meu gosto e eu precisava saber quem é você.

—

Pelo menos agora sei que o seu nome é mesmo Lenora Silvano e que você mora na Itália, como tinha dito.

Xavier jogou a carteira na mão da moça.

—

Agora pode ir tomar seu banho porque depois nós temos muito o que conversar. E não demore.

—

R U L I A N B M A F T U M 32

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Com os cabelos ainda molhados Lenora sentou-se na poltrona em frente ao sofá, onde estava Xavier. Tinha no rosto aquela expressão de desprezo que o jornalista já conhecia. Mas ele não ligou. Pegou um bloquinho de anotações que estava ao lado e virou uma folha.

—

Você vai me interrogar, é isso?

Xavier limitou-se e levantar os olhos e encará-la antes de soltar a primeira pergunta.

—

Apesar de já ter visto isso nos seus documentos preciso ouvir da sua boca, quantos anos você tem?

—

Vinte - a moça respondeu secamente.

—

Lucia Silvano, esse é o nome da sua mãe, certo? Você sabe como Martino e ela se conheceram?

Lenora olhou fixamente para Xavier. De todas as opções de conversa que tinha imaginado durante o banho esta não fazia parte. Ela não podia acreditar, mas ele a estava interrogando, como uma criminosa. A vontade era de quebrar a cara dele e estava certa de que tinha isso no olhar. Mas parecia que Xavier não estava nem aí. Teria que entrar no jogo. Ajeitou-se na poltrona, respirou fundo e começou a falar.

—

Eles se conheceram durante a Copa de 90, na Itália. Martino foi trabalhar na cobertura da Copa junto com uma equipe de jornalistas do Brasil. Minha mãe foi contratada por eles para fazer todo o trabalho de viagem, comprar passagens, alugar carros, hotéis, essas coisas.

—

Sua mãe é brasileira?

—

Ela nasceu no Brasil, mas quando tinha 14 anos foi morar na Itália. Meus avós são italianos.

—

OK – disse Xavier enquanto riscava algo na caderneta – Com isso nós já sabemos também porque você fala tão bem português.

—
Vi uma foto da sua mãe em sua carteira. Ela é uma mulher bonita...

—
... e como poderia se interessar por um cara como o Martino. É isso que quer dizer, certo?

—
Bom, na verdade não era bem isso, mas podemos continuar daí.

—
Minha mãe dizia que o Martino era insuportável quando o conheceu. Mas que depois as coisas mudaram e ela acabou se envolvendo. Eles ficaram juntos e logo depois ela descobriu que estava grávida.

R U L I A N B M A F T U M 33

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—
Esse era o Martino. A primeira impressão dele sempre foi essa, um cara insuportável. Mas depois que o conhecíamos melhor não havia como resistir ao charme do velho.

Xavier esperava que o comentário pudesse quebrar um pouco o gelo da situação. Nada. Lenora continuava impassível. Resolveu tentar um pouco mais.

—
Você disse Copa de 90. Eu me lembro dessa viagem dele. Eu tinha

acabado de chegar a cidade e já ia ter que ficar por minha conta durante dois meses. Fora o que tive que ouvir depois que ele voltou. O que o Martino xingou o time do Brasil. Disse que preferia não ter ido de tão decepcionado que ficou com os jogos. E o técnico, meu Deus, como ele avacalhou aquele técnico, como era mesmo o nome dele? Nadaroni, Navaroni...

—

Lazaroni. Sebastião Lazaroni - completou Lenora rapidamente.

—

Issso! Lazaroni. Coitado do cara. Se ele soubesse metade do que o Martino falou dele...

Lenora esboçou um levíssimo sorriso, quase imperceptível. Para Xavier já era suficiente.

—

E quando foi que você conheceu o Martino?

—

Quando eu tinha onze anos. Até aí ele não sabia que eu existia.

—

Como assim?

—

Quando soube que estava grávida minha mãe decidiu que não ia contar nada ao Martino. Ele já tinha voltado ao Brasil e ela preferiu cuidar de tudo sozinha.

—
E até os seus onze anos ela dizia o quê pra você?

—
Minha mãe nunca mentiu pra mim sobre isso. Quer dizer, nunca mentiu muito. Ela sempre me disse que meu pai existia, estava vivo e morava no Brasil. Mas que nunca mais teve notícias dele. Que não sabia onde ele estava.

—
E é claro que pra você isso não era suficiente.

Lenora concordou com a cabeça. Apesar de tentar esconder de todas as formas, Xavier notou que ela estava emocionada. Afinal, se esta moça à sua frente fosse mesmo filha de Martino, e até ali tudo indicava que sim, tinha acabado de descobrir que o pai estava morto. O pai que ela só conheceu quando tinha onze anos e que ela imaginava que iria recebê-la de braços abertos naquele mesmo dia. Precisava diminuir o ritmo da

R U L I A N B M A F T U M 34

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

conversa. Decidiu esperar que ela retomasse.

—
Então, em 2001 o Martino iria voltar a trabalho a Itália e ligou para minha mãe. Ele queria saber se ela ainda prestava aquele tipo de serviço, se poderia ajudá-lo em algumas matérias que iria fazer por lá. Ela aproveitou a presença dele e contou tudo.

–
Imagino a cara que ele ficou quando soube – Xavier sorriu.

–
Minha mãe estava pronta para o pior. Achou que ele iria negar pedir teste de DNA. Mas ele não fez nada disso. Disse apenas que queria me conhecer imediatamente.

–
E quando você o conheceu como foi?

–
Quando eu conheci o Martino parecia que ele sempre tinha estado ali. Eu gostei dele de cara. E com ele foi a mesma coisa. Nós conversamos várias vezes sobre isso depois. Sempre que nos encontrávamos ele lembrava da primeira vez que me viu. Dizia que quando olhou para mim a primeira coisa que veio na cabeça dele foi: “Minha filha”.

Houve uma pausa na história de Lenora. Ela continuava a fazer um grande esforço para esconder a emoção. Desde que recebeu a notícia da morte de Martino a moça resistiu as lágrimas. Xavier não sabia se a admirava ou se sentia pena. Percebeu que ele mesmo não havia chorado nenhuma vez desde a ligação que recebera dois dias antes.

–
Depois disso – retomou Lenora – passamos a nos ver todos os anos. Ele sempre ia me visitar e ficávamos um mês juntos, as vezes mais. E nós sempre nos correspondíamos, nos falávamos por telefone. Acabou o

interrogatório?

—

Não, ainda não acabou. Tenho apenas mais uma pergunta...

Lenora bufou e resmungou baixo alguns palavrões em italiano. Ela ainda não sabia mas o jornalista entendia perfeitamente o que aquilo tudo significava.

—

Você está com fome?

* * *

Xavier Delabona levou Lenora Silvano a um restaurante próximo.

Não foi a nenhum dos que Martino frequentava, pois queria evitar os conhecidos. Durante a pausa do almoço não conversaram muito. Xavier percebeu que Lenora não estava disposta a falar do pai ou de qualquer

R U L I A N B M A F T U M 35

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

outra coisa da vida dela. Os longos momentos de silêncio foram interrompidos apenas algumas vezes pelo jornalista explicando características da região onde Martino morava, e onde ele mesmo também residiu por alguns anos. Porém, Lenora se mostrou mais disposta a falar com o garçom do restaurante já que teve que mudar quase todo o cardápio para fazer o pedido. Deixou claro que não queria frituras e que a carne deveria ser magra, o que para um boteco que tem pratos feitos como especialidade não é uma coisa fácil. Xavier pensou em puxar conversa

sobre isso também, mas pela cara que Lenora fez quando ouviu o comentário do garçom, “Mas você é tão magrinha, pra que tudo isso?”, viu que não era uma boa ideia.

A caminhada curta de volta ao 401 foi um pouco mais animada.

Xavier resolveu arriscar um papo que parecia mais ameno. Quis saber porque Lenora entendia tanto de futebol. O assunto a fez se soltar um pouco. Ela contou que desde criança gostava de ler tudo sobre futebol, saber de tudo. Por conta disso, na escola conversava mais com os meninos do que com as meninas. Ela mesmo as vezes perguntava a mãe, e se perguntava, de onde vinha aquela paixão toda, coisa não muito comum para uma menina. Quando conheceu Martino tudo fez sentido e a fixação pelo assunto ficou ainda mais forte. Afinal ela achara um interlocutor a altura. Ao ouvir aquilo Xavier imaginou se seria possível que a paixão por futebol fosse algo genético. Ele nunca tinha ouvido falar, mas não podia ser só coincidência.

Subindo os lances de escadas, Lenora contou ainda que aos oito anos começou a jogar futebol e não parou mais. Xavier logo relacionou o fato com todo o cuidado que a moça demonstrava com o corpo. Lenora jogava no time da universidade, fazia parte da seleção Sub 20 da Itália, e pretendia se tornar uma jogadora profissional de futebol.

Ao pararem em frente ao 401 Xavier congelou. Lembrou que nas últimas duas vezes que entrou por aquela porta coisas estranhas aconteceram. No dia anterior foi agredido. E naquele dia encontrou

Lenora ali dentro. Pensou o que poderia estar esperando por ele agora. Mas antes que Lenora pudesse perceber algo enfiou a chave na fechadura e abriu a porta.

Desta vez não houve surpresa. Lenora se dirigiu ao banheiro enquanto ele sentou no sofá. Xavier estava satisfeito por ter conseguido

R U L I A N B M A F T U M 36

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

fazer um contato com Lenora, por menor que tenha sido. Tratava-se de uma pessoa difícil, isso ele percebeu logo de cara. Mas os anos de convivência com Martino o transformaram praticamente em um PhD em pessoas difíceis.

A carta que o amigo enviou a filha antes de morrer ficou ali, em cima do sofá. Ao relê-la pela centésima vez Xavier se ateu ao fato de que uma das poucas frases destacava que ele e Lenora “teriam muito que conversar”. A julgar pela situação até o momento, Xavier se perguntou se isso teria sido mais uma das ironias que o velho gostava de fazer.

Ao lembrar do amigo olhou para a poltrona em que costumava se sentar. O encontro com Lenora fez com que a morte de Martino tivesse um impacto diferente. Por um momento parecia até mais fácil. Xavier se perguntou se o efeito para a moça estaria sendo o mesmo.

* * *

Lenora saiu do banheiro e sentou-se na poltrona, de um jeito muito parecido com o que Martino costumava fazer. O corpo afundado e as

mãos sobre os apoios. Mais uma situação peculiar que chamou a atenção de Xavier. Pelo visto, ironias não estavam faltando.

–

Descobriu mais alguma coisa sobre a carta? Lenora rompeu o silêncio.

–

Nada de especial. Enquanto você saiu para sua “corridinha” eu fiz algumas pesquisas na internet.

–

E?

–

Ok Isso é bom, você quer saber o que eu pesquisei – Xavier pegou a caderneta de anotações e virou algumas folhas.

–

Procurei com base nos nomes daquela escalação estranha que foi enviada a você junto com a carta.

–

Sobre o Rivera o nome verdadeiro dele é Giovanni. “Gianni” era um apelido. Nasceu em 1943, em Alessandria, na Itália. Ele marcou época jogando pelo Milan. Jogou praticamente a carreira inteira lá em Milão. Fez 49 jogos pela seleção, marcou 14 gols. Deixa eu ver o que mais. Ganhou a Bola de Ouro como melhor jogador da Europa em 1969. Jogou 4 copas do Mundo 62, 66, 70 e 74. Depois foi presidente do Milan e agora é político.

Faz parte do parlamento europeu.

R U L I A N B M A F T U M 37

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Alessandro Mazzola, nasceu em Turim em 1942. Ele era filho do Valentino Mazzola que também foi jogador de futebol. O pai dele foi um dos grandes jogadores da história na Itália e morreu em um desastre aéreo em 1949. Jogou toda a carreira pela Internazionale de Milão. Esteve nas Copas de 66, 70 e 74. Hoje ele é comentarista esportivo na Itália.

Xavier fez uma pausa e olhou para Lenora esperando algum comentário, mas a moça continuava na mesma posição. Parecia estar ouvindo, mas sem muito interesse. Ele resolveu ir em frente.

—

Para “Ragazzo D'oro” pesquisei em italiano e também em português “Menino de Ouro”. Em português saiu muita coisa sobre esportes, sobre futebol. Pelo que percebi é uma expressão bem utilizada para identificar jovens talentos. Vi uma porção de outros jogadores que também são chamados assim aqui e ali. Em italiano a expressão aparece várias vezes ligada ao nome do Rivera. Ou seja, separando apenas o que tem a ver com futebol, que é onde nossa pista está, não traz muita coisa.

—

Resumindo, tudo o que eu já havia te contado, só que de um jeito mais chato - a moça afundou ainda mais na poltrona e pegou o controle

remoto que estava ao lado.

—

O que você vai fazer?

—

Vou assistir um pouco de TV, porque?

—

Você vai assistir TV? Você vai assistir TV...

—

Porque, não pode? Tem mais alguma descoberta brilhante para compartilhar comigo?

—

Não, não. Você está certa. Acho que um pouco de descanso não vai fazer mal. Quem sabe nos ajude a ter mais alguma “descoberta brilhante”.

Xavier se levantou e foi à cozinha. No caminho pode ouvir o leve zunido da TV sendo ligada. Enquanto se servia de água pensou em colocar uma colher de açúcar. Pelo visto o tempo sem ter contato com Martino o deixara um pouco destreinado para lidar com pessoas difíceis.

—

Xavier?

—

O que foi? Ele respondeu da cozinha.

—

Não estou conseguindo sintonizar a TV. Você sabe como ela funciona?

–

Não está funcionando?

–

Não sei, acho que tem alguma coisa que precisa ser feita.

RULIANBMAFTUM38

CAIXINHADESURPRESAS

Xavier deixou o copo já vazio na pia e se dirigiu a sala.

–

Acho que já sei o que é – disse ele tomando o controle nas mãos – a TV está ligada no modo de DVD – apertou o botão TV/Video e a imagem apareceu – O Martino devia estar assistindo a algum filme.

–

Valeu.

–

Sem problemas.

A TV ligou direto no canal de esportes. Um jogo de futebol estava passando. Na verdade essa era praticamente a única programação que Martino assistia. Tinha todos os canais de esportes possíveis.

–

Lenora, se você quiser tem uma lista de canais colada na parte de trás do controle remoto. Ela nunca foi muito necessária porque seu pai só

assistia aos canais de esportes.

—

Obrigado. Era este jogo que eu queria assistir mesmo.

—

É claro que era. Que idiota eu sou.

A piadinha de Xavier foi mais uma vez ignorada, não provocou nenhuma reação. O jornalista sentou novamente no sofá e olhou para a televisão. Lembrou-se da noite em que Martino morreu quando Dona Etelvina contou que a TV estava ligada. Talvez, se não fosse por isso, ela não teria insistido em abrir a porta. O amigo poderia ter ficado lá morto por dias.

De repente, Xavier estranhou o fato de a TV estar programada para a função DVD. Será que Martino estava assistindo a algum filme? Seria bem estranho já que aquele aparelho praticamente só tinha sido usado pelo próprio Xavier. Inclusive ele mesmo o comprara e na mudança deixou para Martino como um incentivo para que o velho se motivasse a usar a TV para outras coisas que não só futebol. Olhou em volta e não encontrou nenhuma caixa de filme por ali. E se o disco ainda estivesse dentro do aparelho? Xavier se aproximou da TV e ligou o DVD. Apertou e tecla eject e a bandeja saiu. Ainda havia um disco lá dentro.

—

O que é isso? - perguntou Lenora.

—

É um DVD. Seu pai devia estar assistindo isso na última vez em que usou a TV.

Xavier leu o rótulo do disco e ficou surpreso.

—

Nossa! É o Thoubreads Don't Cry! Não acredito que o Martino alugou esse filme.

—

Que filme é esse? Nunca ouvi falar.

R U L I A N B M A F T U M 39

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

É um clássico do cinema. Um filme da década de 30. É um musical com a Judy Garland e o Mickey Rooney

—

Quem?

Xavier olhou para Lenora e sorriu.

—

Pelo visto agora é você que não tem a mínima ideia do que eu estou falando.

—

Não tenho mesmo. Nunca soube que o Martino gostava de cinema, muito menos de musicais.

—

E ele não gostava mesmo. Cinema é uma paixão que eu tenho.

Martino tinha o futebol e eu o cinema. Às vezes ele tentava me convencer a assistir futebol. Então eu tentava convencê-lo a ver alguns filmes. Esse aqui eu aluguei há alguns meses para assistir com o Martino. Eu gosto de musicais e queria que ele assistisse este.

—

E ele gostou?

—

É claro que não. Pra variar ele dormiu na metade. Por isso é que eu estranhei achar isso aqui de novo.

—

Como é mesmo o nome do filme?

—

“Thoubreads Don't Cry”. Em português o nome é...

O rosto de Xavier se transformou em um segundo. Ele colocou o disco novamente no aparelho às pressas.

—

O que foi Xavier? O que aconteceu?

Ele veio na direção de Lenora e pegou o controle da mão dela.

Mudou novamente para a opção TV/Video.

—

Xavier o que foi? Por que você está com essa cara? O que tem nesse DVD?

—
“Menino de Ouro” Lenora. O nome desse filme em português é
“Menino de Ouro”.

* * *

O homem voltou ao carro prata logo depois de ver Lenora
desaparecer de sua vista. Pegou a caderneta que sempre o acompanhava
e registrou tudo o que tinha visto nos mínimos detalhes. Toda vez que
escrevia algo sentia um grande orgulho de si mesmo. Desenvolveu uma
forma de escrita em código que só ele podia decifrar. Se por algum motivo
aquela caderneta caísse em mãos erradas duvidava que alguém

R U L I A N B M A F T U M 40

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

entendesse alguma coisa.

As fotos que tirara há pouco da mulher corredora estavam em
poder de seu contato. Em minutos ele sabia que teria uma descrição
detalhada com todas as informações sobre ela.

Enquanto isso, aproveitou para imaginar livremente de onde tinha
saído aquela mulher interessante. Seria uma namorada do tal Xavier
Delabona? Seria a resposta mais óbvia, sem dúvida. Mas algo lhe dizia
que não. Uma amiga de Martino, talvez? Pouco provável, pois tratava-se
de uma mulher muito jovem. Ela tinha chegado com uma grande mochila,
prova de que não era da cidade. Portanto, devia ser uma parente distante.
Alguém que ficou sabendo da fatalidade com o velho e veio para chorar

sua morte.

O homem viu quando ela retornou da corrida, quarenta e sete minutos depois. Mais cinquenta e três minutos, e lá estava novamente, agora acompanhada pelo jornalista Xavier Delabona. Seguiu os dois à distância até um restaurante nas redondezas. Ficaram lá exatos trinta e sete minutos. Voltaram direto ao apartamento e não saíram mais.

O homem olhou no relógio. Não gostava de ser surpreendido daquela forma. A angústia por tudo não estar saindo exatamente de acordo como o planejado era uma das piores coisas para ele. Mas, por algum motivo que ainda tentava identificar, desta vez a presença daquela mulher deu a ele uma motivação diferente. Queria saber quem era ela, o que fazia, onde morava. Checou o e-mail mais uma vez. Ainda não tinha recebido nenhuma informação.

R U L I A N B M A F T U M 41

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPITULO 3

Itália investiga 22 clubes por manipulação de resultados

Possíveis irregularidades envolvem partidas da Segunda Divisão italiana. Mais de 30 pessoas foram presas no ano passado, quando as investigações começaram a ser feitas.

09/05/2012 - Agência Estado

Atalanta, Novara e Siena, todos da primeira divisão do futebol italiano, estão entre as 22 equipes que foram notificadas nesta quarta-feira (9) por estarem sendo investigadas pelas autoridades esportivas por suposto envolvimento em um escândalo de manipulação de resultados. Os outros clubes investigados, que tentarão se defender das acusações feitas pela

Federação

Italiana

de

Futebol

(FIGC)

são:

AlbinoLeffe, Ancona, Ascoli, Avesa, Cremonese, Empoli, Frosinone Grosseto, Livorno, Modena, Monza, Padova, Pescara, Piacenza, Ravenna, Reggina, Rimini, Sampdoria e Spezia. A FIGC também disse que 61 pessoas e 33 partidas estavam sob investigação, incluindo 29 da segunda divisão italiana, mas nenhuma da primeira, já que os jogos suspeitos de Atalanta, Novara e Siena foram disputados quando estas equipes estavam em divisões de acesso. Mais de 30 pessoas foram presas na Itália no ano passado,

quando as investigações começaram a ser feitas pelas autoridades

judiciais

em

Cremona,

incluindo

Cristiano Doni, ex-capitão da Atalanta, e Giuseppe

Signori, ex-capitão da Lazio. Doni está entre os

indiciados nesta quarta-feira, mas não Signori. No

ano passado, Doni foi suspenso do futebol por três

temporadas e a Atalanta, que havia subido para a

elite da Itália, foi punida com a perda de seis

pontos no atual campeonato.

R U L I A N B M A F T U M 42

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Era a segunda vez desde que conheceu Xavier Delabona que Lenora

Silvano estava na mesma situação. Ele, com o telefone nas mãos, ligando

para alguém que ela não fazia ideia. E ela odiava aquilo, quando ele

simplesmente a ignorava.

Depois de se dar conta que o filme e a carta de Martino tinham em

comum a expressão “Menino de Ouro”, Xavier pôs o DVD de volta no

aparelho. Imaginou que poderia haver alguma coisa no conteúdo do disco

que o ajudaria a entender melhor a situação. Mas não havia nada ali que

não o próprio filme. Em seguida, Xavier pediu a Lenora que o ajudasse a procurar a capa do disco. Olharam em todos os lugares, mas não acharam nada.

Duas tentativas e a ligação de Xavier pareceu dar certo. Uma pessoa atendeu do outro lado. Lenora chegou mais perto para ver se conseguia entender o que estava acontecendo.

—

Alô. Quem fala?

—

“É o Rafael da Vídeo 10. Posso ajudar?”

—

Olá Rafael. Aqui é o Xavier Delabona que costuma alugar filmes aí.

Tudo bem?

—

“Olá Xavier. Tudo bem e com o senhor?”

—

Gostaria que você me desse uma informação. Quero saber se um filme está disponível para locação.

—

“Sim. Qual o nome do filme?”

—

Thoubreads Don't Cry. Menino de Ouro, em português.

—

“Só um minuto que vou verificar no sistema”.

—

“Este filme está disponível aqui sim.”

—

Você pode separá-lo para mim então? Já estou indo aí pegar.

—

“Não vai ser preciso separá-lo senhor.”

—

Porque não?

—

“É que esse filme só foi locado duas vezes desde que abrimos a loja.

O senhor locou há três meses e uma pessoa locou há dez dias.”

—

Você pode me dizer o nome dessa pessoa?

—

“Posso sim. Foi o senhor Martino Andreatto.”

Os olhos de Xavier se arregalaram. Ele fez sinal de positivo para

Lenora que ficou ainda mais curiosa.

—

O que você descobriu Xavier? - Lenora mal esperou ele tirar o telefone do ouvido.

RULIANBMAFTUM43

CAIXINHADESURPRESAS

–

Ainda não sei. Mas seu pai alugou esse filme em uma locadora.

Acontece que ele devolveu o filme. Por isso não estamos achando a caixa aqui.

–

Mas o DVD ainda está aqui. Como pode?

–

Não sei Lenora. Acho que o pessoal da loja não deve ter checado para ver se o DVD estava dentro da caixa. Eu estou indo lá ver isso. Você vem comigo?

–

É claro que vou.

Xavier Delabona e Lenora Silvano saíram às pressas do 401. A locadora não ficava muito longe dali. Indo de carro demorariam no máximo dez minutos. Mas Xavier estava com pressa. Em oito minutos os dois passavam pela porta de entrada.

–

O senhor veio rápido mesmo.

–

Olá Rafael, tudo bem? Então, onde acho o filme?

Rafael saiu de trás do balcão e guiou Xavier e Lenora por um dos corredores. Mexeu em algumas caixas e logo estava com o filme em mãos. Passou ele a Xavier.

–

Vou dar uma olhada para ver se acho mais alguma coisa, respondeu Xavier.

–

Se precisar de mim estou ali no balcão.

–

Ok, obrigado.

Rafael se afastou. Xavier e Lenora se olharam com uma mistura de ansiedade e medo. O jornalista abriu a caixa. O que eles viram lá dentro definitivamente não era um DVD.

–

O que é isso? - sussurrou Lenora.

Xavier descolou um pedaço de durex que prendia duas folhas de papel na parte de dentro da caixa.

–

Parecem anotações! A letra com certeza é do Martino. Ele escondeu isso aqui.

–

Rápido Lenora, passa o DVD.

Lenora tirou da bolsa o DVD que estava na casa de Martino. Xavier colocou-o na caixa e guardou o maço de papéis, rapidamente, na bolsa de Lenora. Os dois se dirigiram ao balcão.

–

Achou o que estava procurando?

—

Não. Não achei nada de interessante. Vou levar só esse mesmo.

Enquanto o atendente da locadora providenciava os trâmites para a

RULIANBMAFTUM44

CAIXINHADESURPRESAS

locação Xavier e Lenora se entreolharam. Um sabia o que o outro estava pensando.

—

Aqui está senhor Xavier. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?

—

Não Rafael, obrigado.

—

Boa noite a vocês então.

Xavier e Lenora se dirigiram para o carro sem pressa para não levantar suspeitas. Entraram no veículo e partiram imediatamente.

Lenora não se conteve de curiosidade e tirou o maço de papéis da bolsa.

—

O que é isso Xavier? Porque meu pai esconderia isso desse jeito? O que está acontecendo?

—

Ainda não sei Lenora. Quando voltarmos para casa vou dar uma boa olhada.

Xavier não quis compartilhar o que estava pensando com Lenora. Tomou cuidado para não transparecer a preocupação e o medo que sentia. Para ele era cada vez mais certo de que havia alguma coisa muito estranha com a morte de Martino.

* * *

De volta ao 401 os dois correram para o sofá. Lenora tirou novamente os papéis que escondeu na bolsa minutos antes. Ela passou as folhas para Xavier e ficou ao lado dele esperando ansiosa pela análise do jornalista.

Xavier olhou as folhas, uma a uma, em silêncio. Eram papéis comuns. Com certeza faziam parte de um mesmo bloco pequeno, desses que jornalistas costumam carregar no bolso. E o conteúdo, em princípio, não dizia nada. Em uma das páginas algumas palavras e datas:

Totonero 80/86; Grobellar, 94; Hoyzer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93; Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05; Operador, X.

Já a segunda folha trazia alguns nomes e datas:

Martin Sanderson (1972); Daniles Lefevre (1994); Manfred Gietz (2007); Leone Gatelli (2009).

R U L I A N B M A F T U M 45

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

O Martino queria que achássemos isso - foi o jornalista quem

rompeu o silêncio, levantando-se de supetão.

—

É, eu estava pensando a mesma coisa.

—

Primeiro foi a história da carta que você recebeu. Aquela escalação com um erro que só você podia entender, a troca envolvendo o nome do Rivera, “O Menino de Ouro”.

—

Está bem na nossa cara, Lenora. A carta que ele te mandou tinha a pista que nos levou ao DVD e aos papéis. Seu pai nunca gostou de cinema. Mas ele sabe que eu gosto muito. Ele poderia ter pensado em qualquer outra coisa. E provavelmente seria alguma coisa relacionada com futebol, que era o único assunto que ele gostava. Mas se fosse assim provavelmente não ia dar certo porque eu não sei nada de futebol. Então ele tinha que achar algo que eu conhecesse. Martino sabia que eu gostava deste filme. Uma pista que só eu poderia entender. Ele devolve o filme, mas só com a capa. No lugar do disco põe duas folhas de papel...

—

“Vocês terão muito que conversar” - Lenora interrompeu Xavier com a frase.

—

Ele escreveu isso na carta, não foi? Uma pista que só você saberia decifrar e uma que só eu.

—
Parece até aquelas histórias de detetives baratas.

—
É isso mesmo, barato, simples. Funcionou, não foi? Só nós dois juntos poderíamos chegar até aqui.

—
Juntos? Mas o que eu tenho a ver com essa história? Não sei onde eu me encaixo nisso tudo. Porque o Martino ia fazer isso? Porque ele ia querer que achássemos essas folhas de papel?

—
Isso eu ainda não sei Lenora. Mas seu pai planejou tudo. Há pelo menos dez dias ele vinha preparando as coisas.
Xavier fez uma breve pausa e olhou para Lenora. Ela continuava segurando as lágrimas com bravura. Ele sabia quealaria em seguida a mesma coisa que passava pela cabeça dela.

—
Existem cada vez mais indícios de que a morte do Martino não foi natural. Tudo indica que ele sabia que corria risco de morte. Que ele foi assassinado.

R U L I A N B M A F T U M 46

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Enquanto dirigia Xavier Delabona se sentia culpado. Ele tinha

certeza de que poderia ter achado uma palavra melhor do que “assassinado”. Para um jornalista que cobre pautas policiais a palavra era comum, mas não para pessoas como Lenora.

Ele virou-se mais uma vez para o banco do passageiro. Ela continuava a olhar para o outro lado, para a paisagem da cidade, e não tinha dito uma palavra a mais depois da última frase que dirigiu a Xavier:

—

Preciso ver o Martino. Quero que você me leve ao lugar onde ele está enterrado.

Xavier resolveu respeitar a tristeza e o silêncio de Lenora. Mas, desde que saíram do 401 rumo ao cemitério, não conseguia deixar de pensar naquelas duas folhas de papel que ele carregava no bolso da jaqueta. Martino preparou tudo para que eles encontrassem aquilo. Mas por que? O que aqueles nomes e datas tinham de tão importante?

A ansiedade do jornalista era grande. Queria poder dar meia volta e sentar em frente a um computador para pesquisar, achar alguma coisa sobre aquelas informações aparentemente sem nexos. Mas precisava respeitar o sofrimento de Lenora. Apesar da moça não ter derramado nenhuma lágrima até aquele momento podia captar a tristeza profunda que ela sentia.

Em pouco mais de 20 minutos chegaram ao cemitério. A tarde esteve nublada, mas naquele momento o sol apareceu. Isso tornou a paisagem do lugar agradável. Naquela época do ano a grama ficava

especialmente verde. Além disso, o local tinha um tratamento paisagístico muito bonito, com flores de vários tipos. Xavier se deu conta de que não tinha percebido nada disso no dia anterior.

—
Que lugar bonito – disse Lenora enquanto caminhavam até o jazigo de Martino. Ela tinha em mãos um buquê de rosas comprado na recepção do cemitério.

—
Pois é, estava pensando a mesma coisa. No dia do enterro não percebi que o lugar era bonito assim.

—
O Martino teria gostado desse lugar.

—
O jazigo é ali – apontou Xavier.

Os dois pararam em frente a lápide. Ela ainda estava com muitas flores em toda a volta. Lenora abaixou-se e depositou o buquê junto aos

R U L I A N B M A F T U M 47

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

outros.

Xavier ficou indeciso. Gostaria de abraçá-la, de acolher o sofrimento que ele captava vindo dela. Preferiu ir devagar e apenas se aproximou um pouco. Foi o suficiente para que Lenora encostasse a cabeça em seu peito. Ele não esperava por aquilo, mas não deixou que ela

percebesse a surpresa. Passou então o braço pelos ombros dela e a puxou para perto.

Por alguns segundos um silêncio absoluto tomou conta do lugar. Os dois ficaram ali, olhando a lápide com o nome de Martino. Por trás dos óculos escuros, as lágrimas apareceram nos olhos de Xavier. Estava chorando pela primeira vez a morte do amigo. O jornalista olhou para Lenora. Ela continuava segurando as lágrimas com esforço. Decidiu não julgá-la, pois imaginava quanto aquilo tudo estava sendo difícil.

Um vento quente soprou suavemente e trouxe junto um perfume agradável, provavelmente uma mistura de cheiros vindos de todas aquelas flores espalhadas pelas lapides. Por cima da cabeça da moça o jornalista avistou um homem a uns 30 metros de distância. Eles três eram as únicas pessoas no lugar naquele momento. O homem vestia calça jeans, um casaco e usava óculos escuros. O estranho olhou na direção do jornalista. Os dois se encararam por alguns segundos. Xavier sentiu um calafrio. O homem fez um leve aceno com a cabeça na direção dele.

—

Você conhece aquele cara? A voz de Lenora pegou-o de surpresa.

—

Oi? Não, não conheço ele não. É que percebi que só estamos nós três aqui no cemitério. Só isso.

Xavier olhou novamente para o homem por cima da cabeça de Lenora. Ele continuava encarando a lápide em frente. Daquela distância

não era possível ver muitos detalhes, mas pelo tipo físico parecia se tratar de alguém com menos de 40 anos. Seria um marido que tinha perdido a esposa? Ou a mãe, quem sabe?

—

Acho que já podemos ir embora Xavier – mais uma vez a voz de Lenora causou um pequeno susto no jornalista.

—

Ok Vamos então.

Na subida de volta Xavier teve vontade de olhar para trás para dar mais uma espiada no homem. Alguma coisa chamou a atenção. Mas o quê? Afinal, não tinha nada de estranho com aquela figura. Era apenas um homem comum visitando algum parente falecido. Estava ali fazendo o

R U L I A N B M A F T U M 48

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

mesmo que eles.

Passando pela recepção acenaram para o senhor que controlava os acessos naquele dia e que os havia recebido na entrada.

—

Lenora, pegue a chave e vá para o carro. Preciso ver uma coisa ali na recepção – disse Xavier estendendo a chave a moça.

—

Você vai demorar? - Lenora pegou a chave nas mãos.

—

Não. É bem rápido.

Lenora foi então em direção ao estacionamento enquanto Xavier retornou a recepção.

—

Com licença – disse Xavier logo que passou pela porta. O porteiro estava lendo o jornal.

—

Sim. Posso ajudá-lo?

—

Eu vi uma pessoa, um homem, ali embaixo. De longe me pareceu alguém que eu conheço. O senhor por acaso sabe o nome dele?

—

Desculpe senhor mas neste momento você e a moça são as únicas pessoas que foram autorizadas a visitação. Não tenho mais ninguém aqui na lista.

A informação deixou Xavier assustado.

—

Como assim? Mas quem era o homem então?

—

Será que o senhor não confundiu com algum de nossos empregados? - o senhor da portaria se dirigiu para fora da sala. Ele parou e colocou a mão acima dos olhos para visualizar o interior do cemitério.

Não havia mais ninguém lá.

–
O senhor tem certeza de que viu alguém? Por acaso ele estava usando um uniforme parecido com este meu? - o porteiro já tomava o rádio nas mãos provavelmente para ligar para algum dos funcionários e checar a informação.

Xavier achou melhor não criar uma confusão. Lenora esperava por ele no carro e, caso confirmasse a presença de um estranho, as coisas poderiam complicar.

–
É. Pode ser que tenha me confundido. Acho que o homem usava mesmo um uniforme igual a esse seu. Desculpe, devo ter me enganado.

–
O senhor tem certeza? - perguntou o porteiro desconfiado.

–
Tenho sim amigo. Foi uma confusão de minha parte. Acho que você já deve estar acostumado com pessoas que veem coisas estranhas por aqui não é?

R U L I A N B M A F T U M 49

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

O homem deu uma risadinha. Xavier tinha conseguido contornar a situação.

–
O senhor nem imagina quanta história nós já ouvimos – disse o

homem voltando para dentro da recepção.

—

Desculpe o incômodo. Boa tarde.

Indo em direção ao carro Xavier chegou a pensar se não tinha mesmo imaginado aquilo. Lembrou então que Lenora também viu o homem. Depois da sequência de coisas estranhas que se passaram nas últimas horas, ver fantasmas em um cemitério nem parecia algo assim tão fora de propósito.

* * *

Quando os dois passaram a pé pelo portal de saída do cemitério ele olhou em volta. Não havia ninguém por perto. Andou apressadamente em direção a um arvoredo que estava uns quinze metros atrás dele. Checou novamente o entorno e entrou no meio das árvores. Com uma agilidade impressionante deu um salto, agarrou o galho de uma das árvores. Subiu rapidamente e escalou o muro que separava o cemitério de uma rua lateral. De cima do muro percebeu que não havia ninguém. Apenas um carro parado há alguns metros dali. Pulou para o chão e andou calmamente em direção ao carro. Girou a chave na tranca do veículo e entrou. No console o homem pegou um bloco de papel e uma caneta. Anotou ali algumas informações com códigos que só ele entendia. Martino Andreatto tinha uma filha! Não se conformava que uma informação importante assim tivesse passado batida. Para aquele homem, a organização era tão importante quanto o ar que respirava. Ele

não gostava de surpresas. As coisas precisavam estar sempre sob controle, caso contrário era impossível continuar vivo. Por isso ele precisou de alguns minutos para se acalmar depois de ter recebido o e-mail. A corredora misteriosa era Lenora Silvano, vinte anos, residente em Turim, Itália. Ela não carregava o nome de Martino Andreatto, pois ele não chegou a registrá-la oficialmente. Mas era óbvio para ele agora, ao comparar a fisionomia dos dois. Como é que não tinha visto aquilo antes? A ideia de estar ficando desatento já o corroía por dentro. Aquela menina tirou a concentração dele e isso era inadmissível.

R U L I A N B M A F T U M 50

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Logo que recebeu as informações viu quando Xavier Delabona e Lenora Silvano saíram novamente do apartamento. Resolveu segui-los e não demorou muito para perceber para onde estavam indo. Ele precisava chegar mais perto, queria ter certeza de que não estava errado desta vez. O risco valeu a pena, a mulher era mesmo filha de Martino Andreatto. O velho conseguiu mantê-la em segredo por muito tempo.

Apesar disso o plano não mudaria. Precisava de mais algumas informações e, sendo assim, teria que ficar também aquela noite no seu posto de observação na rua em frente ao apartamento de Martino. No dia seguinte o trabalho dele estaria terminado.

* * *

Lenora abriu os olhos. Percebeu que já estava de manhã. Pegou o

celular que tinha deixado ao lado da cama. Eram 7h15min. Olhou em volta e teve uma sensação de angústia. Durante a noite desejou profundamente que quando acordasse tudo não passaria de um pesadelo. Fechou os olhos novamente. Tornou a abri-los e viu que nada tinha mudado. Era tudo verdade. Ela estava mesmo no Brasil em um quarto muito estranho. Definitivamente aquele não era o quarto dela na universidade. Nem o quarto que mantinha na casa da mãe em Turim. Um sentimento de insegurança veio forte. Era uma sensação que Lenora evitava.

Insegurança era para os fracos.

Resolveu ficar na cama um pouco. Não era uma situação comum para ela. Em dias normais, Lenora pulava da cama às seis e saía para correr. Acordar depois desse horário e, principalmente, não praticar o treino matinal a incomodava muito. As férias dos últimos anos com Martino eram o único motivo que fazia Lenora mudar a rotina de treinos. Culpou-se por pensar em treinar em um momento daqueles, com seu pai morto inesperadamente. Ao mesmo tempo, imaginou que treinar poderia ser uma boa distração para não ficar pensando naquilo todo o tempo.

Lenora pulou da cama e abriu com cuidado um espaço no chão do quarto. Não sabia se Xavier já estava acordado. Resolveu começar com uma série básica de abdominais, intercalando exercícios para a musculatura superior, inferior e oblíquo. Seriam três séries de cinquenta

CAIXINHA DE SURPRESAS

repetições de cada um.

No intervalo entre uma série e outra, lembrou da carta que recebeu de Martino. Imaginou que era alguma brincadeira. O combinado há meses era que Martino chegaria segunda-feira e os dois viajariam pela Europa. As viagens dela com o pai sempre tinham dois atrativos: turismo e futebol. A cada encontro com Martino eles conheciam um país. Uma parte dos passeios era o roteiro turístico mais tradicional. A outra a visita a estádios, museus e outros locais ligados ao futebol. Era a parte que ela mais gostava. E, sem dúvida, a preferida de Martino também. Lenora sempre se impressionava com os conhecimentos do pai sobre tudo que era relacionado a futebol. Quando os dois se conheceram a moça já tinha um gosto pelo esporte. Depois disso a ligação com o assunto só aumentou.

As viagens começavam a ser planejadas meses antes. Primeiro os dois definiam o roteiro. Já tinham passado por Suécia, França, Alemanha e Itália. Depois do destino definido, Lenora se debruçava em pesquisas na internet. Procurava tudo que tivesse ligação daquele país com futebol, os times, os estádios. Mas o principal eram as histórias de Copas do Mundo, a grande paixão de Martino. Lenora passava horas pegando todas as informações possíveis sobre o assunto. Ajudava muito o fato de ter uma memória privilegiada. Isso, com certeza, herdara do pai.

Terminou a série de abdominais com a musculatura queimando. Já

sentia que o corpo pedia mais. Agora era hora de algumas flexões de braço antes de começar a série de alongamentos.

Desde a descoberta de que tinha pai, aos 11 anos, Lenora nunca tinha sido convidada por Martino a ir ao Brasil. Era ele que sempre ia ao encontro dela. O pai dizia que a melhor hora chegaria. Lenora insistia. Sempre teve muita vontade de conhecer o Brasil, o país do futebol. Mas Martino sabia como poucos mudar de assunto.

Quando recebeu a carta não acreditou. Tentou ligar para Martino, mas ninguém atendeu. A estranheza deu lugar a alegria. Afinal de contas a carta estava bem clara. Finalmente ela iria ao Brasil, a terra de seu pai. Viu que apoiada na cama poderia fazer uma série para o tríceps. O suor já escorria levemente pela testa. Ela gostava dessa sensação. Respirou fundo e se posicionou para três séries de 20 repetições. Logo que recebeu a carta Lenora se apressou em arrumar as coisas

R U L I A N B M A F T U M 52

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

para a viagem ao Brasil. Ligou para a mãe avisando. Lúcia Silvano tentou dissuadir a filha de uma viagem tão repentina, mas é claro que não adiantou.

Lenora lembrou-se então que desde a chegada não falava com a mãe. A última conversa acontecera horas antes de embarcar para o Brasil quando, mais uma vez, Lúcia tentou convencer a filha a não viajar. Lenora estranhou o tom de preocupação. Como toda mãe sempre demonstrou

cautela com as inúmeras viagens da filha, mas desta vez a coisa parecia diferente. Lucia disse que estaria um pouco fora de circulação por aqueles dias. Iria acompanhar um grupo de turistas brasileiros em um tour pela região da Toscana.

Lúcia costumava promover esses passeios com grupos interessados em vinhos. Por mais de uma vez convidou Lenora a ir junto. Mas vinho era um assunto que definitivamente não a interessava. Lúcia deixou o telefone de um hotel na região que teria como localizá-la em caso de emergência. Com certeza a mãe não sabia da morte de Martino. Tentaria falar com ela de qualquer jeito ainda pela manhã.

Lenora deu uma pausa nos pensamentos. Já eram 7h55min. Olhou mais uma vez em volta, avaliando se alguma outra característica do quarto poderia ajudá-la em uma nova série de exercícios. Resolveu começar os alongamentos.

O aeroporto, as horas de voo, a chegada ao Brasil. Martino não estava no aeroporto. Sentiu uma ponta de medo. Tentou ligar e ele mais uma vez não atendeu. Deixou a insegurança de lado e pegou um táxi. Afinal o pai tinha mandado junto com a carta uma cópia da chave e o endereço de onde morava. Ele poderia estar preparando alguma surpresa, coisa que Martino costumava fazer com ela. Ao chegar ao apartamento não encontrou ninguém.

Logo em seguida aparece um homem totalmente transtornado fazendo ameaças. Não sabia se aquilo fazia parte da brincadeira de

Martino. Logo percebeu que não havia nada engraçado. O homem era Xavier Delabona, o amigo que o pai tanto lhe falava. Em seguida a notícia da morte de Martino. A ida ao cemitério. O enigma da carta que ela recebera três dias antes. Menino de Ouro. O DVD. Os papéis.

Lenora deitou no chão ofegante. Fechou os olhos e algumas lágrimas escorreram. Martino estava morto. Enxugou as lágrimas com o lençol e

R U L I A N B M A F T U M 53

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

voltou a se concentrar. Precisava decidir o que fazer a partir dali. Sairia para correr? Isso com certeza irritaria Xavier. Sabia que ia encontrá-lo já acordado na sala e precisava definir um padrão de comportamento frente a situação.

Percebeu que gostava dele. Ele não atraía Lenora como homem.

Definitivamente não era o tipo dela. Mas ela tinha gostado do jeito dele.

De alguma forma aquele estilo meio confuso tinha até um charme. Em algumas coisas ele lembrava Martino, o que também era bom. Talvez por isso se sentia confortável ao lado de Xavier. Ela podia confiar nele. Mas isso não significaria que ia facilitar as coisas. Afinal, não facilitava para ninguém.

Mais algumas lágrimas brotaram nos olhos dela. Decidiu que seriam as últimas. Levantou-se e pegou o material de corrida. Precisava jogar uma água no rosto antes de sair. Abriu a porta do quarto com cuidado. Deu um passo e visualizou, olhando para a direita, a figura de

Xavier de costas. Ele estava sentado no computador, que ficava virado para a parede. Parecia que não tinha percebido a presença dela. Olhou para o banheiro em frente e deu o primeiro passo...

–

Bom dia Lenora.

Ela olhou para Xavier que ainda estava sentado na cadeira, só que agora virado para ela. Pelo tom de voz e pela cara dele sabia que a ideia de correr já estava fora de cogitação.

–

Oi – foi o melhor que ela pode fazer.

–

Você dormiu bem?

–

Sim, dormi.

–

Ok Ótimo. Porque estou precisando de sua ajuda.

Lenora entrou no banheiro e fechou a porta. Respirou fundo. Ligou o chuveiro e tirou a roupa. Deu uma olhada no espelho para seu corpo nu. Olhou para o abdômen bem definido, mas não gostou do que viu. Talvez a taxa de gordura tivesse aumentado. Teria que dar um jeito de logo fazer uma nova avaliação.

Verificou a temperatura do chuveiro e entrou. Deixou que a água escorresse por alguns segundos pelo corpo. Toda manhã, quando fazia

isso, se dava conta de como um banho fazia diferença para ela. Lavou o cabelo, passou cuidadosamente uma bucha pelo corpo todo. Era um macete que tinha aprendido com um técnico de futebol que teve ainda

R U L I A N B M A F T U M 54

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

adolescente. Ele dizia que isso ativava a circulação do corpo e deixava a pessoa mais ligada. Desde que atestou isso Lenora repetia o procedimento de forma quase ritualística todas as manhãs.

* * *

Xavier Delabona dormiu pouco. Mas ele nunca precisou de muitas horas de sono para se recompor, afinal já se acostumara a passar noites em claro trabalhando. Acordou antes das 7h. Pulou do sofá e por um momento a dor nas costas o fez se arrepender de não ter dormido na cama de Martino. Nem ele e nem Lenora quiseram pernoitar na suíte. A moça ficou no outro quarto que precisou de algum esforço para ficar habitável. Ele ficou ali no sofá mesmo.

Xavier não via a hora de voltar a ter contato com aqueles dois pedaços de papel misteriosos. Ligou o computador e começou a pesquisar. Só tirou os olhos daquilo quando Lenora acordou. Ele ouviu alguns barulhos no quarto e minutos depois a porta se abriu. A moça estava preparada para dar o golpe da corrida de novo, mas não desta vez. Era comum as pessoas inventarem formas de fugir dos problemas, mas aquela desculpa ele nunca tinha visto antes.

Em pouco tempo Lenora já estava ali novamente. Entrou na sala e parou atrás do sofá. Vestia uma calça de agasalho esportivo bem folgada. Mas era diferente da que tinha usado no dia anterior. Provavelmente tinha uma coleção delas. Também estava com uma camiseta mais larga. Mais uma vez Xavier notou que se tratava de um corpo de atleta. Mesmo por baixo daquelas roupas folgadas era possível perceber. Os cabelos estavam molhados e, para variar, a cara era de poucos amigos.

—

Xavier? Acorda. Está viajando?

—

Hã? Não, estou bem.

—

Bom, você disse que precisava da minha ajuda. Então...

—

Sim. Eu acho que preciso.

Não demorou muito e Lenora já estava ao lado de Xavier para ver o que ele tinha descoberto nos papéis achados no dia anterior.

—

Muito bem. Não posso dizer que tenha feito grandes avanços aqui. Mas é importante lembrarmos o que há de mais evidente neste material.

R U L I A N B M A F T U M 55

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Lenora fitava Xavier com atenção.

—

Fato 1: Martino arrancou essas páginas às pressas de um bloco de anotações. Isso fica muito claro pela forma como os papéis estão rasgados na parte de cima.

Lenora concordou com a cabeça.

—

Fato 2: ele numerou as páginas depois de tê-las escrito. Isso fica claro pela cor diferente da caneta que ele usou para escrever os números. Acredito que fez isso para que seguissemos a ordem das informações. Mais uma vez a moça concordou.

—

Portanto sugiro que tentemos fazer as coisas dessa forma, o que nos leva a página 1.

—

Xavier, você acha que nesse bloco que ele arrancou as folhas teria mais coisas?

—

Eu pensei nisso também, Lenora. Dei uma olhada geral agora pela manhã aqui na casa e não vi nenhum bloco parecido. Ontem já tínhamos olhado no quarto onde você dormiu quando arrumamos os livros.

—

Será que ele jogou fora?

—
Não sei. Mas quero ir ao jornal onde o Martino trabalhava. As coisas do velho devem estar todas lá ainda. Pode ser que achemos algo.

—
E quando você quer fazer isso?

—
Bom, hoje é sábado e o jornal está aberto. Como é um dia mais tranquilo sugiro que façamos isso ainda pela manhã. Podemos aproveitar e tomar um café no caminho. Normalmente o pessoal começa a trabalhar mais tarde no sábado e teríamos tempo de pegar as coisas dele sem muitas perguntas. No caminho eu conto a você um pouco do que já descobri. Depois poderíamos voltar para cá e continuar nossas pesquisas. Disse que ia precisar de sua ajuda neste material e é verdade.

* * *

Eram quase 9h30min quando Xavier e Lenora deixaram a padaria onde tomaram café da manhã rumo ao jornal em que Martino trabalhou nos últimos cinco anos de vida. A sede do jornal ficava a uns 25 minutos de carro o que daria tempo mais que de sobra para Xavier compartilhar o pouco que já tinha pesquisado.

—
Consegui achar alguma coisa relacionada a página 1 – Xavier tirou o

R U L I A N B M A F T U M 56

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

papel do bolso da camisa enquanto dirigia e passou a Lenora – O que você vê?

–

São algumas palavras e datas. Começa com Totonero 80/86. Essa expressão não me é estranha Xavier.

–

Imaginei que você fosse lembrar de alguma coisa. Fui pesquisar na internet. Não precisei de muito tempo para descobrir. Escrevi algumas coisas aqui – Xavier apontou um bloco de anotações que tinha deixado no console do carro – Pode abrir e ver o que está escrito.

Lenora pegou o bloco e abriu no lugar marcado com uma caneta.

–

Em resumo, Totonero foram dois esquemas de manipulação de resultados na Itália. O primeiro em 1980 e o outro em 1986.

–

Isso, acabei de lembrar quando vi suas anotações. Totonero foi um esquema de venda de resultados de partidas de futebol das séries A e B. Tinha vários times envolvidos, inclusive o meu Milan. Eles foram rebaixados para a segunda divisão por causa disso.

–

O seu Milan? É o time que você torce?

–

Sim, porquê?

—

Não, nada. Só perguntei por perguntar.

—

Então quem é torcedor do Milan acaba sabendo disso, certo? Até porque você nem era nascida na época.

—

Isso foi uma mancha na história do Milan. Todo torcedor que conhecesse o time sabe alguma coisa sobre isso.

—

Ou seja, estamos falando de um esquema de resultados arranjados em troca de dinheiro de apostas. O que mais tem anotado aí?

—

Bom, você colocou mais alguns tópicos. “Times envolvidos: Lazio, Milan, Perugia, Bologna e Avellino (série A); Taranto e Palermo (série B)”. Ainda tem “Dezoito jogadores penalizados com suspensão”. Tem uma lista deles aqui e as penas que cada um teve ao lado. Inclusive aqui na lista está o Paulo Rossi.

—

Quem é esse?

Lenora olhou assustada para Xavier. O jornalista olhava para a rua enquanto dirigia e demorou alguns segundos para perceber que estava sendo encarado com um olhar incrédulo.

—

O que foi Lenora? Por que parou de ler?

—

Você está falando sério que não sabe quem é o Paulo Rossi?

—

Estou. Quem é ele? Eu deveria saber, por acaso?

R U L I A N B M A F T U M 57

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Putz Xavier, quando você disse que não sabia nada de futebol não estava mentindo mesmo.

—

Por que, o que tem esse cara de tão importante?

—

O Paulo Rossi foi atacante da Itália na Copa de 82, na Espanha.

Lembra? O Brasil era o favorito daquela Copa e tinha um time muito bom com Zico, Sócrates e Falcão. O time da Itália nem era dos melhores. Mas os dois jogaram na segunda fase da Copa e a Itália venceu por 3 a 2. O empate de 2 a 2 classificava o Brasil, mas a Itália fez o terceiro gol no final do jogo e ganhou a vaga. Ninguém acreditou naquilo. Depois a Itália foi campeã.

Lenora parou e esperou a reação de Xavier.

—

Ok E daí?

–
Adivinha quem fez os três gols da Itália naquele jogo?

–
O Paulo Rossi?

Lenora concordou com a cabeça ainda incrédula.

–
Lembrei que na pesquisa vi que esse Paulo Rossi teve a suspensão diminuída. Era para ele ter ficado três anos suspenso, mas ficou só dois. Aí ele pôde disputar a Copa de 82.

–
O Paulo Rossi saiu como herói daquela Copa...

–
...logo depois de ser sido suspenso por participação em esquemas de resultados – as palavras saíram rápido da boca de Xavier completando as ideias de Lenora.

–
Confesso que me impressiono cada vez mais com o que você sabe sobre futebol, Lenora. Eu disse que ia precisar muito de sua ajuda. Como você sabia isso tudo?

–
Essa história do Paulo Rossi eu conhecia. Quando fui com o Martino a Espanha visitamos o lugar onde ficava o Estádio de Sarriá. Foi lá o jogo Brasil e Itália em 82. Aí ele me contou esse negócio da suspensão do Paolo

Rossi ter sido diminuída pra ele poder jogar a Copa.

Xavier ficou em silêncio mais alguns segundos. Nunca tinha imaginado estar envolvido com uma investigação sobre futebol. Esse era talvez o assunto mais odiado por ele. Mas, de alguma forma, os conhecimentos e o interesse de Lenora pelo tema faziam com que a coisa não fosse assim tão ruim.

Estavam perto do destino. Xavier precisava finalizar o assunto.

—

Tem mais coisa aí, certo? Ainda temos algum tempo antes de

R U L I A N B M A F T U M 58

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

chegar ao jornal.

Lenora tomou o bloco novamente nas mãos.

—

Você colocou algumas coisas sobre o Totonero 1986. Diz aqui:

“Mesmo motivo do anterior, manipulação de resultados do futebol Italiano”. Depois tem uma lista de times envolvidos. Você também escreveu que foram punidos 17 dirigentes e treinadores e 34 jogadores.

—

Deve ter sido uma bagunça não é verdade?

—

Ainda mais para os italianos que amam futebol mais do que tudo.

Saber que vários jogos foram manipulados deve ter sido muito difícil. Mas na Itália sempre tem esse tipo de suspeita Xavier. Todo ano aparece alguma coisa.

—

E sobre esses outros tópicos, você encontrou alguma coisa?

—

Não deu tempo. Você reconhece algo daí?

Lenora passou os olhos pela lista de nomes e números. Tudo escrito com a letra de Martino que ela tanto conhecia pelas cartas que recebia do

pai: Grobellar, 94; Hoyzer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93; Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05; Operador, X.

—
Alguns desses nomes são familiares. Calciopoli eu sei o que é. Foi um grande rolo de manipulação de resultados na Itália que aconteceu há pouco tempo.

—
Chegamos. Vamos fazer como o combinado então. Damos uma olhada nas coisas do Martino aqui para ver se achamos algo mais. Depois voltamos para continuar a pesquisa. E aí você me conta mais sobre o que sabe deste Calciopoli.

Lenora assentiu. Passou a folha de papel a Xavier que a guardou no bolso da camisa.

* * *

Ninguém nunca sabia onde ele estava. Também não eram comuns encontros pessoais, apenas em último caso. É normalmente como funciona a rotina de trabalho de um mercenário. Para quem contrata os serviços de pessoas assim a única coisa que interessa é a constante eficiência. Essa é a identidade exigida e tudo que se precisa saber.

R U L I A N B M A F T U M 59

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Ele era conhecido pelo codinome Boamorte, assim mesmo, no português. Apropriou-se dessa identidade em um dos primeiros

trabalhos, ainda em sua terra natal, Portugal. Quando procurava informações em uma lista telefônica local para o serviço deparou-se com o nome. Não se conteve e ligou para conferir se a família Boamorte existia mesmo. A partir daquele momento, sem eles saberem, passou a fazer parte dela.

Desde aquele início, nove anos antes, já tinham sido trinta e seis serviços realizados. Todos eles relacionados ao “sumiço” de pessoas. É assim que ele se referia ao que fazia. Era nisso que Boamorte era bom, em sumir com as pessoas. Já tinha negado vários serviços que buscavam um assassino. Boa Morte era sim um mercenário. Mas, para ele, os métodos que utilizava o diferenciavam e muito de um assassino. Em nove anos de trabalhos realizados nunca disparou um tiro sequer. Além disso, não tinha o perfil tradicional de um assassino, normalmente ex-militares, ex-policiais, daqueles que manejam armas com habilidade. Boa Morte era médico.

Aos 25 anos já tinha finalizado a faculdade de medicina e também a residência. Era considerado um dos alunos mais brilhantes e propostas de trabalho não faltaram. Boamorte sempre foi muito cuidadoso e perfeccionista. Também havia a preocupação excessiva com limpeza. Eram características que ajudaram a transformá-lo em um médico acima da média.

Porém, logo no primeiro ano de trabalho, uma série de problemas apareceu. Segundo seus superiores ele apresentava dificuldades para

cumprir as tarefas. Diziam também que a preocupação dele com verificações, controle, ordem, simetria eram mais do que excessivas.

Não demorou muito para que a situação fosse diagnosticada.

Boamorte era portador de TOC, Transtorno Obsessivo Compulsivo. Teve que ser afastado do trabalho em seguida. Foi encaminhado para tratamento psicológico. Em menos de um ano, em vez de uma carreira brilhante como médico, Boamorte foi transformado em paciente.

Não havia certeza sobre como aconteceu tão rápido. As suspeitas maiores estavam relacionadas a um acidente de carro anos antes, ainda quando estava na faculdade. O TOC é uma doença cuja causa específica é muito difícil de ser diagnosticada. A única certeza é de que o portador da

R U L I A N B M A F T U M 60

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

síndrome tem que conviver com isso por muitos anos, em alguns casos pela vida toda.

Nos meses seguintes foram sessões e mais sessões de terapia, além dos medicamentos. Neste período, Boamorte já sabia que não voltaria a profissão que tanto amava. Ele até teria chances, dependendo da evolução do tratamento, de praticar a medicina dentro de um consultório. Mas não era isso que ele queria. Gostava de estar na linha de frente. Gostava de sentir o poder de ter a vida de uma pessoa em suas mãos.

Durante as pesquisas que fez, Boamorte analisou uma série de

artigos publicados que relatavam casos de TOC. Chamaram sua atenção relatos de criminosos condenados, muitos por crimes de assassinato, que foram diagnosticados com o mesmo transtorno. Aquilo teve nele um efeito inexplicável, uma curiosidade cada vez mais intensa. Começou a acompanhar o noticiário policial. Visitou durante um ano delegacias e hospitais atrás de informações, em princípio, sobre crimes de todas as naturezas. Deu atenção especial aos assassinatos. Ficou estarelecido com o desleixo com que os crimes eram cometidos. Havia em geral uma falta de capricho, de cuidado, de planejamento.

Boamorte então percebeu que aquilo lhe atraía muito. Seria uma chance de ter a vida das pessoas em suas mãos de novo, mas por outros caminhos. Afinal estava sendo injustiçado, proibido de exercer a profissão por possuir algumas características especiais. Dons que recebeu e que seriam um diferencial para abraçar uma nova profissão.

A técnica de Boamorte se baseava nos detalhes. Em estudar a vida do alvo e sua rotina. Sabia que sempre havia alguma brecha. As pessoas correm risco de vida o tempo todo, são imprudentes ao extremo. Bastava atenção e disciplina. Em muitos casos, tinha certeza de que fazia um favor em sumir com a pessoa. Considerava que apenas encurtava uma situação que aconteceria mais cedo ou mais tarde. Pessoas que fumam, bebem, têm problemas cardíacos, pulmonares, obesidade, correm demais no trânsito. Também há os desatentos, os preguiçosos e os desleixados (Boamorte odiava os desleixados!). Não se tratava de assassinar ninguém,

mas apenas de dar um empurrãozinho para que a pessoa em questão apenas encurtasse uma existência medíocre, quase que por conta própria.

R U L I A N B M A F T U M 61

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Xavier e Lenora entraram na redação do jornal perto das 10h. Como Xavier imaginava não havia muita gente por lá. Seguiram direto para a mesa de Martino. Ela ficava no fundo, onde os mais velhos trabalhavam. Naquela redação era assim que a coisa se configurava, os mais antigos ficavam com as melhores mesas, estrategicamente colocadas no fundo do salão onde era arejado e, mais importante, perto da máquina de café. Mas, ao chegar à mesa, Xavier ficou surpreso pois ela estava vazia. Muito diferente do que ele tinha visto nas vezes em que estivera por ali. Normalmente a mesa de Martino era uma bagunça, cheia de papéis e jornais velhos. Ele guardava bem ali todos os manuscritos de todos os textos que tinha escrito. Porém não havia mais nada.

—

Posso ajudá-los? - perguntou um rapaz que chegou sem que Xavier e Lenora percebessem. Devia ter no máximo 23 anos. Era gordo e tinha o que parecia ser um resto de sanduíche nas mãos. Xavier imaginou que devia ser o plantonista. Nunca tinha visto o rapaz por ali. Mas não estranhou, pois era cada vez mais comum nas redações as caras novas

surgirem a todo momento no lugar dos mais velhos.

–

Bom dia. – disse Xavier esticando a mão para cumprimentar o rapaz – Meu nome é Xavier Delabona, sou amigo do Martino Andreatto. Vim para pegar as coisas dele. Você sabe onde estão?

–

Opa! Conheço o senhor sim. Admiro seu trabalho. É um prazer. Meu nome é Tiago Carvalho. – disse o rapaz se atrapalhando todo com o resto de sanduíche para cumprimentar Xavier.

–

Obrigado Tiago. Mas e as coisas do Martino, você sabe onde estão?

–

Ah, sim! Dê-me um minuto. O Carlos me disse o que fazer neste caso – ele pegou uma caderneta que estava no bolso e começou a com pressa.

Xavier lembrou de Carlos. Carlos Manuvicz, editor do jornal e chefe de Martino.

–

Não, não é isso. Ah! Aqui está. Se alguém vier pegar as coisas do Martino elas estão nas caixas da sala de arquivo. O arquivo fica logo ali, vou com vocês para pegar.

A porta do arquivo ficava a menos de dez metros de onde estavam. Tiago guiou-os até lá. Xavier percebeu que Lenora havia ficado para trás. A

moça estava parada em frente a mesa do pai. As coisas de Martino foram

R U L I A N B M A F T U M 62

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

colocadas em duas caixas médias de papelão identificadas com o nome dele impresso em papel branco na parte de cima e lacradas com fita adesiva.

–

Será que você pode me ajudar a levar isso até o carro, Tiago?

–

Como assim? – era Lenora logo atrás deles – Pode deixar que eu dou conta de uma delas Xavier.

–

Você leva a outra – A moça já foi pegando uma das caixas com extrema facilidade.

Depois de agradecer ao rapaz pela atenção Xavier e Lenora voltaram para o carro. Colocaram as caixas no banco de trás e saíram. Xavier aproveitou para contar a Lenora um pouco da história profissional do pai. Imaginou que a moça não devia saber muito já que Martino odiava falar de si mesmo com os outros. Contou dos prêmios que ganhou ao longo do tempo e do respeito que acumulou em todos os veículos de comunicação pelos quais passou.

Quando parou em um sinal fechado Xavier olhou para Lenora e viu que a ideia tinha sido boa. A moça estava feliz em saber todas aquelas

coisas. Mas o momento foi interrompido de forma muito rápida.

—

Ninguém se mexe! Vamos saindo do carro! Rápido!

Xavier olhou assustado pelo vidro aberto e deu de cara com uma arma apontada para a cabeça dele. Do lado de fora do carro dois homens encapuzados. Um deles meteu a mão pelo vidro, abriu a tranca e em segundos a porta já estava aberta. Xavier ficou impressionado com a agilidade do homem.

—

Vamos saindo, doutor!

Um deles puxou Xavier para fora enquanto o outro fez o mesmo com Lenora. A arma continuava apontada para ele. Xavier não esboçou nenhuma reação. Permaneceu parado de mãos para cima.

Do outro lado do carro Lenora notou que o ladrão não tinha um revólver, apenas uma faca. Tudo aconteceu numa fração de segundos. Ele a encostou no carro, de costas e a travou com o corpo. Nem deu tempo de ela sentir o bafo dele. Antes que pudesse fazer ou dizer algo nojento, Lenora virou-se com extrema agilidade dando uma cotovelada na boca do homem. Ao esboçar a defesa do rosto ele deixou vulnerável a parte de baixo. Então a moça desferiu um chute com raiva, bem no meio das pernas. Pode-se ouvir um uivo assustador de dor.

R U L I A N B M A F T U M 63

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

O ladrão com a arma demorou para perceber o que estava acontecendo. Ao ouvir o grito do comparsa olhou assustado para Xavier e apontou a arma para ele. O jornalista o encarou e viu que ele estava confuso.

Então, os dois homens entraram no carro e saíram em disparada. Na calçada Xavier e Lenora apenas olhavam enquanto o carro sumia na esquina seguinte.

–

Você está bem Xavier?

–

Ah? Sim, acho que sim – Xavier continuava olhando para a esquina onde o carro havia sumido como que se esperando alguma coisa. Esperando que o carro voltasse, que os dois homens dissessem que aquilo tudo não passou de uma pegadinha.

–

Você é maluca?!

Lenora não respondeu.

–

O que deu na sua cabeça pra reagir assim a um assalto! Os caras estavam armados!

–

Ei, eu sei, Ok? Mas o idiota começou a se esfregar em mim. Mas agora ele vai demorar um bom tempo até poder usar novamente as bolas.

Xavier não sabia o que o deixava mais atônito no momento. O fato de ter sido assaltado, ou a reação destemperada de Lenora que poderia ter matado os dois.

—
Vem, vamos pegar um táxi e ir para casa.

Os olhos de Xavier se arregalaram de súbito.

—
As caixas! Elas ficaram no banco de trás!

Lenora concordou. Já tinha se dado conta da situação.

—
Minha carteira! Xavier passou as mãos pelos bolsos freneticamente até que achou no bolso de trás da calça aliviado.

—
E a sua bolsa? Ficou no carro?

—
Não se preocupe Xavier, eu não carrego bolsa em viagens – Lenora levantou um pouco a blusa e mostrou uma pequena bolsinha com zíper da cor da pele que estava por baixo da roupa.

—
Eu sempre levo na viagem. Deixo meu passaporte e algum dinheiro. Xavier bateu no bolso da camisa e percebeu aliviado que os papéis continuavam ali.

—

Pelo menos isso eles não levaram. Seria o fim.

Os dois seguiram então para um ponto de táxi ali próximo.

R U L I A N B M A F T U M 64

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Era início de agosto quando Boamorte recebeu um e-mail em sua caixa postal. Do mesmo modo como sempre ficava combinado. No e-mail apenas a pergunta sobre em qual local deveriam ser deixadas as informações. Conhecia o remetente daquela mensagem. Já tinha realizado uma série de serviços para aquelas pessoas. Tornaram-se seus melhores clientes. Pagavam o preço sem pestanejar. Sabiam que o trabalho dele valia aquilo. Respondeu o e-mail com as orientações do local onde o material deveria ser deixado.

Dois dias depois estava com o dossiê em mãos. Percebeu que teria que ir ao Brasil realizar o serviço. Seria a quinta vez dele no país. Gostava de trabalhar lá, principalmente porque a língua ajudava. Ficou três semanas estudando seu alvo. Um jornalista chamado Martino Andreatto. Seguiu o dia a dia do homem, ouvia suas ligações, estudava a rotina dele. Não demorou para perceber que seria um trabalho que não exigiria muita criatividade. O homem era uma festa: fumava muito, não praticava nenhuma atividade física, alimentação totalmente errada e, além de tudo, não tinha família próxima e passava a maior parte do tempo sozinho. Recebia apenas visitas esporádicas de uma vizinha e

de um amigo chamado Xavier. Fácil até demais.

Mas o serviço tinha um adicional que Boamorte precisaria entregar.

Descobrir detalhes sobre um trabalho que o alvo estava fazendo, o motivo pelo qual a pessoa iria sumir.

Boamorte não gostava dessa parte. Mas em alguns trabalhos para este cliente o adicional era necessário. Como o contratante pagava o preço dele sem discutir não tinha como negar isso. Logo no primeiro serviço deste tipo percebeu que era bom também em descobrir segredos das pessoas. Na verdade era muito mais fácil do que parecia. Para ele a maioria das pessoas guarda segredos para que sejam descobertos.

Neste caso pesava outro fator importante da personalidade de Boamorte. Ele não era o tipo que chamava a atenção, pelo contrário. Não usava roupas pretas ou vestimentas extravagantes. Não era bonito nem feio, alto nem baixo, magro nem gordo, velho nem novo, não tinha cicatrizes e nem tatuagens. Boamorte era uma pessoa comum e por isso passava despercebido.

Como parte do plano resolveu entrar em contato com Martino

R U L I A N B M A F T U M 65

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Andreatto e se passar por uma possível fonte para a investigação que ele estava fazendo. Não demorou muito para superar as desconfianças iniciais do homem. Boamorte teve então dois encontros marcados com o alvo. O primeiro em uma praça da cidade. O segundo na casa dele. O tal

Martino estava tão tomado pelo que investigava que deixou de lado todos os cuidados necessários. Nem bem se conheceram e já o convidou para ir à sua casa. O trabalho tinha tudo para ser mais fácil do que ele previa.

Em sua primeira visita à casa do jornalista confirmou o que já tinha alinhavado pela observação de Martino. A opção seria mesmo utilizar um pouco de cetamina.

O cloridrato de cetamina é uma droga usada para fins de anestesia.

É mais conhecido como remédio para cavalo. Pode ser inalado, engolido ou injetado direto nas veias. Ingerido em uma dose adequada pode levar a um infarto fulminante do miocárdio. Em uma pessoa sedentária como Martino seria perfeito, uma morte por ataque fulminante. Boamorte já tinha utilizado a droga algumas vezes. Como muitas pessoas estão sujeitas a sofrer um ataque fulminante era uma morte pouco questionada.

Mas é necessário ter certeza de que uma autópsia não será realizada para que a droga não seja detectada no organismo. Sabia que Martino não tinha família e nem pessoas próximas. Seria pouquíssimo provável que alguém fosse solicitar uma autópsia. Pelos hábitos de vida do homem bastava que os médicos entrassem na casa dele e conversassem com pessoas conhecidas para detectar que ele era um indivíduo com riscos sérios de sofrer um infarto.

Boamorte fez uma visita a Martino sem avisar. A abordagem surpresa era fundamental. Sumir com Martino em um compromisso marcado seria um erro grave. Tudo ficou mais fácil depois que foi

convidado para ir a casa do jornalista na primeira vez. Uma visita surpresa neste caso não despertaria suspeita. E foi assim que naquele dia de setembro ele bateu a porta de Martino perto das 20h. O jornalista recebeu o visitante com surpresa, mas não deixou de convidar o suposto informante para entrar. Boamorte justificou a visita alegando que estava sendo ameaçado pelo contato que fizera com Martino. Bastou uma distração do jornalista para que o visitante diluísse uma boa dose de cetamina no café. Não demoraria muito para que as dores no peito começassem. Ele se despediu e esperou pacientemente do lado de fora.

R U L I A N B M A F T U M 66

CAIXINHA DE SURPRESAS

O mercenário sabia que não teria muito tempo para realizar a segunda parte do trabalho. Abriu a porta com cuidado. O velho estava deitado no chão da cozinha. Abaixou-se e checkou o pulso. Morto. Aumentou o som da TV para esconder qualquer barulho que pudesse causar. De cara pegou a caderneta que Martino sempre carregava no bolso e onde ele fez as anotações das conversas que teve com o suposto informante. Vários tópicos sobre a investigação estavam presentes ali. Mais uma olhada pela sala não trouxe nada que chamasse a atenção: computador, sofá, prateleiras. Ficaria faltando os quartos, o que Boamorte pretendia explorar no dia seguinte. Sabia que ninguém iria atrapalhá-lo visto que teriam muito trabalho para velar e enterrar o velho. Teria algumas horas para dar um pente fino na casa. Saiu

cuidadosamente do apartamento e em poucos minutos ganhou a rua.

Ficou esperando até que o corpo do alvo fosse levado, já sem vida, algumas horas depois.

No outro dia, depois de se certificar dos horários do velório e do enterro, Boamorte se dirigiu novamente ao apartamento de Martino Andreatto. Ficou por lá cerca de duas horas e conseguiu vasculhar cuidadosamente todos os cantos do local. Verificou, inclusive, o piso de madeira para achar algum fundo falso. Mas não havia nada de errado. Fez o mesmo com as paredes.

Para facilitar Boamorte sempre levava uma câmera. Tirava fotos de tudo que ia mexer antes. Na dúvida as imagens ajudavam a colocar as coisas da mesma forma que tinha achado. Já havia terminado o que ia fazer ali quando ouviu um barulho do lado de fora. O apartamento estava escuro. Fechou com cuidado todas as cortinas para que ninguém de fora pudesse vê-lo ali. Sem perder a calma se posicionou ao lado da porta.

Quando ela se abriu Boamorte viu o vulto de um homem entrando.

Esperou que ele fechasse a porta para se certificar que estava sozinho.

Não deu chances ao visitante inesperado. Usou a arma que carregava para acertar uma coronhada na cabeça do homem. Sabia o que estava fazendo. O golpe seria eficiente para desacordá-lo por algumas horas, mas não para matá-lo.

Ficou satisfeito com a própria técnica quando viu que a pancada

não tinha provocado nenhuma gota de sangue. Aquilo ia causar apenas

fortes dores de cabeça por algumas horas e nada mais. Antes de sair

R U L I A N B M A F T U M 67

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

verificou que se tratava do homem que tinha estado ali na noite anterior para reconhecer o corpo de Martino. Era o tal Xavier Delabona, o único amigo que o velho tinha.

Saiu cuidadosamente do apartamento. Caminhou uma quadra e entrou no carro que deixara estacionado. Apesar de estar um pouco longe da entrada do apartamento aquela posição dava uma visão clara da movimentação do prédio. Anotou várias informações na caderneta. Decidiu que ficaria de olho no tal Xavier por mais alguns dias antes de dar o trabalho como encerrado. Reclinou um pouco o banco e ficou esperando.

Nos dias que se passaram seguiu os passos de Xavier. Ele agora estava acompanhado de uma moça que Boamorte não conhecia. Ela não fazia parte do ciclo de conhecidos de Martino e entrou na história sem que se desse conta. E ele não gostava nada disso. Sabia que o trabalho estava terminado, mas não conseguiria deixar as coisas sem a certeza de que tinha controle sobre tudo.

Antes de dar o serviço como encerrado precisaria ter acesso aos pertences de Martino no local onde trabalhava. Foi ao jornal em uma tarde e não se esforçou muito para saber que os pertences só seriam liberados para Xavier. Resolveu esperar ao invés de tentar uma

abordagem mais ousada, como invadir o local à noite. Nesses serviços mais arriscados Boamorte evitava sujar as mãos. Possuía alguns contatos no Brasil de pessoas que já tinham lhe prestado serviços antes. Já estavam avisados. Iria recorrer a eles no momento certo, o que não demorou muito.

Na manhã seguinte da visita ao cemitério seguiu Xavier e a moça até o jornal onde Martino trabalhava. Acionou então seus contatos e combinou o procedimento. Seria um serviço limpo, muito rápido. Afinal, um dos crimes mais comuns no Brasil são os assaltos nos sinais de trânsito. Mais uma vez os contatos de Boamorte prestaram um bom serviço. Antes do almoço ele já tinha juntado todo o material que havia coletado, as coisas que pegou no apartamento e as duas caixas. Não seria ele a verificar o que era aquilo tudo. A função dele era conseguir as informações e enviar pelo correio ao endereço que havia no dossiê. Antes do final do dia Boamorte já estaria fora do Brasil. Ele anotou as informações finais na caderneta que estava sempre com ele e onde

R U L I A N B M A F T U M 68

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

registrava minuciosamente os detalhes de cada trabalho. Mais um serviço estava terminado. O de número trinta e sete.

* * *

Depois de fazer o Boletim de Ocorrência na delegacia Xavier e Lenora tomaram um táxi novamente rumo ao 401. Pararam em uma

lanchonete próxima para fazer um lanche e chegaram ao apartamento perto das 15 horas, exauridos. Lenora resolveu checar as ligações no celular.

Ela não costumava se separar do aparelho, mas tinha esquecido de carregar a bateria. Havia duas chamadas perdidas com números da Itália. Lenora tentou ligar pela manhã para achar a mãe, mas não conseguiu. Deixou um recado no hotel pedindo que ela ligasse assim que pudesse. Discou o número. O recepcionista atendeu. Desta vez conseguiria falar com a mãe.

—

Lenora?!

—

Oi mãe.

—

Lenora, onde você está? Esta tudo bem? Tentei ligar mas você não atendeu.

—

Calma mãe, está tudo bem sim. Estou no Brasil no apartamento do Martino.

Lenora interrompeu a fala abruptamente. Ficou em silêncio. Pensou rapidamente de que forma contaria a notícia para a mãe. Tinha ensaiado algumas possibilidades durante o dia mas agora não sabia o que dizer.

—

Lenora? Você está aí?

—

Sim, estou.

—

O que aconteceu?

—

Mãe... aconteceu uma coisa horrível.

—

O que foi? Você está me deixando preocupada...

—

O Martino morreu.

Desta vez foi Lúcia quem ficou em silêncio.

—

Mas como? Isso é sério?

—

É sim mãe. Ele teve um ataque fulminante e morreu anteontem à noite. Quando cheguei ele já tinha sido enterrado.

—

Ai minha filha. Como você está? Eu vou aí para te encontrar. Você

R U L I A N B M A F T U M 69

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

vai precisar de ajuda para resolver as coisas. Você está sozinha aí? Dio

Mio Lenora. Você não conhece nada no Brasil.

–
Mãe, mãe. Calma! – Lenora já estava de volta no controle de situação – está tudo certo. Eu encontrei o Xavier, amigo do Martino. Ele já providenciou tudo. Ele está comigo desde que cheguei.

–
Ah sim, o Xavier. Lembro do Martino ter falado dele algumas vezes. Era o companheiro de apartamento dele. Ele está com você então?

–
Está sim. Está tudo certo. Não tem porque você vir para cá.

–
Mas então é você que tem que voltar Lenora. Vai ficar fazendo o que aí minha filha? Vou comprar a passagem por aqui e deixar em seu nome no aeroporto. Nossa, você deve estar arrasada. O Martino morto, mio Dio.

–
Mãe, eu vou voltar sim. Mas espere mais uns dias. Preciso ajudar o Xavier a resolver alguns assuntos. Aí posso voltar.

–
Que assuntos?

–
Ele precisa de ajuda para separar as coisas do Martino, limpar o apartamento.

–
Você tem certeza Lenora? Acho que você precisa é ir para casa.

Alguma coisa me dizia que essa viagem não era uma boa. Coitado do Martino.

—

Mãe, eu vou ficar mais alguns dias! Amanhã te ligo de novo para dizer quando eu vou poder voltar, ok?

—

Tudo bem Lenora! Você nunca faz o que eu digo mesmo. Espero você me ligar amanhã então. Você está precisando de mais dinheiro?

—

Não mãe. Por enquanto está tudo bem.

* * *

Lenora voltou a sala e encontrou Xavier em frente ao computador. Ele nem percebeu a presença dela.

—

Tudo bem Xavier?

—

Ah? Sim, tudo bem. Estava falando com sua mãe?

—

Estava.

—

Contou pra ela?

—

Contei sim – a moça se jogou sentada na poltrona e afundou o

corpo.

—

Ela quer que você volte pra casa não é?

R U L I A N B M A F T U M 70

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Lenora apenas concordou com a cabeça.

—

Talvez seja uma boa ideia mesmo, você não acha?

Ela olhou direto nos olhos dele. Xavier sabia que tinha falado uma grande bobagem. Já conhecia o olhar de indignação de Lenora.

—

Xavier, eu não vou embora sem saber o que está acontecendo aqui.

Meu pai morreu e pode ser que tenha sido assassinado. Ele deixou umas pistas muito estranhas de uma coisa que nós ainda não sabemos o que é.

Como é que você acha que eu posso ir embora e deixar isso tudo assim?

Você só pode estar brincando!?

—

Ok. Desculpe. Você tem toda razão. Além disso, tenho certeza de que não conseguirei muita coisa sem sua ajuda – Xavier pegou as folhas de papel que estavam ao lado do computador – Vamos a elas então?

—

O que você está fazendo? Lenora se levantou e ficou ao lado dele olhando para o monitor do computador.

—
Decidi que vou até o fim com isso e é hoje mesmo. Imaginei que poderíamos achar mais alguma coisa nas caixas do Martino no jornal. Algo mais consistente do que esses códigos estranhos. Mas agora não existe mais essa opção. Então só o que temos são essas duas folhas de papel que seu pai teve todo o cuidado de esconder de alguém que não sabemos quem é. E ele queria que nós dois achássemos isso. Portanto vamos nos dedicar a esses códigos que Martino deixou nas duas folhas.

—
E o que eu faço?

—
Seu pai deixou duas folhas com nomes, números, um monte de coisas que não dá para entender. Você fica com a folha 1, que traz os dados que conversamos hoje pela manhã. Preciso que você pesquise os outros tópicos dessa lista. Eu começo com a folha 2.

Lenora ligou o notebook rapidamente. Em poucos minutos já estava debruçada sobre a folha 1 que trazia as informações que ela e Xavier discutiram quando estavam a caminho do jornal de Martino.

Totonero 80/86; Grobellar, 94; Hoyzer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93; Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05; Operador, X.

Sobre o primeiro item Xavier já havia pesquisado. Lenora resolveu se dedicar então aos outros nove.

CAIXINHADESURPRESAS

Xavier olhou com atenção para a parte do trabalho que tinha ficado a cargo dele. Era uma lista tão confusa quanto a primeira. Misturava nomes e datas:

Martin Sanderson (1972); Daniles Lefevre (1994); Manfred Gietz (2007); Leone Gatelli (2009).

Ele sabia que estava esgotado física e emocionalmente. Mas uma empolgação tomou conta de seu corpo repentinamente. Estava no meio de uma investigação que não tinha a mínima ideia de onde ia dar. Não era o tipo de trabalho que Xavier gostava de assumir. Normalmente sua atuação jornalística era voltada para assuntos mais concretos, com informações e fatos. Ficou surpreso com a própria reação de disposição. Percebeu que agora estava naquilo não só mais pelo amigo Martino, mas por Lenora também. E por ele mesmo.

* * *

Xavier Delabona e Lenora Silvano trabalharam direto durante quase três horas. Neste período o máximo que aconteceu foram algumas trocas de olhares entre os dois. Nenhuma palavra. Ninguém saiu do lugar nem para ir ao banheiro. Parecia mais uma competição de resistência. Se fosse o caso Xavier teria vencido porque foi Lenora quem interrompeu o trabalho para se espreguiçar.

A moça iniciou uma série de alongamentos. Primeiro a cabeça,

depois os braços, e por fim as pernas. No início Xavier fingiu não perceber. Depois de alguns minutos ele se virou e ficou observando Lenora enquanto ela alongava as panturrilhas com as mãos apoiadas na parede como se estivesse segurando tudo para não cair. Lenora não se incomodou com os olhares de Xavier, continuou a série agora esticando uma das pernas apoiando-a na cabeceira do sofá para alongar a parte posterior da coxa.

–

Você não quer me acompanhar Xavier? Acho que alguma atividade física ia te fazer bem.

–

Não, obrigado – respondeu Xavier sorrindo – Mas confesso que ver você alongando com essa disposição toda até dá vontade.

R U L I A N B M A F T U M 72

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

–

É que não faço nada desde que cheguei ao Brasil. Fazia tempo que não ficava parada por tanto tempo.

–

Como assim “tanto tempo”? E a sua corridinha de antes?

–

Meu corpo sente falta de mais movimento – a moça trocou de perna apoiando a outra no sofá.

–
Quem diria que um preguiçoso como o Martino ia ter uma filha atleta?

A brincadeira de Xavier fez Lenora parar com os alongamentos. Ela ficou parada, meio sem saber o que fazer.

–
Desculpe Lenora. Falei uma bobagem – Xavier estava totalmente sem jeito.

–
Não, tudo bem. Eu é que vou levar um tempo ainda para lidar com isso tudo.

Um silêncio tomou conta da sala.

–
Ok. Que tal se compartilharmos as pesquisas? Você conseguiu alguma coisa?

Lenora voltou para frente do notebook que tinha deixado em cima da mesinha de centro.

–
Achei sim. E você?

–
Minha pesquisa ainda está meio confusa. Mas já tenho algumas pistas. Vamos ouvir primeiro o que você descobriu.

–

Ok Comecei pelo segundo tópico da lista: Grobellar, 94. O nome se refere ao ex-goleiro do Liverpool, Bruce Grobbelaar. E 94 é o ano em que ele foi acusado por um jornal de arranjar jogos do time dele para beneficiar apostadores. Teve até um vídeo onde ele aparece falando sobre partidas armadas. Ele e mais outros dois jogadores foram acusados de corrupção. Três anos depois ele foi inocentado.

Lenora levantou os olhos e Xavier estava em silêncio, olhando para ela fixamente.

—

Estou falando rápido de novo?

—

Não. Quero dizer, está. Mas eu já meio que me acostumei. Eu apenas estou prestando atenção no que você está contando. Então esse goleiro foi acusado de dar um jeito para que os resultados dos jogos do time dele beneficiassem apostadores – Xavier pegou um papel e anotou algumas palavras.

—

Isso. Posso continuar? Acho que você vai gostar das outras

R U L I A N B M A F T U M 73

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

histórias.

Nos 30 minutos seguintes Lenora relatou o que havia descoberto sobre os itens restantes da lista que Martino havia deixado em uma das

páginas que escondera na capa vazia do DVD.

“Hoyzer, 05” se referia a um escândalo de manipulação de resultados que aconteceu na Alemanha em 2005. O árbitro de futebol Robert Hoyzer confessou ter interferido em treze partidas que apitou em campeonatos da Alemanha, inclusive em jogos da primeira divisão. Tudo para beneficiar apostadores. Hoyzer foi banido do futebol e pegou dois anos e meio de prisão. Três apostadores croatas foram acusados de liderar o esquema e também foram presos.

Lenora relatou que outro dos itens da lista, “Bundesliga, 71”, também se referia a um escândalo de manipulação de resultados em troca de dinheiro na Alemanha. Descoberto em 1971, o escândalo envolveu a manipulação de 10 jogos do Campeonato Alemão, a Bundesliga. Cinquenta e dois jogadores dos times Hertha Berlin, Stuttgart, Schalke 04, Arminia Bielefeld, Duisburg e Eintracht Braunschweig, dois dirigentes e seis funcionários de clubes foram banidos do esporte.

Para “Calciopoli, 06” Lenora relatou que ao bater o olho na palavra lembrou do que se tratava. Era outro crime relacionado ao futebol, dessa vez na Itália. E mais uma vez tinha envolvimento do Milan, time do coração da moça. Para relatar o fato Lenora juntou informações da pesquisa com lembranças que ela mesma tinha dos acontecimentos. O fato ocorreu em 2006 e, além do Milan, envolveu Juventus, Fiorentina, Lazio e Reggina, que foram acusados de manipular resultados de jogos

selecionando árbitros que iriam favorecê-los em algumas partidas do Campeonato Italiano. A Juventus, que tinha conquistado os campeonatos de 2005 e 2006 teve os títulos cassados e foi rebaixada para a segunda divisão. Dirigentes e árbitros envolvidos foram suspensos do futebol. A pesquisa no tópico “Tapie, 93” levou a Bernard Tapie, que em 1993 era presidente de um dos times de futebol mais populares da França, o Olympique de Marselha. Acontece que o tal Tapie foi acusado de arranjar uma partida entre o seu clube e o Valenciennes pelo Campeonato Francês. O objetivo era fazer com que o Valenciennes perdesse a partida sem machucar nenhum jogador do Olympique. É que o

R U L I A N B M A F T U M 74

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

time de Bernard Tapie iria disputar pela primeira vez a final da Liga dos Campeões da Europa. O Olympique venceu o Milan e conquistou o título mais importante da história do clube. Mas o esquema foi descoberto e Tapie foi preso. Ele ficou dois anos em reclusão.

Lenora fez uma pausa. Olhou para Xavier para saber se estava falando rápido demais. O jornalista escrevia sem parar em alguns pedaços de papel. Ela resolveu continuar.

Sobre “Premier, 15/60” a pesquisa de Lenora apontou para dois escândalos de manipulação de resultados na Premier League, o campeonato de futebol da primeira divisão da Inglaterra. Os dois casos envolveram manipulação de resultados para beneficiar apostadores. Em

1915 o esquema aconteceu em um jogo entre Manchester United e Liverpool. O Manchester lutava para não cair para a segunda divisão e venceu o jogo por 2 a 0. Após a partida começaram a surgir denúncias de que uma grande quantidade de dinheiro foi apostada exatamente em uma vitória por 2 a 0 do Manchester. Estava-se pagando 7 libras para cada 1 apostada neste placar. Sete jogadores envolvidos foram banidos do futebol.

Já em 1960, na mesma Premier League os jogadores do Sheffield Wednesday, David Layne, Peter Swan e Tony Kay, armaram uma partida contra o Ipswich Town para ganharem dinheiro com apostas. Os três foram sentenciados a quatro meses de prisão.

Em 2005 foi descoberto um esquema na Bélgica. Diversos jogadores e os times do Lierse, La Louvière, Sint-Truiden, AEC Mons, Verbroedering Geel e Germinal Beerschot, foram acusados de receber dinheiro de um chinês, Ye Zheyun, empresário do mundo das apostas. Daí vem o tópico “Ye Zheyun, 05”. As investigações foram muito superficiais e a federação de futebol da Bélgica foi muito criticada. Jogadores e clubes sofreram apenas punições brandas. O chinês, Ye Zheyun, negou as acusações e é procurado pela Justiça belga até hoje.

O penúltimo tópico relatado por Lenora, “Edilson, 05”, dizia respeito a um caso ocorrido no Brasil. Em 2005, o árbitro Edilson Pereira de Carvalho foi acusado de participar de um esquema para beneficiar apostadores. Ele confessou que recebia dinheiro para interferir em

resultados de jogos que apitava para beneficiar uma quadrilha que fazia apostas pela internet. Os 11 jogos que Edilson apitou no campeonato

R U L I A N B M A F T U M 75

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Brasileiro da primeira divisão daquele ano tiveram que ser jogados novamente. O árbitro foi banido do esporte.

A última informação fez o rosto de Xavier arder. Como ele tinha deixado passar isso?

—

O que foi Xavier? Que cara é essa?

—

Lenora, esse caso “Edilson”. O Martino esteve envolvido nas investigações.

O jornalista contou então a Lenora o que se lembrava. Foi um dos maiores escândalos da história do futebol brasileiro. Poucos dias antes da denúncia ser revelada Xavier recebeu uma ligação do amigo para que fosse visitá-lo. Naquele dia Martino estava profundamente triste com alguma coisa. Conversaram por horas e o velho emocionou-se várias vezes depois de contar histórias sobre seus momentos inesquecíveis do futebol. Porém, ele não revelou o que o incomodava tanto.

Quando a notícia apareceu na imprensa Xavier compreendeu e procurou novamente o amigo. Foi então que Martino contou os detalhes da história. Segundo ele, o trabalho mais desagradável que fez em toda a

carreira. Ele não entendia como alguém podia desonrar o futebol de uma forma tão baixa.

—

Depois disso, Lenora, algo nele mudou. Eu nunca soube dizer o que foi, mas nos anos seguintes parecia que ele não tinha mais a mesma empolgação com o trabalho.

Lenora percebeu a grande tristeza de Xavier ao ter aquelas lembranças. Ela sabia que conhecia apenas uma pequena parte da vida de Martino. Estava sendo obrigada a entrar em contato com as outras de forma intensa. As vezes, quando ouvia histórias como esta, parecia que se tratava de outra pessoa.

—

Bom Xavier, só faltou o último tópico, “Operador, X”. Sobre isso não achei nada.

—

Como assim. Só faltou esse?

—

É. Não achei nada sobre isso. Nenhuma pista.

—

Que estranho. Como pode ter tanta informação sobre todos os tópicos e nada sobre um deles?

Lenora deu de ombros. Xavier largou os papéis e a caneta. Levantou e deu alguns passos pela sala. Lenora já sabia que era assim que ele

colocava as ideias em ordem. Xavier ficou em silêncio por alguns

R U L I A N B M A F T U M 76

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

segundos e depois se voltou novamente para a moça.

—

Como você resumiria sua pesquisa?

—

Bom, todos esses tópicos tem a ver com manipulações de resultados no futebol. Em várias épocas e em vários países.

—

Isso! E a grande maioria relaciona manipulação de jogos com apostas. Ou seja, times, jogadores, juízes que recebiam dinheiro para manipular resultados e beneficiar apostadores. E eu não tinha ideia de que isso acontecia tanto assim. E olha que estamos falando de escândalos em países ricos como Inglaterra, Alemanha, Itália. Imagine em outros países mais pobres?

Lenora concordou com a cabeça.

—

Hoje em dia é fácil apostar em futebol, Xavier. Existem muitos sites na internet que fazem isso. Eu posso apostar em jogos do mundo todo agora mesmo se quiser. Tenho amigos que fazem por diversão. Até eu já apostei algumas vezes.

—

Bom, depois ainda vamos precisar saber mais sobre o item que ficou faltando. Não podemos esquecer... - Xavier parou bruscamente o que estava falando – Bom trabalho! A pesquisa e o relato foram bastante consistentes. Já percebi que você daria uma boa jornalista se quisesse. .

–

Obrigada Xavier. Mas eu estou feliz com o que escolhi pra mim.

Xavier encarou Lenora por mais alguns instantes. Não conseguia saber se aquilo tinha sido mais uma patada, ou apenas uma ironia.

–

E você Xavier? Achou alguma coisa?

–

Ah, claro. Achei sim. Veja que interessante – Xavier pegou o papel que tinha ficado com ele e deu nas mãos de Lenora. A moça passou os olhos novamente sobre o que estava escrito Martin Sanderson (1972); Daniles Lefevre (1994); Manfred Gietz (2007); Leone Gatelli (2009).

–

Assim como na sua pesquisa aqui também há algumas, digamos assim, “coincidências”. Esses nomes se referem a jornalistas, todos eles jornalistas esportivos. As datas entre parênteses se referem ao ano de morte de cada um. Martin Sanderson era sueco. Achei duas ou três referências a textos dele da época. Parece que era uma pessoa respeitada na imprensa sueca. Daniles Lefevre era francês. Parece que era um jornalista bem polêmico. Achei até um texto dele mas não consegui

entender muita coisa.

—

Posso olhar? - Lenora se aproximou do monitor.

R U L I A N B M A F T U M 77

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Claro. Aqui está – Xavier maximizou a janela do navegador que continha o texto.

Lenora passou o olho nos escritos. Xavier aguardava com curiosidade.

—

É um texto que fala sobre a conquista da Eurocopa pela seleção da França em 1984. Deve ter sido um dos últimos textos do cara porque logo abaixo há um comentário rápido sobre a morte dele.

Lenora olhou para Xavier e recebeu de volta uma cara de espanto.

—

O que foi Xavier? Quer que eu te conte um pouco sobre a Eurocopa de 84?

—

Não é isso. Você fala francês?

—

Ah, é isso. Eu tive uma companheira de quarto na faculdade que era francesa. Acabei aprendendo um pouco de francês e ela um pouco de

italiano. Eu entendo quase tudo, mas não sei falar muito bem.

—

E quais outros idiomas você fala caso eu precise de ajuda?

—

Bom, eu falo inglês também.

Xavier deu um sorriso e voltou ao computador.

—

Imaginei que você fosse dizer que falava alemão. Aí poderia me ajudar com o que vem a seguir. Manfred Gietz, comentarista esportivo na Alemanha. Morreu em 2007. Tem algumas fotos dele aqui. Era comentarista de televisão. E o último é Leone Gatelli, jornalista italiano.

Você já ouviu falar dele?

—

O nome não me parece estranho, mas acho que não. Talvez minha mãe conheça.

—

Parece que era um jornalista conceituado na Itália. Também achei uns textos dele na internet. Mas não se preocupe que esses eu conseguir sozinho.

Lenora deu um leve sorriso.

—

E o mais interessante é que em um dos textos, mais um ensaio na verdade, ele fala sobre manipulação de resultados no futebol. Cita alguns

fatos de Copas do Mundo e tudo mais. Mas veja só. Parece que Leoni Gatelli foi um dos jornalistas que participou das investigações que estão na sua lista. No caso chamados de “Calciopoli”, em 2006.

—

Você acha que as duas listas podem ter relação?

—

O que eu tenho certeza é que seu pai não separou essas duas páginas por acaso. Então temos que levar em consideração qualquer

R U L I A N B M A F T U M 78

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

possibilidade de as informações se cruzarem. Eu mesmo já tentei perceber o que mais esses jornalistas poderiam ter em comum. Até no mapa eu olhei para ver os países de cada um – Xavier maximizou um mapa da Europa na tela.

A conversa dos dois foi interrompida pelo barulho do celular de Lenora. A moça correu para atender enquanto Xavier continuou olhando para as informações no monitor. Ele ouviu Lenora atender ao telefone. Era a mãe dela novamente. Mesmo da sala era possível ouvir a conversa.

—

Mãe, não faz isso! Eu não vou voltar agora, já falei!

Alguns segundos para que Lúcia falasse. Ficou claro que estava preocupada com a filha e queria que ela voltasse para casa.

—

Mãe, por favor para! Quantas vezes eu já viajei sozinha e nunca aconteceu nada. Pra quantos lugares eu já fui, hein? Eu já te falei que estou bem aqui no Brasil e que não posso voltar agora!

Xavier ouviu Lenora falar e lembrou rapidamente da história que ela havia contado. Era a primeira vez da moça no Brasil. Ela que já conhecia vários lugares do mundo mas nunca tinha estado no país onde o pai e a mãe nasceram. Estranhou mais uma vez o fato de em oito anos Martino nunca ter trazido a moça para o Brasil. Viajaram por vários países da Europa mas no Brasil não...

De repente a cabeça de Xavier pareceu explodir. Ele olhou fixamente para o monitor. Os olhos chegaram a embaçar e ele fez esforço para focalizar. Precisava ter certeza de que a idéia tinha fundamento. Aos poucos foi tomado por uma excitação tremenda. Um frio na barriga e um arrepio pelo corpo todo vieram em seguida. Ele pegou um pedaço de papel rapidamente e anotou algumas palavras: Suécia, França, Alemanha e Itália. Levantou e procurou por Lenora. Ela ainda estava no quarto. Desde o flash não tinha escutado mais nada, apenas as batidas aceleradas de seu coração. Andou apressado para o quarto e deu de cara com Lenora em pé ainda conversando com a mãe. Xavier começou a sacudir o pedaço de papel que tinha na mão ansiosamente. Lenora percebeu.

–

Só um minuto mãe. Já volto – Lenora colocou a mão em cima do

telefone.

—

O que foi Xavier? O que aconteceu?

—

Lenora, quais foram os países que você falou que foi visitar com o

R U L I A N B M A F T U M 79

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Martino? Naquelas viagens que vocês fizeram. Quais foram?

—

Mas porque isso agora? Estou falando com a minha mãe que está enchendo o saco para eu voltar para a Itália. Não dá pra você esperar um pouco?

—

Não, Lenora. Você não está entendendo. Tem que ser agora! Quais foram os países, por favor!

—

Ok Xavier! Primeiro minha mãe surtando e agora você! Os países que fui visitar com o Martino: Suécia, França, Alemanha e Itália. E este ano íamos para a Suíça antes de acontecer isso tudo.

Os olhos de Xavier se arregalaram. Ele olhou novamente para o papel que tinha nas mãos. A sequência ali escrita acabara de sair da boca de Lenora. Ele desabou sentado sobre a cama, incrédulo. Olhava fixamente para o papel enquanto seu cérebro fazia uma varredura com as

informações armazenadas. Precisava ter certeza. Mas ele já tinha certeza. Olhou para Lenora assustado. Ela havia acabado de desligar o telefone. Deu um grande suspiro. Estava irritada com a conversa que teve com a mãe. Xavier precisaria ter cuidado e pensar bem antes de falar aquilo para a moça, mas não conseguiu. Simplesmente despejou.

–

Lenora – ele se levantou e ficou frente a frente com ela – você estava falando com sua mãe no telefone, certo? Ela quer que você volte para casa, que você volte para a Itália.

–

É sim Xavier. Mas o que está acontecendo? Porque essa cara? O que tem nesse papel?

–

Você vai ligar pra ela e dizer que está voltando pra casa imediatamente.

–

Hã? Você ficou maluco? Como assim voltar pra casa? E a nossa investigação? Eu não vou deixar você fazer isso sozinho.

–

Mas você não vai me deixar sozinho.

Lenora olhou confusa para Xavier. Ela não estava entendendo nada.

–

Lenora, você vai ligar para sua mãe e dizer que você está voltando

para casa. E também vai perguntar se você pode levar um amigo junto.

—

Amigo? Quem?

—

Eu. Nós temos que ir para a Europa imediatamente. Eu e você.

Lenora não conseguia articular nenhuma palavra. Estava ali, encarando Xavier que agora segurava os braços dela e olhava fixamente em seus olhos.

R U L I A N B M A F T U M 80

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Lenora, você lembra que em uma de nossas conversas você me perguntou onde você entrava nessa história toda que está acontecendo?

Qual seria o seu papel nisso tudo?

—

Lembro, lembro sim. Até agora ainda não sei, pra falar a verdade.

—

Pois eu já sei. – Xavier mostrou o papel para Lenora – Você é o mapa.

R U L I A N B M A F T U M 81

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 4

“Era inocente, jovem e ingênuo, mas nada vai

me devolver essas duas temporadas. Posso dizer que tive sorte, já que o destino me reservaria grandes recompensas depois”.

Paolo Rossi, atacante da Itália na Copa de 82 sobre a diminuição que teve na punição por estar envolvido com apostas no escândalo Totonero.

Lúcia Silvano desligou o telefone apreensiva. Era a filha dela, Lenora, avisando que estava voltando para casa. Isto normalmente seria motivo para deixá-la feliz, mas não agora. Minutos antes, as duas discutiram asperamente sobre o assunto. Lúcia tentava convencer a filha a voltar para casa, mas Lenora resistia. Insistiu até onde foi possível. Desligou o telefone sem que o objetivo fosse cumprido. Lenora deixou bem claro que não havia a menor hipótese de voltar para a Itália naquele momento.

Nem uma hora havia se passado quando a filha ligou avisando que pegaria um voo para a Itália no dia seguinte. Em um primeiro momento, Lúcia imaginou que Lenora tivesse pensado melhor na conversa de antes. Mas não era isso. E ela teve certeza quando a filha avisou que junto com ela no avião estaria o tal Xavier Delabona. Lenora não deu chance da mãe sequer tocar no assunto. Disse que explicaria tudo quando chegassem à Itália. Lúcia preferiu não insistir. No momento, ter a filha de volta em casa já era mais do que suficiente para tranquilizá-la.

Lúcia Silvano sabia que havia algo errado naquela história toda, partindo do convite de Martino para que a filha fosse ao Brasil. Desde que

soube da existência de Lenora, Martino nunca cogitou a hipótese de levar a filha para conhecer o Brasil. Era ele quem sempre ia encontrá-la em algum lugar da Europa. Inclusive, estavam com tudo combinado para passar uns dias juntos na Suíça. E, de repente, ele envia uma carta com

R U L I A N B M A F T U M 82

CAIXINHA DE SURPRESAS

as passagens convidando a filha a ir ao Brasil.

O jornalista tinha o hábito de sempre ligar para Lucia antes das viagens que fazia com Lenora. Explicava para ela o roteiro do destino em questão e até deixava os telefones dos hotéis que eles iriam ficar. Porém, desta vez foi diferente pois Martino não ligou. Lúcia tentou falar com ele por algumas vezes, sem sucesso, o que a deixou ainda mais preocupada. Por isso tentou dissuadir Lenora a ir, mas sabia que não ia conseguir nada. Martino tinha virado uma espécie de ídolo para a filha. Ela faria de tudo para corresponder a qualquer pedido dele.

Depois que desligou o telefone, Lúcia se olhou atentamente no espelho que ficava ao lado da cama. Ela estava há três dias guiando um grupo de turistas pela região do Veneto. Há anos ela organizava excursões daquele tipo. Era uma das poucas viagens de trabalho que Lúcia ainda tinha prazer em fazer. Mas, desta vez, a preocupação com a filha não permitiu que ela aproveitasse os passeios.

Ajeitou os cabelos lentamente e percebeu que a preocupação estava estampada na cara. Não havia coisa que incomodasse mais Lúcia Silvano

do que se ver naquele estado. Ela se orgulhava de ser uma mulher vaidosa. Tinha consciência de que não era uma beldade, mas sabia usar o charme que tinha. Isso, somado a uma boa dose de segurança, a tornava uma mulher atraente, até mais do que quando era jovem.

Lúcia nunca quis se casar. Sempre foi uma mulher independente, daquelas que impõe respeito, mesmo para os homens. Decidiu, já muito cedo, que seria dona do próprio nariz. Começou a trabalhar logo com 16 anos. Servia de guia para jovens turistas brasileiros que queriam conhecer a Itália. Logo, o trabalho foi ganhando proporções positivas e isso permitiu a ela ter uma vida confortável o que afastava cada vez mais a ideia de ter um marido e filhos.

Olhou-se atentamente no espelho novamente enquanto se despia para tomar um banho. Lúcia gostava de olhar para o próprio corpo nu. Tinha os cabelos negros e compridos que contrastavam com os olhos verdes. O corpo era bem desenhado, resultado de uma vida onde a atividade física sempre teve lugar. Por conta disso, tinha agora 45 anos mas continuava com a vitalidade dos 25. Foi com essa idade que ela descobriu que estava grávida. Uma gravidez não planejada que a pegou de surpresa e que mudou todo o roteiro de sua vida.

R U L I A N B M A F T U M 83

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Martino Andreatto era um dos jornalistas brasileiros que Lúcia atendeu durante a Copa do Mundo de 1990, na Itália. De cara percebeu

que se tratava de um homem pretensioso e irritante, daqueles que sempre acha que tem razão em tudo. Mas os dias passaram e por algum motivo, Martino foi se tornando interessante. Talvez porque tenha sido o único dos dez jornalistas homens ali presentes que não tentou passar uma cantada nela.

Mas não era só isso. Lúcia foi sendo envolvida. Ele não fazia o tipo dela, era mais velho e muito desleixado com a aparência. Nitidamente não praticava esportes, ao contrário de Lúcia que não conseguia ficar sem alguma atividade física pelo menos uma vez por dia. Os dois acabaram se envolvendo quase no final da viagem. Eles sabiam que aquilo não teria futuro e nem cogitaram a ideia de emplacar um namoro à distância. Um mês depois da despedida Lúcia teve a notícia que mudaria sua vida. Ela estava grávida.

Sorriu para si mesma no espelho. Lembrou o quanto aquela notícia mexeu com sua cabeça vinte anos atrás. Resolveu que teria a filha sozinha e que não contaria nada a Martino. Afinal, de que ia adiantar? Não precisou passar muito tempo com o homem para saber que ele não conseguia nem cuidar de si próprio direito, quanto mais de uma criança. Lúcia olhou para o telefone que estava em cima da mesa de cabeceira e lembrou-se de Lenora. Agradecia sempre ao destino diferente que sua vida tomou depois que teve uma filha. Lenora era a única coisa que importava, a pessoa que Lucia mais amava na vida. Faria qualquer coisa para protegê-la, para garantir a felicidade dela. E ela estava

voltando para casa. Em algumas horas ficariam juntas novamente.

* * *

Depois de se acalmar um pouco Xavier relatou a Lenora o que o levou a ficar daquele jeito. As coisas vieram como um flash. Tudo o que estava acontecendo não era mesmo por acaso. A carta que Martino enviou para Lenora, o convite para que ela viesse ao Brasil, as folhas de papel deixadas dentro de uma capa de DVD. Martino sabia que estava correndo risco de vida e preparou tudo para que Lenora e ele, Xavier, descobrissem o que estava investigando.

R U L I A N B M A F T U M 84

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Eu ainda não consigo acreditar que meu pai tenha sido assassinado. E o pior é que se o que você está me dizendo for verdade ele sabia que estava correndo risco. Então por que ele não pediu ajuda Xavier? Por que não procurou a polícia?

—

Lenora, seu pai nunca acreditou muito na polícia. Mas tenho certeza de que se ele preparou tudo isso é porque o assunto deve ser muito sério.

—

Então você acha que ele estava investigando alguma coisa relacionada a manipulação de resultados em partidas de futebol? Mas

porque tanto mistério então? Muita gente já publicou coisas sobre isso e não morreu.

—

Bom, isso eu não sei responder agora. O que eu tenho certeza é que seu pai estava sim investigando alguma coisa sobre esse assunto. Veja, Lenora, é só juntarmos as peças. Seu pai escreve uma carta para você. No texto ele destaca que quer que você me conheça e que teremos muito para conversar. Junto com a carta ele envia uma escalação misteriosa. Ele sabia que só você poderia identificar o erro. O que nos leva ao filme que estava dentro do DVD. Ele sabia que só eu descobriria do que se tratava.

Lenora acompanhava atentamente, se controlando para não interromper.

—

Aí achamos dentro da capa do DVD aquelas duas folhas de papel. Uma delas faz citações a vários escândalos de manipulação de resultados em partidas de futebol no mundo todo, em várias épocas diferentes. E a outra leva ao nome de alguns jornalistas esportivos. Ao que parece, esses jornalistas tem alguma ligação com essas investigações sobre manipulação de resultados. O Martino deve ter descoberto isso e resolveu ir atrás das histórias desses homens. Ele aproveitava as viagens que gostava de fazer com você para investigar as coisas. É por isso que a sequência de países onde moravam esses jornalistas é a mesma

seqüência de viagens que você fez com o Martino nos últimos anos.

—

Pelo que você está falando, o Martino só viajava comigo para investigar essas coisas? Eu era apenas um pretexto então?

Xavier sentiu que teria que ir um pouco mais devagar. Estava tocando em um ponto muito delicado na relação entre Lenora e Martino. Precisaria tomar muito cuidado com as palavras. Também assustava a ele

R U L I A N B M A F T U M 85

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

o fato do amigo ter provocado toda aquela situação.

—

Lenora, olha só. Eu não acho que seu pai tenha feito isso de propósito. Pra mim ele aproveitava as viagens que fazia com você para investigar essas coisas. Veja, você mesmo nunca se deu conta disso. Pelo que pude perceber você gostou muito dessas viagens que fez com ele, certo?

Lenora apenas concordou com a cabeça.

—

Então, não tem porque você pensar que seu pai só viajou com você porque queria investigar alguma coisa. Se isso fosse verdade você teria percebido, não acha?

Lenora torceu a boca como que concordando.

—

Para mim o que está importando agora é que, por algum motivo, seu pai quis que nós nos encontrássemos. Ele sabia que estava correndo risco de vida e deixou as pistas para que nós continuássemos de alguma forma o trabalho que ele começou e que pode tê-lo levado à morte. Seu pai sempre fez muito por mim Lenora – Xavier fez uma pausa nitidamente emocionado – Agora eu preciso descobrir o que o levou a se arriscar desse jeito. Eu não tenho como seguir a minha vida sem atender esse pedido dele, você entende?

Lenora levantou a cabeça e os dois se olharam por alguns segundos.

–

Outra certeza que eu tenho é que eu não vou conseguir muita coisa sem sua ajuda. Seu pai também sabia disso. É por esse motivo que ele nos colocou juntos. As duas pessoas que ele mais confiava no mundo. Talvez as únicas duas.

Os olhos de Lenora estavam congelados, olhando para o nada.

–

E está claro pra mim que a única forma de descobrir o que está acontecendo é refazer os passos do seu pai. Por isso temos que ir para aqueles países, os que você esteve com ele. É por isso que eu disse que você é uma espécie de mapa. Sem você eu não vou conseguir nada e seu pai sabia disso.

Mais alguns segundos se passaram em silêncio. Xavier olhava para

Lenora a espera de algum sinal.

—

Ok, Xavier, Ok Parece que você tem razão. Eu também não conseguiria mais dormir pensando que a última coisa que meu pai fez em vida foi pedir a minha ajuda. O que você quer que eu faça então?

R U L I A N B M A F T U M 86

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Ligue para sua mãe. Diga que você está voltando para casa. Diga também que eu estou indo junto com você. É claro que ela vai querer saber porque mas você não pode falar nada, entendeu? Apenas diga que quando nós chegarmos lá explicaremos tudo a ela.

Lenora concordou. Pegou novamente o telefone e ligou para a mãe.

* * *

Xavier e Lenora usaram o resto do dia para agilizar a viagem.

Conseguiram assentos em um voo que partia no dia seguinte para a Itália.

Xavier ligou então para seu editor, Paulo Camargo. Disse que aceitaria a sugestão da última conversa que tiveram tiraria as férias vencidas. Avisou que viajaria já no dia seguinte rumo a Itália e que se o jornal precisasse de alguma colaboração de lá neste período estava à disposição.

Passou, então, em casa para arrumar as malas. Há dias não pisava no próprio apartamento. Lenora estava com ele. Decidiram passar a noite ali e ir direto para o aeroporto no dia seguinte. Xavier colocou a mala de

viagens em cima da cama e começou a separar as roupas. Ele nunca tinha ido a Europa antes. Lenora ajudou a decidir que tipo de roupa levar. Era outono por lá e a moça sugeriu que ele caprichasse nas calças, blusas e, principalmente, nos casacos. Ela lembrou também para que ele não esquecesse o passaporte. Xavier abriu uma das gavetas de dentro do armário e pegou o documento. Há cinco anos a família Delabona inteira conseguira a cidadania italiana. Xavier tirou o passaporte italiano pensando em usá-lo em algumas viagens de turismo pelo continente. Nunca pensou que a sua primeira vez como cidadão italiano seria por um motivo daquele.

* * *

No avião, a caminho da Itália, Lenora Silvano e Xavier Delabona perceberam que, apesar de estarem juntos há dias convivendo intensamente, um sabia muito pouco da vida do outro. Decidiram aproveitar as nove horas de voo para se conhecerem melhor. Primeiro foi Xavier. Ele contou a Lenora mais detalhes sobre a cidade de onde ele e Martino vieram. Pela primeira vez Lenora soube um pouco sobre os avós paternos. Martino quase não tocava no assunto quando estava com a filha. Xavier também contou sobre a infância dele, a ida para estudar em uma cidade grande, e escolha da profissão de jornalista, o fato de nunca ter se casado e de não querer ter filhos.

R U L I A N B M A F T U M 87

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Xavier lembrou também de histórias que ele e Martino passaram no 401 nos quase dez anos em que moraram juntos. Contou de algumas discussões sobre futebol, que valeram boas risadas de Lenora. Elas não eram sobre esquemas táticos ou a convocação da seleção brasileira. Eram sempre discussões sobre o porquê de se dar tanta importância ao futebol. Martino gostava de cutucar Xavier sobre o assunto e ele não fugia da raia e dava sempre o troco.

Lenora quis saber se Xavier se interessava por algum esporte. O jornalista contou que nunca foi muito ligado no assunto, muito menos como praticante. Xavier lembrou, constrangido, algumas experiências esportivas desastrosas que teve durante a vida. Percebeu logo que não ia se dar muito bem insistindo. Conseguia apenas correr de vez em quando. Essa era a única modalidade que a coordenação motora dele permitia. Enquanto Xavier Delabona contava suas histórias Lenora foi traçando um perfil mais detalhado do jornalista. Já tinha percebido que era um homem tímido, mas de lucidez e inteligência marcantes. Essas características já tinham sido relatadas por Martino em algumas conversas sobre Xavier. Lenora também notara a aversão de Xavier por esportes. Ela só não imaginava que o nível era tão alto. Afinal, pessoas que ignoram a prática esportiva normalmente são desengonçadas e estabanas. Não era o caso de Xavier.

Aquele jeito meio despreocupado de ser até tinha seu charme.

Lenora chegou a se perguntar se poderia se interessar por um homem

assim. Logo soube que não. Seria muito difícil ter algo com uma pessoa que ignorava o assunto que ela amava. Mesmo assim, uma sintonia estranha com o jornalista era evidente. Xavier era o tipo de pessoa que inspirava confiança.

Era a vez de Lenora. Ela começou falando de seu amor pelo esporte. Praticava de tudo: corrida, futebol, boxe, capoeira, natação, musculação. Não por acaso escolheu educação física na universidade, curso que tinha começado um ano antes. Estudava em uma cidade próxima a Turim.

Lenora contou que foi uma opção dela morar na universidade. Em geral,

R U L I A N B M A F T U M 88

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

nos finais de semana voltava para casa da mãe. A exceção apenas quando havia alguma maratona pela Europa, competições que a moça participava desde os 16 anos. Nunca namorou sério e não quis dar mais detalhes sobre o assunto.

Contou que a paixão pelo futebol já existia desde criança, mas não encontrava muita ressonância nos ciclos que frequentava. Afinal, uma mulher que entende de futebol ainda é um tabu complicado de ser vencido, inclusive na Itália. Foi quando conheceu o pai que Lenora pode encontrar o ambiente ideal para intensificar a paixão pelo assunto.

Encontrou em Martino um ouvinte atento e um professor paciente e empolgado. Quando os dois estavam juntos era o que dominava todos os momentos, falar sobre futebol.

A ideia que Xavier tinha sobre Lenora foi sendo formada aos poucos. Mas a conversa no avião serviu para que o jornalista confirmasse o senso de observação que tinha das pessoas. Xavier sabia que era bom nisso. Ele pôde perceber mais uma vez que estava ao lado de uma mulher, apesar de ter apenas vinte anos. Uma pessoa corajosa, do tipo que dá medo nos homens.

Lenora tinha feições fortes, mas isso em nada tirava a feminilidade dela. Xavier demorou um pouco para perceber. Afinal, Lenora teimava em esconder o corpo em roupas largas. Mas logo o jornalista notou que além de bonitos cabelos loiros e olhos verdes, havia ali um belo corpo mantido com muito esporte e dedicação. Xavier não lembrou mais uma vez na ironia que representava. A filha de Martino Andreatto, um mórbido convicto, é uma atleta.

Ao mesmo tempo aquela obsessão toda por esportes deixava o jornalista um pouco ressabiado. Atentou-se de forma mais concreta naquela manhã, antes de embarcarem. Lenora pulou da cama muito cedo e saiu para correr. Quando Xavier acordou deu de cara com a moça chegando ao apartamento, extenuada. Mesmo assim, em seguida, ela começou uma bateria louca de abdominais e alongamentos que durou cerca de uma hora. Ele perguntou se aquela dedicação toda tinha algum propósito, uma competição ou coisa parecida. A resposta deu a certeza de que a competição era com ela mesma, para superar os próprios limites.

CAIXINHA DE SURPRESAS

* * *

Xavier Delabona abriu os olhos um pouco assustado. Olhou no relógio. Tinham-se passado duas horas. Pensou no quanto devia estar cansado pois nunca tivera o hábito de dormir durante o dia. Por alguns segundos, teve dificuldades para saber onde estava. O quarto de hóspedes da casa de Lucia Silvano era espaçoso. Tinha uma cama grande, uma escrivaninha, um bom guarda roupas e um banheiro. Possuía uma decoração sóbria, mas aconchegante.

Xavier olhou no relógio novamente e os últimos acontecimentos foram surgindo em sua mente. Logo que chegaram ao aeroporto, em Turim, ele e Lenora foram recepcionados por Lucia. E de cara o jornalista viu de onde vinha boa parte da beleza de Lenora. Lucia era uma mulher que chamava a atenção. Xavier fez o possível para disfarçar o encantamento inicial que sentiu por ela.

Desde o primeiro momento, Lúcia se mostrou muito simpática e atenciosa com ele. Durante todo o trajeto do aeroporto até a casa não fez muitas perguntas. Mas Xavier sabia que não era por falta de vontade. Antes de pegarem as malas, Lenora saiu para encontrar a mãe que já esperava no desembarque. Deve ter pedido a ela que evitasse as perguntas.

Ao chegarem em casa Lucia quis preparar algo para que comessem, mas ele não estava com fome. Pensou também que seria bom deixar mãe

e filha sozinhas por algum tempo. Lenora, então, o levou até o quarto de hóspedes e o deixou sozinho.

Mais algumas batidas. A primeira sequência foi o motivo que o levou a acordar. Levantou-se com um pouco de dificuldade e caminhou até a porta. Ao abri-la se deparou com Lenora de costas no corredor. Ela já estava indo embora, mas ao ouvir a porta se abrir olhou para Xavier com um sorriso constrangido.

–

Desculpe ter te acordado. É que encontrei uma coisa e não ia conseguir esperar para te mostrar.

–

Tudo bem. Já tinha dormido demais mesmo - Xavier fez sinal com a mão para que Lenora entrasse no quarto. Ela fechou a porta.

–

O que você encontrou?

Lenora estendeu um jornal para Xavier. Ele pegou a publicação nas mãos e passou os olhos pela página indicada.

R U L I A N B M A F T U M 90

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

–

O que tem isso?

–

Olhe essa notinha aqui – Lenora indicou um pequeno texto do lado

esquerdo inferior da página do jornal.

Xavier apertou os olhos para ler o que estava escrito. A leitura dele de italiano era boa, mas passou os olhos mais uma vez por garantia.

–

É uma notícia que fala sobre um esquema de manipulação de resultados no futebol europeu – interrompeu Lenora nitidamente ansiosa.

–

Eu entendi o texto. Não dá muitos detalhes, mas aqui diz que esse pode ser “o maior escândalo de manipulação de resultados de todos os tempos”. O texto diz que estão sendo investigados 40 casos suspeitos de jogos que teriam sido manipulados em torneios importantes na Europa.

–

E tudo relacionado a apostas – completou a moça.

Xavier levantou os olhos do jornal e encontrou os de Lenora. Passou a entender a excitação dela. Voltou rapidamente os olhos para o jornal cor de rosa que tinha em mãos.

–

Esse jornal é de anteontem.

–

É. O caso é recente mesmo. Estava dando uma olhada nos jornais de esporte para me atualizar das notícias dos últimos dias quando me deparei com isso. Já pesquisei na internet e outros jornais também publicaram as mesmas informações. Ainda não tem muita coisa porque

eles devem estar querendo manter sigilo para não atrapalhar as investigações.

Xavier pensou em silêncio por alguns segundos. De repente, o jornalista abriu a gaveta ao lado da cama e pegou o bloco de anotações e uma caneta.

—

Precisamos saber mais detalhes dessa história. Segundo o jornal quem está responsável pela investigação por enquanto é essa tal UEFA.

—

É a entidade que controla o futebol aqui da Europa.

—

Ok. Vamos precisar entrar em contato com eles para ver o que mais podemos conseguir. Precisamos descobrir o contato...

Quando Xavier se virou encontrou Lenora com a mão estendida segurando um pedaço de papel. O jornalista pegou a folha nas mãos sem entender. Ali estavam os telefones da UEFA e os nomes de algumas pessoas.

—

Eu achei que você fosse querer isso. Me adiantei um pouco. Espero que não se importe – ela sorriu maliciosamente.

R U L I A N B M A F T U M 91

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Xavier retribuiu o sorriso. A sintonia dos dois parecia cada vez mais

afinada. Ele se sentiu seguro por saber que poderia contar com o apoio total de Lenora nas investigações. Sem ela seria muito difícil conseguir alguma coisa.

A ligação foi feita em seguida, ali mesmo do quarto onde estavam.

Ele pediu para que Lenora falasse ao telefone enquanto ia orientando-a sobre o que perguntar. Disse para que ela se apresentasse como repórter do jornal onde Xavier trabalhava e que estava fazendo uma pesquisa para uma reportagem. Durante a conversa mais uma vez ficou surpreso com a desenvoltura e com a perspicácia de Lenora. Pensou na grande jornalista que ela poderia ser. Aquilo só comprovava a tese que Xavier sempre defendera. O jornalismo está no sangue e não é uma coisa que se aprende nos bancos de universidades.

Lenora desligou o telefone. Em pouco mais de dez minutos falou em italiano e inglês com a mesma desenvoltura. Xavier entendeu uma parte da conversa de Lenora com duas pessoas diferentes. Ele ia orientando a moça cochichando no ouvido dela algumas perguntas. Conseguiram falar com uma assessora de imprensa da UEFA. Não parecia ser alguém importante.

Mas Xavier sabia que nessas horas isso era melhor do que falar com os cabeças. Normalmente estas pessoas de segundo escalão são mais fáceis de serem dobradas. Conseguiram que o rapaz desse algumas informações importantes. A UEFA estava investigando o caso, mas já havia pedido o apoio da polícia, no caso a Interpol. Ninguém estava

autorizado a falar sobre o assunto, a não ser confirmar as informações divulgadas na imprensa. Mas eles insistiram e conseguiram que o rapaz revelasse o nome do investigador responsável pelo caso na Interpol. O nome era Paul Santini.

—

E agora? Perguntou Lenora logo após desligar o telefone. Xavier já estava em pé caminhando pelo quarto enquanto olhava as anotações em sua caderneta.

—

Precisamos entrar em contato com esse Paul Santini. Mas tem que ser pessoalmente. Preciso ver se é possível confiar nele. Quem sabe ele nos ajude.

—

Você acha que a polícia vai acreditar em nós?

—

Não sei. Ao que tudo indica, não. Mas quero saber um pouco mais

R U L I A N B M A F T U M 92

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

sobre o que a polícia já tem dessas histórias de manipulação de resultados e apostas. E, neste caso, não adianta ligar. Temos que conversar pessoalmente com esse cara. Precisamos descobrir onde ele está.

A parceria de Xavier e Lenora entrou em ação mais uma vez. Eles

conseguiram um contato geral da Interpol em uma pesquisa rápida na internet. Lenora ligou e, seguindo as dicas de Xavier ao pé do ouvido, descobriu onde estava o tal inspetor. Não conseguiram falar com ele, porém confirmaram que estava mesmo responsável pela investigação. O inspetor Paul Santini ficava no escritório da Interpol em Londres.

* * *

Paul Santini era um investigador em ascensão na Interpol. Em pouco tempo construiu uma carreira sólida na polícia internacional. Começou na Polícia de Londres, com 28 anos. Mas não demorou para que o talento investigativo dele se sobressaísse e a Interpol o convidasse para fazer parte dos quadros da organização.

Além do talento para o trabalho, Paul Santini era o tipo de homem que impunha respeito já pela aparência. Tinha 1,90m e um corpo atlético, resultado dos anos de prática de duatlo. Os cabelos negros cortados bem curtos destacavam ainda mais seu rosto anguloso e o nariz proeminente, traços que ele herdara de seu pai francês. A voz era firme, quase ameaçadora, esta herança da mãe inglesa. Santini se orgulhava da mistura que ele significava. Não se considerava nem mais inglês e nem mais francês. Sempre fez questão de dominar os dois idiomas com a mesma intensidade. Considerava que essa herança genética peculiar era um dos fatores de seu sucesso.

Nos primeiros anos como investigador da Interpol, Paul Santini participou de alguns casos importantes, sempre com atuação destacada.

Por isso, não foi surpresa para ele quando a investigação sobre manipulação de resultados no futebol caiu em suas mãos. Santini sabia que era uma grande oportunidade para sua carreira. Ele via aquilo como o último teste. Caso contrário, acreditava ele, o trabalho não teria lhe sido entregue pelas mãos do próprio superintendente.

Na primeira lida que Santini deu no processo percebeu que se

R U L I A N B M A F T U M 93

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

tratava mesmo de uma coisa grande. A suspeita era bem fundamentada.

Seriam no mínimo 40 jogos, disputados nos quatro anos anteriores, manipulados para beneficiar apostadores. Boa parte destas partidas envolveram equipes de futebol de países do Leste Europeu. Vários dos jogos sob suspeita foram de fases classificatórias dos dois torneios mais importantes da Europa, a Liga dos Campeões e Copa UEFA.

Santini não era bem um fã de futebol, por isso passou horas estudando o assunto e se informando sobre casos parecidos. Em pouco mais de uma semana já tinha um montante de informações bastante grande. Sabia da importância de se apropriar do conteúdo antes de encarar as pessoas envolvidas com o processo.

Porém, já se passavam quase três semanas. A investigação andava a passos lentos, bem mais lentos do que ele gostaria. Santini perdera a conta da quantidade de vezes que olhou para aquelas informações. A UEFA ainda concentrava boa parte das coisas e isso não agradava nada a

Santini. Gostava de ter controle total sobre o que estava investigando. Até aquele ponto, a Interpol atuava como mera coadjuvante no processo. Por isso, Paul Santini ficou surpreso quando recebeu um telefonema de uma repórter pedindo para marcar uma entrevista.

O interesse da imprensa pelo assunto era pequeno até então. Ficou mais surpreso ainda quando a moça disse que era de um jornal do Brasil. Em princípio, ele relutou, até porque não teria muito mais o que divulgar. Mas, antes de dizer não, percebeu que poderia ser uma boa oportunidade para agitar as coisas. O caso precisa disso, ele pensou. Ele sabia que um pouco de agitação bem medida na imprensa sempre ajudava a acelerar as coisas. Resolveu receber a repórter. Ela viria acompanhada por outro jornalista. Os dois já se encontravam em Londres. Santini marcou para o dia seguinte. Era melhor fazer isso logo antes que alguém interferisse.

* * *

Lenora Silvano e Xavier Delabona chegaram pouco antes das 11 da manhã a sede da Interpol, em Londres. Propositadamente se hospedaram em um hotel próximo para facilitar. Xavier ficou surpreso com o fato de o inspetor Paul Santini ter marcado a entrevista logo para o dia seguinte, e pessoalmente. Como jornalista experiente ele sabia que as chances de

R U L I A N B M A F T U M 94

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

isso acontecer eram pequenas. Mais uma vez se rendeu ao talento de Lenora, que conduziu a conversa com Santini de forma magistral no dia

anterior. Agora estavam os dois ali, aguardando na recepção.

Cinco minutos antes do horário combinado os dois foram guiados por uma recepcionista a uma sala de reuniões que ficava próxima a entrada do prédio. Uma copeira serviu água e café. Onze horas em ponto entrou pela porta um homem alto e de porte atlético impecavelmente vestido com um terno azul marinho feito sob medida e sapatos lustrados. Sem dúvida o inspetor tinha uma presença imponente. Em poucos segundos, Paul Santini se apresentou apertando as mãos dele e de Lenora e tomou um lugar do outro lado da mesa.

Xavier encarou a moça, mas ela não parecia nem um pouco incomodada com o homem que acabara de entrar na sala. Nos olhos dela Xavier pôde perceber apenas a empolgação com a situação. Lenora estava gostando de bancar a jornalista, isso era fato. Até deixara de lado os agasalhos esportivos e vestia uma calça jeans preta e um sobretudo muito elegante. Prendeu os cabelos para trás. Parecia realmente mais velha. Quando encontrou Lenora na recepção do hotel Xavier mal a reconheceu.

—

Em que posso ajudá-los? Santini falava em um inglês britânico com aquele sotaque tão característico.

—

Bom inspetor, como lhe adiantei ontem pelo telefone eu e meu colega Xavier Delabona estamos fazendo uma matéria para nosso jornal

sobre o escândalo de jogos manipulados aqui na Europa. Gostaríamos de saber mais informações sobre o caso.

Foi Lenora quem tomou a iniciativa. Mais uma vez Xavier lamentou por não ter dedicado mais tempo ao estudo de inglês. Lembrou-se que teve várias oportunidades de aprender a língua, inclusive um intercâmbio nos Estados Unidos oferecido pelo jornal. Xavier nunca se interessou. Mesmo assim, desde que chegara a Londres, já tinha percebido uma melhora significativa em sua compreensão do idioma. Mas nada que lhe desse confiança para conduzir uma entrevista. Essa parte ficaria com Lenora.

—
Foi o pessoal da UEFA que disse para vocês me procurarem? A voz gutural de Santini tirou Xavier de seus pensamentos como um raio.

—
Foi sim. Entramos em contato e a informação que eles nos deram é

R U L I A N B M A F T U M 95

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

que o senhor é responsável pelas investigações.

—
Hum! Santini fez uma pausa inusitada. Olhou cuidadosamente para Xavier e depois para Lenora.

—
E porque um jornal brasileiro iria se interessar por esse assunto?

Afinal o caso envolve o futebol europeu.

Antes que Lenora abrisse a boca de novo Xavier pegou no braço da moça e cochichou algo no ouvido dela.

—

Senhor Santini, o senhor deve saber que os brasileiros são apaixonados por futebol. Inclusive há muitos jogadores brasileiros atuando aqui nos times da Europa. Eu e meu colega Xavier estamos justamente fazendo matérias sobre jogadores brasileiros que jogam nos times daqui. Foi quando soubemos das denúncias.

Santini olhou mais uma vez fixamente para Xavier e Lenora.

Recostou-se na cadeira e tomou um gole de água, sem nenhuma pressa.

—

Infelizmente o que tenho para divulgar não é muito diferente do que vocês leram na imprensa.

—

Quer dizer que é verdade mesmo o que saiu na imprensa? Podemos ter um escândalo em grandes proporções? Lenora lia discretamente algumas perguntas anotadas em seu caderninho. Ela e Xavier tinham preparado isso logo pela manhã.

—

Sim. Se as denúncias forem confirmadas o escândalo vai ser dos grandes.

—

E qual está sendo a rotina das investigações?

—

Bom, isso eu não posso revelar, você sabe. A Interpol e a UEFA estão trabalhando em conjunto para que essas denúncias sejam investigadas o mais rápido possível.

—

Mas as suspeitas apontam para jogos que teriam sido manipulados para beneficiar apostadores, correto?

—

Isso mesmo. É isso que estamos investigando. Equipes e jogadores teriam beneficiado apostadores manipulando resultados de partidas.

—

Inspetor Santini – Xavier interrompeu a conversa e falava em bom português – o senhor acredita que podemos ter uma máfia mundial de apostas? Que jogos podem ter sido manipulados no mundo todo para beneficiar essa máfia?

Santini olhou curioso para Lenora. A moça se assustou com a interferência de Xavier. Tinham combinado que ela faria as perguntas

R U L I A N B M A F T U M 96

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

porque Xavier não se sentia seguro para conduzir a entrevista em inglês.

O jornalista deu um sinal com a cabeça pedindo para que ela traduzisse a pergunta. E assim ela o fez.

O olhar de Santini passou mais uma vez por Xavier e Lenora. Ele parecia bastante surpreso com a pergunta.

—

A investigação aponta para esquemas de apostas. Mas não podemos provar que isso seja parte de uma rede maior, uma máfia, como o senhor acaba de citar.

Lenora ia começar a traduzir a resposta mas um movimento de mão de Xavier deixou claro que ele tinha entendido a resposta.

—

E se eu lhe disser que estamos trabalhando em uma investigação que pode apontar a existência de manipulação de jogos ao longo da história. E que isso tudo pode estar ligado sim a uma grande rede internacional.

Desta vez Lenora traduziu logo em seguida.

Havia uma tensão nítida no ar. Santini curvou o corpo para frente e ficou mais próximo a Xavier. Estudou mais uma vez o jornalista que continuou encarando o investigador.

—

O senhor tem provas disso que está falando?

—

Elas ainda não são consistentes. Mas gostaria de saber se interessaria a vocês ter acesso ao que possamos descobrir.

Lenora traduziu rapidamente. Ela sentiu o coração bater mais forte.

Santini reclinou-se novamente para trás e ficou em silêncio.

Silêncio que não demorou muito. Xavier pediu para que Lenora o traduzisse. Falou pausadamente para dar tempo da moça repetir com cuidado.

—

Veja só inspetor. Para mim está nítido o que está acontecendo aqui. As investigações estão a passos de tartaruga e o senhor resolveu nos receber porque precisa de um pouco de publicidade. Isso é assim no Brasil e pelo visto aqui não é diferente. O que eu estou lhe oferecendo é um novo caminho para seu trabalho. Uma coisa é investigar esquemas de apostas em meia dúzia de jogos. A outra é trabalhar com base em uma hipótese como esta que estou lhe trazendo.

Santini ouviu aquilo com atenção. Reclinou-se para frente mais uma vez ficando de cara com Xavier. Desta vez adotou um olhar bastante ameaçador.

R U L I A N B M A F T U M 97

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Veja, meu senhor. No seu país pode ser que a polícia investigue coisas sem ter provas. Mas aqui é diferente. Temos procedimentos bem claros de investigação. E a regra básica é que denúncias precisam de provas. Você está fazendo uma denúncia muito séria, mas não tem sequer uma prova sobre isso, ou será que tem?

Lenora olhou assustada para Xavier. Desde a saída da Itália rumo a Londres os dois discutiram algumas hipóteses sobre a investigação que Martino estava fazendo antes de morrer. Foi Xavier quem trouxe a ideia de uma possível máfia de apostas. Para ele isso explicaria o fato de Martino ter relacionado diversos escândalos de manipulação de resultados em momentos históricos diferentes. Mas aquela foi apenas uma das hipóteses levantadas. Por isso Lenora ficou tão ressabiada com o fato de Xavier ter trazido aquilo na frente do Inspetor Santini. Os dois tinham combinado uma abordagem branda e até ensaiado no café da manhã. A ideia era tentar arrancar o máximo possível de informações e ir embora. Lenora temeu que Xavier resolvesse revelar a história toda que tinha levado os dois até ali. Percebeu no rosto dele que a vontade era de contar tudo ao inspetor.

—

O que eu tenho ainda não pode ser revelado. Gostaria apenas de pedir que ficasse atento ao que acabei de falar. No momento oportuno me comprometo a compartilhar as informações com o senhor.

O jornalista se levantou e deu a volta na mesa. Lenora seguiu os movimentos dele logo em seguida, ainda meio atordoada. Apertaram a mão de Santini e deixaram a sala. Em poucos minutos estavam novamente na rua indo em direção ao hotel.

* * *

Xavier Delabona mudou a estratégia da conversa assim que bateu

os olhos em Paul Santini. Percebeu em pouco tempo o tipo que estava em sua frente, um investigador jovem e audacioso. Os tantos anos em contato com policiais haviam dado a ele um feeling muito aguçado. Xavier sabia que depois da conversa na Interpol duas coisas poderiam acontecer. Um, o investigador não dar a mínima. Dois, Santini pedir uma investigação sobre ele e Lenora e de alguma forma tentar saber quem eram eles e o que estavam fazendo. Era com a segunda hipótese que Xavier contava.

R U L I A N B M A F T U M 98

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Teve certeza desde o começo que se a investigação avançasse precisariam de ajuda. Mas seria melhor que Lenora não soubesse disso, pelo menos por enquanto.

—

Qual é o seu problema? Você combina as coisas comigo e depois faz essa palhaçada!

—

Desculpe Lenora. Eu sei que tínhamos combinado um roteiro para a conversa. É que percebi que precisava provocar o cara para ver se, de alguma forma, as nossas investigações poderiam se cruzar com as dele. Mas não se preocupe, não pensei em contar nada.

—

E agora, o que fazemos?

—

Bom, eu estou com fome, e você?

—

Muito engraçado.

—

Estou brincando. Temos que voltar para a Itália e dar continuidade ao nosso roteiro.

—

Vamos para a Suécia, então?

—

Exatamente. Vamos seguir os passos que seu pai nos deixou. Quem sabe as coisas fiquem mais claras.

* * *

Depois de se despedir dos dois jornalistas brasileiros, Paul Santini ficou mais alguns minutos sozinho na sala de reuniões.

Máfia de apostas no futebol. Isso sim é coisa grande. Ele não teria tocado no assunto se não soubesse de alguma coisa, pensou Santini.

O inspetor voltou correndo para sua sala e ligou para o colega que estava como assistente no caso da manipulação de resultados. Pediu a ele que investigasse quem eram os dois jornalistas que tinha recebido minutos antes. Queria saber em que hotel estavam hospedados e tudo mais o que fosse possível conseguir. O faro de investigador de Santini dizia a ele que a pista devia ser averiguada. Imaginava que a suposta entrevista podia esquentar as coisas no caso. Mas não tanto.

O fato novo representou uma injeção de energia em Paul Santini. Resolveu até ir a academia para uma sessão de treinos físicos e natação. Apesar de adotar essa rotina quase todos os dias esteve desanimado durante algum tempo. Treinaria, faria um almoço rápido e no começo da tarde já teria as informações solicitadas em cima de sua mesa.

R U L I A N B M A F T U M 99

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Xavier e Lenora almoçaram no caminho para o hotel. Passava das 13h quando voltaram para retirar as coisas e retornar a Itália, pois havia um voo logo às 16h.

Xavier entrou no quarto do hotel e sentou na cama. Havia momentos em que ele ainda não acreditava no que estava acontecendo. Em alguns dias sua vida virou de pernas para o ar. Lembrou que aquela era a primeira vez dele em Londres. Sempre teve vontade de conhecer a cidade, mas agora estava ali e nem o Big Ben tinha sido possível ver. O jornalista foi interrompido pelo barulho do telefone do quarto. Provavelmente era Lenora pedindo para que ele se apressasse. Tirou o fone do gancho e colocou no ouvido já esperando pela voz da moça. Mas não havia voz nenhuma.

—

Hello? Xavier pode ouvir apenas uma respiração do outro lado.

—

Lenora é você? Nada. Apenas a respiração que continuava agora mais alta.

—

Senhor Xavier Delabona? De repente uma voz distorcida, em inglês.

—

Sim. Quem está falando? Xavier respondeu com seu inglês meia boca.

—

Estou sabendo que o senhor está interessado em apostar em partidas de futebol? A voz continuava distorcida e era extremamente pausada. Parecia uma fluência proposital para que Xavier conseguisse entender o que estava sendo dito.

—

Desculpe, o quê? Quem é você?

—

Se o senhor está interessado no assunto tenho informações para lhe dar.

Xavier ficou paralisado. Não sabia o que dizer. Tentou formular uma frase que saiu meio sem querer.

—

Que tipo de informações?

—

Eu só posso revelar pessoalmente. Hoje teremos uma partida de

futebol aqui em Londres. Tomei a liberdade de deixar dois ingressos na recepção do seu hotel. No estádio conversaremos melhor.

Antes que pudesse falar qualquer outra coisa a pessoa desligou o telefone. Xavier estava assustado. Primeiramente, imaginou ser o inspetor Santini tentando um contato fora da Interpol. Afinal, ele foi a única pessoa com que Xavier e Lenora conversaram. Mas porque ele faria

R U L I A N B M A F T U M 100

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

contato deste jeito tão misterioso? Não fazia sentido. Um calafrio percorreu o corpo de Xavier e ele notou que estava com medo. Se ninguém mais sabia sobre aquilo, como o pode ter recebido uma ligação assim?

Saiu correndo do quarto em direção ao corredor. Precisava encontrar Lenora. Percorreu o caminho entre seu quarto e o de Lenora em poucos segundos. Os dois estavam no mesmo andar, mas em extremidades diferentes do corredor. Parou em frente a porta e bateu. Nada.

—

Lenora, abra por favor. É o Xavier – ele bateu mais forte desta vez. Xavier ouviu o barulho lá dentro. Em seguida a maçaneta girando. A porta se abriu um pouco. Só era possível ver a cabeça de Lenora. Ela estava com os cabelos molhados.

—

Oi Xavier, o que houve?

—

Desculpe Lenora, mas é importante. Será que posso entrar?

—

Não dá pra esperar eu terminar o banho? Daqui a pouco temos que ir para o aeroporto.

—

É sobre isso que preciso falar. Acho que não vamos embora hoje.

Lenora estava confusa. Tinha deixado o chuveiro ligado e estava ali pingando na porta do quarto coberta apenas por uma toalha. Pensou em todos os palavrões possíveis. A vontade era de despejar todos que lembrasse em Xavier. Mas decidiu respirar fundo.

—

Ok Um minuto – a moça fechou a porta e segundos depois tornou a abri-la. Ela vestia o roupão branco do hotel e segurava uma toalha nas mãos.

—

Desculpe te pegar desprevenida assim. Mas é que o que tenho pra dizer não podia esperar.

—

Porque você está tão assustado? Que história é essa de que não vamos mais embora daqui hoje?

Xavier contou a Lenora sobre a misteriosa ligação que recebera

minutos antes.

—

Você já checkou na recepção? Interrompeu Lenora secando os cabelos com a toalha que tinha nas mãos. Estava um pouco mais calma.

—

Como assim?

—

Os ingressos, Xavier. A pessoa não disse que tinha deixado dois ingressos na recepção?

R U L I A N B M A F T U M 101

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Claro, os ingressos. Fiquei tão assustado que nem me dei conta.

Xavier passou a mão no telefone. Discou o 9 e em poucos segundos uma mulher atendeu.

—

Tem um envelope no meu nome lá – o jornalista colocou o telefone novamente no gancho.

Lenora parou por alguns instantes de secar os cabelos. Os dois se entreolharam em silêncio.

—

Vou descer para ver o que tem no envelope. Já volto.

Xavier saiu rapidamente do quarto. Lenora viu o quanto ele estava

assustado. Naquele momento, ela também se sentiu assim. Os dois estavam metidos em uma história muito confusa e perigosa. Agora, de um jeito inexplicável, alguém sabia o que eles faziam ali. Lenora foi até a mochila e pegou a carta de Martino nas mãos. Passou os olhos mais uma vez pelo texto.

No que você estava metido, pai?

As batidas na porta trouxeram Lenora de volta.

Xavier entrou como um foguete quarto adentro. Parou em frente a cama e se virou mostrando a Lenora dois papéis. Eram dois ingressos.

Ele desabou na cama e deixou os ingressos ao lado. Lenora sentou-se ao lado dele.

—

O jogo é hoje a noite.

Xavier apenas concordou com a cabeça. Estava com o olhar vidrado no chão.

—

O que vamos fazer, Xavier?

O jornalista respirou fundo. Olhou nos olhos de Lenora e se levantou. Deu alguns passos pelo quarto. Lenora já vira toda aquela rotina de Xavier antes.

—

Nós vamos ao jogo.

Perto das 18h pegaram o metrô em direção ao estádio. Lenora percebeu que Xavier estava mais calado do que de costume. Os dois pouco conversaram durante o trajeto. Num dos momentos em que rompeu o silêncio, Xavier contou que, segundo o recepcionista do hotel, a entrega do envelope tinha sido feita por um serviço de courier normal

R U L I A N B M A F T U M 102

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

cerca de uma hora antes da ligação misteriosa. O envelope era comum, branco, e tinha apenas o nome de Xavier escrito na parte da frente.

Depois de mais alguns minutos de silêncio Lenora lembrou que estavam indo a uma partida da Copa da Liga Inglesa, um dos torneios disputados todos os anos pelos clubes do país. Lenora nunca tinha ido a aquele estádio antes e estava até certo ponto empolgada com a situação, afinal a arena era uma das mais modernas do mundo.

—

O que foi? Porque esse sorrisinho Xavier?

—

Nada, nada.

—

Nada não. O que foi, fala.

—

É o jeito que você estava falando sobre ir a esse estádio. Parecia uma criança que acaba de ganhar um brinquedo novo. Achei engraçado

porque eu estou aqui morrendo de medo e você aí babando nos ingressos.

—

Acho que você tem razão. Não estamos indo assistir ao jogo.

Estamos indo encontrar uma pessoa que não conhecemos e que pode ser perigosa.

—

Não consigo parar de pensar nessa situação. Como essa pessoa chegou até nós? Como ela sabe que estamos aqui em Londres? Essas coisas estão me matando desde que recebi a ligação.

Xavier deixou os pensamentos sobre o homem misterioso de lado por alguns segundos e olhou para Lenora. A paixão que aquela moça tinha pelo futebol mexia com ele. Era um sentimento puro, quase infantil. Aquilo realmente significava muito grande para ela. Xavier tinha desprezo por futebol e não escondia isso de ninguém. Mas quando conversava sobre o assunto com Lenora isso não acontecia. No lugar surgia até certa simpatia, o que o assustava. Ele não a interrompia mais quando ela se empolgava ao falar sobre futebol. Queria até ouvir mais.

—

O que foi agora?

—

Por quê?

—

O sorrisinho continua aí na sua boca.

—
Hã, nada. Estava aqui pensando, só isso.

—
Pensando no quê?

—
No quê? Pensando. Por exemplo, como vamos encontrar essa pessoa misteriosa no meio de um estádio lotado.

—
Xavier, são lugares marcados – ela mostrou o ingresso para o jornalista e apontou o número das cadeiras – Ele vai no encontrar.

R U L I A N B M A F T U M 103

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Os dois chegaram cedo. Havia apenas algumas pessoas por lá.

Xavier se espantou com a situação. Estava acostumado a ver notícias sobre a bagunça para entrar nos estádios brasileiros. Inclusive, já tinha escrito várias matérias sobre violência e até mortes na entrada e saída de estádios de futebol.

Ouviu atentamente uma explicação detalhada de Lenora sobre como isso funcionava bem em vários lugares da Europa. A maioria das pessoas chegava em cima da hora para o jogo porque estacionar era fácil, entrar era fácil e, com lugares numerados, o acesso também era fácil.

Xavier pôde ver na prática. Com a ajuda de funcionários em poucos minutos ele e Lenora já estavam sentados nos lugares marcados nos

ingressos.

Xavier olhou atentamente, desde que entraram no estádio, para todas as pessoas que passavam por eles. Imaginava que poderia reconhecer o homem do telefonema misterioso assim que batesse os olhos nele. Quando sentaram não havia ninguém nos lugares em volta. Apenas um grupo de jovens umas duas fileiras atrás e pessoas espalhadas. Olhou no relógio do estádio e havia uma contagem regressiva para o início do jogo. Ainda faltavam 40 minutos.

Lenora percebeu a ansiedade de Xavier e resolveu puxar assunto. Ela também estava tomada pela expectativa do que poderia acontecer. Contou então algumas experiências que teve em estádios pela Europa. Esse era um dos programas favoritos dela e do pai nas viagens que fizeram juntos. Lembrou que uma vez ela e Martino foram assistir a um jogo na Alemanha. O estádio estava lotado, com maioria esmagadora de torcedores do time da casa. Foi quando Martino resolveu provocar a tão falada civilidade alemã. No meio da torcida começou a apoiar o outro time. O ponto alto foi quando saiu um gol do time visitante. Martino se levantou e vibrou como louco. Lenora contou que jurava que ela e o pai iam apanhar ali mesmo. Mas o resultado foram apenas xingamentos em alemão e um copo de cerveja atirado que não acertou o alvo.

Xavier relatou a única experiência que tinha tido em estádios de futebol. Logo que foi morar com Martino ele foi quase que obrigado a ir a um jogo com o amigo. Nesta época, Martino ainda tinha esperanças de

converter o amigo ao futebol. Mas Xavier mais olhava para as outras pessoas da arquibancada do que para o jogo o que irritou Martino por

R U L I A N B M A F T U M 104

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

diversas oportunidades. Outras tentativas de levar Xavier aos estádios surgiram, mas sem efeito. Agora estava ele ali, mais uma vez obrigado a ir a um estádio de futebol. Riu pensando na situação inusitada. Martino tinha conseguido levá-lo a um estádio uma vez na vida e a outra na morte.

O relógio do estádio apontava que faltavam agora 15 minutos para começar a partida. As equipes já estavam no campo para o aquecimento.

Lenora havia reconhecido boa parte dos jogadores e tinha dividido algumas informações com Xavier. Ele fingia se interessar. Agora não tinha mais como adiar a preocupação. O medo e a expectativa tinham tomado conta do jornalista. Ele olhava em volta sempre que podia tentando identificar alguma pista da presença do homem misterioso.

Estou sabendo que o senhor está interessado em apostar em partidas de futebol?

Lembrou da frase e como ela o fez congelar.

Se o senhor está interessado no assunto tenho informações para lhe dar.

E era isso que motivou Xavier a mudar os planos e ir a um estádio de futebol. Ele precisava de informações e estava disposto a correr o risco para consegui-las. O jornalista foi interrompido nos pensamentos

por um barulho de celular.

–

Tem um telefone tocando.

–

Eu estou ouvindo, mas não é o meu.

–

Nem o meu, mas está aqui perto.

–

Olha, tem alguma coisa brilhando ali – Lenora apontou para o assento ao lado. Havia um saco de papelão em cima da cadeira.

–

Ei, esse negócio não estava aqui quando chegamos! - Xavier olhou assustado para Lenora enquanto o telefone continuava tocando. Ele então tirou do saco de papelão um telefone celular. Olhou em volta mais uma vez e atendeu.

–

Hello?!

–

Fico feliz do senhor e sua amiga terem aceitado o meu convite – era a mesma voz de antes. Um inglês cuidadoso e compreensível.

–

Você disse que tinha informações. O que é? Onde você está?

–

Calma senhor Delabona. Eu tenho sim uma informação importante para o senhor.

Xavier não sabia o que falar. As palavras vinham em português mas

R U L I A N B M A F T U M 105

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

não em inglês. Tinha vontade de xingar o cara. Que brincadeira era aquela? Ele não ia aparecer? Olhou rapidamente para Lenora que estava com a orelha grudada na outra extremidade do telefone tentando pegar alguma coisa da conversa.

–

Dois a zero – era a voz do homem novamente cortando o silêncio

–

O quê?

–

O time da casa vai vencer por dois a zero.

–

Como assim? Não estou entendendo.

–

Fique até o final do jogo que você vai entender.

Antes que Xavier pudesse falar mais alguma coisa o homem desligou. Tentou olhar o registro no celular mas é obvio que ele havia ligado de um número confidencial. Olhou para Lenora e ela estava assustada.

—

Você ouviu?

A moça fez que sim com a cabeça.

—

E o que você entendeu?

—

Ele te deu o resultado de um jogo, deste jogo. Disse que vai ser dois a zero para o time da casa.

—

E agora? Ficamos até o final do jogo?

Xavier olhou para frente e as duas equipes já estavam posicionadas para começar a partida. Ficou impressionado com a quantidade de pessoas que havia chegado nos últimos minutos. Foi fácil para alguém colocar aquele embrulho com o celular ali sem que vissem nada. Voltou o olhar para Lenora que ali ao lado aguardava uma resposta. Xavier se sentia impotente. Não sabia o que fazer nem dizer. Limitou-se a balançar a cabeça para cima e para baixo. Ficariam até o final do jogo.

* * *

Os noventa minutos seguintes foram de tensão. Xavier dividia a atenção entre alguns lances da partida e mais olhadas em volta para as pessoas. Aproveitava os momentos de perigo, quando todos ficavam em pé, para estender o olhar para outras partes do estádio.

Já Lenora estava assistindo ao jogo atentamente. De vez em quando

fazia algum comentário em voz alta para Xavier, ora em português, ora em italiano. Em italiano saíram quase todos os palavrões proferidos por

R U L I A N B M A F T U M 106

CAIXINHA DE SURPRESAS

Lenora durante o jogo. Xavier se assustou com alguns deles. Olhava para Lenora como que não acreditando que palavras tão feias poderiam sair da boca de uma moça como aquela. Ela apenas olhava para ele e ria.

Com trinta e quatro minutos saiu o primeiro gol do time da casa.

Houve uma comemoração grande da torcida. No intervalo Lenora comprou pipoca e refrigerante para os dois. Xavier conseguiu relaxar um pouco e pode perceber que a experiência de estar ali naquele estádio tão moderno era bastante interessante. Em alguns momentos, durante o segundo tempo, o jornalista se viu vibrando com Lenora, e até xingando.

No finalzinho da partida o time da casa fez mais um gol, agora de pênalti, e o estádio explodiu. Lenora comemorou dando um abraço forte em Xavier, que retribuiu meio sem jeito. Pouco depois o juiz apitou o fim da partida. Lentamente, Xavier sentou-se na cadeira, perplexo. Olhou para Lenora que também tinha já entendido o que havia acontecido.

—

Dois a zero! O time da casa ganhou por dois a zero! - Lenora cochichou para Xavier.

Ele concordou com a cabeça. Rapidamente pegou o celular do bolso.

Ele estava tocando novamente. Mas, antes que pudesse atender, Lenora

tomou o telefone das mãos dele.

—

Que brincadeira é essa? Quem é você, seu idiota?

—

Senhorita Lenora Silvano, imagino.

—

Sim, sou eu mesmo. E você, quem é? Como você sabia o resultado do jogo?

—

Acho que isso não vem ao caso agora. Poderia por gentileza falar com o senhor Xavier?

Lenora passou o telefone a Xavier, perplexa.

—

É o Xavier. O que você quer agora?

—

Eu disse que a informação que tinha era muito importante. Então peça que o senhor preste muita atenção no que vou dizer agora.

—

Para sua segurança e da sua amiga Lenora volte para o Brasil imediatamente - a voz agora estava mais incisiva – Isso que eu fiz foi apenas uma mostra de que o senhor está querendo se meter com uma coisa muito além do seu controle. E pode ser perigoso.

—

Como assim? Você está me ameaçando? - as palavras saíram em português sem que Xavier desse conta. Ele ficou em pé de raiva.

—

Sim, isso é uma ameaça. Nós sabemos quem você é.

R U L I A N B M A F T U M 107

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Nós quem? Quem são vocês?

—

Quem somos nós? - houve uma pequena risada sarcástica – Acho que o senhor deveria se preocupar menos conosco e mais com você e com a moça que está ao seu lado.

Antes de perceber o fim da ligação Xavier teve o braço puxado violentamente por Lenora. Ele viu o medo nos olhos da moça. Ela então apontou o telão do estádio. Na imagem estavam os dois em close, ao vivo. Xavier com o telefone ainda no ouvido e Lenora ao lado dele.

* * *

Tensão. Era esse o sentimento que tomava conta de Xavier Delabona nas últimas três horas. No avião a caminho da Itália ele sentia sono, mas não conseguia dormir. Ainda estava em estado de alerta total. Desde que viu sua imagem no telão do estádio agiu quase por impulso até chegar ali.

Ele e Lenora saíram apressadamente do estádio, junto com a

torcida. Xavier olhou para cada rosto que passava por ele imaginando que a ameaça feita pelo telefone poderia ser cumprida ali mesmo, no meio daquela gente toda. Ao mesmo tempo, uma coragem estranha acompanhou o jornalista em cada movimento que fez desde então. Estava seguro de cada passo. Da saída do estádio, da volta ao hotel, da opção por não passar a noite e ir direto ao aeroporto. Xavier nunca estivera antes em uma situação daquela e agora, na tranquilidade do avião, impressionou-se com a própria postura.

Tentava retomar os fatos para descobrir de onde tinha vindo toda aquela coragem. Olhou novamente para Lenora que dormia na poltrona ao lado. Se ela descansava relativamente tranquila agora era porque se sentia segura o tempo todo ao lado dele. Xavier percebeu isso em vários momentos, o que o fazia ficar bem. Não se arrependia de estar passando por aquilo tudo. Por Martino sim e, cada vez mais, por ele próprio.

* * *

A volta para a Itália roubou boa parte da noite de Xavier e Lenora.

Chegaram a casa de Lucia Silvano só de manhãzinha. A viagem terminou

R U L I A N B M A F T U M 108

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

como começou para Xavier, sem que ele conseguisse pregar o olho.

A mãe de Lenora esperou a volta dos dois com um café da manhã caprichado. Xavier quase não comeu nada. No avião o jornalista decidiu que precisava de mais informações sobre apostas no futebol. Ainda tinha

dificuldade em acreditar que alguém pudesse saber o resultado de um jogo com tanta facilidade. Como ele fez isso? Que tipo de poder uma pessoa assim deve ter? Uma demonstração daquelas valia mais do que uma ameaça física.

Xavier deixou mãe e filha sozinhas na mesa de café e foi para o quarto. Sabia que Lenora sairia em seguida para sua corrida matinal. Ver as duas juntas era uma situação estranha. Lenora herdara boa parte dos dotes físicos da mãe. Lucia era uma Lenora mais madura e isso fascinava Xavier. Era difícil para ele não se sentir atraído por ela. Teve que dar uma pausa nos pensamentos porque alguém batia na porta do quarto.

—

Xavier? Você está acordado?

Era a voz de Lucia. Xavier abriu a porta do quarto que estava trancada.

—

Desculpe Xavier, sei que você pretendia descansar. Será que podemos conversar uns minutos?

Aquele leve sotaque italiano na fala de Lucia tornava-a ainda mais sedutora. Xavier mais uma vez apreciou a beleza dela antes de convidá-la para entrar. Sentiu-se feliz em poder preencher a cabeça com outra coisa que não futebol, apostas e manipulações.

—

Desculpe Lucia. Eu sei que minha presença aqui na sua casa deve

ser meio estranha pra você. Mal consegui agradecer a sua receptividade comigo.

—

Não se preocupe. Lenora confia em você e isso para mim basta. Se ela confia eu também confio.

Houve uma troca de olhares entre os dois. Xavier sentiu um frio na espinha ao encarar Lucia e ver ali uma demonstração de carinho e afeto que ele não esperava.

—

Bom... Como eu disse preciso falar um pouco com você, pode ser?

—

Sim, claro, quer se sentar? Apontou a cama para Lucia.

—

Xavier, vou direto ao assunto. Você e Lenora me disseram que estão fazendo uma homenagem ao Martino indo aos lugares que ele foi com ela nas viagens que fizeram juntos. Mas eu confesso que não estou muito

R U L I A N B M A F T U M 109

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

segura de que vocês estão falando a verdade.

Xavier se limitou apenas a concordar com a cabeça. Lucia era uma mulher inteligente, isso ele percebeu logo de cara. Imaginou que a história não ia colar por muito tempo. Mas foi pego de surpresa com a abordagem tão direta.

—
Lucia, eu não sei o que dizer. O que te faz pensar que estamos mentindo?

—
Eu não sei, Xavier. Talvez seja apenas impressão. Mas desde que falei com Lenora pelo telefone, quando ela me ligou do Brasil, senti que tinha alguma coisa errada. Talvez seja apenas preocupação de mãe.

Lenora é a coisa mais importante da minha vida.

O argumento mexeu com Xavier. Os olhos de Lucia se encheram de lágrimas. Foi o golpe final.

—
Lucia, você tem razão. Não te contamos toda a verdade. Estamos sim refazendo os passos das viagens do Martino com a Lenora, mas com outro objetivo. Queríamos evitar que mais uma pessoa se envolvesse na história, por isso omitimos algumas coisas. Mas vejo que você tem todo o direito de saber.

Nos minutos seguintes Xavier resumiu a história toda. Mas, para não assustar Lucia, omitiu o fato de Martino ter sido assassinado e do acontecido em Londres. Disse apenas que eles estavam dando continuidade a uma investigação que Martino começara.

—
Mas isso não é perigoso? Parece perigoso.

—

Ainda não sabemos ao certo o que o Martino estava investigando.

Acredito que nessa viagem a Suécia poderemos descobrir alguma coisa mais consistente.

—

Mas vocês estão malucos! Porque mexer nisso?! Martino morreu, porque não deixar isso de lado?

—

Lucia, eu preciso fazer isso, entende? Foi uma espécie de último desejo dele. Eu devo muito ao Martino.

—

Mas e a Lenora, Dio mio, porque se meter nisso.

—

Lucia, Lenora me implorou para que eu não te contasse nada. Você sabe melhor do que eu como é sua filha. Ela está irredutível e não iria me deixar fazer isso sozinho.

—

Eu sei muito bem como é minha filha, Xavier. Ela tinha verdadeira adoração pelo pai e está sentindo demais a morte dele, eu sei.

R U L I A N B M A F T U M 110

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Lucia se aproximou e pegou as mãos dele.

—

Agradeço por você ter me contado. Pode deixar que não vou

comentar nada com a Lenora. Apenas prometa pra mim que você vai tomar conta dela nessa viagem maluca.

—

Eu tomo conta dela. Não vou deixar que nada aconteça com sua filha.

Os dois se olharam por mais alguns segundos, com as mãos dadas.

—

Vocês viajam amanhã, certo? - Lucia interrompeu o clima soltando as mãos de Xavier e se afastando um pouco - Então preciso conhecer melhor quem é o amigo investigador da minha filha. Você tem um compromisso comigo hoje no jantar.

—

Jantar? Ok Pode ser.

—

Vou te mostrar como deve comer um italiano de verdade, senhor Xavier Delabona.

—

Combinado.

Lucia deixou o quarto e Xavier fechou a porta. O convite para jantar foi uma situação totalmente inesperada. Inesperada e fascinante, ao mesmo tempo.

Xavier pretendia descansar um pouco. Mas isso antes de Lucia aparecer. De repente, o jornalista foi tomado por uma onda de energia.

Não poderia desperdiçar. Ligou o computador que Lenora havia configurado para acessar a internet, e começou a trabalhar. Passou as quatro horas seguintes debruçado nas pesquisas sobre as apostas no futebol. Provavelmente, Lucia e Lenora imaginavam que ele estava descansando, assim pôde ficar o tempo todo concentrado, sem interrupções.

Nas pesquisas, o jornalista ficou impressionado com o número de sites que qualquer pessoa pode apostar, não só em resultados de partidas, mas em várias outras coisas que acontecem dentro de um jogo de futebol.

Era possível apostar quantos toques um determinado time daria na bola durante uma partida. Ou ainda quantos minutos um jogo teria de acréscimo, quem levaria o primeiro cartão amarelo, quantas faltas.

Enfim, tudo valia dinheiro.

Xavier leu algumas notícias apontando que em períodos próximos a Copas do Mundo este mercado de apostas oficiais e clandestinas se

R U L I A N B M A F T U M 111

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

intensifica muito e preocupa a polícia, principalmente dos países asiáticos. Os jogos ilegais movimentam bilhões de dólares por ano e, segundo a Interpol, grande parte desta quantia vai para o crime organizado.

Para escapar da polícia, os responsáveis pelos jogos alugam

centenas de escritórios e trocam de sede diariamente. Não ter endereço fixo é uma das armas para manter o mercado ativo e longe da fiscalização.

Xavier continuava avançando nas pesquisas cada vez mais incrível. Leu que a estimativa de circulação de dinheiro em apostas ilegais atreladas ao esporte girava em torno de 10 bilhões de dólares apenas na China. Na Malásia, as cifras ultrapassavam os 6 bilhões de dólares. Em Hong Kong, os números eram incalculáveis. Até um diretor executivo da Associação de Futebol da China, um tal de Nan Yong, estava preso por envolvimento com apostas ilegais.

O jornalista terminou a busca lendo um texto em que um alto dirigente da FIFA afirmava que as apostas clandestinas são, ao lado da pirataria de produtos, o maior problema mundial atrelado ao crime organizado.

Ele encostou-se à cadeira e coçou os olhos mostrando sinais de cansaço. Precisava saber mais. Decidiu focar a atenção na questão das apostas legalizadas feitas principalmente pela internet na última Copa do Mundo, em 2010, na África do Sul.

Descobriu que somente no Reino Unido a projeção é de que o valor total das apostas tenha ultrapassado 1,5 bilhão de dólares. Uma das maiores redes de apostas, com presença em 188 países, afirmou em uma reportagem que a Copa de 2010 seria lembrada pela “febre de apostas” que se espalhou muito além do Reino Unido.

A caderneta de Xavier já estava cheia de anotações. Ele havia encontrado um caminho para a pesquisa e as informações passaram a fluir sem parar.

No mundo o negócio de apostas pela internet já movimentava uma bagatela de US\$ 80 bilhões.

Desde 2000, esse mercado já cresceu 129% na Europa e deve faturar 19,5 bilhões de dólares no continente.

R U L I A N B M A F T U M 112

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Em países onde a aposta é autorizada, muitos desses sites já patrocinam grandes clubes de futebol. Times como Real Madrid (Espanha), Juventus (Itália), Lyon (França).

Investigações de 2009 revelaram uma verdadeira máfia envolvendo jogadores, árbitros, técnicos e dirigentes atuando em benefício de apostadores. Duzentas partidas, em onze países com resultados direcionados.

A FIFA recebeu denúncia de que jogadores da Nigéria manipularam o resultado de partidas da Copa do Mundo de 2010, negociados previamente com uma máfia de apostas asiáticas.

Xavier reviu também as pistas de Martino sobre os escândalos na história do futebol.

Totonero 80/86; Grobellar, 94; Hoyzer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93; Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05;

Operador, X.

Conseguiu informações sobre todos os itens com exceção do último.

O que poderia significar aquilo? Será que o X representa o 10 em numeral romano? Nada. Xavier fez várias tentativas de pesquisa para conseguir uma pista, mas sem sucesso.

Com o papel em mãos deitou um pouco na cama e se perguntou pela milésima vez no que o amigo se metera. Xavier tinha uma certeza cada vez maior de que era algo grande e que ele ainda não conseguia ver o quadro todo.

* * *

Xavier Delabona abre a porta do 401 com sua chave. Entra no apartamento vazio. Olha em volta e tudo está como ele deixou na última vez que esteve ali.

—

Xavier é você?

—

Xis? É você que está aí? A voz que vinha do quarto era de Martino.

Martino aparece na sala. Sem dúvida era ele.

—

Porque você não me respondeu, Xis? Perdeu a voz?

R U L I A N B M A F T U M 113

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Era Martino, ele estava ali! Mas como?

–

Não vai me dar um abraço?

Ele abraçou Martino. Um encontro muito carinhoso. Não se lembrava de ter abraçado o amigo daquela forma antes.

–

Está tudo bem, Xis. Está tudo bem amigo.

Lágrimas começaram a escorrer pelos olhos de Xavier.

–

Xavier? Xavier? Você está bem?

Era a voz de Lenora. Ela estava ali também. Queria poder largar Martino e avisar a ela que o pai estava vivo. Mas não conseguia deixar de abraçar o velho amigo.

–

Xavier? Lenora balançou mais forte o corpo do jornalista.

–

Hã?! O que foi? Ele acordou assustado e olhou em volta. Que lugar era aquele? O que Lenora estava fazendo ali? Pra onde foi Martino?

–

Está tudo bem Xavier? Eu bati na porta várias vezes mas você não escutou.

O jornalista olhou em volta ainda meio grogue.

–

Quando entrei aqui vi você chorando enquanto dormia.

Aos poucos Xavier foi retomando a consciência. Estava no quarto de hóspedes da casa de Lucia, em Turim.

—

Eu devo ter pegado no sono. Que horas são? Ele levantou e se espreguiçou.

—

Quase sete da noite. Foi por isso que vim te acordar. Você ficou trancado aqui um tempão. Fiquei preocupada.

—

Eu trabalhei por um tempo e depois peguei no sono sem querer. Não se preocupe, está tudo bem – ele olhou para Lenora que continuava sentada na beira da cama.

—

Sonhei com seu pai.

—

Com o Martino? Você sonhou agora? É por isso que estava chorando? - ela se levantou.

—

Foi agora sim. Ele estava vivo. Me abraçou forte.

—

E ele disse alguma coisa no sonho?

Xavier percebeu que lágrimas ameaçaram sair dos olhos de Lenora, mas ela segurou-as com muito esforço.

Disse sim. Ele disse “Está tudo bem, Xis”.

Xavier deu um pequeno sorriso. Só Martino o chamava daquele jeito, de “Xis”.

R U L I A N B M A F T U M 114

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

“Está tudo bem, Xis”.

Uma sensação estranha tomou conta rapidamente do corpo de Xavier. Primeiro foi um arrepio na coluna e depois as pernas ficaram bambas quase levando-o ao chão. Lenora percebeu e chegou mais perto. Mas antes que ela pudesse ampará-lo Xavier deu um salto até a cama. O papel que Martino havia deixado estava ali. Ele dormiu olhando para a folha.

Totonero 80/86; Grobellar, 94; Hoy zer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93;

Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05;

Operador, X.

—

É isso! Como é que eu não percebi antes!

—

Isso o que, Xavier? O que foi?

—

Este último item da lista. Operador, X. O que não sabíamos o que significava. Estava na minha cara, Lenora!

—

O que tem isso? O que você descobriu?

—

Xis! Xis, entende? - ele apontou para a letra X no papel - Era o jeito que seu pai me chamava. Só ele me chamava assim, mais ninguém. Ele estava me dizendo para olhar com atenção para isso aqui. Operador, X.

—

Ele queria que você prestasse atenção na palavra Operador?

—

Isso. É tão claro agora. Parece que vejo ele me dizendo: Operador, Xis. Preste atenção no Operador.

—

Mas o que é esse tal de Operador, Xavier?

—
Eu não sei Lenora, mas seu pai estava nos dizendo para focar atenção nisso. Então é isso que vamos fazer.

Durante os minutos seguintes Xavier contou a Lenora o que descobrira em suas pesquisas antes de pegar no sono. Falou que ficou muito surpreso com o tamanho do mercado de apostas em futebol via internet. Não havia mais dúvidas que a investigação de Martino tinha a ver com apostas no futebol. Xavier compartilhou com a moça a certeza de que a investigação deveria envolver uma coisa muito maior do que eles imaginavam no começo. E era isso que precisavam descobrir ao refazer os passos do amigo, começando pela Suécia.

—
Minha mãe contou que vocês vão sair para jantar hoje – Lenora mudou o assunto.

R U L I A N B M A F T U M 115

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—
É. Ela me convidou. Disse que precisa conhecer melhor o novo amigo da filha que anda viajando com ela por aí.

Lenora encarou Xavier. Era um olhar inquisidor. Ele sabia que se vacilasse ela descobriria coisas que não devia. Uma herança do pai, sem dúvida. E o fazia tão bem quanto. Xavier já tinha passado por inúmeras situações com Martino e aquele olhar. Sabia como lidar com a situação.

—

O que foi Lenora? Que cara é essa?

—

Você não vai contar nada pra ela, vai?

—

Contar? Contar o quê?

—

Não seja besta, Xavier. Você sabe do que eu estou falando! Você vai jantar com a minha mãe. Estou perguntando se você pretende contar algo a ela sobre o que estamos investigando. Eu pedi pra você não contar nada, lembra?

—

Ah, sim. É claro que eu não vou contar nada. Mas acho que você sabe melhor do que eu que sua mãe não é boba. Ou você pensa que essa história de viagem em homenagem ao Martino vai se sustentar por muito tempo?

—

Eu sei que não vai. Mas ela não pode saber de nada ainda. Deixe que eu decido quando devemos contar alguma coisa, Ok?

—

Você decide então. Agora, se você me dá licença quero tomar um banho porque sua mãe já deve estar esperando por mim. E, por favor, avise a ela que eu vou me atrasar um pouco.

Xavier desceu as escadas voando. Tomou um banho bem rápido pois já estava atrasado. Na sala, Lenora e a mãe conversavam animadamente. Quando Xavier chegou Lucia se levantou e sorriu para ele. Ela estava magnífica. Usava um vestido preto discreto, mas sensual, roupa que ressaltava as formas harmoniosas. Os cabelos estavam presos para trás com uma fivela destacando o rosto e os grandes olhos verdes.

—

Podemos ir? Perguntou Lucia.

Xavier enrubesceu levemente. Não soube precisar por quanto tempo ficou olhando para Lucia, poderiam ter sido vários segundos. Olhou para Lenora que apenas o encarava com um olhar comum. Respirou aliviado.

R U L I A N B M A F T U M 116

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Sim, pronto. Podemos ir a hora que você quiser.

Xavier e Lucia se despediram de Lenora e saíram. No caminho para o restaurante Lucia contou um pouco da vida em Turim, das partes boas e ruins da cidade. Também apontava atrações pelo caminho. Não demorou muito e chegaram ao restaurante. Era uma casa antiga, com iluminação bastante peculiar. Xavier ouviu música vindo lá de dentro. O visual do lugar era bastante simples, mas com um charme especial. A cantina era

pequena e as poucas mesas que cabiam no espaço estavam cheias de gente. Entraram e um dos garçons mostrou uma mesa mais ao fundo, a única disponível naquele momento. Lucia parecia conhecer todos os garçons e chamava cada um pelo nome.

Quando sentaram ela disse a Xavier que costumava ir sempre ali, principalmente quando estava acompanhando algum turista. Reforçou que a atração era a comida verdadeiramente italiana, aquela da mamma.

Lucia pediu vinho e mais alguma coisa que ele não entendeu.

Os dois conversaram a noite toda. Enquanto Xavier se deliciava com a comida e o vinho ouviu Lucia contar um pouco do trabalho que fazia.

Ficou fascinado ao perceber que, além de todas as qualidades que já percebera, Lucia ainda tinha um senso de humor fantástico. Ela lembrou várias passagens engraçadas com pessoas que a contratavam para passeios pela Itália. Lucia contou que nos últimos anos tinha se especializado em tours envolvendo gastronomia e vinhos e que a fila de espera para esse tipo de serviço era grande, com clientes agendados para os seis meses seguintes.

Xavier também contou um pouco sobre si. Falou da rotina no jornal e relatou algumas das últimas reportagens que produziu. Lucia fez várias perguntas e parecia realmente interessada no trabalho dele. Afinal, o jornalista sabia que cobrir pautas policiais era considerado o trabalho menos nobre de uma redação. Mas era melhor do que qualquer outro assunto para as pessoas que ouviam as histórias. Havia tudo para manter

a audiência, suspense, violência, e uma pitada de humor negro.

Depois de algumas horas Lucia resolveu pedir a conta. Lembrou que ele e Lenora viajariam bem cedo no outro dia. Por Xavier os dois ficariam ali muito mais. Queria saber tudo sobre Lucia e fazer muitas outras perguntas. Percebeu que durante todo o tempo que passou com ela não pensou um minuto sequer em Martino e no resto da história que o

RULIANBMAFTUM117

CAIXINHADESURPRESAS

trouxe à Itália. Perguntou-se por quanto tempo mais conseguiria esconder o encantamento por Lucia. Se é que ela já não tinha percebido.

No caminho de volta o clima de sedução continuou no banco de trás do táxi. Os dois trocavam olhares. Xavier sentia um frio na barriga cada vez que Lucia lançava um sorriso. Em alguns momentos tinha certeza de que ela estava tão envolvida quanto ele. Em outros pensava se aquilo tudo não seria apenas simpatia da parte dela. Em condições normais, essa incerteza seria o suficiente para que Xavier travesse. Mas com algumas taças de vinho na cabeça ele resolveu ver até onde ia aquilo.

Abriram a porta com cuidado e entraram. Lucia tirou os sapatos para não fazer barulho. Subiram as escadas dando risadas abafadas, boa parte ainda efeito do vinho. Os dois pararam em frente ao quarto de Xavier, que ficava logo no começo do corredor. Ele pegou nas mãos de Lucia e as beijou agradecendo pela noite. Ela sorriu e deu um longo beijo no rosto dele. Os dois se olharam por mais alguns segundos. Xavier já não

sabia se estava bêbado por causa do vinho ou pela beleza daquela mulher. O movimento seguinte foi consensual. Os lábios se aproximaram lentamente e um longo beijo se sucedeu. Em seguida, já estavam no quarto de Xavier tirando a roupa um do outro. A paixão tomou conta dos dois de forma avassaladora. Lembraram-se apenas de não fazer muito barulho para não acordar Lenora. As dificuldades de Xavier para estabelecer relacionamento com mulheres iam apenas até o beijo inicial. Depois disso, ele sabia o que fazer, sabia como satisfazer uma mulher. E foi isso que fez com Lucia. Explorou cada parte do corpo dela, sem pudor. Os dois se amaram intensamente e caíram no sono, exaustos.

R U L I A N B M A F T U M 118

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 5

China condena 39 pessoas por manipulação no futebol

18/02/2012 - Agência Estado

Um dos condenados é o ex-vice-diretor da Associação de Futebol da China, acusado de ter recebido 1,25 milhão de yuan em subornos.

O ex-vice-diretor da Associação de Futebol da China foi condenado neste sábado a dez anos de prisão, em uma tentativa do país de

combater a corrupção e a manipulação de resultados. Yang Yimin, acusado de ter recebido 1,25 milhão de yuan em subornos, foi uma das 39 pessoas condenadas em uma única sessão do tribunal na cidade nordestina de Tieliang.

Os condenados incluem o ex-chefe da comissão de árbitros, Zhang Jianqiang, que recebeu uma sentença de 12 anos por aceitar subornos num total de 2,73 milhões de yuans e ex-presidentes ou treinadores de cinco clubes do Campeonato Chinês.

Os dirigentes de times receberam sentenças de até oito anos por suborno, apostas e outros crimes que tem relação com a manipulação de resultados. O clube Qingdao Hailifeng foi multado em 2 milhões de yuans por corrupção, enquanto o Chengdu Blades foi

multado em 600 mil yuans por conta da mesma acusação.

Na quinta-feira, o mesmo tribunal condenou o

RULIANBMAFTUM 119

CAIXINHADESURPRESAS

árbitro Lu Jun, que apitou dois jogos da

Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e

Japão, a cinco anos de prisão por ter

recebido US\$ 130 mil para manipular o

resultado de sete partidas. Três árbitros e

outros cinco dirigentes foram multados ou

condenados a até sete anos por manipulação

de resultados.

A China tenta reprimir a manipulação de

resultados desde 2009 e considera que esta

forma de corrupção mina a competitividade do

futebol local. No entanto, os problemas

começaram, pelo menos, em 2001, quando as

acusações, incluindo suborno de árbitros,

surgiram pela primeira vez. A seleção

nacional não tem mais chances de se

classificar para a Copa do Mundo de 2014 e

disputou o Mundial apenas uma vez, em 2002,

quando perdeu os três jogos da fase de grupos e não conseguiu fazer gols.

R U L I A N B M A F T U M 120

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

As 8h45min Xavier Delabona e Lenora Silvano decolaram rumo a Estocolmo. Logo que sentaram nos assentos do avião, o jornalista fechou os olhos e procurou colocar as ideias em ordem. Lembrou que acordou de manhã meio no susto. Olhou para o lado mas estava sozinho na cama.

Precisou de alguns minutos para saber se o que ele lembrava ter acontecido era verdade. Ele viu os lençóis amarrotados ao lado. O colchão ainda trazia um desenho de um corpo, um corpo feminino. Lucia.

Quando desceu a mesa do café estava posta e Lenora e Lucia já estavam lá. Os dois evitaram trocar olhares na presença da moça porque fatalmente ela ia perceber alguma coisa. Xavier recebeu apenas uma vez um sorriso malicioso de Lucia.

Ele abriu os olhos assustado. Estava com um sorriso bobo na cara.

Por sorte, Lenora continuava entretida com o jornal de esportes e não notou nada.

Depois de quatro horas e meia de voo Lenora e Xavier chegaram a Estocolmo. O tempo estava agradável, bem como apontava a previsão.

Xavier pesquisou um pouco sobre a cidade para onde estavam indo e descobriu que Estocolmo fica na parte da costa oriental da Suécia. Está situada num arquipélago de catorze ilhas e ilhotas, unidas por 53 pontes,

na região onde o lago Mälaren encontra o mar Báltico.

Também com a ajuda da internet ele e Lenora conseguiram informações importantes sobre o principal motivo da visita deles a cidade, descobrir mais sobre Martin Sanderson, o primeiro nome da lista de Martino. Já sabiam de antemão que o jornalista sueco tinha falecido há muito tempo, em 1972. Não foi difícil conseguir o telefone do último jornal onde Sanderson trabalhou.

Com a desculpa que estavam realizando uma série de reportagens com perfis de jornalista esportivos famosos no mundo todo, e que entre os perfis estava o de Martin Sanderson, Lenora descobriu que a viúva dele, Cecilia, ainda era viva e que morava na cidade. Usando de todo o seu poder de convencimento teve acesso ao telefone dela. Ao ligar, Lenora usou a mesma desculpa para a senhora Sanderson que atendeu a solicitação para uma entrevista de forma muito amável. Marcaram para dali a dois dias.

As 13 horas Xavier e Lenora tocaram a campainha da residência de Cecilia Sanderson. Foram recebidos por uma senhora simpática, com

R U L I A N B M A F T U M 121

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

cabelos muito brancos e olhos profundamente azuis. Ela aparentava ter mais de oitenta anos, porém esbanjava saúde. Convidou os dois para que sentassem em um sofá que ficava próximo a lareira. A senhora Sanderson sentou-se em uma poltrona logo em frente e, depois de servir uma xícara

de chá para os três, tomou a iniciativa da conversa em um inglês bastante fluente.

–

Então, vocês dois são jornalistas do Brasil. O que os traz de tão longe?

–

Como lhe adiantei pelo telefone, senhora Sanderson...

–

Querida, pode me chamar de Cecília. Depois de certa idade essas formalidades não fazem mais sentido, não é verdade?

–

Ok, Cecília. Como lhe adiantei pelo telefone eu e meu colega estamos produzindo uma série de reportagens para o jornal que trabalhamos no Brasil. A ideia é traçar um perfil de jornalistas esportivos do mundo todo que se destacaram na história do futebol. E o nome do seu marido apareceu em nossas pesquisas.

–

Oh sim, Martin era um fanático por futebol. A vida dele girava em torno disso – Cecília Sanderson deu uma leve gargalhada enquanto apontava para uma foto que estava em uma estante em cima da lareira. Era uma imagem antiga do marido dela – Mas eu nunca imaginei que o trabalho dele fosse despertar a curiosidade de pessoas no Brasil. Depois que você desligou o telefone lembrei que há alguns anos recebi a visita de

outro jornalista brasileiro interessado no trabalho do Martin.

Xavier e Lenora se olharam rapidamente. Ele assentiu com a cabeça para que ela continuasse. A moça engoliu a emoção.

—

E a senhora lembra como era o nome desse jornalista que lhe visitou?

—

Eu não me lembro, minha filha.

—

Seria Martino Andreatto? Emendou Lenora.

—

Isso mesmo. Um senhor alto, de barba e muito simpático. Disse que era um admirador do trabalho do Martin. Ficou aqui comigo por umas boas horas. Vocês o conheciam?

—

Sim, conhecíamos – Xavier foi quem respondeu percebendo que Lenora estava confusa – mas a senhora estava dizendo que seu marido era um apaixonado por futebol? Xavier se impressionou com o próprio desempenho em inglês. Pelo visto estava ganhando mais segurança para

R U L I A N B M A F T U M 122

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

se arriscar em momentos como aquele.

—

Sim, sim. O Martin era mais do que apaixonado. Muitas vezes eu até brincava dizendo que eu era a paixão número dois da vida dele. A primeira era o futebol – Cecília deu mais uma pequena gargalhada.

–

E a senhora, não gosta de futebol? Lenora estava de novo na conversa.

–

Não, eu nunca gostei muito. Por isso o Martin não tinha o hábito de discutir o trabalho comigo. Ele dizia que como eu não me interessava não adiantava nada.

–

A senhora sabe se o seu marido estava trabalhando em algum assunto especial antes de morrer? Alguma reportagem?

Esta foi a principal pergunta que Xavier pediu para que Lenora fizesse quando definiram a pauta da conversa, ainda no avião.

–

Não. Creio que nada de diferente do que ele fazia todos os dias.

Aliás, algumas semanas antes do acidente o Martin andava estranho em relação ao trabalho.

–

Estranho como? Xavier descolou as costas do sofá e chegou mais perto para ouvir a resposta.

–

Ele estava triste, sem vontade de trabalhar. Martin me disse apenas que tinha se desentendido com colegas do jornal.

—

Mas pelo visto a senhora não acreditou? Lenora fez a pergunta e ganhou um olhar de aprovação de Xavier.

—

Não. Eu nunca o tinha visto daquele jeito. Desgostoso com tudo, muito estranho mesmo.

—

A senhora falou que ele estava estranho antes do acidente. Que acidente é esse? Xavier fez a pergunta em português e pediu para que Lenora traduzisse.

—

O acidente de carro que o levou.

—

Desculpe Cecilia, nós não sabíamos que ele tinha morrido deste jeito.

—

Não se preocupe, querida, isso já aconteceu há tanto tempo. Martin ficou trabalhando no jornal até tarde, como de costume. Naquele dia chovia muito. Ele perdeu o controle do carro e bateu de frente com um caminhão.

Os três ficaram em silêncio por alguns segundos. Xavier voltou-se

para a imagem de Martin Sanderson que estava em cima da lareira. O

R U L I A N B M A F T U M 123

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

sorriso aberto, os olhos cheios de vida. Ao lado havia uma foto antiga de duas crianças e depois uma mais recente de um homem e uma mulher na faixa dos 50 anos.

–

São meus filhos, Helena e Mikael. E aqui tem uma foto de meus três netos – Cecilia rompeu o silêncio percebendo o interesse de Xavier.

–

Bonita família.

Xavier tocou na perna da moça e cochichou algo para ela. Queria que a entrevista continuasse.

–

Cecilia, por falar nisso, o seu marido guardava coisas do trabalho, textos, fotos? Seria muito importante para nosso perfil.

–

O Martin não guardava nada. Mas eu sim – ela sorriu e apontou para uma caixa que estava no sofá, ao lado de Xavier.

–

Imaginei que vocês fossem querer ver isso. Mostrei ao outro brasileiro que esteve aqui e ele ficou muito entusiasmado. Podem abrir. Xavier pegou a caixa com cuidado e colocou no colo. Dentro havia

três pastas de arquivos. Ao abrir o primeiro deles pode ver que se tratava de textos de Martin Sanderson cuidadosamente colados a folhas de papel branco e encadernados. O primeiro texto era de 02 de abril de 1956.

—
Como o Martin não gostava de conversar comigo sobre trabalho eu resolvi saber das coisas desse jeito. Todos os textos dele que saíam publicados eu recortava e guardava neste arquivo. Foi assim até ele morrer.

Xavier e Lenora se olharam animados. Estavam diante de mais de dez anos de informações sobre o trabalho de Martin Sanderson.

—
Isso é um trabalho muito bonito, Cecília – foi o que se limitou a falar Lenora enquanto se aproximava de Xavier para olhar de perto os arquivos.

—
Obrigado, querida. Isso foi uma das poucas coisas que sobrou do Martin depois do assalto.

—
Assalto? A palavra saiu da boca de Xavier e Lenora ao mesmo tempo.

—
Sim. Dois dias depois do acidente nossa casa foi assaltada.

Levaram algumas coisas de valor, além de livros e documentos do Martin.

Ao ouvir aquilo Xavier arregalou os olhos. O acidente, o assalto. Era o mesmo padrão do que tinha acontecido com Martino. Xavier pediu então para que Lenora perguntasse se a senhora Sanderson sabia que

R U L I A N B M A F T U M 124

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

documentos eram aqueles. Ela respondeu que não. Cecília disse então que ia a cozinha preparar mais chá. E que, enquanto isso, eles poderiam dar uma olhada no arquivo de reportagens do marido.

Xavier e Lenora sabiam que teriam muitas coisas para conversar por conta das revelações de Cecília Sanderson. Mas resolveram não perder tempo. Entregou um arquivo para Lenora e ficou com o outro.

Começaram a pesquisar página por página.

—

O que estamos procurando, Xavier?

—

Tente achar algo que fale sobre esquema de apostas no futebol, ou algo parecido.

—

O problema é que isso está tudo em Sueco. Como vamos saber do que se trata?

—

É, eu sei, mas veja. Há alguns textos em inglês. Pode ser que tenha algo.

Os dois ficaram alguns minutos em silêncio, concentrados na tarefa.

—
Aqui, achei alguma coisa. Parece uma série de artigos do Martin que foram publicados em um jornal da Inglaterra, em novembro de 1964. Lenora chegou mais perto de Xavier e começou a ler os textos.

—
Esse primeiro é um relato de alguns fatos estranhos que aconteceram durante a copa de 58, que foi aqui na Suécia.

—
Não foi o Brasil que ganhou a copa de 58?

—
Foi sim, em uma final contra a própria Suécia. Mas neste texto o Martin está questionando o fato de a Suécia ter chegado a final da Copa. Ele se refere ao jogo da semifinal em que a Suécia ganhou da Alemanha. Para ele a atuação do juiz foi vergonhosa em benefício da seleção sueca

—
Nossa, ele meteu o pau no time em uma Copa disputada no próprio país. Esse cara era corajoso.

—
E tem mais. Aqui no texto ele diz que aquela seleção da Suécia não tinha condição de chegar a uma final de Copa do Mundo. Que para ele isso só foi possível por ajudas externas.

–
Uau! Esse Martin Sandersen devia ser amado por aqui. E este outro, parece estar falando da Copa de 62.

–
É isso mesmo. Deixa-me ver – Lenora passou os olhos no texto por alguns segundos.

–
É mais uma denúncia do Martin, desta vez falando da Copa de 1962

R U L I A N B M A F T U M 125

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

que aconteceu no Chile. Ele cita um jogo do Brasil contra o Chile, na semifinal – Lenora corre os olhos por mais alguns segundos pelo texto acompanhando com o dedo no papel.

–
E quem ganhou esse jogo?

Lenora parou de ler o texto e levantou os olhos para o jornalista, incrédula. Xavier olhava para ela esperando uma resposta.

–
Como assim, Xavier? O Brasil foi campeão dessa copa, em 62.

Portanto, quem você acha que ganhou?

Xavier ficou constrangido mais uma vez pela ignorância futebolística dele. Resolveu que seria melhor ficar quieto. Lenora voltou os olhos para o texto.

—
Continuando, o Martin cita uma história que aconteceu no jogo da semifinal em que o Brasil ganhou do Chile por 4 a 2. Garrincha foi expulso no final do jogo por ter agredido um jogador adversário.

—
E isso aconteceu mesmo?

—
Sim, aconteceu. Essa história eu sei bem. Garrincha era o principal jogador do Brasil naquela Copa. Até porque o Pelé tinha se machucado nos primeiros jogos. Então, no jogo contra o Chile, o bandeirinha viu o Garrincha agredir um jogador adversário e avisou ao juiz que deu cartão vermelho. Todo mundo achava que o Garrincha ia ficar de fora da final contra a Tchecoslováquia. Mas o bandeirinha que viu o lance foi embora e o juiz não relatou a expulsão na súmula. Aí acabaram liberando o Garrincha para jogar a final e o Brasil ganhou de 3 a 1.

—
Você está brincando? O bandeirinha foi embora, o juiz disse que não viu nada e ficou tudo por isso mesmo?

—
Sim, foi isso que aconteceu.

Xavier ficou surpreso com as revelações.

—
Pelo que eu posso entender aqui ele também acusa de que houve

interesses externos atuando nessa Copa, certo?

Lenora concordou silenciosamente.

Antes que pudessem falar mais alguma coisa Cecilia Sanderson retornou à sala com uma bandeja que tinha um bule fumegante. Ela entrou na conversa enquanto serviu a eles mais um pouco de chá.

—

Então, acharam alguma coisa interessante aí?

—

A senhora está de parabéns pela organização. Com certeza é uma homenagem e tanto à memória do seu marido – Lenora respondeu

R U L I A N B M A F T U M 126

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

enquanto Xavier abria outra pasta ansiosamente.

—

Obrigado querida. Como eu disse é uma das poucas lembranças que sobrou do trabalho do Martin depois do assalto.

Xavier estendeu a pasta a Lenora e apontou para duas páginas. Ela entendeu na hora o que ele queria.

—

Cecilia, você se incomodaria em nos dizer sobre o que são estes textos? É que não entendemos nada de sueco.

A viúva de Martin Sanderson ajeitou os óculos para olhar os textos trazidos por Lenora. Passou os olhos por alguns segundos.

—
Ah sim. Essa história. Sabe, em 1960 nós moramos um tempo na Inglaterra. O Martin conseguiu uma bolsa para uma pós-graduação. Neste período escrevia coisas do futebol de lá para os jornais daqui. Fizemos muitos amigos, sabe? Martin até trabalhou com alguns desses amigos em algumas matérias, como esta aqui. Os ingleses nos receberam bem demais.

—
Cecilia, e o texto é sobre o quê? - Lenora interrompeu os devaneios da senhora.

—
Ah, sim. Desculpem – ela ajeitou novamente os óculos e olhou para o álbum.

—
É sobre times de futebol da Inglaterra. Diz aqui que alguns deles se venderam para apostadores. Sim, eu lembro bem. Martin ficou bastante abalado depois destas reportagens. Foram várias que ele escreveu. Passou noites sem dormir direito.
Neste momento Xavier parou de escrever bruscamente e olhou para Lenora. Ele disse a ela que precisavam ir embora imediatamente. E nem esperou a moça tomar fôlego. Já se levantando e indo em direção a porta, resolveu ele mesmo encerrar a visita com seu inglês de aeromoça.

—

Temos que ir, Cecília. Agradecemos muito por tudo.

—

Mas como assim, já vão? Mas é cedo ainda. Podem olhar os arquivos o tempo que quiserem.

—

Obrigado Cecília - Lenora voltou a tomar as rédeas da conversa - mas precisamos mesmo ir. Hoje mesmo temos que pegar o avião para ir embora. O que conseguimos aqui já é mais do que suficiente para nossa pesquisa.

Cecília Sanderson acompanhou os dois até a porta. Disse que se precisassem de qualquer outra informação ela estava a disposição.

R U L I A N B M A F T U M 127

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Poderiam ligar ou até passar para fazer outra visita. Em poucos segundos, Xavier já estava caminhando pela rua a procura de um táxi com Lenora atrás dele.

—

Espera Xavier, por que tanta pressa?

—

Lenora, isso está ficando cada vez mais complicado. Você prestou atenção em tudo o que ouvimos e lemos lá dentro?

Xavier conversava com ela enquanto estendia a mão repetidamente para ver se conseguia um táxi.

—
Sim, é claro. Você está falando da morte do Martin e do roubo.

—
Não é só isso! Você ouviu o que ela disse, Martin Sanderson estava de alguma forma envolvido com as denúncias de um esquema de manipulação de resultados na Inglaterra em 1960. Veja aqui no pedaço de papel, “Premier 15/60”, lembra?

—
Ótimo, um táxi.

Os dois entraram. O motorista perguntou para onde iam. Lenora deu uma direção enquanto Xavier continuava sua reflexão de forma bastante efusiva, com os olhos esbugalhados.

—
E tem mais. Aquelas acusações, Lenora, de que pelo menos duas Copas do Mundo teriam tido resultados manipulados. Vai na mesma linha da investigação que o Martino estava fazendo.

Xavier parou bruscamente com as palavras e passou as mãos pelo rosto parecendo que queria acordar de um pesadelo. Lenora apenas observava aquele espetáculo dramático.

—
Meu Deus, isso tudo é uma loucura! Cada vez mais eu tenho certeza de que seu pai estava metido em algo grande e perigoso.

Lenora continuava apenas esperando o transe passar. Xavier olhava

pela janela como que procurando um sentido para o que estava acontecendo. Virou-se de repente.

—

Para onde estamos indo?

—

Eu estava esperando você voltar ao normal para te dizer. A intenção da nossa vinda a Suécia era refazer alguns passos do Martino, certo? Xavier concordou.

—

Já sabemos que ele esteve na casa de onde acabamos de sair. Mas tem um lugar que ele foi comigo aqui na cidade e que gostaria de visitar novamente, se você não se importar.

R U L I A N B M A F T U M 128

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Lenora pediu para que o taxista os deixasse na estação de metrô mais próxima. Pegaram o trem rumo a Solna, na região metropolitana de Estocolmo. Já dentro do metrô, Lenora explicou a Xavier um pouco do roteiro dela e do pai quando estiveram na Suécia. O ponto alto daquelas férias foi a visita ao lugar para onde eles estavam se dirigindo.

Xavier fazia um esforço para fingir estar prestando atenção em Lenora, mas alguma coisa o incomodava. Sentiu um arrepio na coluna. Discretamente olhou as pessoas ali dividindo o espaço do trem com eles.

Quando ao fundo, há uns dois metros, reparou em um homem careca que estava em pé. Ele vestia um casacão azul e olhava para frente, para uma das janelas. Sentiu novamente o calafrio. O homem estava prestes a se virar para ele quando Xavier voltou o olhar para Lenora. Ela estava em um daqueles momentos de quase transe falando de futebol. Tagarelava sem parar e não percebeu a reação de medo do jornalista.

Em poucos minutos desembarcaram. Mais alguns passos e Xavier pode ver uma construção enorme em sua frente. Olhou para trás tentando identificar o destino do homem careca, mas ele tinha sumido. Xavier sorriu para si mesmo. A visita que tinham acabado de fazer mexeu muito com ele. Provavelmente estava imaginando coisas. Resolveu voltar rapidamente ao normal para que Lenora não percebesse nada.

—

Que lugar é esse?

—

Lembra dos textos do Martin Sanderson que falavam da Copa de 58? Pois a final aconteceu neste estádio. Foi aqui que o Brasil ganhou pela primeira vez uma Copa do Mundo.

Os dois caminharam mais alguns passos em direção a recepção do estádio Råsunda. Foram recebidos por um rapaz loiro e alto, que se apresentou como Emrik. Ele tinha as bochechas rosadas, os olhos bem verdes e falava um inglês bastante compreensível. Emrik perguntou se eles estavam ali para fazer um tour pelas dependências e Lenora disse

que sim. Contou que ela já havia estado ali, mas que era a primeira vez de Xavier.

Emrik começou uma explicação sobre a história do Råsunda Fotbollstadion. Contou que tudo começou em 1910 quando o estádio foi inaugurado com uma arquibancada para 12 mil pessoas. Depois passou por três grandes reformas, a primeira em 1937, a segunda em 1958, para R U L I A N B M A F T U M 129

CAIXINHA DE SURPRESAS

a Copa do Mundo, e finalmente para a Eurocopa de 1992. Informou que o Råsunda era a sede da Federação de Futebol da Suécia e também serve de casa para o AIK, um dos principais times de futebol do país. Segundo o relato do guia o local seria demolido logo e daria lugar a um conjunto residencial. Um novo estádio, mais moderno, seria construído há mais ou menos um quilômetro dali onde a equipe de futebol do AIK passaria a mandar seus jogos.

Lenora ficou um pouco decepcionada quando soube que boa parte das relíquias e documentos relativos a Copa de 58 não estavam mais ali. Tinha sido uma das partes favoritas dela na primeira visita que fez com Martino. Emrik contou que, em virtude do aniversário de 50 anos da Copa, as coisas estavam no Museu do Esporte Sueco, em Estocolmo. Lenora continuava atenta as explicações do guia que no momento relatava o fato do Råsunda ser um dos únicos dois estádios do mundo que sediou finais de Copas do Mundo masculina e feminina de futebol. Ela parecia uma

criança em um parque de diversões.

Neste momento os três já se encontravam nas arquibancadas, com uma visão bonita do campo, mas a atenção de Xavier, que já não estava sendo grande, ficou ainda menor quando Emrik chamou a atenção deles para o visual das arquibancadas. Como as cadeiras do estádio eram todas em cores diferentes umas das outras davam a impressão de que havia pessoas ali vendo tudo de longe. O fato é que havia pelo menos uma pessoa de verdade do outro lado da arquibancada, o que seria quase que imperceptível de ver se não fosse o sol ter refletido na careca do homem.

* * *

Lenora nem teve tempo de agradecer ao guia pela atenção. Xavier já a puxava pelo braço para que saíssem dali. Foi a segunda vez em menos de duas horas que a mesma cena se repetia. Eles alcançaram o calçadão em frente ao estádio e apertaram o passo.

—

O que está acontecendo com você hoje? Porque essa pressa toda?

—

Não olhe pra trás. Eu não quis te dizer isso antes para não te assustar. Mas acho que estamos sendo seguidos.

—

Seguidos? Por quem? Como assim?

—

Eu não sei por quem. Mas eu vi o cara no metrô e ele estava no

RULIANBMAFTUM130

CAIXINHADESURPRESAS

estádio também.

Andaram uns 400 metros e, ao dobrar uma esquina, Xavier aproveitou para dar uma espiada para trás. Lá estava o careca saindo do estádio e se preparando para tomar o mesmo rumo deles.

—

Ele ainda não se deu conta que eu percebi. Isso é bom.

—

E agora, o que nós vamos fazer?

—

Precisamos ter certeza de que ele está mesmo nos seguindo - Xavier continuava dando o ritmo da caminhada enquanto olhava em volta desesperadamente, tentando pensar em alguma coisa.

—

Somos dois contra um. Vamos esperar aqui e dar uns chutes no cara.

O pior é que Xavier sabia que ela não estava brincando. Resolveu apenas ignorar a sandice que acabara de ouvir e acelerar ainda mais o ritmo.

—

Ok, eis o que vamos fazer. Temos alguns segundos de vantagem antes dele dobrar a esquina. Está vendo aquela banca de jornal?

Lenora acenou positivamente.

—

Vai até ali e finja que está olhando para as coisas. Tente ficar bem visível para que ele possa te ver. E em hipótese nenhuma olhe para ele ou para onde eu vou estar.

Xavier largou o braço da moça e entrou apressadamente em um café que tinha uma grande vitrine de vidro e de onde ele imaginou seria possível ter uma boa visão da rua. Sentou no balcão e precisou esperar apenas uns quatro segundos até visualizar o homem careca. Quando viu Lenora ele parou rapidamente em frente uma vitrine de loja e fingiu estar interessado em algo. Xavier teve a certeza de que precisava. Ele e Lenora tinham que sumir dali rápido.

Tomado pela adrenalina do momento, Xavier saiu apressadamente do café e foi ao encontro de Lenora. Ele não precisou dizer nada. Pela reação a moça sabia o que estava acontecendo. Os dois apertaram ainda mais o passo. Xavier tentou entrar em um taxi parado, mas havia gente dentro. O movimento em falso provavelmente acabou com a vantagem que tinham. O careca vinha rapidamente atrás.

—

O que fazemos agora? Ele está atrás da gente.

—

O que você faz de melhor, corre!

A corrida foi em direção a uma estação do metrô a uns 200 metros.

CAIXINHADESURPRESAS

O movimento pegou o careca de surpresa e ele saiu em desvantagem. Sabia que se os dois alcançassem a estação muito na frente dele poderia perdê-los de vista. Começou a correr também.

Xavier e Lenora entraram na estação. Havia um trem parado do lado esquerdo. Os dois entraram e começaram a se movimentar para a parte de trás do vagão. Xavier viu o careca correndo e entrando na primeira porta do vagão. O trem estava prestes a sair. As portas já se fechavam. Neste momento, do outro lado da plataforma, outro trem chegou. Xavier não pensou duas vezes. Puxou Lenora para fora. Os dois ficaram presos na porta por alguns segundos mas conseguiram se desvencilhar. Correram direto para dentro do outro trem.

Ao olhar pelo vidro, Xavier viu o homem careca parado na plataforma. Mesmo que os olhares tenham se cruzado por poucos segundos era nítido que o careca estava decepcionado consigo mesmo.

* * *

O bip do celular avisou uma nova mensagem. Mas para Boamorte era muito estranho. Aquele e-mail só era usado para contato com clientes. E os clientes sabiam que ele estaria fora do mercado até novembro, visto que tinha realizado o último trabalho em setembro. Essa era a conduta de Boamorte desde o começo. Havia sempre um intervalo de pelo menos dois meses entre um trabalho e outro. Para ele este tempo

era fundamental. Primeiro porque ele considerava muito perigoso emendar trabalhos. Isso poderia despertar suspeitas. Segundo porque gostava de aproveitar a vida com o dinheiro que ganhava.

Boamorte não comprava carros caros, nem casas suntuosas. Ele não gostava de mostrar ostentação. Sua forma de gastar o dinheiro que ganhava com o desaparecimento de pessoas era mais discreta. Gostava de velejar.

Recentemente adquirira um veleiro novinho. O Catalina 445 custou cerca de 250 mil dólares, mas com certeza valia cada centavo. Era no barco que passava grande parte de seus intervalos entre um trabalho e outro. Logo após terminar o que precisava ser feito no Brasil iniciou uma viagem pela costa da Sérvia e da Croácia. Já tinha estado ali por várias vezes e era um de seus destinos favoritos.

R U L I A N B M A F T U M 132

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Outro prazer de Boamorte era a comida. Gostava de experimentar novos sabores e para isso não poupava recursos. Tinha estado em todos os melhores restaurantes da Europa e buscava sempre novidades. Neste momento um leve sorriso apareceu nos lábios dele. Era ao frequentar estes lugares badalados que exercitava a sua capacidade de não chamar a atenção. Não aparentava ser rico demais, nem pobre demais para estar ali. Em meio aos milionários e turistas ele conseguia passar completamente despercebido. Nem sequer uma vez foi abordado por

alguém dizendo que o conhecia de algum lugar ou que já o tinha visto antes por ali. Nada.

E entre os cuidados estava o fato de nunca sair com mulheres muito chamativas. Ele adorava as mulheres tanto quanto as outras coisas, mas tinha um gosto bastante particular.

E não menos importante, Boamorte alimentava uma paixão por vinhos. Não poupava recursos financeiros atrás das melhores garrafas, das melhores safras. Tinha dois fornecedores que lhe abasteciam com o que havia de melhor. Nunca precisou ficar frente a frente com nenhum deles. Recebia as informações por e-mail, enviava o pagamento em dinheiro pelo correio e recebia o pedido sempre em um endereço diferente. Mas Boamorte também gostava de experimentar novos sabores de vinhos.

De sua última viagem ao Brasil vieram cinco garrafas, mas tinha experimentado apenas uma delas até então. A degustação comprovou as leituras sobre o assunto. Ficou impressionado com a evolução de qualidade em relação a última vez que experimentou um vinho brasileiro. O celular fez um novo bip avisando do e-mail. Para Boamorte era uma situação fora de propósito. Mesmo assim, ele abriu a caixa de mensagens. Era um e-mail do seu melhor cliente, para quem ele tinha feito o último trabalho. No texto um pedido de desculpas. Eles, melhor do que ninguém, sabiam do tempo que Boamorte exigia entre um trabalho e outro. Para compensar ofereciam uma quantia 50% maior do que de costume para que ele aceitasse um novo serviço que precisava ser

iniciado imediatamente. Ao final perguntavam em qual local as informações poderiam ser deixadas. Em todos os anos de profissão nunca tinha aberto uma exceção. Ao mesmo tempo, a solicitação vinha do seu melhor cliente e com uma quantia muito alta. Ele, então, abriu novamente o e-mail e respondeu a mensagem.

R U L I A N B M A F T U M 133

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Xavier Delabona se perguntava se aquilo era um sonho. Nunca havia passado pela cabeça dele que daquela maluquice toda que sua vida tinha virado desde a morte de Martino algo tão maravilhoso pudesse acontecer. Ele olhou para o lado e o cheiro delicioso do cabelo de Lucia o entorpeceu. Estava deitada em seu peito depois de terem feito amor loucamente naquela manhã. Ela invadiu o quarto bem cedo e o pegou desprevenido. Aproveitou o momento em que os dois ficaram sozinhos em casa enquanto Lenora cumpria sua rotina de exercícios. Lucia sabia que a filha ficaria pelo menos uma hora e meia fora. Era tempo mais do que suficiente para que os dois matassem as saudades.

Para Xavier não haveria presente mais oportuno. Desde a volta da Suécia ele não pensava em outra coisa senão em tudo que acontecera por lá. Se já não bastassem as revelações assustadoras da viúva de Martin Sanderson sobre a morte do marido e o roubo de documentos, ainda a perseguição que ele e Lenora sofreram. Ao lembrar da imagem do homem

careca Xavier voltou a sentir calafrios. Quem seria ele? Será que foi a pessoa que matou Martino? A pessoa que o agrediu no dia seguinte no 401? Estaria ele querendo matá-lo também?

Lucia mexeu a cabeça e passou as mãos delicadamente pelo corpo de Xavier, fazendo um gemido baixinho. Para ele o pior não era o medo que sentia da situação e sim pensar que Lenora corria perigo também. E que havia garantido a Lucia a segurança da filha.

—

No que você está pensando?

—

Eu? Nada. Nada demais, Lucia.

Lucia então levantou a cabeça e olhou nos olhos do jornalista.

—

Não parece que é nada. Tem alguma coisa a ver com a viagem que vocês fizeram?

—

Não, está tudo bem.

—

Hoje de manhã eu tentei conversar com a Lenora, mas ela não quis me contar nada de Estocolmo. Você também vai me dizer que não aconteceu nada demais?

Xavier sentiu o olhar de Lucia penetrar fundo. Não sabia por quanto tempo conseguiria esconder as coisas dela. Prometeu a Lenora não contar

nada mas, ao mesmo tempo, sentia como se estivesse enganando Lucia.
Enganando a mulher por quem ele, a aquela altura, já estava apaixonado.

R U L I A N B M A F T U M 134

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Lucia, o que você quer que eu diga? Nós visitamos alguns lugares que o Martino esteve com a Lenora na viagem que eles fizeram juntos. Foi isso.

Ela o encarou firmemente. Lucia não acreditava no que ele estava dizendo. Abaixou a cabeça, decepcionada, levantou da cama e começou a juntar as roupas do chão.

—

Eu realmente gostaria de saber o que está acontecendo, Xavier. A Lenora não me contar nada eu até entendo. Conheço minha filha o suficiente pra saber que ela te fez prometer que não ia contar nada. Agora eu pergunto a você, será que uma garota de 20 anos tem condição de medir a seriedade de uma situação como essa?

Xavier engoliu a seco qualquer resposta. Lucia estava certa. Mas não poderia contar a ela tudo, principalmente o fato de Martino ter sido assassinado. Pegou-a pelo braço para evitar que saísse do quarto. Fez um gesto para que sentasse na cama. Mexeu no casaco pendurado na cadeira e pegou os papéis no bolso de dentro. Sentou-se na cama e entregou os papéis nas mãos dela. Lucia estudou atentamente um e depois o outro

antes de se voltar para Xavier.

—

O que é isso?

—

Isso é o que fomos fazer na Suécia. É o que explica as viagens e o porquê de eu estar aqui.

Nos minutos seguintes Xavier explicou a Lucia o conteúdo daqueles papéis. Contou das descobertas que fizeram e que levaram ele e Lenora a terem certeza de que Martino estava em meio a uma investigação antes de morrer. Relatou as descobertas que ele e a moça fizeram sobre os itens da lista. Explicou a relação com a visita em Estocolmo.

Lucia reagiu assustada quando Xavier contou ter certeza de que Martino investigava manipulações de resultados de partidas de futebol como forma de beneficiar apostadores. O jornalista omitiu qualquer detalhe da história que pudesse dar a Lucia motivos para desconfiar que Martino tivesse sido assassinado. Não contou da carta que Lenora recebeu, nem do lugar verdadeiro onde achou os papéis. Tomou todo o cuidado para que parecesse que ele entrou na investigação por acaso.

—

Mas Xavier, isso é loucura! Como dois pedaços de papel podem te dar certeza de que o Martino estava investigando algo assim?

—

Lucia, confie em mim, eu tenho certeza do que estou te falando.

—
Mas se for verdade isso é perigoso! E o que a Lenora tem a ver com isso, Dio mio?

—
Acho que não preciso responder. Você conhece a sua filha melhor do que eu.

Neste momento os dois ouviram a porta se abrir no andar de baixo. Lenora estava voltando da rua. Lucia se levantou correndo segurando as próprias roupas de volta para o quarto dela. Xavier fechou a porta e passou a chave. Nunca imaginou que fosse se sentir feliz em ouvir Lenora chegar.

* * *

Logo após Lucia ter saído do quarto correndo Xavier olhou novamente para aqueles dois pedaços de papel que ainda estavam em suas mãos. Na noite anterior, quando ele e Lenora voltaram de Estocolmo, a ideia do jornalista era ter uma boa manhã de sono para, ao acordar, mergulhar nas pesquisas. Mas a surpresa de Lucia tinha mudado um pouco as coisas.

Xavier se sentou na cama. Estava só de cuecas. Sentia o corpo cansado, mas estar com Lucia lhe trazia um ânimo que ele não experimentava há muito tempo. Olhou para o notebook fechado em cima

da mesa. Pegou a camiseta no chão, vestiu-a, abriu o computador e começou a trabalhar.

Os textos lidos na casa de Martin Sanderson despertaram em Xavier uma inquietação misturada com curiosidade. Ele abriu a caderneta e lembrou que o jornalista sueco dava a entender que resultados de algumas Copas do Mundo eram suspeitos. Nos artigos que ele e Lenora puderam olhar com mais atenção Martin citava situações estranhas ocorridas nas Copas de 58 e 62. Xavier começou por aí. Abriu o buscador e digitou a expressão “fatos estranhos Copa do Mundo”.

Durante as três horas seguintes ele não conseguiu desgrudar os olhos da tela. Uma busca levou a outra. Páginas e páginas de seu bloco de anotações preenchidas com informações. Não só confirmou as situações relatadas por Martin Sanderson como descobriu uma série de outros fatos que o deixaram assustado. Por um momento ele parou, incrédulo, em frente ao monitor. Levou um susto com as batidas na porta.

R U L I A N B M A F T U M 136

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Xavier, posso entrar?

—

Só um minuto - o jornalista lembrou de que estava usando apenas uma camiseta e cueca.

—

O almoço está servido.

—

Ok Lenora, já estou descendo – ele quase tropeçou em uma almofada no chão enquanto colocava uma calça, aos pulinhos.

—

Está tudo bem aí?

—

Está sim. Tudo bem. Vou trocar de roupa e encontro vocês em um minuto.

Antes de descer as escadas Xavier só teve tempo de jogar uma água na cara e passar o desodorante. Teria que deixar para fazer a barba depois. No andar de baixo encontrou Lenora sentada sozinha. A mesa estava posta para duas pessoas.

—

Onde está sua mãe? Ela não vai almoçar conosco?

—

Não. Ela disse que tinha um compromisso do trabalho. Saiu logo depois que eu cheguei, de manhã.

—

Hum...

Xavier notou que Lucia não devia ter falado nada para Lenora sobre a conversa da manhã. Menos mal, preferia ele mesmo contar a ela.

—

Hoje eu mesma preparei o almoço. Espero que você goste.

Xavier sentou em frente a moça. Ela tinha preparado uma salada grande, batatas assadas e carne grelhada.

—

Parece gostoso. Quer dizer que hoje vou seguir uma dieta de atleta, rica em proteína? Ele riu do próprio comentário.

—

Pois é, eu já reparei nos seus hábitos alimentares – ele piscou para a moça enquanto ela o servia.

Pronto. O repertório de papo-furado tinham se esgotado. Xavier precisava contar a Lenora sobre as últimas descobertas. Essa era a parte fácil. Não sabia como falar sobre o que tinha revelado a Lúcia. Pensou um pouco sobre qual seria o melhor assunto para começar. E assim foi.

—

Você o quê?!

—

Calma, Lenora. Eu não contei tudo. Apenas o que está relacionado aos pedaços de papel.

—

Mas eu te pedi para não falar nada! Lenora já estava em pé, bastante irritada.

—

Sua mãe não é boba. Ela sabia que estávamos escondendo alguma

CAIXINHADESURPRESAS

coisa. Eu tinha que falar alguma coisa pra ela.

—

Não tinha nada! Eu ia contar quando achasse que era hora! Você me prometeu!

—

Lenora, isso não vai mudar nada a investigação...

—

Não vai mudar nada? Como assim? Agora a minha mãe vai ficar enchendo o saco, você não percebe? É bem provável até que não me deixe mais viajar com você.

—

Lenora, não acho que...

—

Eu devia saber que você ia abrir a boca. Afinal quem é que resiste aos encantos de Lucia Silvano, não é verdade Xavier? Ou você pensa que eu não sei o que está acontecendo?

Xavier não teve tempo de falar mais nada, pois Lenora subiu correndo as escadas. Ele ouviu em seguida uma porta batendo no andar de cima.

* * *

Xavier Delabona preferiu dar um tempo para que Lenora se

acalmasse. Resolveu não desperdiçar a refeição que a moça tinha preparado para ele. Enquanto cortava um pedaço de carne lembrou a forma e como contou a Lenora que agora Lucia sabia uma parte da história. Pensou se não poderia ter sido mais habilidoso na condução da conversa. Enquanto mastigava um pedaço de batata suspirou. Lenora sabia da relação dele com Lucia. Ficou tentando identificar que situação teria revelado isso. Será que ela chegou a ver alguma coisa? Será que Lucia deu alguma bandeira? Afinal, Lenora era filha dela e deveria conhecê-la melhor do que ninguém.

Largou os talheres e limpou a boca com o guardanapo. Ou será que a bandeira tinha sido dele? Xavier soube que esta opção era a mais provável.

Depois de finalizar a refeição e tirar a mesa o jornalista subiu lentamente as escadas. Parou em frente ao quarto de Lenora. Grudou o ouvido na porta para tentar ouvir algo. Nada. Bateu delicadamente.

—

Entra logo! Está aberta - Era a voz de Lenora vindo lá de dentro. Ao entrar no quarto Xavier achou Lenora deitada no chão. Ela fazia uma série de abdominais e estava com o rosto todo suado. O jornalista

R U L I A N B M A F T U M 138

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

encostou na parede e aguardou que ela terminasse o exercício.

—

O que você quer? Disse a moça já em pé enxugando o rosto com uma toalha.

—

Saber se você já me perdoou - ele deu um sorriso malicioso esperando que seu charme quebrasse o clima. Não adiantou. Teve de volta apenas um olhar gélido.

—

Lenora, você pode ficar irritada comigo. Pode não querer falar também. Mas, infelizmente, não temos tempo a perder. Preciso continuar com a investigação e quero saber se posso contar com a sua ajuda.

O tom sério e decidido de Xavier pegou Lenora desprevenida.

—

Eu estou irritada com você sim. Mas quero continuar ajudando.

—

Ótimo. Então sente-se e ouça o que eu tenho pra te contar.

Tirou do bolso sua caderneta de anotações.

—

Preste atenção no que eu vou ler pra você. Tentei resumir ao máximo as informações. Depois quero ouvir seus comentários.

Lenora apenas agitou a cabeça, curiosa.

—

Copa de 1930: Juiz brasileiro tem atuação desastrosa na semifinal e beneficia Uruguai, dono da casa. Uruguai vence a Copa em seguida.

–
Copa de 1934: nas quartas de final a Itália, dona da casa, elimina a Espanha com uma grande ajuda de um árbitro suíço.

–
Copa de 1954: juiz brasileiro ajuda Suíça, dona da casa, a vencer Itália, uma das favoritas.

–
Copa de 1958: juiz argentino erra feio e Suécia, dona da casa, vence a favorita Alemanha na semifinal.

–
Copa de 1962: Garrincha é expulso na semifinal, mas FIFA dá um jeito e ele joga a final.

–
Copa de 1966: Inglaterra, dona da casa, vence final contra Alemanha com gol ilegal.

–
Copa de 1970: México, dono da casa, ganha jogo contra El Salvador com roubafeira de juiz egípcio.

–
Copa de 1974: na final juiz prejudica a Holanda, grande favorita. Alemanha, dona da casa, leva a caneca.

–
Caneco, Xavier.

–
Hã?! O que foi?

–
Você disse “leva a caneca”. Mas o certo é “leva o caneco”.

–
Lenora, isso não é hora de brincadeira. Que importância tem se é

R U L I A N B M A F T U M 139

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

caneca ou caneco?

–
Mas é que o certo é...

–
Dá pra prestar atenção?

A moça apenas concordou resignada.

–
Copa de 1978: Peru entrega um jogo escandaloso para Argentina,
dona da casa, que depois se torna campeã.

–
Copa de 1982: Alemanha e Áustria combinam resultado de forma
vergonhosa e passam de fase com empate. Argélia fica fora.

–
Copa de 1986: Maradona faz gol de mão contra a Inglaterra.

Argentina é campeã em seguida.

–
Copa de 1990: juiz mexicano marca pênalti inexistente e Alemanha vence Argentina na final.

–
Copa de 1994: Maradona, grande crítico da FIFA, é pego em antidoping duvidoso e é expulso do mundial.

–
1998...

–
Aposto que você vai falar do caso do Ronaldo. Da convulsão.

–
Isso mesmo. É impressionante quantas versões há para isso na internet. Histórias possíveis e um bando de teorias da conspiração sem pé nem cabeça.

–
É verdade. Eu já li muita coisa sobre a Copa de 98. E teve uma outra história também, sobre o jogo Itália e Chile.

–
Que história, Lenora?

–
Bom, eu tinha só oito anos na época, mas lembro porque o treinador do time de futebol da escola, professor Toni, falou muito desta partida para nós. Era o primeiro jogo da Itália na Copa de 98. O Chile estava

ganhando até o finalzinho quando o juiz deu um pênalti duvidoso para a Itália. Aí o Roberto Baggio bateu e empatou. O professor Toni disse pra nós que tinha certeza de que o jogo foi roubado.

—
Por quê?

—
Porque naquela Copa do Mundo o grupo do Brasil cruzou com o da Itália já na primeira fase do mata-mata. Então se o Chile ganha da Itália tinha grandes chances de terminar o grupo em primeiro. E ficar em primeiro significava evitar o Brasil nas oitavas de final. Mas o Chile ficou em segundo na chave e tomou de quatro do Brasil na fase seguinte.

—
O professor Toni dizia que era óbvio que um Brasil e Itália logo nas oitavas de final seria ruim para a Copa do Mundo. Ninguém ia querer

R U L I A N B M A F T U M 140

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

duas favoritas se enfrentando de cara, as maiores campeãs do mundo, as duas seleções finalistas da Copa anterior.

—
Bom, não conheci esse seu professor, mas realmente o argumento dele faz todo o sentido.

Lenora apenas meneou a cabeça.

—

Continuando com minha lista.

—

Copa de 2002: arbitragem ajuda Coreia, dona da casa, duas vezes nas vitórias sobre Itália e Espanha e time vai a semifinal.

—

Copa de 2006: jogadores de Gana são acusados de entregar o jogo e Brasil avança as quartas de final.

Após finalizar Xavier fechou a caderneta. Ele já tinha lido aquilo umas três vezes depois que escreveu e cada nova leitura o deixava mais transtornado. Levantou os olhos para Lenora. Ela estava parada ali, encarando-o fixamente.

—

Então, o que você acha?

—

Você foi atrás disso por conta do que lemos na Suécia, aqueles textos do Sanderson?

—

Sim. Aquilo me chamou a atenção. Quis saber um pouco mais sobre os relatos que tivemos acesso. Foi como um fio de novelo. Comecei a puxar e veio tudo isso. Só não achei nada sobre as Copas de 38 e de 50.

—

Dio mio, Xavier! Eu conhecia algumas destas histórias, mas nunca tinha visto todas juntas deste jeito. Pelo visto você está achando que pode

haver algum tipo de conexão?

—

Pois é Lenora, fui me dando conta enquanto pesquisava. Tem vários textos supondo manipulações de resultado em Copas do Mundo. Mas quando comecei a juntar tudo apareceram alguns padrões assustadores, como você pôde perceber. E olha que eu separei apenas os que considerei mais graves. Porque tem vários outros fatos que não estão aqui.

Os dois se entreolharam preocupados.

—

Eu como jornalista fiquei estarecido com isso tudo. Pelo menos pra mim, que não entendo nada de futebol, parece que há motivos mais do que suficientes para supor que há algo muito errado por trás de alguns destes fatos. Tem coisas aqui inacreditáveis.

—

Será mesmo Xavier? Mas o futebol é um esporte tão cheio dessas coisas. Acontece o tempo todo. Será que você não está exagerando?

—

Pode ser, mas pense desta forma. Não dizem que o futebol é o

RULIANBMAFTUM141

CAIXINHADESURPRESAS

esporte mais imprevisível e por isso tanta gente gosta? Como é aquela frase?

—

“Uma caixinha de surpresas”.

—

Sim, e daí?

—

Você não acha que isso faz do futebol um prato cheio para manipulações, afinal tudo pode acontecer, não é verdade? Absurdos dos mais diversos tipos e ninguém suspeita de nada.

Os dois pararam por mais alguns segundos. Lenora tomou o papel com as anotações das mãos de Xavier e passou o olho rapidamente.

—

Pelo que você pesquisou vários times anfitriões de Copas do Mundo foram beneficiados. Erros escandalosos de juizes por todo o lado...

—

É, e muitas relações de resultados de Copas do Mundo com política, regimes ditatoriais, disputa de poder na FIFA.

Lenora apoiava o queixo entre as mãos. Xavier olhava para a janela esperando pela pergunta que viria em seguida.

—

Você acha que isso tem alguma coisa a ver com a investigação do Martino?

—

Tenho me perguntado desde que descobri esses fatos todos – fez uma pausa e olhou fixamente para a moça.

—
Eu não tenho plena certeza, mas creio que sim.

—
Mas é muito maluco, Xavier! Não faz sentido! Como é que o Martino ia ter se envolvido nisso?

—
Lenora, analise as coisas com calma. Lembre-se que tudo o que estamos fazendo está baseado em dois pedaços de papel que seu pai arrancou de uma caderneta e deixou para que nós achássemos. Ele aparentemente escolheu aquelas duas folhas porque se deu ao trabalho de numerá-las. Uma trazia escândalos históricos relacionados ao futebol, situações investigadas e comprovadas. O outro nomes de pessoas, de jornalistas. Logo de cara, no primeiro da lista, damos com acusações que ele fazia sobre manipulações de resultados em partidas de Copas do Mundo.

Todas as vezes que Xavier lembrava do que o tinha levado até ali seu estômago se revirava. Tudo aquilo por conta de dois pedaços de papel. Por várias vezes vinha a dúvida se não era mesmo uma loucura. Será que Martino não poderia ter se enganado? Quando esses pensamentos apareciam Xavier procurava não dar muita margem. Fazia-

R U L I A N B M A F T U M 142

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

os sumir na mesma velocidade com que apareciam.

–

E se durante aquele caso em que ele esteve envolvido, do Edilson/05, da tal Máfia do Apito no Brasil, Martino tivesse descoberto outras coisas? Fatos que o levaram a tudo isso depois.

–

A única forma de descobrirmos se isso tem a ver ou não com a morte dele é continuar a seguir as pistas. A lista de nomes que temos e que está relacionada com as viagens que vocês fizeram juntos nos últimos anos. O que nos leva à França.

Lenora continuava na mesma posição de antes. Sentada na cama com o queixo entre as mãos, olhando para o nada.

–

Bom, então agora é minha vez – interrompeu Lenora pulando da cama e causando uma cara de curiosidade em Xavier.

–

Fiz umas descobertas legais sobre o jornalista francês, o tal Daniles Lefevre – ela alcançou um pedaço de papel que estava na cabeceira da cama – Descobri a ex-esposa dele. O nome dela é Julia Lefevre. Ela ainda mora em Paris e concordou em nos receber.

–

Você já falou com ela? E como descobriu essas coisas?

Lenora deu um sorrisinho.

–

Eu até pensei em inventar uma história pra você. Ia dizer o quanto foi difícil conseguir todas essas informações. Mas a verdade é que foi muito fácil. Eu apenas digitei “Daniles Lefevre” em um buscador e uma das primeiras coisas que apareceu foi o nome dessa tal Julia. Ela é massagista em Paris, uma das famosas. Até tem um site bem legal. No site tinha a reprodução de uma entrevista que ela deu a uma publicação sobre o trabalho dela, uma espécie de perfil. Ali ela dizia que tinha sido casada com o Daniles.

—

E então você fez contato?

—

É. Mandei um e-mail usando a mesma desculpa que demos na Suécia. Ela não se opôs a nos receber. Fiquei apenas de confirmar uma data.

—

Ótimo. Então você vai fazer contato agora mesmo para marcar.

R U L I A N B M A F T U M 143

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 6

"Não estava nervoso, absolutamente. Já joguei muitas decisões. Essa era a que eu mais esperava. Não iria amarelar. A única coisa que aconteceu foi a indisposição. Não

fiquei com medo de jogar contra a França."

Ronaldo, sobre o problema de saúde que sofreu no

dia da final da Copa de 98.

Xavier Delabona olhou demoradamente para Lenora Silvano,

sentada na poltrona ao lado lendo o caderno de esportes do jornal do dia.

Cada vez mais ele via toda a beleza daquela moça. Em alguns momentos

imaginava se teria algo a ver com a paixão que sentia pela mãe dela. O

fato das duas se parecerem muito poderia influenciá-lo. Também por

Lenora ter características de outra pessoa por quem Xavier era

apaixonado, o velho amigo Martino Andreatto. Mas ele tinha cada vez

mais certeza de que a beleza de Lenora vinha de uma personalidade

original. Era isso que a fazia uma pessoa tão interessante, o fato de ter

conseguido ser ela mesma em meio a duas influências tão fortes quanto

Lucia e Martino. Xavier era apaixonado pelo pai, pela mãe e também pela

filha. Três paixões diferentes mas com intensidades muito parecidas.

Ele olhou em volta e engoliu a seco seus pensamentos. Se Lucia

estivesse certa, como é que ele não tinha se dado conta antes? E mais

complicado, como faria então para tocar naquele assunto com Lenora

sem magoá-la? Sabia apenas que tinha prometido a Lucia uma conversa

com a moça. E, mais importante, ele ficou muito preocupado com a

revelação e precisava fazer alguma coisa para ajudar Lenora.

Xavier encostou a cabeça na poltrona do avião e fechou os olhos.

Precisava colocar as ideias em ordem porque as últimas horas em Turim,

antes de chegarem ao aeroporto para embarcar rumo a Paris, foram

R U L I A N B M A F T U M 144

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

muito agitadas. Primeiro, todas aquelas revelações sobre as Copas do Mundo. Em seguida a discussão com Lenora. A parte boa é que eles conseguiram marcar uma conversa com Julia Levefre para dali a dois dias. Lucia voltou para casa tarde e os dois conseguiram apenas desejar boa noite um ao outro. Estar sob o mesmo teto que Lucia sem tê-la ao seu lado na cama se tornou torturante para Xavier. Por várias vezes, durante a noite, teve vontade de bater a porta dela. Mas preferiu respeitar o momento.

Pela manhã, quando Xavier acordou, Lenora já havia saído para sua rotina de atividades físicas. Assim, ele e Lucia puderam conversar a sós por algum tempo. Tempo suficiente para duas situações importantes.

Lucia contou que estava muito preocupada com o que ele e a filha estavam fazendo. Continuava achando uma loucura, mas não iria interferir, pelo menos por enquanto. Pelo contrário, estava disposta até a ajudar.

Lucia pediu a Xavier para olhar novamente um dos papéis. Leone Gatelli, o último nome da lista. Lucia revelou que conhecia a pessoa. Foi durante a Copa de 1990, quando ela teve o relacionamento com Martino. O tal Leone era um jornalista esportivo italiano de quem Martino ficou amigo durante a Copa do Mundo. Lucia lembrou que os dois, Martino e

Leone, passaram um bom tempo juntos naquela ocasião e que conversavam bastante. Lucia então se ofereceu para localizar informações sobre Leone Gatelli enquanto Xavier e Lenora estivessem na França.

Mas foi a segunda parte da conversa daquela manhã que abalou Xavier. Lucia relatou sua grande preocupação com a filha. Por mais difícil que fosse acreditar Lucia parecia ter razão. Xavier teve tempo de fazer uma pesquisa rápida na internet logo após o café confirmou que vários dos sintomas se encaixavam. A preocupação excessiva com a alimentação, a culpa quando não conseguia treinar, a vergonha em mostrar o corpo sempre coberto por roupas largas e as cargas de exercício, que segundo Lucia, estavam se tornando cada vez mais intensas e pesadas. Essa características de Lenora se encaixavam com a descrição das pessoas que sofriam de Vigorexia.

Xavier não teve condição de se aprofundar muito sobre o tema, mas ao acessar um texto publicado em uma revista científica de psicologia

R U L I A N B M A F T U M 145

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

descobriu que a Vigorexia é considerada um Transtorno Obsessivo Compulsivo e que é mais comum em homens. A pessoa que sofre do transtorno nunca está satisfeita com a condição física e está sempre buscando mais massa muscular e mais desempenho. Para isso, costumam eliminar completamente alimentos que possuam gorduras e

consomem exageradamente proteína. Em muitos dos casos as pessoas acabam apelando inclusive para anabolizantes.

Portanto, para tocar no assunto com Lenora o jornalista sabia que teria que ser muito cuidadoso. Obviamente a moça não reconheceria que precisava procurar ajuda. Ele teria que montar uma estratégia para a conversa. Precisava de mais tempo.

* * *

Não foi difícil achar Julia Lefevre. Nem foi preciso dizer o endereço ao taxista. Bastou falar o nome da mulher e ele já sabia onde levar Xavier e Lenora. No caminho o motorista explicou que Julia era uma massagista muito famosa em Paris e que pessoas vinham de toda a Europa para se consultar com ela.

A Clínica Julia Lefevre ficava em uma rua simpática. Tinha um letreiro discreto na frente com os serviços prestados ali. Massoterapia, Acupuntura, Reiki e, em destaque, o nome da proprietária, sem mais apresentações. Xavier e Lenora foram recebidos por uma recepcionista. Não precisaram aguardar nem cinco minutos e foram levados a uma sala que ficava ao fundo de um extenso corredor cheio de portas. Por uma delas, entreaberta, Xavier percebeu uma mulher de roupa branca arrumando os lençóis de uma maca. Uma música suave tocava por todo o caminho e só parou quando os dois foram convidados pela recepcionista a sentar em uma poltrona confortável e aguardar.

A sala era espaçosa mas com uma decoração minimalista. Havia ali

apenas uma pequena mesa de trabalho, dessas bem modernas com tampo de vidro. Ao lado dela uma estante de duas portas. Em um segundo nível ficava o sofá onde os dois estavam sentados em frente a uma poltrona.

Não houve tempo para perceber mais nada, porque entrou pela porta uma mulher alta e esguia que devia medir um metro e setenta e

R U L I A N B M A F T U M 146

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

cinco. Os cabelos brancos ondulados e curtos estavam presos por um lenço. Diferente das outras pessoas que Xavier e Lenora encontraram ali ela não vestia branco.

–

Bom dia, sou Julia – apertou a mão de Lenora e depois de Xavier e se sentou na poltrona que ficava em frente ao sofá.

–

Então vocês estão aqui para falar sobre o Daniles? Disse ela em francês para entendimento apenas de Lenora.

Neste momento Xavier notou os brilhantes olhos azuis daquela mulher. Pelas informações que Lenora pegou com o taxista Julia deveria ter uns 65 anos, mas aparentava no máximo uns 45. Tinha uma pele bem cuidada que não parecia ter passado por nenhum tipo de cirurgia. As mãos apoiadas nos joelhos chamavam a atenção pelos dedos longos e fortes. As ferramentas de trabalho de Julia Lefevre.

–

Creio que seu amigo prefira que eu fale em inglês – interrompeu Julia olhando fixamente para Xavier, agora já usando um idioma que ele entendia.

Xavier se assustou com aquela abordagem e Lenora sorriu maliciosamente. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

–

Certo, certo – continuou a mulher – E então Lenora, como vai seu pai?

Lenora olhou assustada para Julia e depois para Xavier que também se surpreendeu com a pergunta.

–

Como assim? Você conhece meu pai?

–

Claro. Ele também esteve aqui perguntando por Daniles. Martino, não é?

Mais uma vez Xavier e Lenora trocaram olhares assustados. Agora eles começavam a entender o que tinha dito o taxista, que Julia não era uma massagista comum.

–

Como eu sei disso? Ora meus queridos eu sou muito boa com rostos e está na sua cara que você é filha dele.

–

Ele está morto – se limitou a dizer Lenora.

Julia pareceu não se surpreender com a informação. Ela apenas virou o rosto para o outro lado, na direção da porta. Em seguida se voltou para o jornalista e depois para a moça. Ela tinha uma maneira de olhar muito intensa, mas não invasiva.

–

É, eu sei, eu sei. Parece que todo mundo que mexe com esse

R U L I A N B M A F T U M 147

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

assunto acaba morrendo.

–

Ele devia ser um bom amigo, não é verdade Xavier? Os olhos azuis estavam nele agora.

–

Sim, ele era uma grande pessoa - o jornalista respondeu em bom inglês, o que o surpreendeu mais uma vez. Não se preocupou em perguntar como ela sabia disso porque, de certa forma, a resposta já era desnecessária.

–

Ok Então vou contar a vocês o mesmo que revelei ao Martino quando ele esteve aqui.

Julia Lefevre começou então o relato sobre o ex-marido, Daniles. Os dois foram casados por dez anos. Desde que o conheceu Daniles era um

apaixonado por futebol. Na verdade o futebol foi o que os aproximou. Na época Julia já exercia a profissão de massagista em uma clínica conceituada da cidade. O lugar era frequentado por diversos atletas, muitos deles jogadores de futebol. Em uma ocasião Daniles foi até a clínica para fazer uma entrevista com um destes jogadores e conheceu Julia. Em menos de um ano os dois já estavam casados. No princípio Julia não se importava com a paixão do marido pelo futebol. Mas, nos últimos anos que os dois estiveram juntos o que era paixão virou uma espécie de obsessão. Daniles começou a escrever um livro sobre Copas do Mundo. Ele sempre tinha demonstrado especial interesse por esse assunto, mas dizia que o livro ia mudar muita coisa. Passava madrugadas inteiras escrevendo e, além de não dormir, não se alimentava direito. Em pouco tempo parecia um trapo.

Julia contou que tentou ajudar de todas as maneiras o ex-marido a sair daquela situação. Em vão. Ela acabou deixando Daniles e ele pareceu nem ligar.

Meses depois da separação Julia soube que Daniles havia finalizado o livro. Resolveu parabenizá-lo pelo fim do trabalho. Imaginava que o fim do livro poderia ajudá-lo a se recuperar. Mas se enganou. A partir dali, sempre quando perguntado sobre a obra, Daniles dizia que nunca iria publicá-lo e que, na verdade iria queimá-lo para que ninguém resolvesse publicar depois da morte dele. Ele repetiu isso em diversas oportunidades em que esteve com Julia. Até que um dia Daniles cumpriu

com a promessa. Mas neste momento de insanidade a casa toda pegou fogo, com Daniles Lefevre dentro dela.

R U L I A N B M A F T U M 148

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Xavier e Lenora demoraram um tempo para assimilar aquela história toda. Enquanto a moça tentava organizar as palavras para retomar a conversa Xavier pôs a mão no bolso de dentro do casaco e pegou os pedaços de papel.

—

Quer dizer que ele morreu queimado! Que coisa horrível! – Lenora interrompeu o silêncio.

—

Sim, foi uma coisa horrível. Daniles era um bom homem, uma pessoa muito lúcida. Mas, de repente, tudo mudou.

Xavier esticou a mão e entregou o papel para Julia. Pediu a Lenora que perguntasse se ela poderia dizer algo sobre algum daqueles nomes. A massagista analisou rapidamente o conteúdo.

Totonero 80/86; Grobellar, 94; Hoyzer, 05; Calciopoli, 06; Tapie, 93; Edilson, 05; Premier, 15/60; Bundesliga, 71; Ye Zheyun, 05; Operador, X.

—

Sim, sim, como poderia esquecer – disse ela apontando o dedo para o papel – Tapie, 93.

—

O que tem ele? Perguntou Lenora antes que Xavier pudesse esboçar qualquer reação.

—

Daniles participou desse caso. Eu lembro bem porque esse assunto tomou conta do noticiário. Na época fiquei feliz porque achei que ele estivesse voltando ao normal.

Lenora traduziu rapidamente a Xavier. Mas ele abanou a mão no ar afirmando que tinha entendido. Pediu então para que Julia continuasse.

—

Não sei mais muita coisa, apenas que o nome dele apareceu relacionado a reportagens sobre este caso algumas vezes. Quando tentei tocar no assunto ele ficava muito inquieto e não contava nada. Como disse, Daniles passou os últimos anos da vida dele de forma estranha. Lenora olhou para Xavier e ele estava com uma expressão de ansiedade. Perguntou se ele tinha entendido tudo e recebeu um sinal afirmativo. A moça conhecia aquela cara. Era a mesma da casa de Cecilia Sanderson pouco antes de Xavier pegar Lenora pelo braço e ir embora, sem mais explicações. A moça não queria que isso acontecesse novamente. Julia tinha sido muito atenciosa até ali e merecia um pouco mais de atenção, até para que a visita deles não levantasse muitas suspeitas. Lenora então sugeriu que Xavier saísse um pouco da sala e deixasse que ela terminasse a entrevista com Julia. Ele não aceitou e houve um pequeno desentendimento.

CAIXINHADESURPRESAS

–
Não se preocupem comigo – interrompeu Julia. Foi o suficiente para que a discussão terminasse. Ela suspirou antes de continuar.

–
Eu sei que vocês não estão aqui pelo motivo que me disseram. Vejo que revelei algo importante para seja lá o que for que vocês dois estão fazendo. Então não se incomodem por minha causa se precisarem ir – Julia deu uma piscadela para Lenora que ficou extremamente sem graça. A despedida de Julia foi bastante sucinta. Pelo visto ela também não queria perder mais tempo com aquela conversa. Por mais que a massagista tentasse disfarçar era nítido que falar no assunto a deixava abalada.

Lenora saiu na frente com Xavier logo atrás. Mas antes que o jornalista saísse da sala foi pego pelo braço por Julia.

–
Você é um bom homem, Xavier – ela o encarou mais uma vez com aqueles grandes olhos azuis – Assim como eram Martino e Daniles. Xavier não conseguia articular nenhuma palavra, nada. Apenas olhava fixamente para os olhos de Julia.

–
Tome muito cuidado. Não precisamos de mais um bom homem

morto. Não deixe que essa grande paixão que está aí dentro atrapalhe as coisas. Pode ser muito perigoso.

Julia soltou suavemente o braço dele e saiu em direção ao corredor.

Xavier permaneceu ali, atônito.

–

O que ela te disse? Xavier?

–

Hã, o que?

–

Ela te disse alguma coisa, o que foi?

–

Não, nada. Não foi nada. Apenas disse para tomarmos cuidado.

Em cinco minutos os dois já estavam novamente na rua. Xavier segurava o pedaço de papel, o mesmo que tinha mostrado a Julia pouco antes. Ele olhava atentamente para a lista de nomes e Lenora preferiu não interromper.

–

Você percebe o que está acontecendo, certo?

–

Você fala sobre a relação entre as listas?

–

Sim, isso! Veja só – ele colocou as duas listas lado a lado apoiadas em uma parede.

—
Martin Sandersen esteve envolvido com “Premier 60”. Daniles Lefevre com “Tapie/93”...

—
... e o Martino com “Edilson/05”, completou Lenora pegando a
R U L I A N B M A F T U M 150

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

deixa.

—
Isso é uma merda! Uma grande merda! - Xavier se afastou um pouco.

—
Calma Xavier! Parece que você vai ter um treco!

—
Você entende o que isso quer dizer, Lenora? Xavier voltou para perto dela.

—
Assim como Martino esses outros caras devem ter ido mais fundo nos casos. Devem ter descoberto outras pistas. E incomodaram alguém com isso.

—
Certo, podem ter descoberto coisas além do que foi revelado.

—

Isso! São histórias parecidas. Todos jornalistas, todos apaixonados por futebol, todos...

—

...todos mortos! Assim como o Martino.

Era mais um daqueles momentos de silêncio onde segundos pareciam horas. Lenora sentou no parapeito do muro externo da clínica de Julia Lefevre. Xavier ficou um pouco parado, em pé. Estava tão extasiado com a descoberta que esqueceu do real motivo de estarem ali: solucionar a morte de Martino, seu grande amigo e pai de Lenora. A moça, de forma bem objetiva, fez o favor de lembrá-lo disso. Xavier sentou-se ao lado dela.

—

Desculpe pela minha reação. Você sabe que eu e você estamos metidos nessa loucura pelo mesmo motivo. É que finalmente as coisas começam a fazer sentido agora, Lenora. Precisamos decidir se queremos continuar.

Lenora demorou uns segundos e levantou o rosto. Ele conhecia aquele olhar, decidido. Sabia a resposta que viria em seguida. Na verdade, a esta altura, Xavier tinha certeza de que era um caminho sem volta. Não conseguiria viver sem descobrir a verdade sobre a morte de Martino. Iria continuar com ou sem Lenora. Mas sabia também que precisava demais dela.

—

Ok, então temos que tentar achar alguma coisa sobre Manfred Geitz. Mas lembro que no avião você contou que, quando esteve aqui com Martino, vocês visitaram um estádio, como era mesmo o nome?

—

Stade de France. Foi onde aconteceu a final da Copa de 98.

—

Você gostaria de voltar lá? Ainda temos tempo.

R U L I A N B M A F T U M 151

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Já dentro do táxi Xavier pediu para que Lenora contasse o que sabia do estádio. Como uma criança que ouve histórias antes de dormir ele ficava fascinado quando a moça falava sobre o assunto de que mais gostava. Mas não era o conteúdo que o deixava daquele jeito, afinal ele não entendia metade do que ela dizia, e sim a forma, a paixão que explodia nos olhos de Lenora.

Porém, aquela história não era estranha para Xavier. Como esquecer da enxurrada que houve na imprensa depois da final da Copa de 98. A derrota do Brasil e todos os fatos e inúmeras versões que vieram a seguir para o problema com o Ronaldo. Mais uma vez Xavier lembrou das inúmeras teorias que encontrou na internet a respeito do assunto.

Jogador que se vendeu, envenenamento, acordo de patrocinador, enfim, um prato cheio para sensacionalismo, e até para livros policiais. A versão

oficial era a de que o jogador teve uma convulsão, mas que mesmo assim pediu pra jogar. Então a situação abalou muito o time que não jogou o que podia e perdeu para os franceses.

Fernand, esse era o nome do guia que atendeu Xavier Delabona e Lenora Silvano quando os dois entraram no Stade de France. Era final de tarde e não havia quase ninguém. Fernand pediu que os dois aguardassem alguns minutos para que pudessem iniciar o tour. Lenora não conseguia esconder a emoção de estar ali novamente.

Disse que aquele seria o último tour do dia e que não havia chegado mais ninguém. Seriam apenas ele, Lenora e Xavier. O guia começou explicando a história do estádio. Construído para a Copa de 98, sediou a partida de abertura e a final, com a vitória da França por 3 a 0 contra o Brasil. Hoje era um estádio pouco usado para futebol, estava mais para uma arena multiuso que sediava desde jogos de rugby até grandes shows musicais.

Passaram por um museu com fotos de cantores famosos e instrumentos musicais de alguns deles. É claro que havia também muitas relíquias de esporte, como uma camisa do Brasil autografada pelos jogadores da final de 98. Passaram em seguida pelas tribunas de honra, onde ficam as celebridades e até pela prisão do estádio, que funciona em dias de eventos. Por fim, Fernand levou a moça e o jornalista aos vestiários, muito luxuosos e sofisticados.

CAIXINHA DE SURPRESAS

De repente, algumas luzes se apagaram. O ambiente ficou parcialmente escuro. Fernand se desculpou e pediu licença para verificar o que tinha acontecido. Lenora estava sentada em um dos inúmeros bancos ali existentes. Continuava fascinada. Xavier permaneceu em pé, ouvindo a moça enumerar quais jogadores já poderiam ter passado por ali. Lenora se dirigiu a porta que, segundo ela, levava ao campo. A porta estava destrancada e ao abri-la um pouco mais de luz entrou no ambiente que continuava na penumbra. Mesmo no escuro Xavier pode ver o sorriso da moça que o convidou para segui-la túnel adentro. Mas nem houve tempo para que Lenora desse um passo. Um vulto negro, enorme, agarrou-a com força pela cintura com uma mão e tapou a boca com a outra.

Xavier sentiu uma presença atrás dele o que foi providencial para não ser atingido na cabeça por algum objeto pesado que passou assoviando pelo seu ouvido. Porém, nem houve tempo para que ele tentasse correr já que um outro vulto conseguiu chutar suas pernas com força fazendo-o cair de cara no chão. Ao se virar o vulto já estava com as mãos em seu pescoço. Naquele momento o pânico já tomava conta dele. O homem tinha uma força descomunal e levantou o jornalista com apenas um movimento batendo-o contra a parede.

Nos rápidos segundos que conseguiu abrir os olhos, Xavier viu pelo pouco que aparecia do rosto do gigante que se tratava de um homem

negro que usava uma roupa igualmente negra, assim como o outro mantinha Lenora imobilizada. A moça continuava suspensa no ar, batendo as pernas desesperadamente tentando se livrar do outro gigante. Ao ver Lenora se debatendo Xavier retomou contato com o resto do corpo. Desde a rasteira não sentia as pernas e parecia que o gigante negro sabia disso pois continuava segurando-o apenas pelo pescoço.

O jornalista canalizou então toda a força do corpo contra a parede e conseguiu desferir um chute com as duas pernas na barriga do homem. Uma das pernas parecia ter atingido um bloco de cimento, mas a outra deve ter acertado a boca do estômago porque o gigante esbugalhou os olhos como se estivesse sem ar. Isso o fez afrouxar um pouco as mãos e Xavier caiu sentado no chão. Conseguiu rapidamente rolar para o lado, dar dois ou três passos para longe e ficar em pé. Ao focalizar a imagem do cenário novamente viu o seu agressor abaixado com as mãos na

R U L I A N B M A F T U M 153

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

barriga. Mais à frente o outro gigante ainda tentava dominar Lenora. Ela lutava mas parecia extasiada. Um dos vultos gritou alguma coisa em direção ao companheiro em um idioma incompreensível.

Xavier olhou para o chão e viu, em um dos poucos focos de luz que entrava pela porta do túnel, o objeto que deve ter passado zunido pelo seu ouvido. Parecia ser uma espécie de cassetete. Pegou-o nas mãos e correu em direção a Lenora. Por pouco não foi agarrado novamente pelo outro

vulto que já parecia recuperado. O jornalista concentrou então toda a força nas mãos e acertou a perna do agressor de Lenora, atrás do joelho. O golpe fez com que o gigante cambaleasse um pouco e permitiu que Lenora conseguisse apoiar os pés no chão. A moça deu um salto para cima o que fez com que a cabeça dela batesse no maxilar do agressor que uivou de dor e a soltou com um dos braços, mas continuou segurando-a com o outro. Lenora se aproveitou do movimento do gigante, girou em torno do próprio corpo e acertou um chute poderoso no peito dele. A moça caiu sentada e conseguiu apenas se arrastar um pouco para trás. O gigante não demorou a se restabelecer e a encurralou novamente. Xavier pouco pode ver da agilidade e da coragem de Lenora. Logo após o golpe que deu no segundo gigante que ajudou a libertar parcialmente a moça ele foi agarrado novamente pelo outro que o sufocava com mais raiva do que da primeira vez. Parecia uma questão de tempo para que aquelas mãos debulhassem o pescoço dele. E como estaria Lenora? Morta? O ar já não vinha mais. Os olhos se fecharam. Ouviu um grito assustador e em segundos o corpo de Xavier desfaleceu no chão abruptamente.

* * *

O homem careca foi mais cuidadoso desta vez. Em Estocolmo tinha vacilado. Violou uma das regras mais básicas de quando se está seguindo uma pessoa. Manter uma distância segura é fundamental. Ver sem ser visto. E ele foi visto. Não poderia cometer o mesmo erro agora. No mínimo

seria motivo de chacota entre os colegas. Era inconcebível não conseguir o que precisava daqueles dois brasileiros. Não podia falhar novamente. Pelo menos o território agora era mais familiar. Em Paris ele era praticamente um nativo. Conhecia todos os caminhos e os atalhos.

R U L I A N B M A F T U M 154

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Dominava o idioma. Além disso, naquele lugar, o tipo físico dele não chamava tanto a atenção.

Até aquele momento tudo corria bem. Seguiu os dois até uma clínica de massagens no norte da cidade. Não precisou se esforçar muito para conseguir algumas informações enquanto os dois conversavam com a tal Julia Lefevre. Bastou jogar um charme para a recepcionista e, além do que ele queria saber, ainda ganhou o telefone dela. Uma marroquina de não se jogar fora. Talvez, na próxima vez que voltasse à França a passeio, ligaria para ela.

O homem careca não entendeu porque o interesse na tal Julia Lefevre. Já havia solicitado por telefone um perfil urgente da mulher. A qualquer momento as informações chegariam. Imaginava que existiria algum padrão entre Julia e Cecilia Sanderson, a mulher com quem os brasileiros estiveram na Suécia. Alguma coisa deveria justificar as visitas em um espaço de tempo tão curto.

Quem sabe o próximo paradeiro dos dois revelaria alguma outra coisa. O táxi rumava para Sant Denis. O dia ainda estava claro, o que

facilitava as coisas por um lado, mas fazia com que a atenção dele tivesse que estar redobrada. Mesmo com o disfarce e a peruca temia que pudesse pisar na bola mais uma vez. O chefe não perdoaria uma segunda falha daquelas.

Ao ver Lenora Silvano e Xavier Delabona desembarcando do táxi em frente ao Stade de France o careca deu um bufada de incompreensão. Ou eles eram muito espertos, ou tinham uma espécie de tara por estádios de futebol.

Estacionou o carro, travou as portas e saiu correndo para achar um local onde pudesse vigiá-los. Percebeu que o horário de visitaçã o já estava no fim. Deu a volta e viu um grupo de homens carregando equipamentos em um caminhão. Pareciam equipamentos de som, amplificadores. Uma rápida conversa e conseguiu entrar. A porta dava em um corredor que levava direto ao campo. Estava tudo escuro, apenas com algumas luzes do outro lado. As placas indicavam que os vestiários e o museu ficavam para lá. O sol já tinha quase ido embora e a escuridão tomava conta rapidamente do lugar. Uma lufada de ar frio encanou ali onde ele estava. Fechou o casaco preto até em cima e apertou o passo. A placa sinalizava vestiários logo em frente. Deu mais uns cinco

R U L I A N B M A F T U M 155

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

passos pelo corredor e chegou a uma espécie de hall. Ouviu vozes vindas lá de dentro, do vestiário. De repente, ouviu um barulho que vinha atrás

deles. Escondeu-se rapidamente em uma das sombras do lugar. Cinco segundos depois dois homens de preto passaram correndo por ali e entraram no corredor que levava aos vestiários.

O careca sacou a pequena 22 que guardava no bolso de dentro da jaqueta junto com uma pequena lanterna. Alguma coisa estava errada. Mais alguns minutos e a certeza do perigo. Todas as luzes se apagaram repentinamente. Um black out provocado. Uma porta se abrindo. Um grito abafado rapidamente. Barulhos que vinham do vestiário. Decidiu que era hora de sair das sombras.

Deu alguns passos até o final do corredor. Havia uma porta de cada lado. Da direita vinham os barulhos. Sabia do risco de entrar ali diretamente. Tentou abrir a da esquerda, mas estava fechada.

Um estrondo veio do outro vestiário. Parecia uma briga. Forçou a porta trancada do vestiário da frente novamente. Conseguiu abri-la.

Estava tudo escuro ali dentro. Iluminou o caminho com a lanterna e correu em direção ao outro lado onde viu uma porta aberta. Ela dava para um corredor, também escuro. O que imaginava tinha dado certo. Um pouco mais a frente havia outro acesso para o vestiário de onde vinham os barulhos. Dez passos mais e ele quase foi ao chão. Olhou para baixo para ver no que tinha tropeçado direcionando a lanterna. Uma perna! Uma perna humana que escapava por uma portinhola semiaberta. Abriu rapidamente a porta e viu o resto do corpo ali, no que parecia ser um pequeno depósito de limpeza. Era um rapaz. Estava morto.

Ouviu um urro vindo do vestiário que o arrepiou dos pés a cabeça. Correu em direção a porta. Sabia que não teria muito tempo para agir. Posicionou a arma e entrou. Primeiro viu um dos homens que encontrou correndo pelo hall de entrada. Ele estava segurando Lenora, que se debatia freneticamente. Mais a esquerda outro homem, exatamente igual, segurava Xavier pelo pescoço com raiva. Eram dois gigantes.

A escuridão e os brasileiros mantinham os dois ocupados, pois nem perceberam a entrada dele. Tinha que agir rápido. Correu em direção ao gigante que agarrava Xavier e deu uma coronhada na cabeça dele com toda força. O homem soltou um grunhido assustador. O golpe não foi suficiente para fazê-lo desmaiar, mas fez com que largasse Xavier que

R U L I A N B M A F T U M 156

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

caiu desfalecido no chão. Apontou a arma com a lanterna em direção ao outro:

—

Solte a moça!

O segundo gigante levantou os olhos para o careca e o encarou por dois segundos.

—

Solte a moça, ou seu colega aqui vai sofrer as consequências – ele apontou a arma para o outro gigante sentado no chão, ainda se recuperando do golpe.

O agressor de Lenora andou em direção a porta de trás do vestiário.

Era a que levava ao campo. Ele ainda tinha a moça sobre controle, mas já não a segurava com tanta força. Falou algo para o outro em um idioma que o careca não compreendeu. Ele ficou em pé.

—

Parados aí, vocês dois! E você, solte a moça! Eu não estou brincando!

O agressor de Lenora fez um gesto com as mãos apontando para o comparsa e para Lenora. Ele estava sugerindo uma troca. O careca tinha que pensar rápido. A missão dada a ele era muito clara, vigiar e cuidar. Xavier estava caído no chão, não se sabia se vivo ou morto. Já Lenora estava viva, com certeza, mas a mercê do gigante negro. Ao mesmo tempo, não havia dúvida que os dois agressores eram os responsáveis pela morte do rapaz no corredor. Não poderia deixar dois assassinos soltos assim. Sabia que tinha que fazer uma escolha, pois seria impossível, dadas as circunstâncias da situação, libertar Lenora e prender os dois.

—

Ok! Ok! Deixe a moça aí que eu libero seu amigo.

O gigante falou algo no idioma incompreensível para o outro que andou, ainda cambaleante, em direção a porta. O careca acompanhava os movimentos com o 22 apontado e pronto para o disparo. Eles passaram pela porta, mas antes deixaram Lenora no chão.

O careca pensou em correr atrás dos dois gigantes, mas a situação ali não permitia. Tinha Lenora caída de um lado, tossindo, e Xavier do outro, sem se mover. Pegou o telefone e discou. Precisava de ajuda médica. Também precisava avisar o chefe.

R U L I A N B M A F T U M 157

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Paul Santini olhou novamente para seu smartphone. Nenhuma novidade. Estava ansioso por informações. Já se passava quase uma hora desde o último status que tinha recebido do agente de campo Leister Mandu. Olhou novamente para a última mensagem em sua caixa. A equipe da Interpol em Londres, que estava em contato direto com Mandu, relatou a Santini que o agente seguiu os brasileiros Xavier Delabona e Lenora Silvano até uma casa de massagens e que em seguida os dois rumaram para o Stade de France. Depois disso, mais nada. Nenhuma informação. Por inúmeras vezes a equipe em Londres havia tentado contato com Leister Mandu, sem sucesso. Torcia para o agente não ter pisado na bola de novo, como acontecera em Estocolmo.

Santini olhou em volta mais uma vez. O Charles de Gaulle estava como sempre, muito movimentado. O voo de Lyon, que tinha ele entre os passageiros, havia chegado já há 40 minutos. Santini preferiu não completar a parte final da viagem a Londres até que tivesse notícias. Principalmente depois do fracasso de sua reunião na sede da Interpol, em

Lyon. Pelo menos para ele era um fracasso, por mais que tivesse recebido congratulações de seus superiores. Santini tinha uma certeza, a investigação sobre os escândalos de resultados estava parada. O que, nas manchetes iniciais, prometia ser “um dos maiores escândalos de manipulação de resultados da história”, na melhor das hipóteses levaria a algumas prisões, como sempre aconteceu antes em escândalos deste tipo.

Para Paul Santini a situação era, no mínimo, frustrante. Sabia que havia muito mais. Seu faro de investigador não poderia ter falhado. Quando colocou as mãos no caso teve certeza de que era a grande chance de mostrar quem ele era. De uma promessa na Interpol a uma realidade. Ele precisava de mais. E por isso decidiu colocar sua equipe para seguir Xavier e Lenora desde o momento em que eles saíram da sede da Interpol, em Londres. A conversa do tal jornalista brasileiro tinha sido muito estranha, mas confirmava o seu faro inicial. Toda vez que Santini lembrava das palavras de Xavier Delabona o coração dele acelerava. Uma máfia internacional de apostas e manipulação de resultados. O que quer que os dois soubessem, ele precisava ter acesso.

O smartphone que estava em sua mão vibrou. Era a mensagem que

R U L I A N B M A F T U M 158

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

ele tanto esperava. Mas surpreendeu-se com o que estava escrito ali. Saiu em disparada para a entrada do aeroporto e entrou num táxi. Em 30

minutos estaria no Stade de France. Ligou para a equipe em Londres e ordenou que providenciassem para que ninguém tivesse acesso aos dois brasileiros antes dele chegar.

* * *

As marcas roxas no pescoço de Xavier Delabona eram grandes. Nenhuma surpresa pois elas correspondiam ao tamanho das mãos do agressor. Um gigante de dois metros de altura e quase isso de largura. Perguntou-se porque ainda estava vivo. Tudo aconteceu muito rápido, é verdade. Mas, pela força dos dois vultos negros e pelas circunstâncias, alguns segundos já teriam sido suficientes para acabar com a vida dele e de Lenora. O que eles queriam, então? Assustá-los? Mandar um recado? Xavier olhou-se novamente no espelho. Um recado, sem dúvida tinha sido dado. Aquelas enormes manchas roxas no pescoço dele não o deixariam esquecer tão cedo do que acontecido, assim como a pancada que levou na cabeça no apartamento de Martino. Eram dois desmaios provocados em um espaço bem curto de tempo.

O jornalista se assustou com as lembranças. Será que as duas agressões foram provocadas pelas mesmas pessoas? E se os gigantes negros tivessem alguma relação com a morte de Martino?

Eu olhei nos olhos de um deles. Posso ter olhado nos olhos do assassino do Martino. Posso ter ficado frente a frente com o homem que matou meu grande amigo.

Por alguns segundos o olhar de Xavier se fixou na própria imagem

no espelho. Viu naquele rosto um misto de tristeza, raiva, medo, frustração.

Agora não tinha mais volta.

Jogou mais água no rosto e saiu do banheiro.

Ali, onde tudo aconteceu, estavam Lenora e o careca. Ela sentada em um dos bancos abraçando as pernas e ainda bastante assustada. Já o careca estava mais ao canto, falando ao telefone. Na verdade só agora ele estava careca, pois na primeira vez que Xavier o viu ali, assim que acordou do desmaio, ele tinha cabelo. Também tinha um nome, Leister
R U L I A N B M A F T U M 159

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Mandu. Agente Leister Mandu, da Interpol. O mesmo homem careca que perseguiu ele e Lenora em Estocolmo agora, ao que tudo indicava, tinha salvado a vida deles. E pelo visto vinha seguindo os dois há tempo. Xavier se perguntou desde quando. Será que a presença do careca ali tinha algo a ver com a visita que fizeram ao inspetor Paul Santini dias antes? Era bem provável que sim.

Por um segundo, Xavier sentiu-se feliz. Na verdade orgulhoso de si. Quando ousou sair da pauta combinada com Lenora na suposta entrevista com Santini imaginava chamar a atenção do inspetor. Mas não pensou que poderia chegar a tanto.

Xavier sentou ao lado de Lenora e ela encostou a cabeça em seu ombro. Pensou em falar alguma coisa, perguntar se estava tudo bem. Mas

não teve forças, ou não teve vontade. É óbvio que não estava nada bem.

—

Ok, temos que sair daqui – disse o agente Mandu se aproximando dos dois.

Xavier aguardou um pouco pois imaginava que Lenora ia tomar a dianteira da conversa, como sempre fazia. Mas ela continuava ali, com a cabeça encostada em seu ombro. Ele então teria que usar seu inglês de aeromoça mais uma vez.

—

Onde? Foi a única palavra que saiu.

—

Vou levá-los para um hotel próximo. Não podemos ficar aqui nem mais um minuto. A polícia francesa deve estar chegando a qualquer momento.

Xavier pensou em mil coisas que poderia dizer. Que ele e Lenora não iriam a lugar nenhum. Que precisava saber o que estava acontecendo antes de ir a qualquer lugar. Que não confiava naquele careca. Mas ele estava muito cansado para isso. Concordou com a cabeça.

* * *

Ao ver a figura alta e longilínea entrando pela porta do quarto, Xavier sentiu mais uma vez aquela pontada de orgulho de si mesmo. Paul Santini realmente tinha uma presença muito marcante. O rosto forte e quadrado, com vincos bem marcados. O terno impecavelmente ajustado,

como da primeira vez que o viu, em Londres. Xavier lembrou dos filmes de 007, principalmente quando o papel do espião era representado por

R U L I A N B M A F T U M 160

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Roger Moore. Nas cenas onde James Bond enfrentava dez bandidos, passava por explosões, perseguições no topo de prédios e, no final, ele dava apenas um tapa no terno e parecia que nada tinha acontecido. Assim ele imaginava que era Paul Santini. Já passava das nove da noite e a impressão era de que o homem acabara de tomar um banho e estava saindo de casa para trabalhar.

Santini deu uma rápida encarada em Lenora e depois em Xavier.

Fez um sinal com a cabeça para que o agente Mandu o acompanhasse até o corredor. Os dois falavam baixo. Não era possível entender o que conversavam, mas a vibração da voz gutural do inspetor reverberava pelo quarto. Tanto que fez com que Lenora despertasse. Assim que chegaram ali dormiu, exausta. Ela sentou na beirada da cama e ficou de frente para o jornalista que estava em uma poltrona ao lado da janela.

—

Oi Lenora. Como você está?

—

Onde nós estamos?

—

Estamos no hotel, lembra? O agente Mandu nos trouxe pra cá —

neste momento Xavier percebeu que não sabia também onde os dois estavam. Quando saíram do Stade de France entraram em um táxi e andaram poucos minutos antes de chegar ao hotel que ele não fazia ideia onde ficava.

—

Esse é o cara de quem nós fugimos na Suécia, não é?

—

É ele sim. E para nossa sorte ele também estava nos seguindo hoje, caso contrário poderíamos não estar aqui.

Lenora levantou a cabeça e encarou Xavier. Ele imaginava ver medo nos olhos dela, mas não.

—

Será que foram aqueles caras que mataram o Martino?

—

Eu não sei, Lenora. Eu não sei.

—

Bom, se foram pelo menos acertei ele uma vez.

—

Eu vi. Definitivamente você não bate bem da cabeça.

—

E como está o seu pescoço?

—

Ainda dói um pouco quando encosto, mas acho que não tem nada de

mais. E você? Está machucada.

—

Aquele cara era muito forte. Mas eu estou bem. Já estou acostumada em ter dores pelo corpo.

A conversa foi interrompida pela porta abrindo. Santini e Mandu estavam de volta no quarto. O inspetor encarou novamente os dois.

RULIANBMAFTUM 161

CAIXINHA DESURPRESAS

Parecia pensar em como começar, ou que idioma usar. A escolha foi o inglês.

—

Como está o pescoço?

—

Está Ok - limitou-se a responder Xavier. Teria que arrumar um lenço ou coisa parecida se não quisesse ouvir aquela mesma pergunta de todos que olhassem pra ele.

—

Se vocês quiserem podemos passar em um hospital depois para que alguém dê uma olhada em vocês.

Ele respondeu apenas com um aceno negativo com a cabeça.

—

Preciso que me digam o que está acontecendo. Pelo que Leister contou se ele não tivesse aparecido vocês dois poderiam estar mortos

agora.

—

É. Eu nem tive a oportunidade de agradecê-lo - Xavier olhou para o agente Mandu parado ao lado da porta. Ele apenas meneou a cabeça.

—

Então, Leister tem seguido vocês desde nosso último encontro em Londres. Não poderia correr o risco depois do que você me disse, Xavier. Eram denúncias muito sérias.

—

Mas você mesmo disse que não tínhamos provas...

Xavier ficou feliz de Lenora ter voltado a tomar a frente na conversa.

—

Sim, mas, como eu já disse, resolvi não correr o risco.

A moça e o jornalista se olharam. Não precisaram de palavras para se comunicar. Deveriam revelar as coisas ao inspetor? E se contassem, até que ponto?

—

Acho que vocês não estão entendendo a gravidade da situação - Santini deu um passo a frente. O tom de voz dele tinha ficado mais grave, o que para um homem com uma voz daquelas poderia ser assustador. Não havia como não prestar atenção no que ia dizer. Fez questão de falar pausadamente para que Xavier entendesse também.

—

O meu colega aqui acabou de salvar a vida de vocês dois. Existem pessoas que querem ver vocês mortos. E pelo visto é gente muito perigosa. Eu preciso saber o que está acontecendo para poder saber como ajudá-los. Então nem pensem em esconder nada. Qualquer informação, qualquer detalhe, é muito importante.

Xavier e Lenora trocaram olhares mais uma vez. Os dois sabiam que Paul Santini estava certo. Mas tinham dúvidas se o interesse do

R U L I A N B M A F T U M 162

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

inspetor era pela vida deles ou se apenas tinha achado um rumo para a investigação. Até aquele momento, Santini precisava mais deles do que os dois da polícia. Mas, devido ao último fato, a situação estava equilibrada.

Xavier sentou-se novamente no sofá ao lado da janela. Deu um suspiro longo. Estava exausto. Puxou o ar com força pelo nariz e começou a falar, em português, para que Lenora traduzisse. A moça e Santini sentaram-se na cama. Os quarenta minutos seguintes transcorreram desta forma. Xavier formulava pequenos fragmentos da história. Lenora traduzia a Santini. O inspetor quase não interrompeu o fluxo. Anotava, de tempos em tempos, algumas coisas em uma caderneta que tinha puxado do bolso de dentro do paletó.

O jornalista começou contando sobre a morte de Martino. A agressão que sofrera no dia do enterro. A carta enviada a Lenora. As duas

folhas de papel deixadas por ele dentro de uma capa de DVD, que mostrou imediatamente a Santini. As pesquisas que levaram aos jornalistas europeus. O que tinham descoberto nas duas visitas já feitas, em Estocolmo e ali, em Paris.

Xavier passou os detalhes e procurou se concentrar nos principais fatos. Quando achou que não tinha mais o que falar fechou os olhos com força. Eles ardiam, como se alguém tivesse jogado pimenta dentro ou esfregado uma cebola em cada pálpebra. Enxugou as lágrimas que escorreram e massageou-os com a planta das mãos por alguns segundos. Ao abri-los novamente viu Lenora sentada no mesmo lugar de antes. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, ela tinha a cabeça abaixada entre as mãos.

Ao lado Paul Santini, com olhos arregalados, olhava para seus escritos, anotando mais algumas coisas. Arrancou um papel da caderneta e estendeu, sem dizer nada, na direção do agente Leister Mandu. O homem pegou o papel e, sem olhar para o que estava escrito, saiu do quarto rapidamente.

Santini voltou novamente a atenção para Xavier. Parecia preparar bem o que ia dizer. Santini não era homem de falar por falar. Sabia como poucos mediar as palavras e adaptá-las a sua plateia, principalmente com o tom que usava. Decidiu continuar com o nível mais solene de antes. Precisava de impacto e de atenção.

O que vocês me contam é bastante sério. Temos aqui uma porção de

R U L I A N B M A F T U M 163

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

crimes que vão desde corrupção, até assassinato. E tudo estaria ligado a manipulação de resultados em partidas de futebol. Não só em jogos comuns, de campeonatos regulares, mas também em Copas do Mundo. Santini conseguiu começar de um jeito que mobilizava a plateia, mas servia também para que ele pudesse repetir a si mesmo o que tinha ouvido ali.

—

Infelizmente, as provas concretas que sustentam tudo isso são absurdamente frágeis. Dois pedaços de papel, uma carta e uma suposta tentativa de assassinato que pode muito bem ser confundida com um assalto. Aliás, é desta forma que isso está sendo contado neste momento.

—

Como assim, assalto? Os caras tentaram nos matar! O seu agente estava lá!

Lenora reagiu furiosa, dando um salto da cama. Olhou incrédula para os homens que estavam no quarto. Esperava uma reação parecida de Xavier. Mas o jornalista apenas se ajeitou na cadeira. Estava mesmo exausto.

Paul Santini ficou em pé lentamente. Xavier mais uma vez deu o braço a torcer para o talento do homem. Sabia usar seus dotes físicos

como poucos. Só a forma como levantou da cama, fazendo crescer seu 1,90m, era, no mínimo, intimidadora. Colocou uma das mãos enormes no ombro de Lenora. Agora escolheu um tom de voz mais ameno.

—
Preciso que vocês entendam. Se, por acaso, levo a frente essa ideia de assassinato, vocês precisariam ser muito expostos. Perderíamos tempo com depoimentos, investigações que, tenho certeza, não dariam em nada. Não conseguiríamos descobrir quem eram aqueles homens de hoje. Além do mais, seria bem provável que a polícia francesa recomendasse que os dois voltassem para suas casas, o que colocaria um fim nas investigações que estão sendo feitas por vocês.

—
Não! Não podemos parar agora! Xavier...

O jornalista olhava atento para o homem em sua frente. Gastava as últimas energias tentando ler onde o inspetor Santini queria chegar. As provas concretas eram fracas, ele concordava. Exatamente por isso Santini não tinha como entrar na investigação de forma oficial. Precisava dele e de Lenora. E entregá-los a polícia francesa poderia significar o fim de tudo. Estavam em um jogo. O inspetor acabara de fazer um movimento inteligente. Precisava responder a altura.

R U L I A N B M A F T U M 164

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

O inspetor Santini está certo. Nós não vamos parar Lenora, não se preocupe.

Ficou em pé, e dirigiu a palavra agora para o inspetor. Pegou no braço de Lenora como sinal para que ela traduzisse o que ia dizer.

—

Está claro que você não pode nos ajudar, não de maneira oficial, nesta investigação. Afinal, as provas são fracas tecnicamente.

—

Mas vejo que o que contamos chamou sua atenção. Provavelmente a investigação da Interpol está indo de mal a pior e você vê em nossa história um caminho bem mais interessante.

—

Tenho a dizer que não pretendemos parar com o que estamos fazendo. Até porque não é o que você está pedindo. Pelo contrário, você quer que continuemos. Ou seja, você precisa de nós. Agora me diga porque precisamos de você?

Após traduzir a última frase Lenora olhou espantada para Xavier.

Deixava-a impressionada como aquele homem conseguia misturar momentos de fragilidade com outros de uma coragem até inconsequente.

Santini apertou os olhos, que continuavam fixados no jornalista.

Mais uma vez formulou bem o que ia dizer. Viu que estava em desvantagem no momento.

A porta do quarto se abriu. Leister Mandu e sua careca. O agente se

aproximou de Santini e lhe entregou um pedaço de papel. O inspetor tirou os olhos de Xavier e passou-os rapidamente pelo material. Não pode evitar um leve sorriso como reação ao que estava escrito. Olhou novamente para o jornalista. A sensação para quem assistia aquela movimentação era de que tudo aquilo tinha sido pensado, como uma peça de teatro com deixas marcantes.

—

Xavier Delabona, o senhor está certo. Não tenho como abrir uma investigação com base no que vocês tem. Desde a primeira vez que conversamos percebi que a única forma que teria de evitar que vocês continuassem com essa caçada seria trancafiá-los em uma cadeia. Ora, não quero e não posso fazer isso. Portanto proponho que, por enquanto, nos ajudemos no que for possível.

O inspetor estendeu a mão com o pedaço de papel. Xavier pegou e leu rapidamente. Mostrou em seguida para Lenora. Os dois se encararam e depois olharam para Santini que continuava parado ali com a postura de alguém que aparentava ter total controle da situação e com um quase

R U L I A N B M A F T U M 165

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

imperceptível sorriso nos lábios.

No papel estava o nome de Manfred Geitz. Logo abaixo outro nome, de uma mulher, Loren Munhausen. Um traço separava o nome de uma outra frase “Segunda esposa. Vive em Londres”. Para fechar um endereço

e um número de telefone.

* * *

—
Por que não contou tudo a ele?

Xavier abriu os olhos lentamente. Aguardava esta pergunta desde a noite anterior, desde que foram deixados a sós pelo inspetor Paul Santini naquele quarto de hotel. Por algum motivo, Lenora só estava fazendo a pergunta agora, quase 24 horas depois. Xavier Delabona virou para a moça. Ela não o encarava diretamente. Olhava pela janela do táxi que ia a caminho do Charles de Gaulle. Era como se Lenora tivesse percebido que Xavier precisava de um tempo para responder.

Depois de tudo o que passaram e do encontro com Paul

Santini, os dois voltaram para o hotel em que estavam hospedados.

Xavier sentia as energias totalmente esgotadas. Não teve nem forças para tomar banho e caiu direto na cama. Com Lenora foi bem diferente.

Assim como ele, Lenora tinha a aparência cansada. Mas,

provavelmente, por motivos diferentes, já que ela ainda arrumou energia na noite anterior para se exercitar. Ao chegarem ao hotel ela trocou de roupa e foi para a academia. Para Xavier seria mais fácil pensar que esse era o jeito de Lenora extravasar. Porém, depois do alerta de Lucia Silvano sobre a filha, não havia como deixar a preocupação de lado. Logo teria que tocar no assunto com Lenora. E não seria uma conversa fácil.

Por que não contei tudo a ele?

Xavier e Lenora não tinham conseguido conversar quase nada desde a agressão que sofreram no Stade de France. Portanto, aquilo não era apenas uma pergunta. Era um chamado. Um alerta para que o jornalista colocasse as ideias em ordem.

—

Ainda não confio neste Paul Santini. É por isso que não contei tudo a ele. Decidi revelar apenas o suficiente para deixarmos ele por perto.

Lenora concordou com a cabeça. Era nítido que ela queria perguntar, queria falar do assunto. Mas estava cansada demais. Xavier

R U L I A N B M A F T U M 166

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

viu na moça a mesma imagem esgotada que ele tinha no espelho na noite anterior.

O jornalista fechou os olhos novamente e deixou que a história fosse encadeada em sua mente.

O encontro com Paul Santini. O inspetor disse ter muitas limitações e que, por este motivo, não se envolveria formalmente no caso. O máximo que pôde fazer estava em um pedaço de papel com o nome Loren Munhausen. Prometeu também que, enquanto estivessem em Londres, contariam com a proteção discreta do agente Leister Mandu.

Ele e Lenora pegaram um taxi para voltar ao hotel onde estavam hospedados. Na manhã seguinte ligaram para a segunda esposa do jornalista alemão Manfred Geitz. Diferente de Cecília Sanderson e Julia

Lefevre, Loren Munhausen não concordou em recebê-los. Usaram a mesma desculpa da homenagem ao marido jornalista. Mas ela alegou que a irmã estava muito doente e não queria atender ninguém no momento. Com a ajuda de Xavier, Lenora tentou convencer a mulher de várias formas, mas ela estava mesmo irredutível. O jornalista percebeu que forçar mais poderia fazer com que perdessem a fonte. Decidiu então que tentariam o máximo de informações pelo telefone mesmo. Afinal, as duas visitas anteriores já tinham sido reveladoras. Além disso, Loren não morava mais na Alemanha, onde Martino a encontrara anos antes, após uma de suas viagens de férias com Lenora.

Mesmo com a relutância em recebê-los, a mulher cedeu aos encantos de Lenora que, mais uma vez deu um show. Orientada por Xavier, a moça fez as perguntas certas. Conseguiu com que a viúva falasse.

Loren contou que o casamento com Manfred Geitz durou pouco tempo. Foi a segunda esposa dele. Os dois se conheceram em Londres, em 2004. Casaram logo em seguida e ela se mudou para Munique. Mesmo com a morte dele, dois anos depois, decidiu continuar morando na Alemanha. Há um ano voltara para Londres, sua terra natal, para cuidar da irmã doente.

Sobre Manfred Geitz puderam apenas checar o mínimo que precisavam. Loren contou que não se envolvia muito com a vida profissional do marido. Confirmou que era um jornalista muito envolvido

com futebol e apesar de jovem tinha uma carreira reconhecida. Geitz

R U L I A N B M A F T U M 167

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

morreu com apenas 34 anos vítima de um assalto.

Loren Munhausen não sabia se tinha algum interesse específico sobre Copas do Mundo. Também não guardava nenhum texto ou arquivo.

Mas lembrou-se de algo importante. A visita de Martino Andreatto.

Segundo ela foi uma das primeiras pessoas que recebeu após a triste morte do marido. Descreveu Martino como alguém engraçado e simpático. Era uma parte fundamental da conversa. Xavier sabia que a abordagem errada agora poderia comprometer tudo. Loren era uma mulher amargurada e desconfiada. Precisariam pegá-la pela emoção. O jornalista orientou Lenora a se apresentar como a filha de Martino que estava fazendo uma viagem retomando os passos do pai.

Deu certo. A moça conseguiu fazer uma boa conexão com Loren.

Poderia partir para a próxima e mais importante questão: sobre o que ela e Martino conversaram? Entre as lembranças da viúva lá estava um nome conhecido: Robert Hoyzer. Lenora pediu mais detalhes, com cuidado.

A senhora Munhausen contou que Mafred Geitz esteve muito envolvido no caso que culminou com a revelação do maior escândalo de manipulação de resultados da história do futebol da Alemanha. Ela não sabia detalhes da história, apenas o essencial. Já era o suficiente para Xavier. Mais um jornalista envolvido em investigações sobre manipulação

de resultados. Mais um morto.

Ele montou o esquema mentalmente antes de transferir para a caderneta.

Martin Sanderson (1972) – Premier, 15/60.

Daniles Lefevre (1994) – Tapie, 93.

Manfred Geitz (2007) – Hoyzer, 05.

E percebeu então que faltava um nome na lista de jornalistas.

Talvez o velho amigo não acreditasse faria parte da própria história.

Então ele escreveu:

Martino Andreatto (2011) – Edilson, 05.

R U L I A N B M A F T U M 168

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 7

Quiroga, que defendeu o Peru na goleada de 6 a 0 para a Argentina, diz estar "seguro" de que houve suborno.

Ex-goleiro admite fraude na Copa-78

09/10/1998 - Folha de São Paulo

O ex-goleiro Ramón Quiroga, que defendeu a seleção peruana na Copa do Mundo de 78, na Argentina, declarou ontem estar "seguro de que alguém ganhou" dinheiro quando sua seleção foi goleada por 6 a 0 pela equipe

anfitriã.

Quiroga, argentino que ganhou nacionalidade peruana, tornou-se historicamente o grande acusado pelo placar devido à sua origem.

Com o resultado, a Argentina, que precisava vencer o Peru por quatro gols de diferença, avançou à decisão e conquistou seu primeiro título mundial ao bater a Holanda na final.

O resultado diante do Peru tirou as chances de a seleção brasileira ir à final. O Brasil, que empatou sem gols com a Argentina, vencera os peruanos por 3 a 0, e foi disputar o terceiro lugar contra a Itália.

"Naquele 6 a 0 vimos coisas raras", disse Quiroga em entrevista ao jornal "La Nación", no Peru, onde reside até hoje.

O ex-goleiro disse que "desconfiava" de Manzo (Rodolfo), que no ano seguinte foi jogar no Vélez Sarsfield. "Isso foi escandaloso. Ou seja, eu penso que há um Deus e que Deus castiga."

"Creio que todos os que ganharam pegaram

CAIXINHA DE SURPRESAS

dinheiro...dos

que

falam

que

pegaram

dinheiro, vários morreram e outros morreram para o futebol", afirmou Quiroga, que jogou pelo Peru também na Copa de 82, na Espanha.

Atualmente dirigindo o Municipal, modesta equipe peruana, Quiroga acusou especialmente Roberto Rojas de estar vendido.

"Nessa partida jogou Rojas, um tipo que nunca havia jogado. Ele morreu em um acidente.

Jogaram uma bomba em mim em um estádio e eu não morri. Marcos Calderón (técnico do Peru na ocasião) caiu com um avião e morreu", disse Quiroga.

O ex-goleiro recordou que Manzo, no segundo gol da Argentina marcou Tarantini, "se agachou e o deixou sozinho".

"Era um bom jogador, mas não o queríamos.

Vimos coisas raras e dissemos a Marcos

Calderón no intervalo que o trocasse. E não somente eu disse, mas como também Chumpitaz (zagueiro do time)", disse Quiroga.

Um forte indício de que houve algo errado no jogo contra a Argentina foi a escalação de jogadores que não vinham atuando no time.

"Nessa partida atuaram jogadores que não haviam estado em nenhum outro jogo. Jogou Gorriti, que deu de presente o quarto ou o quinto gol, jogou Manzo, jogou Rojitas", afirmou o ex-goleiro.

Quiroga especula que os militares argentinos teriam subornado seus companheiros de equipe.

Segundo o ex-jogador, "antes da partida ou no intervalo" foram ao vestiário peruano membros da Junta Militar da Argentina, país que era presidido na época pelo general Jorge Videla.

Nos últimos anos, publicações esportivas argentinas vêm mencionando fatos estranhos relacionados à partida. Quiroga, porém, é o primeiro envolvido no episódio a levantar suspeitas de suborno.

CAIXINHA DE SURPRESAS

Para um jornalista como Xavier Delabona mentir era fácil. Bastava criar uma versão diferente da história, editando algumas partes e valorizando outras. Pronto, ali estava um relato incompleto, mas verdadeiro.

A história de que as marcas no pescoço foram causadas por uma alergia que aparecia de vez em quando funcionou. Porém, estava cada vez mais difícil mentir para Lucia Silvano. Mas era necessário. Não poderia contar a ela tudo o que aconteceu na França, principalmente a parte em que ele e Lenora quase foram mortos por dois gigantes negros.

Estar junto com Lucia na cama novamente era muito bom. O sexo agradou aos dois, como acontecera em todas as vezes antes. Havia uma sintonia física entre eles cada vez mais evidente. Mas naquela noite houve algo de diferente. Foi muito mais intenso. Lucia demonstrou uma paixão que Xavier não tinha sentido ainda. E como foi fácil para ele corresponder. Esta recepção não estava nos planos do jornalista, visto o que aconteceu na última vez que estiveram juntos. Mas ele afastou qualquer pensamento que pudesse comprometer aquela sensação maravilhosa que sentia.

Agora ele tinha Lucia Silvano ali, deitada em seu peito. Xavier esperava uma saraivada de perguntas sobre a viagem a França, mas ela se contentou com algumas poucas explicações. A história editada nem precisou ser contada em detalhes. Caso fosse uma pessoa insegura poderia dizer que era bom demais para ser verdade.

Lucia passou um bom tempo falando de Lenora e do quanto se preocupava com ela. Que seria capaz de tudo para vê-la feliz e com saúde. Repetiu duas ou três vezes, em meio a lágrimas que escorriam pelo rosto, que faria qualquer sacrifício para garantir o futuro da filha. Xavier entendeu a reação. Era como um pedido emocionado para que ele cuidasse de Lenora. O significado não precisava ser dito, mas estava claro. Lucia confiava nele, mas tinha muito medo dos riscos que a filha corria com a situação. Então era melhor até não saber detalhes, para não deixá-la mais preocupada. Limitou-se a dizer a Lucia que faria o que fosse preciso para cuidar de Lenora. E uma das coisas seria conversar sobre o assunto da vigorexia.

Eles fizeram sexo novamente naquela noite e Lucia quis ficar mais tempo com Xavier. O medo de uma reação contrária de Lenora a relação dos dois parecia não preocupá-la mais.

R U L I A N B M A F T U M 171

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

* * *

Já se passava um bom tempo que Xavier Delabona fitava o teto do quarto. O sol entrava pelas cortinas e fazia desenhos diferentes de quando ele acordou.

Antes de ir embora, já de madrugada, Lucia disse que tinha novidades sobre Leoni Gatelli, o quarto nome da lista de Martino. Ela contaria tudo durante o café da manhã.

Xavier olhou para o espaço ao lado na cama. Mais uma vez podia jurar ver o desenho do corpo de Lucia nos lençóis. Perguntou-se até que ponto aquela paixão inesperada poderia estar atrapalhando a investigação. Decidiu não se aprofundar na reflexão para não complicar ainda mais a situação.

Tomou um banho rápido e desceu para o café.

—

Xavier Delabona, este é Mario Camellaras.

Era o nome da pessoa ali sentada à mesa junto com Lucia e Lenora.

Um homem magro, pele levemente bronzeada e cabelos pretos. Devia ter uns 40 anos, no máximo, mas aparentava estar em boa forma física.

Apertou a mão de Xavier de maneira firme, olhando direto nos olhos dele.

—

É um prazer conhecê-lo senhor Delabona. Pelo seu sobrenome imagino que entenda o meu idioma.

Mario falava um italiano fácil de entender, com um sotaque bem familiar. Xavier imaginou de que parte da Itália ele deveria ser.

Provavelmente da mesma região da família dele.

—

Mario é jornalista. Ele conheceu Martino.

Lucia falou em italiano entrando na conversa. A ênfase dada por ela no nome de Martino foi o suficiente para chamar atenção de Xavier e Lenora, que se olharam assustados.

—
Ele pode nos ajudar. Mario estava colaborando com Martino no que ele estava investigando – Lucia usava agora o português, reagindo rapidamente a cara de espanto dos dois.

Os olhares de Xavier e Lenora se encontraram mais uma vez. A intenção do jornalista era sair dali com Lucia por alguns segundos e saber dela o que significava a presença daquele homem ali. Estava pronto para se levantar quando foi interrompido.

—
Eu fiquei muito triste com a morte de Martino. Ele era uma boa pessoa e um grande jornalista. Nos conhecíamos há bastante tempo, mas

R U L I A N B M A F T U M 172

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

nosso contato sempre foi à distância. Se vocês me derem uns minutos, posso dar mais detalhes e deixar a situação menos embaraçosa para todos nós.

Xavier encarou Mario novamente. O olhar dele era tranquilo. Em princípio nada no homem inspirava desconfiança. E, além do mais, Lucia o conhecia e o tinha trazido para dentro da casa dela. O jornalista resolveu então relaxar um pouco e ouvir o que o italiano tinha a dizer.

Nos minutos seguintes tudo o que se pode ouvir foi a voz mansa e cativante de Mario Camellaras. Era uma locução com pausas e ênfases muito bem colocadas, do tipo que prende a atenção da plateia. Tanto que

nem a desconfiança de Xavier e nem a inquietude de Lenora foram capazes de vencer a eloquência e o ritmo da história. Nenhum dos dois interrompeu a narrativa simplesmente porque não havia furos ali.

Camellaras contou que conheceu o velho Martino em 2005. Ele trabalhava como free lance para um jornal da Itália quando, naquele ano, foi revelada a denúncia de corrupção do futebol brasileiro tendo como figura principal o árbitro Edilson Pereira de Souza. Mario entrou em contato com o Brasil para saber detalhes da história e foi atendido por Martino. Primeiro porque ele era um dos jornalistas brasileiros envolvidos na investigação, segundo porque o velho era o único que falava italiano.

Mario Camellaras contou que ele também esteve envolvido a fundo nas histórias sobre corrupção no futebol italiano e que, em 2006, quando o esquema Calciopoli estourou no país, foi a vez de Martino entrar em contato para saber mais informações.

Os dois, então, descobriram como interesse em comum as histórias de corrupção e de manipulação de resultados no futebol. A partir daí passaram a conversar e trocar informações de forma rotineira sobre o assunto.

Camellaras relatou que encontrou Martino pessoalmente apenas uma vez, dois anos antes, quando o velho esteve na Itália. Mas eles conseguiram se encontrar por apenas duas horas, em um café no centro de Turim. Na ocasião ele foi apresentado a Lucia. Mas desconhecia que os

dois tinham uma filha juntos.

Durante o relato o olhar de Mario se alternava de forma quase teatral entre as três pessoas ali presentes. Ao final fixou-os em Lenora.

R U L I A N B M A F T U M 173

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Você tem os olhos dele. Mais uma vez, sinto muito pelo seu pai.

A intensidade do olhar de Mario Camellaras deixou Lenora sem ação. Ela conseguiu apenas menear a cabeça.

Xavier prestou atenção em cada detalhe da história. Ele manteve o radar no italiano durante todo o tempo. Agora, ao final, mais uma vez se viu impressionado com a oratória do homem. Olhou então para Lucia a espera de uma confirmação. Recebeu de volta um leve sorriso que realçou ainda mais as feições cansadas e preocupadas dela. Sentiu-se culpado por aquela imagem diferente da mulher que ele amava. A preocupação com Lenora parecia estar consumindo-a aos poucos. O fato de Lucia evitar o olhar dele desde que voltaram da França mostrava que a situação estava interferindo na relação. E Xavier sabia que não podia culpá-la por isso.

—

Mario está aqui para ajudar. Ele deu um apoio importante para achar Leone Gatelli – Lucia rompeu o silêncio.

Bom, Xavier não tinha mais dúvidas sobre se devia confiar ou não

em Mario Camellaras. Por mais que algo ainda lhe dissesse para ir devagar com aquele homem, Martino, ao que tudo indicava, confiava nele. E também Lucia a ponto de envolvê-lo na história. Lenora também parecia convencida.

—

E onde está Leoni Gatelli? – Lenora perguntou antes de Xavier.

—

Bom, não foi difícil encontrá-lo, já que ele não tem para onde ir. Uma pausa calculada de Mario, daquelas que prendem atenção da plateia.

—

Leoni Gatelli está morto há alguns anos.

* * *

A viagem até Gênova foi rápida, aproximadamente duas horas de carro por uma estrada bastante agradável. Estavam no maior porto da Itália, na cidade natal de Cristóvão Colombo. Mas Xavier Delabona não conseguia pensar direito por conta das náuseas que sentia desde manhã. Durante todo o percurso da viagem Xavier praticamente não falou. Interagiu nos poucos momentos em que Mario Camellaras tentou quebrar o gelo. E o jornalista teve que dar o braço a torcer porque era difícil resistir a conversa do italiano. Porém, Lenora e Lucia Silvano também não

estavam muito a fim de papo. Lenora dormiu quase o trajeto inteiro, exausta por conta do treino da manhã. Sim, ela achou tempo para se exercitar antes da viagem o que deixou Xavier bastante preocupado. Acordou apenas durante um momento, quando o celular tocou. Conversou muito rapidamente com alguém e desligou. Disse apenas que era uma amiga. O jornalista lembrou que não era a primeira vez que ela recebia ligações daquele tipo. E de como Lenora ficava estranha depois das conversas.

Já Lucia continuava diferente e distante. Os dois dormiram juntos na noite anterior, mas parecia que havia algo errado. Xavier não quis tocar no assunto, pois odiava se colocar no papel do cara que pergunta “Está tudo bem, querida?”.

O jornalista preferiu usar aquelas duas horas para pensar. Afinal estavam prestes a encontrar o último nome da lista, Leone Gatelli. Não o homem em pessoa, pois estava morto. Mario e Lucia encontraram alguém muito próximo a Leone, com quem ele se relacionou nos últimos anos antes de morrer. Esta pessoa se chamava Cesar Salaró e, segundo Mario, tratava-se de um atleta de luta greco-romana que, em um passado recente, até atingiu certa fama no país. O fato de Leone Gatelli ser gay era novidade.

Cesar Salaró era um homem grande. Media por volta de um metro e noventa e cinco e parecia ter quase o mesmo de largura. A pele bronzeada com uma cor típica de quem aproveita bastante o fato de viver

à beira mar destacava ainda mais os músculos. Pelas informações levantadas por Mario Camellaras ele teria agora uns quarenta anos. Não aparentava a idade. Era nítido que o ex-lutador mantinha a forma com esmero.

Salaró recebeu os convidados com simpatia. Estava vestido de forma simples, mas elegante. Além disso, usava um perfume difícil de não ser notado. Pediu para que se sentassem enquanto foi a cozinha pegar um café que, segundo ele, tinha acabado de passar. Do sofá onde estava Xavier pode ver um apartamento simples, mas metodicamente decorado. Tudo estava no seu devido lugar. Não se parecia nada com o que o jornalista imaginava encontrar na casa de um lutador.

Salaró voltou à sala com uma bandeja e sentou-se em uma poltrona de frente ao sofá onde sentavam Xavier, Lucia e Mario. Lenora preferiu

RULIANBMAFTUM 175

CAIXINHADESURPRESAS

puxar uma cadeira da pequena mesa de jantar. Estava acesa e inquieta como de costume.

Enquanto o ex-lutador servia o café silenciosamente Xavier sentiu um arrepio na coluna. O homem alto e musculoso o fez lembrar dos dois gigantes que atacaram ele e Lenora na França.

—

Então, Leone, certo? O que vocês querem saber? – Salaró deixou a frase no ar e olhou nos olhos dos convidados, um de cada vez.

Xavier não esperava uma abordagem tão direta. Imaginou que fossem perder algum tempo com amenidades, antes de entrarem no assunto. Essa reação desconfiada confirmou a suspeita dele, de que a presença de quatro pessoas ali poderia deixar o dono da casa desconfortável. Tanto que pediu a Lucia e Mario que esperassem no carro. Mas os dois se negaram veementemente e não houve outra saída a não ser levá-los junto. Mas o combinado é que apenas Lenora e ele fariam as perguntas.

—

Estamos aqui para saber sobre o Leone sim. E prometemos não tomar muito o seu tempo – irrompeu Mario, avacalhando com o acordo acertado minutos antes.

Lenora se ajeitou na cadeira e fulminou o italiano com os olhos. Mas ele parecia nem se incomodar e retribuiu a atitude da moça com um daqueles sorrisos teatrais que usava como poucos. Desde a primeira vez, Xavier percebeu que havia um sorriso dedicado apenas a Lenora.

—

Senhor Salaró, meu pai era um jornalista brasileiro chamado Martino Andreatto. Acreditamos que ele conhecia o Leone. Este nome te diz alguma coisa?

O homem se ajeitou no sofá. Para Xavier uma atitude nítida de que o nome de Martino tinha sim algum significado.

—

Sim, acho que o Leone comentou algo comigo uma vez sobre esta pessoa, um jornalista brasileiro. Mas não me lembro do que se tratava.

Continuo não entendendo o que vocês querem.

—

É que meu pai, o Martino, está morto. Ele faleceu há poucos dias.

—

Ah! Eu sinto muito, menina.

—

Obrigado. Bom, meu pai estava escrevendo um livro antes de morrer. Era pra ser sobre Copas do Mundo de Futebol. Ele não conseguiu terminar o livro a tempo. E nas anotações dele aparecia o nome do Leone.

Imaginamos que estava sendo uma das fontes do meu pai. Xavier era

R U L I A N B M A F T U M 176

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

muito amigo do Martino e quer tentar terminar a obra, por isso está aqui.

Xavier acompanhava atentamente a explicação de Lenora. Depois

do contato com Julia Lefevre resolveram mudar um pouco a história.

Aquela parecia bem adequada e tinha soado convincente.

Cesar Salaró respirou fundo e mais uma vez passou os olhos em um

por um na sala, como um lutador esperando um movimento em falso do

adversário para dar o bote. Lucia estava no canto do sofá e tinha um olhar

distante, parecendo nem prestar atenção no que acontecia. Mario

continuava com o sorriso no rosto e o ar quase canastrão. Lenora

mantinha a firmeza de sempre e encarou de volta o grandalhão.

Ao cruzar o olhar com Salaró, Xavier percebeu algo diferente.

—

Como eu disse, eu sinto muito pelo seu pai. Ele faleceu há poucos dias. O Leone já se foi há algum tempo, então eu não sei de que forma ele poderia ter ajudado o Martino.

—

Por acaso você sabe se o Leone tinha alguma pesquisa feita, ou de alguma forma escrevia sobre Copas do Mundo? Há algum arquivo com textos dele aqui ou em outro lugar?

—

Não. Infelizmente eu não guardo nada do trabalho do Leone. Ele tinha a casa dele, não deixava nada aqui. E as coisas dele ficaram com a família. Mas, na época, fui eu quem separou tudo e não havia nada parecido com isso que você está pedindo.

—

Seria indelicado de minha parte perguntar como morreu Leone Gatelli? - era mais uma intromissão não combinada de Mario Camellaras. Salaró encarou Mario. Cada vez que ele fazia isso Xavier conseguia identificar o lutador vindo a tona. Aquela deveria ser a mesma reação que ele dirigia aos oponentes como forma de intimidação. Era frio e sutilmente ameaçador. Porém, Mario não pareceu se abalar nem um pouco e encarava o grandalhão, agora com um sorriso mais discreto

desenhado nos lábios.

—

Leone se matou. Ele foi encontrado em casa com um tiro na cabeça e uma arma nas mãos.

—

Sinto muito...

—

Mas eu não acredito nisso até hoje, porque o Leone era uma pessoa muito resolvida. Além do mais, ele nunca tinha pegado em uma arma antes. Mas sabem como é. Para as autoridades um gay que se suicida é coisa normal. Eles justificam dizendo que normalmente são pessoas mais

R U L I A N B M A F T U M 177

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

passionais. E que é mais comum do que parece.

A última frase foi dita de forma bastante incisiva e chegou a fazer eco no ambiente. O suficiente para o estabelecimento de um grande silêncio em seguida.

—

Bom, eu sinto muito não poder ajudar você, menina. Acho que as únicas pessoas que sabem porque o nome de Leone foi parar nas anotações do seu pai estão mortas. Eu acompanho vocês até a porta. A despedida foi bem mais fria do que a chegada. Xavier poderia ter revertido a situação, mas não o fez por puro feeling. Seus instintos o

calaram e ele aceitou passivamente ser enxotado da casa de Cesar Salaró. Mas ainda não entendia por que. Desejava ter descoberto antes da porta se fechar em suas costas.

—
Seu idiota! Olha o que você fez – Lenora partiu pra cima de Mario logo que pisaram do lado de fora do apartamento.

—
Ei, calma Lenora. Eu só estava tentando ajudar – e o italiano tirou mais um sorriso do cardápio.

—
Ajudar? Por sua causa não conseguimos descobrir nada aqui. Da próxima é melhor calar a boca e só falar quando ficar combinado de você falar.

—
Eu até poderia fazer isso se vocês me contassem o que está acontecendo. Eu topei ajudar vocês praticamente no escuro.

—
Pois saiba que não precisamos da sua ajuda. Não sei porque minha mãe te colocou nesta história.

—
Lucia quer ajudar e eu também. Sua mãe só está cuidando de você, Lenora.

Ao ser incluída na conversa Lucia saiu do transe que entrara nas

últimas horas. Ela deu a Xavier um olhar de ternura e afeto, como se dizendo a ele que estava tudo bem, que ela estava de volta.

—
Lenora, por favor não fale assim com o Mario. Ele está aqui porque eu pedi. E eu acho melhor continuarmos essa conversa em outro lugar porque a gritaria deve estar assustando os vizinhos.

* * *

Xavier Delabona abriu a porta e entrou meio cambaleante. O quarto era simples, mas tinha o que ele precisava para as próximas horas, uma
R U L I A N B M A F T U M 178

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

cama e um banheiro. Vencido por um mal estar fulminante atirou-se no colchão e fechou os olhos. Parecia que tudo dentro dele estava virado, estômago, intestino, fígado. A sensação era tão ruim que o fez pedir para que não voltassem no mesmo dia para Turim. Resolveram procurar um hotel para passar a noite. Voltariam no dia seguinte, logo pela manhã.

Xavier manteve os olhos fechados pois quando tentava abri-los o quarto inteiro parecia girar. Pensou na visita fracassada ao ex-companheiro de Leone Gatelli. Agora entendia um pouco melhor porque ele tinha deixado a coisa acabar daquele jeito. Já vinha sentindo o mal estar desde a viagem. Foi aumentando aos poucos, talvez por uma somatória de fatores. A angústia pelo que estava sentindo por Lucia, a preocupação com a saúde de Lenora, a tristeza que ainda sentia quando

lembrava da morte do amigo Martino. Fora toda a intensidade da investigação que tomara muito suas energias nos últimos dias.

Acrescentando a isso a frustração que ele sentia agora por não saber como dar continuidade ao pedido feito por Martino. Sem dúvida eram motivos de sobra para que se sentisse tão mal.

Alguém bateu na porta. Ouviu a voz de Lucia perguntando por ele.

Com dificuldades Xavier se levantou.

–

Oi Xavier, vim saber como você está.

–

Não se preocupe Lúcia, é só um mal-estar que já vai passar.

–

Você tem certeza de que não quer que eu fique com você?

–

Não, eu não tenho certeza. Mas preciso descansar um pouco, colocar as ideias em ordem. Eu ainda nem consegui assimilar o que aconteceu hoje. Então é melhor eu ficar sozinho.

–

Ok É você quem sabe.

Xavier olhou atentamente para Lucia. Ela também estava com uma cara bastante cansada, com olheiras profundas. Ele não lembrava de tê-la visto assim desde que se conheceram. Nas últimas horas os olhos dela pareciam não ter o mesmo brilho intenso de antes.

—
Nós estamos indo comer alguma coisa, você vem?

—
Não Lucia, obrigado. Não estou com fome. Podem ir vocês. Prometo que vou estar melhor pela manhã. Acho que preciso de um bom banho e de uma noite bem dormida.

Xavier fechou a porta com um nó na garganta. A vontade de puxar Lucia para seus braços e ficar com ela a noite inteira era imensa. Mas ele

R U L I A N B M A F T U M 179

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

precisava pensar, precisava se recuperar. E com Lucia ao lado dele isso seria impossível.

Voltou então a se atirar na cama. Precisava se concentrar. Martino tinha indicado um caminho que já estava claro. Um grupo de pessoas que, através dos tempos, apontou possíveis esquemas de manipulação de resultados no futebol, situação que teria inclusive chegado a jogos de Copas do Mundo. Todos eles estavam mortos e, assim como Martino, poderiam ter sido assassinados. As circunstâncias das mortes permitiam essa hipótese.

Mas sobre Leone Gatelli conseguiram descobrir muito pouco.

Porque ele estava na lista de Martino? Provavelmente porque também deve ter denunciado alguma coisa relacionada a manipulações do futebol.

Mas não houve confirmação disso. E o último nome, o tal “Operador”? O

que aquilo significaria exatamente?

Mais uma vez a porta. Xavier abriu um leve sorriso. Agora não conseguiria resistir a Lucia. Para o inferno com o resto, ele precisava dela. Levantou-se pronto para puxá-la para dentro.

Mas a pessoa em pé ali fora não estava nos planos.

* * *

Cesar Salaró parecia ainda maior visto bem de perto. Assim que Xavier abriu a porta ele se convidou a entrar rapidamente. Estava ofegante e com os olhos esbugalhados o que, somado ao tamanho do homem, fez com que sentir medo fosse inevitável.

—

Rápido, feche a porta. Acho que consegui entrar sem ser visto. Eu segui vocês, não sabia para onde vocês iam. Quando pararam neste hotel eu não acreditei. Esperei seus amigos saírem. Precisava falar com você a sós.

Salaró estava visivelmente nervoso e alterado, bem diferente da pessoa que eles conheceram mais cedo. E agora não havia Lenora ali, nem ninguém que pudesse ajudá-lo com o idioma. Teria que se virar por conta própria.

—

Ok, calma. Sente-se. Mas peço que você fale mais devagar porque eu não falo italiano muito bem.

—

Ah, sim, obrigado – o grandalhão sentou-se na cama pesadamente –

R U L I A N B M A F T U M 180

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

vou tentar falar devagar. Desculpe pelo meu nervosismo, mas uma coisa muito estranha está acontecendo. Vocês na minha casa dizendo que Martino está morto. Você, você... Ele sabia que você viria.

–

Como assim, Cesar? Quem sabia que eu viria?

–

Martino Andreatto. Ele me avisou que você apareceria. Veja. Cesar Salaró tirou do bolso da jaqueta um envelope branco e entregou a Xavier. O remetente era Martino Andreatto e a carta era direcionada ao endereço de Salaró. Dentro havia um pedaço de papel com um texto manuscrito em italiano.

Caro Cesar Salaró,

Espero que esteja tudo bem por aí. Como não nos falamos há tempos resolvi escrever para saber de você. Comigo está tudo bem, trabalhando bastante. Mas você sabe como é isso, não é verdade? Depois de tantos anos de convivência com o Leone você deve ter muitas histórias para contar. Leone me disse que, entre tantas qualidades, você tem uma memória privilegiada.

Logo, um grande amigo brasileiro irá até a Itália. Pedi que procurasse por você em meu nome. Peço que guarde esta carta e

entregue diretamente a ele quando tiver uma oportunidade.

Um grande abraço.

Martino Andreatto

—

Mais uma carta do Martino, mais um papel...

—

Como assim?

—

Não é nada, estou apenas pensando nesta carta.

—

Xavier, me desculpe mas eu menti para vocês antes. Eu conheci sim Martino. Mas quando eu vi vocês, você... Eu achei que seria melhor conversar a sós como o Martino pede na carta. Mas eu não sabia como e logo que vocês saíram de casa fui atrás.

—

Então você pode nos ajudar? Sabe qual a relação entre o Martino e Leone?

—

Sim, eu sei. Na verdade, Xavier, eu sei mais do que gostaria.

Cesar Salaró foi se acalmando aos poucos. Assim, ficou mais fácil para Xavier entender a história contada por ele. O grandalhão e Leone Gatelli tiveram um relacionamento durante dez anos. Salaró descreveu

CAIXINHA DE SURPRESAS

Gatelli como um jornalista apaixonado por futebol. Mas, a partir de determinado momento, a paixão ficou abalada. Tudo por conta do escândalo conhecido como Calciopoli. Leone se envolveu até o pescoço e, segundo Salaró, a partir daí nunca mais foi o mesmo.

Até que algumas semanas antes de se suicidar, Leone disse que precisaria de ajuda. Então contou ao namorado detalhes do que havia descoberto. Durante as investigações sobre o esquema Calciopoli, Leone descobriu que a história era muito maior do que parecia. Havia fortes indícios de que uma máfia internacional operava no mundo todo, há muito anos, manipulando resultados de partidas de futebol em todos os níveis, até em jogos de Copas do Mundo.

Salaró reproduziu detalhes de exemplos dados por Leone em situações envolvendo Copas do Mundo, muitas batiam com as descobertas do próprio Xavier nas pesquisas feitas pela internet.

Emocionado, o grandalhão lembrou da morte do companheiro.

Disse que não mentiu quando afirmou que para ele Leone não tinha se suicidado. Cesar Salaró tinha certeza de que o que houve, na verdade foi um assassinato. Mas que na época não teve como levar essa desconfiança em frente. A explicação da polícia foi de um suicídio gay. Segundo a investigação, testemunhas disseram que Leone andava muito triste e depressivo e que teria a ver com o relacionamento amoroso dele com o ex-lutador.

—
Então Xavier, você quer saber qual era a relação do Martino com o Leone? Eles estavam atrás da mesma história e chegaram a ela por caminhos diferentes. Mas o final para os dois foi o mesmo.

Xavier olhou para o homem sentado em sua frente e repentinamente sentiu-se conectado com os sentimentos dele. Além de ter passado pela dura perda do companheiro, Cesar Salaró virou o arquivo vivo de Leone, mas parecia não se dar conta disso. A carta dizia a verdade, o grandalhão tinha mesmo uma memória privilegiada. E este talento o envolvia em uma história muito perigosa.

—
Bom, eu precisava te contar tudo isso. E agora, o que você vai fazer?

—
Eu não sei. O que você contou é muito sério, mas não serve como prova. E como Leone não deixou nada escrito ou documentado sobre o assunto, fica difícil.

Xavier Delabona riu nervosamente para si mesmo. Porque, na

R U L I A N B M A F T U M 182

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

verdade, nunca houve nenhuma prova concreta. Tudo estava baseado apenas em pedaços de papel. A carta de Lenora, as anotações escondidas em uma capa de DVD e agora aquela outra carta que ele tinha nas mãos no momento.

Ele examinou o envelope novamente, de um lado o destinatário escrito com a caligrafia bonita, que ele conhecia tão bem. Do outro lado o remetente e alguns selos. Na aba duas linhas cruzadas com caneta.

—
Foi você quem rabiscou aqui?

—
Não, a carta chegou pra mim exatamente deste jeito. E tenho certeza de que ninguém teve acesso a ela, apenas eu e você – Salaró pegou-a nas mãos para verificar do que Xavier estava falando.

—
É deste rabisco aqui que você está falando? Deste X na aba do envelope?

O mal estar que ainda tomava conta do corpo de Xavier teve alguns poucos segundos de trégua por conta da descarga de adrenalina que correu pelo corpo do jornalista. Ele tomou o envelope das mãos do grandalhão. É claro, aquilo não era um rabisco, era um X. Era Martino dizendo: “X, preste atenção neste envelope”.

Lentamente, Xavier desmanchou as dobras e o envelope foi se abrindo. Na parte de dentro um pedaço de papel escondido.

* * *

Já não era possível saber quantas vezes Xavier Delabona lera aquele pedaço de papel. Cesar Salaró ainda estava no quarto e pareceu ficar tão atônito quanto o jornalista com o conteúdo da folha que estava

escondida dentro do envelope.

—

Você entendeu o que está escrito aqui, Cesar?

—

Apesar de eu não saber muito bem inglês, acho que sim.

Xavier assentiu com a cabeça e se levantou. Precisava processar os últimos acontecimentos.

—

Isto é a cópia de um memorando, um documento interno da FIFA.

Foi enviado a Secretaria Geral em novembro de 1998. Está assinado por um funcionário da própria FIFA chamado Alain Patrice Coubert. Ele faz um alerta de que nos últimos anos houve um crescimento muito grande de denúncias encaminhadas a FIFA de manipulação de resultados em

R U L I A N B M A F T U M 183

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

partidas de futebol. E que, por conta disso, investigações internas da força tarefa criada sobre o assunto apontaram fortes indícios da existência de uma grande organização criminosa de manipulação de resultados. Uma organização com atuação no mundo todo, em partidas de todas as divisões profissionais. A força tarefa destaca que há possibilidade real de que resultados de partidas de Copas do Mundo tenham sido manipulados.

Xavier voltou-se novamente para Salaró e só aí notou que tinha

falado tudo aquilo em português.

—

Não se preocupe, Xavier, eu consegui entender boa parte do que você falou. Então Leone estava certo. Existe uma máfia internacional por trás das manipulações de jogos de futebol.

—

E Martino também sabia. De alguma forma ele teve acesso a este documento. E provavelmente deve ter morrido por isso.

Cesar Salaró despediu-se de Xavier com um firme aperto de mão.

Deixou os contatos dele com o jornalista e se colocou à disposição para ajudar no que fosse preciso. Por um minuto Xavier sentiu-se tentado a aceitar a oferta. Afinal um grandalhão daqueles poderia ser útil, principalmente se os gigantes gêmeos aparecessem de novo na história.

Mas a ideia logo foi deixada de lado. Já havia muita gente envolvida além dele.

Ao ficar sozinho novamente no quarto ele pegou o documento e leu pela milionésima vez o conteúdo. Era difícil acreditar que agora havia uma prova concreta sobre o caso. De alguma forma Martino Andreatto conseguiu ter acesso a um documento oficial da Federação Internacional de Futebol mencionando um suposto esquema de manipulação de resultados que teria envolvido até jogos de Copas do Mundo.

Xavier sentiu uma forte náusea e teve que ir ao banheiro vomitar.

O mal-estar continuava lá, atrapalhando o raciocínio. A ida ao

banheiro aliviou um pouco, mas não curou o que ele estava sentindo. Resolveu pegar as anotações feitas sobre fatos estranhos ocorridos em Copas do Mundo. Leu-as novamente, uma a uma. Apesar do documento da FIFA não citar nenhum caso específico era possível perceber que qualquer uma daquelas histórias estranhas poderia estar associada com o tal esquema.

Mas a única forma de avançar no assunto seria ter acesso a pessoa,

R U L I A N B M A F T U M 184

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

ou as pessoas, responsáveis pelo ofício. Alain Patrice Coubert era o nome que aparecia ao final do texto. Ele trabalhava no Setor de competições da FIFA em 1998. Xavier precisava encontrá-lo.

Ligou rapidamente o computador. Viu que em cima da pequena mesa encostada na parede havia um papel com a explicação de como acessar a rede wi-fi ali no quarto. Seguiu os passos indicados e conseguiu acesso. Abriu o site de busca e digitou “FIFA”. O primeiro link que apareceu era do site oficial da entidade. Clicou ali e aguardou a página carregar. Era um site moderno, com bastante informação. Clicou então no link “Sobre a FIFA” no menu superior. Mais dois ou três cliques e chegou a um organograma e lá estava a caixinha do setor de Competições. Não havia a relação dos funcionários.

No site de buscas Xavier digitou o nome presente no documento

“Alain Patrice Coubert”. Nada específico. Voltou então a página da FIFA e

com mais uns cliques achou um PDF sobre a sede administrativa da entidade. Mas o que chamou a atenção do jornalista não foi o prédio suntuoso onde trabalhavam trezentas e cinquenta pessoas. Xavier não lembrava, ou não sabia, que o quartel general da FIFA localizava-se em Zurique, na Suíça.

Uma sensação estranha apareceu. Ele sabia que ainda tinha a ver com o mal-estar que sentia. Mas não era só isso. Foi a lembrança de Lenora dizendo que Martino mudara os planos repentinamente quando a chamou para ir ao Brasil. Porque eles já estavam com tudo programado para passar as férias juntos em outro lugar.

R U L I A N B M A F T U M 185

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 8

Polícia descobre rede de corrupção no futebol e aponta 380 jogos suspeitos
04/02/2013 - ESPN.com.br com Agência Efe
A Europol, organização da polícia europeia, informou nesta segunda-feira que descobriu uma rede de corrupção internacional no futebol. Mais de quinze países em todo mundo estão implicados no esquema e cerca de 50 pessoas foram presas. Partidas da Champions League e das eliminatórias para a Copa do

Mundo estão sob suspeita.

Segundo Rob Wainwright, diretor da Europol, foram identificados mais de “380 jogos de futebol profissional em que foi identificada a prática suspeitosa de apostas ilegais”. A rede criminal está espalhada entre a Europa e Ásia. Foi provada a prática de manipulação de resultados em 150 casos investigados.

“Realizamos a maior investigação sobre arranjos suspeitos no futebol. Enormes quantidades de dinheiro foram envolvidas”, afirmou Wainwright, que emitiu 28 mandados internacionais de prisão.

Uma das partidas da Champions League sob suspeita foi disputada na Inglaterra, mas os investigadores não revelaram quais equipes estavam envolvidas. Como exemplo de partida suspeita, a Europol indicou um jogo sub-20 envolvendo a Argetina e a Bolívia. Na ocasião, o húngaro que apitava a partida deu 13 minutos de acréscimo, além de um pênalti duvidoso quando o relógio marcava 55 minutos

CAIXINHA DE SURPRESAS

do segundo tempo.

Os policiais investigaram durante 18 meses um total de 425 pessoas, como representantes de clubes, jogadores e outros personagens que suspeitam que estiveram envolvidos.

Entre

os

países

investigados

figuram

Alemanha, Eslovênia, Grã-Bretanha, Hungria, Holanda e Turquia.

A rede criminal operava da seguinte maneira: depois dos jogos serem escolhidos, os autores iam atrás de jogadores, juizes ou dirigentes que estivessem envolvidos no duelo. As apostas eram feitas pela internet, utilizando paraísos fiscais para que a rota do dinheiro não fosse identificada.

Segundo informações da organização, essas operações apontaram que os autores das manipulações de resultados lucraram cerca de

8 milhões de euros (R\$ 21,6 milhões) e efetuaram subornos no valor de 2 milhões de euros (R\$ 5,4 milhões), sendo 140 mil (R\$ 378 mil) somente para uma única pessoa. “Há um grande problema de integridade no futebol europeu”, afirmou Wainwright.

R U L I A N B M A F T U M 187

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Nós vamos pra onde?

Lenora Silvano não estava entendendo nada. Tinha acabado de chegar ao hotel junto com Lucia e Mario Camellaras, depois de um lanche em um restaurante próximo. Foi então ao quarto de Xavier saber como estava se sentindo. A cara dele era péssima e estava bastante agitado. Mal ela entrou no quarto e o jornalista já foi logo dizendo que ele havia descoberto algo importantíssimo.

—

Nós vamos para a Suíça. Amanhã bem cedo voltamos a Turim e pegamos o primeiro voo disponível para Zurique.

Lenora ficou imóvel, sentada na cama com os braços cruzados.

—

O que foi? Essa reação quer dizer que estamos de acordo.

—

Não. Esta reação quer dizer que estou esperando você contar direito a história. O que você descobriu de tão importante assim, de uma hora para outra?

Xavier sentou-se ao lado da moça e fez com que ela olhasse nos olhos dele.

—

Lenora, você confia em mim?

—

Ah, Xavier! Não vem com essa pra cima de mim...

—

Eu sei que parece clichê, mas é sério. Eu não vou poder te contar tudo. Você precisa confiar em mim.

—

Tá, e o que você pode contar então? Ou você vai me colocar uma venda nos olhos pra que eu não veja o lugar onde vamos.

—

Nós vamos a Zurique atrás de uma pessoa. O nome dele é Alain Patrice Coubert. Creio que ele é a peça que falta.

—

Mas de onde você tirou este cara, Xavier? Este nome não está nos papéis do Martino.

—

Escuta Lenora, você e seu pai iriam passar as férias deste ano

onde?

Lenora arregalou os olhos. Ela não tinha se dado conta sobre esta relação ainda.

—

É isso mesmo. Eu descobri que o Martino iria a Suíça atrás deste Alain. E como ele não conseguiu, nós vamos.

Xavier ficou orgulhoso do próprio desempenho. Tinha dado a entonação exata na voz, as pausas, o olhar preciso.

Lenora saiu do quarto ainda contrariada com a situação. Mas no dia seguinte eles estariam juntos em Zurique. Xavier mal conseguiu fechar a

R U L I A N B M A F T U M 188

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

porta e alguém bateu.

Era ela.

Lucia entrou sem pedir licença. O rosto dela continuava triste e cansado. Mas naquele momento nenhum dos dois estava com vontade de conversar sobre as agruras da vida. Eles precisavam desesperadamente um do outro exatamente para esquecer.

As roupas foram arrancadas com rapidez. Havia ali uma mistura de amor e sofrimento de ambos, uma combinação explosiva. Os beijos, as mãos, tudo acontecia com uma intensidade quase sufocante. O orgasmo dos dois foi simultâneo.

—

Eu amo você.

Aquelas palavras saíram da boca de Lucia pela primeira vez. Xavier sentiu ecoar dentro dele. Nem deu tempo de formular a réplica da declaração. Lucia protegeu-se nua nos braços dele e fechou os olhos. Xavier entendeu que no momento ela não queria ouvir nada, pois não precisava. Ela já sabia.

Já era a segunda noite em que o sono não vinha. Na ocasião anterior Xavier ainda conseguiu tirar alguns cochilos, mas desta vez os olhos não queriam se fechar. Ele sentia o coração bater forte e as vezes suava frio. Via desfilando pelo quarto Martino, Leone, Manfred, todos mortos. Eles diziam coisas, mexiam a boca e faziam gestos, mas Xavier não entendia o que estavam querendo. Na maior parte do tempo ele tinha consciência de que estava vendo fantasmas, mas por vezes pareciam tão reais quanto ele e Lucia.

Levantou-se diversas vezes para ir ao banheiro e lavar o rosto.

Depois da terceira vez pareceu adiantar. Os fantasmas haviam sumido. No quarto apenas Lucia, que dormia profundamente. A esta altura já não sabia se o que ouviu dela antes de dormir fazia parte das pirações.

* * *

O local onde ficava a sede da FIFA impressionou Xavier Delabona. O prospecto disponível na internet já dava uma ideia de que se tratava de prédio suntuoso. Era uma construção toda em alumínio e vidro, que estava descrita na web como “um espetacular edifício” que custou 240

milhões de francos suíços para ser construído.

R U L I A N B M A F T U M 189

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

O local era cercado por uma área verde grandiosa e ficava ao lado da Universidade de Zurique em uma região nobre da cidade. No aeroporto, Lenora e Xavier foram orientados a pegar um trem até a estação central de Hauptbahnhof. Depois disso o Tram número 6 até a estação do Zoológico. Aí era só seguir as placas até achar a sede da FIFA. O dia estava especialmente bonito e a viagem com o tal Tram, uma rede de bondes elétricos que percorria toda a cidade, tinha uma paisagem admirável. A vista e o clima quase fizeram o jornalista esquecer o enorme mal-estar que sofrera durante a viagem. Passou mais tempo no banheiro do avião do que sentado na poltrona. A preocupação de Lenora foi inevitável, mas Xavier convenceu-a de que se tratava apenas de alguma comida estragada. Mas as náuseas, as dores de cabeça e as alucinações já o estavam preocupando. Seria algo mais sério? Ou apenas uma reação ao estado emocional?

Algo dizia a ele que descobriria logo, pois sentia que a história chegaria a uma conclusão naquela cidade de paisagem tão agradável. Respirou fundo e o novo ar pareceu trazer um pouco mais de energia. Estavam ali para encontrar o tal Alain. Tentaram usar a mesma estratégia de antes. Orientada por Xavier, Lenora ligou para a FIFA e pediu para falar com alguém do setor de competições. Ninguém lá

conhecia o nome Alain Patrice Coubert. Ao chegar ao aeroporto, em Zurique, tentaram então a velha técnica da lista telefônica. Também não acharam nada, nenhuma referência ao nome.

Então o jeito seria ir na raça mesmo. Eles já sabiam que não existia nenhum tour pela sede da FIFA. O único acesso para as pessoas era pela recepção do edifício onde a atração era a vitrine com troféus e uma réplica da taça da Copa do Mundo para os turistas tirarem fotos. A mística que aqueles pedaços de metal provocavam nas pessoas impressionava. Estavam todas ali por causa da paixão ao futebol. Por um momento Xavier sentiu pena de todos ali. E se as suspeitas fossem verdadeiras? E se vários dos times que levantaram aqueles troféus tivessem sido apenas instrumentos de criminosos?

Xavier olhou em volta atentamente imaginando como poderiam conseguir alguma informação. Havia uma recepção onde trabalhavam umas cinco ou seis pessoas. Além disso, a circulação de homens engravatados era grande. Percebeu entre as pessoas da recepção um

R U L I A N B M A F T U M 190

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

jovem com um sorriso largo. Era o caminho.

—

E então, o que fazemos? Vamos tirar uma foto beijando a taça?

A ironia não era por acaso. Lenora ainda não se conformava de não saber a história inteira do porque eles estavam em Zurique, na sede da

FIFA. Tinha estado daquele jeito desde que embarcaram.

—

Lenora, precisamos saber se alguém aqui conhece a pessoa que estamos procurando. Vejo duas opções. Ou esse cara não trabalha mais aqui há um tempo, ou está morto.

—

Ok, genial. E daí?

—

Se perguntarmos na recepção vão dizer a mesma coisa que as pessoas que conversamos pelo telefone. Mas olhe aquele garoto ali. Acho que ele poderia nos ajudar. O que você acha?

Xavier deu uma ênfase diferente a última frase. Não precisava ser uma pessoa muito inteligente para perceber o que ele estava pensando.

—

Ah, Xavier, qual é? Você quer eu vá até lá e dê em cima do cara?

—

Vejo que é nossa melhor chance, talvez a única.

—

Porque você não dá em cima de uma daquelas ali então? Afinal nós dois conhecemos como o seu charme funciona rápido com as mulheres. A punhalada foi sentida pelo jornalista. Mas ele respirou fundo.

—

Lenora, veja a quantidade de homens que circulam por aqui. Com

certeza aquelas moças devem ser assediadas o tempo todo. Agora olhe bem para o rapaz. Bronzeado, cabelo impecável, sorriso de conquistador. Louco para que uma mulher possa perceber quanto ele é irresistível. Tenho certeza de que você conhece o tipo.

Ela olhou nos olhos de Xavier. Notou como a cara dele estava horrível. Olheiras profundas e uma palidez maior do que o normal. Era uma droga, mas ele estava certo.

—

Ok, eu vou. O que você quer que eu diga?

—

Diga que você veio da Itália. Que um amigo do seu pai costumava trabalhar aqui, uma pessoa que você não vê há muito tempo. Conte que você estaria aqui com seu pai, mas ele faleceu. E uma das coisas que ele gostaria de ter feito antes de morrer era encontrar novamente este velho amigo.

Lenora nem esperou pelo fim da história e já se dirigiu pisando duro em direção ao rapaz.

—

Ei! Não esqueça que você não está indo socar o rapaz. É pra ele

R U L I A N B M A F T U M 191

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

gostar de você!

O chamado surtiu efeito e Lenora diminuiu o passo. Então ela soltou

os cabelos e jogou os ombros para trás. Xavier não conseguiu evitar um pensamento machista naquele momento. Que qualquer mulher tinha dentro de si o gene da sedução. Era como ligar um botão e pronto. Neste momento o jornalista foi invadido por uma tontura grande. Um cansaço contínuo o acompanhava há uns dois dias, mas em determinados momentos a coisa ficava pior. Procurou um lugar para sentar. Havia umas poltronas ali perto e ele conseguiu um espaço para jogar o corpo. De onde estava conseguia ver melhor as expressões do rapaz conversando com Lenora. Pelas caretas que fazia e pelo fato de não ter deixado de sorrir nem um segundo a moça estava conseguindo dobrá-lo. Ele então pegou um pedaço de papel e, discretamente, anotou algo. Lenora despediu-se e voltou-se caminhando em direção a Xavier.

—

Vejo que conseguiu algo – ele apontou com a cabeça para o pedaço de papel que estava na mão direita dela.

—

Ah, isso é pra você. Sabe, logo de cara eu percebi que não era de mulheres que o bonitinho gostava. Aquele cabelo não me enganou. Aí eu disse que estava acompanhada de um tio meu procurando alguma diversão aqui em Zurique. Ele se colocou a disposição na hora e anotou o telefone dele pra você ligar.

Xavier até achou graça da piada, mas não estava com energia para bobagens naquele momento. Ficou apenas em silêncio.

—
Que sem graça você. Pelo visto não é só sua cara que parece de enterro.

—
Ok, como você previa foi bem fácil. Eu contei a história e ele caiu na hora. Disse que nunca ouviu falar do tal Alain, mas que se ele trabalhou aqui uma pessoa deve conhecê-lo. É o jardineiro que cuida dos campos de futebol. O nome dele é Budan. É umas das pessoas mais antigas por aqui. Pelo que me falou o carinho ele tem uma memória ótima.

—
E como o encontraremos?

—
Pois é, veja que feliz coincidência. Parece que ele está ali fora neste momento.

Budan era um senhor que aparentava uns setenta anos, mas poderia ter menos. Impossível saber, porque o rosto do homem trazia aquelas marcas de quem passa horas ao sol. Tinha os braços fortes, com

R U L I A N B M A F T U M 192

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

as veias bastante saltadas, típico de quem tem um trabalho que exige muito esforço, como um jardineiro. O homem foi bastante solícito desde o primeiro contato. Ficou entusiasmado quando soube que Xavier e Lenora eram brasileiros e foi logo falando sobre a seleção da Copa de 70 e de que

nunca existirá um time como aquele. Contou que já tinha cumprimentado pessoalmente Pelé uma série de vezes por ali.

Lenora soube conduzir a conversa e foi dando corda ao homem. Até que percebeu uma brecha e trouxe a mesma história que jogou para cima do rapaz da recepção. O velho Budan não precisou pensar muito para lembrar do nome. Disse que Alain saíra da FIFA já há bastante tempo, mas que se lembrava bem dele.

Por sorte, Alain parecia gostar muito de plantas e uns dois anos antes entrou em contato. Ele tinha adquirido algum tipo de flor que precisava de cuidados especiais e pediu a ajuda do jardineiro. O rapaz da recepção estava certo sobre a memória de Budan. Ele lembrou na hora o endereço de Alain Patrice Coubert.

* * *

Xavier Delabona e Lenora Silvano não demoraram muito para chegar ao local que Budan, o jardineiro, indicou como sendo a residência de Alain Patrice Coubert. Tratava-se de um edifício de quatro andares em uma rua próxima ao centro de Zurique. A região era apontada como um dos locais mais chiques e ficava próxima ao Zurisse, o lago da cidade.

Olharam para a lista de apartamentos no interfone e apertaram o número dado por Budan. Desde que ouviu da boca do jardineiro “apartamento 401”, Xavier pensou que ironia macabra aquilo poderia representar.

Sim? Era uma voz feminina do outro lado.

—

Olá. É o apartamento do Senhor Alain Patrice Coubert? Lenora perguntou em inglês esperando que, assim como boa parte dos habitantes de Zurique, ela também falasse e língua.

—

Sim. É o apartamento dele. Quem é você?

—

Meu nome é Lenora Silvano. Tenho uma encomenda para entregar ao senhor Coubert. A senhora é esposa dele?

—

Sim, eu sou. Que tipo de encomenda é esta? Não estamos

R U L I A N B M A F T U M 193

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

esperando nada?

—

Senhora Coubert, é um presente da FIFA aos antigos funcionários.

Um convite para uma confraternização que será feita em homenagem as pessoas que trabalharam na Federação. Tenho aqui o nome do senhor Coubert na lista. Ele trabalhou na FIFA por algum tempo, certo?

—

Sim, trabalhou. Mas ele não me falou nada sobre isso.

—

É que se trata de uma surpresa. Por isso precisamos entregar o convite em mãos a ele.

—

Ah! Entendi. É que faz tanto tempo que Alain saiu da FIFA que achei estranho vocês fazerem contato agora. Ele não está em casa. Saiu para passear com o cachorro, mas já deve estar voltando. Se você não se incomodar de esperar aí embaixo. É que não costumou receber estranhos quando Alain não está.

—

Sem problemas, senhora Coubert. Posso esperar por ele aqui fora mesmo.

Xavier não conseguia esconder a excitação por acharem Alain Coubert. A história que tinham bolado no caminho se mostrou eficiente. Os dois ficaram na calçada atentos a um homem com um cachorro que viesse em direção a onde eles estavam.

Não demorou muito e Lenora avistou um senhor com um cachorro na coleira dobrando a esquina. Ele chegou até o edifício e parou em frente a uma porta ao lado que parecia ser de uma garagem.

—

Com licença, senhor Alain Patrice Coubert? Perguntou Lenora antes que ele pudesse abrir a porta com o controle remoto que tinha em mãos. Tratava-se de um homem alto e com cabelos já bem grisalhos. Devia ter na faixa de sessenta anos. Ele usava uma roupa bastante elegante para

quem estava apenas passeando com o cachorro. O cardigã azul marinho e o cachecol, somados ao porte esguio e aos cabelos cuidadosamente penteados do senhor Coubert davam a ele um ar aristocrático.

—
Sim, quem é você?

—
Meu nome é Lenora. Este é Xavier. Somos brasileiros. Será que o senhor tem alguns minutos para conversarmos?

—
Oh! Brasileiros, que maravilha. Mas o que poderia trazer vocês até mim?

—
Algo que pode ter acontecido no tempo em que o senhor trabalhou na FIFA.

R U L I A N B M A F T U M 194

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Alain Coubert tentava manter um tom amável na voz, mas tinha a desconfiança no olhar.

—
Minha jovem, isto já faz tanto tempo. Vocês são da imprensa, ou coisa parecida?

Xavier estava quase explodindo de ansiedade. Não poderia esperar mais nem um minuto para confrontar o homem em sua frente.

—
Gostaria de saber se o senhor lembra deste documento – o jornalista colocou o pedaço de papel na frente dos olhos do homem. Então a expressão amável se transformou em pânico. Com o braço afastou Xavier e forçou a passagem. Rapidamente pegou o cachorro no colo e acionou o controle do portão.

—
Desculpem. Eu não sei quem vocês são e não tenho nada a dizer sobre este assunto – ele caminhou apressadamente em direção a garagem que já estava com o portão levantado.

—
Senhor Coubert, por favor! É muito importante! Xavier foi atrás do homem e encostou a mão em seu ombro.

—
Eu já disse que...

No movimento de se desvencilhar o jornalista viu um pânico imenso no rosto de Alain Coubert. Não houve tempo para interpretar o que estava acontecendo, pois o jornalista, o homem, o cachorro foram empurrados violentamente para dentro da garagem. Também foi possível ouvir um grito abafado de Lenora.

* * *

Xavier Delabona rolou algumas vezes pelo chão frio e áspero do cimento antes de voltar a ter controle sobre o próprio corpo. De forma ágil

ele conseguiu se colocar em pé. A cena era desesperadora.

Na escuridão do subsolo apenas algumas luzes bastante tênues que vinham do lado de fora, pois a porta continuava aberta. Próximo a porta estava um vulto negro enorme agarrando Lenora e não permitindo que ela se mexesse ou gritasse. E logo a sua frente outro vulto negro com as mãos no pescoço de Alain Patrice Coubert.

—

Não! Por favor! Eu não falei nada a eles.

Foi tudo o que o homem conseguiu dizer antes de ter o pescoço quebrado por um dos gigantes negros. Com uma rapidez que não

R U L I A N B M A F T U M 195

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

combinava com o tamanho ele matou Alain Coubert. Em seguida já ocupou o espaço de uma possível fuga para o jornalista.

E ali estava Xavier novamente, como se vivendo um deja vu. Frente a frente com um gigante negro enquanto o outro segurava Lenora, que tentava desesperadamente se livrar das mãos enormes.

O jornalista deferiu um chute no saco do gigante, mas ele parecia já esperar por aquela reação. Segurou o pé de Xavier e o puxou para perto dele. Então agarrou-o pelo pescoço, assim como já tinha feito antes em Paris. Virou-se de frente para o gêmeo gigante. Parecia até um ritual. Como se os dois quisessem matar Xavier e Lenora ao mesmo tempo. O olhar do jornalista encontrou o da moça. Eles sabiam que morreriam.

Dois breves assobios. Um grito abafado do gigante e Xavier sentiu as mãos em torno do pescoço dele se afrouxarem. Ele foi puxado ao chão, e logo que tocou o solo viu o outro vulto negro que segurava Lenora se desequilibrar e cair.

Levantou os olhos e avistou um homem segurando uma arma correndo em direção a Lenora. Apesar da pouca luz ele reconheceu a figura. Era Mario Camellaras. Ele acertara um tiro na perna de cada um dos gêmeos.

—

Solte ele senão eu mato o seu irmãozinho aqui – Mario encostou a arma na cabeça do gigante que estava com Lenora.

As mãos enormes continuavam em torno do pescoço de Xavier.

Mario então atirou mais uma vez, agora no braço do outro gigante que gemeu. Depois disso, o jornalista sentiu a pressão diminuir devagar até que estava livre.

—

Venha pra cá, Xavier! Gritou Mario.

O jornalista levantou e meio cambaleante foi ao encontro de Lenora e do italiano.

—

Muito bem. É bonito ver que os irmãos ainda se importam uns com os outros, não é verdade? E é bom vocês não nos seguirem ou não serei tão bonzinho da próxima vez.

Xavier se assustou quando ouviu barulho de sirenes se aproximando na rua.

—
Aliás – continuou Mario agora olhando para Xavier – eu tomei algumas precauções para ter certeza de que esses brutamontes não vão nos incomodar de novo. Venham eu conheço um jeito de sairmos daqui

R U L I A N B M A F T U M 196

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

antes da Polícia chegar.

—
Espere um pouco! Gritou Lenora se dirigindo aos gigantes que continuavam sob a mira da arma de Mario Camellaras.

A moça chegou perto do gêmeo negro que até a pouco queria matá-la. Ele estava de joelhos no chão com as mãos na cabeça. Ela então enfiou o pé na cara dele.

—
Filho da Puta! Se chegar perto de mim de novo eu acabo com você!
Xavier não teve nem tempo de reagir a atitude de Lenora, pois ainda se recuperava da agressão. Mas pôde notar um sorriso diferente e um olhar de admiração de Mario Camellaras para a moça.

* * *

Já sentados em um café na esquina do prédio onde morava o agora falecido Alain Patrice Coubert, Xavier Delabona, Lenora Silvano e Mario

Camellaras puderam ver quando os policiais retiraram os dois gigantes gêmeos algemados.

Xavier sentiu alívio ao saber que aqueles homens que tentaram matá-lo por duas vezes não o incomodariam mais. Por outro lado a decepção era grande por não ter conseguido nenhuma informação de Alain Coubert sobre o documento. Pela cara que o homem fez quando viu aquilo era certo de que sabia do que se tratava. Mas o que Xavier mais sentia no momento era uma tontura grande, provavelmente efeito do sufocamento. A vista estava embaralhada de novo e o estômago remexia, assim como aconteceu antes em Genova.

—

Vocês devem estar se perguntando o que eu estou fazendo aqui, certo? Foi Mario quem quebrou o silêncio.

—

Por mim não interessa. Se não fosse por você aqueles idiotas teriam acabado comigo e com o Xavier.

Apesar de estar mal Xavier percebeu mais uma vez os olhos de Mario brilharem em direção a Lenora após ter ouvido aquele “muito obrigado” meio sem jeito.

—

Mesmo assim, Lenora, eu acho que devo uma explicação. Quando vocês me contaram que vinham até Zurique imaginei que teria algo a ver com a sede da FIFA ser aqui. Afinal, seria muita coincidência já que a

investigação de vocês diz respeito a futebol e Copas do Mundo. Então eu

R U L I A N B M A F T U M 197

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

resolvi segui-los, só para garantir.

—

Mario, como já disse a Lenora o importante é que você estava aqui.

Fico feliz de você ter nos seguido e peço desculpas por não termos te envolvido. É que eu achei que já tínhamos gente demais sabendo. E gente demais morta por causa desta história toda.

—

Bom, Xavier, agora não tem mais volta, não é verdade? Eu já estou envolvido até a cabeça. Então me conte, porque aquele pobre senhor teve o pescoço quebrado?

Xavier trocou olhares com Lenora e os dois concordaram em dar mais informações a Mario.

Então o jornalista resumiu o motivo da ida deles a Zurique. Revelou, inclusive, o documento que os levou até ali. Afinal, mostrara há pouco o papel a Alain Coubert na frente da moça e sabia que teria que explicar depois do que se tratava. Xavier só não revelou quem lhe entregou o documento.

Mario leu a carta tendo Lenora ao seu lado. Em seguida levantou os olhos para Xavier com cara de espanto.

—

Isto aqui é coisa quente. Este é o original?

—

Não, é uma cópia. O original está guardado em local seguro —
respondeu Xavier enquanto limpava a testa encharcada de suor.

—

Entendo, fez bem. Você está bem?

—

Pois é Xavier — emendou Lenora — você está suando, e pálido.

—

Eu estou bem, não se preocupem. Acho que é só efeito da tensão. Já
vai passar. Com licença, vou ao banheiro.

Xavier deixou a mesa e se dirigiu ao banheiro, fazendo um grande
esforço para não cair. Não queria deixar Lenora preocupada com ele, não
agora.

Com dificuldades, conseguiu vomitar por duas vezes. Ao olhar-se
no espelho percebeu que a cara não era das melhores. Estava mesmo
pálido e com olheiras profundas. Jogou água no rosto e ao voltar os olhos
para o espelho jurou ter visto o rosto de Martino atrás dele, ali no
banheiro. Virou-se assustado. Não havia ninguém. Jogou mais água no
rosto. Agora levantou os olhos torcendo para ver o rosto de Martino de
novo. Nada.

Xavier pensou como seria bom se Martino aparecesse agora, vivo,
dizendo que estava tudo bem. Que tinha feito um bom trabalho. Mas não

CAIXINHADESURPRESAS

era verdade. Para o jornalista colocar a vida dele e de Lenora em risco era a única realização até ali. Além de ter sido o responsável pela morte de Alain Coubert. Sem contar com a tristeza provocada em Lucia, a mulher que ele amava.

Xavier se apoiou na pia e lágrimas começaram a brotar dos olhos. E agora? O que fazer? Pra onde ir? Talvez o melhor fosse procurar novamente o inspetor Paul Santini e contar tudo, entregar-lhe o que tinha e voltar para o Brasil.

—

Está tudo bem aí? Era a voz de Lenora batendo na porta.

—

Está sim – ele tentou responder com uma voz firme, para que ela não percebesse o choro – pode voltar para lá que eu já vou.

O jornalista tirou do bolso os três pedaços de papel e colocou-os lado a lado em cima da pia. A lista com os escândalos de manipulação de resultados; a lista com nomes de jornalistas que investigavam estes assuntos e o documento timbrado da FIFA que o levou até a Suíça. Três pedaços de papel inofensivos foram os responsáveis por aquela confusão. De todas as informações que ali estavam os olhos de Xavier se fixaram no item “Operador, X”. Mais uma vez ouviu a voz do velho amigo dizendo: “Preste atenção, X. Veja isso, vá atrás disso. O Operador, X”.

Xavier enxugou as lágrimas e recolheu os papéis. Jogou mais um pouco de água no rosto e saiu do banheiro. Deu dois passos em direção a mesa, quando foi abordado por um garçom.

—

Xavier Delabona? É o senhor? O homem falava em um inglês carregado de sotaque.

—

Sim, sou eu.

—

Telefone para o senhor.

Xavier ficou confuso. Ele entendeu que havia uma ligação para ele, mas não tinha certeza.

—

Há uma ligação para o senhor ali atrás – o garçom repetiu percebendo a dúvida de Xavier e ainda reforçou fazendo aquela mimica tradicional de levar o polegar e o mindinho ao ouvido.

Xavier viu que em cima do balcão estava um aparelho de telefone fora do gancho. Dirigiu-se a ele. Pegou o aparelho e colocou perto do ouvido.

—

Alô?

—

Senhor Delabona, como vai sua estada em Zurique? Vejo que não

CAIXINHADESURPRESAS

seguiu o meu conselho.

Xavier conhecia aquela voz muito bem. Era a mesma voz distorcida, com inglês pausado, que ele ouviu quando esteve em Londres.

* * *

Lenora não simpatizava com Mario Camellaras. O jeito que ele olhava para ela a assustava. Mas a coragem que demonstrou ao salvá-los dos gigantes negros mudou um pouco as coisas. Ela passou a respeitá-lo. E poucas pessoas no mundo recebiam isto dela. Então, pela primeira vez desde que o conheceu, permitiu-se conversar amigavelmente com o italiano na ausência de Xavier.

Alguns minutos passaram e Lenora ficou preocupada. Foi até ao banheiro verificar. Bateu na porta e recebeu uma resposta lá de dentro. Ela percebeu que o jornalista tentou empostar a voz para parecer normal, mas não adiantou. Xavier estava mal.

Voltou à mesa e o telefone tocou. Era ela e Lenora teria que atender. Levantou sem pedir licença a Mario e começou a caminhar pela calçada enquanto falava. Depois de alguns metros virou-se para ter certeza de que estava longe o suficiente para que a conversa não pudesse ser ouvida. Mesmo à distância conseguia sentir o olhar de Mario atento a cada movimento que ela fazia.

Lenora ouvia atentamente a pessoa do outro lado da linha.

Interrompeu poucas vezes, pois sabia que ela precisava falar. Então a moça percebeu a aproximação de um carro que estacionou próximo ao café. Dele saíram dois homens bem vestidos que caminharam em direção a mesa onde Mario estava sentado. Lenora sentiu um calafrio percorrer o corpo. Um aviso de perigo que ela costumava dar atenção. Olhou em volta e percebeu outro homem caminhando em direção a ela. Ainda conseguiu ver quando os dois sujeitos do carro abordaram Mario Camellaras. Mas ela não deixaria o outro homem se aproximar mais.

Desligou o telefone e rapidamente começou a correr atravessando a rua no meio dos carros. O homem foi pego de surpresa e começou a correr atrás da moça. Lenora acelerou o passo e avistou ao final da rua uma avenida com uma boa movimentação de pessoas. Sabia que se chegasse até lá sem ser pega poderia despistar o estranho que a seguia.

R U L I A N B M A F T U M 200

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Mais uma acelerada no ritmo. O perseguidor corria bem, mas não o suficiente para acompanhá-la. Ela conseguiu chegar ao movimento sem ser alcançada. Virou à direita e entrou em uma loja grande que estava lotada. Pegou duas peças de roupa na passagem e se dirigiu ao provador. Precisava buscar ajuda para Xavier e Mario urgentemente. Sabia exatamente a quem recorrer.

* * *

Xavier Delabona colocou o telefone no gancho e caminhou em

direção ao lado de fora. O coração dele disparou quando não viu Lenora. Estavam apenas Mario e os dois homens que a voz do telefone disse que estariam. Mario parecia calmo e continuava sentado no mesmo lugar.

—
Ela conseguiu fugir – disse Mario em português para que apenas Xavier entendesse.

Aquela notícia provocou um sentimento contraditório. Xavier estava aliviado por um lado porque imaginava que Lenora era esperta o bastante para fugir. Mas por outro sentia medo porque ela estava agora por conta própria.

Um dos homens aproximou-se de Xavier, pegou-o gentilmente pelo braço e mostrou o carro encostado na calçada. O outro sujeito fez o mesmo com Mario. O italiano olhou para Xavier e fez um suave aceno de cabeça significando que era melhor que acompanhassem os desconhecidos. A voz no telefone tinha sido bem clara. Xavier e os dois amigos estavam sendo convidados para encontrá-lo para uma conversa. Ele sabia que as palavras “encontrar” e “conversa” provavelmente teriam um significado bem diferente. Mas surpreendeu-se quando a voz misteriosa disse que contaria tudo o que ele estava querendo saber. Nesta hora a curiosidade, principalmente a de um jornalista, fica até acima da razão. Além disso, não teriam escolha. Sabia que se reagissem ou recusassem o convite estariam mortos.

Ao entrar no carro, Xavier imaginou que os homens colocariam

ventas ou capuzes nele e em Mario, para evitar que soubessem para onde estavam indo. Qualquer jornalista policial sabe que este era um procedimento comum, que acontece na grande maioria dos sequestros. Mas não foi o caso. O carro partiu pelas ruas de Zurique sem que ele e

R U L I A N B M A F T U M 201

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Mario sofressem qualquer provação. Sem capuz, sem algemas e nenhuma arma apontada para eles. Apenas vigiados atentamente pelos dois homens que pareciam saber exatamente o que estavam fazendo. A frieza e a segurança deles já eram suficientemente ameaçadoras.

Aos poucos o carro se afastou do centro da cidade. A paisagem foi mudando e o verde prevaleceu. Ele reconheceu o caminho. Era a mesma região onde estiveram antes. Nas proximidades da sede da FIFA.

Passaram-se mais alguns minutos até o carro estacionar em frente a uma casa. Um imóvel moderno, sem muros, que ficava em uma rua tranquila. Presa no gramado da frente havia uma placa de “Vende-se”. As janelas tinham cortinas e não era possível ver lá dentro.

Os dois homens acompanharam Xavier e Mario até a frente da casa. A porta se abriu assim que eles chegaram. Na entrada havia mais um homem. Ele era bastante alto, pele branca e cabelos compridos e louros. Logo que entraram o cabeludo fechou a porta atrás deles e passou a tranca.

Deram mais dois passos em frente e pode-se notar uma luz vinda

da direita. Entraram nesta sala e não havia móveis. Ali estava mais um homem com cara de mercenário, em pé, ao lado da lareira. Em frente dele uma pequena mesa com uma xícara de uma bebida quente, já que era possível ver a fumacinha dali onde eles estavam. Sentado em uma cadeira um homem pequeno e magro. Ele levantou calmamente e abriu um leve sorriso.

Assim que olhou nos olhos dele Xavier teve certeza de que se tratava do dono da voz das ligações misteriosas.

—

Senhor Xavier Delabona. É um prazer conhecê-lo pessoalmente. A voz não era igual a das ligações recebidas. Afinal, naquelas ocasiões, ela estava distorcida propositalmente. Mas o sotaque levemente carregado na forma de falar e as pausas não deixavam dúvida de que era a mesma pessoa.

O homem tinha traços orientais e pele morena, uma fisionomia característica de alguns povos da Ásia menor. Vestia um terno cinza, mas ao invés da gravata usava um cachecol bastante elegante.

—

Você sabe meu nome, mas eu não sei o seu.

O homem estudou Xavier mais um pouco. Trazia uma expressão relaxada no rosto, como se já tivesse feito aquilo muitas vezes.

R U L I A N B M A F T U M 202

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—
Eu tenho vários nomes e não tenho nenhum nome – ele sorriu levemente.

—
Porque nos trouxe aqui? O que vocês querem?

—
Ora, senhor Delabona, é você quem quer algo conosco. Apesar de tudo o que aconteceu, o senhor insistiu, e insistiu. Eu admiro pessoas assim.

O homem parou a frase no meio, virou as costas e deu três passos em direção a lareira. Xavier esboçou dizer algo, mas sentiu a visão embaralhar. Era a mesma sensação que andava tendo nos últimos dias, só que mais forte. Fechou os olhos com força e, ao abri-los novamente, as pernas bambearam. Precisou de uma grande concentração para prestar atenção no que o homem misterioso disse em seguida.

—
Os que vieram antes de você não conseguiram chegar tão longe. Por isso encare este encontro como um prêmio. Um troféu a sua perseverança.

As palavras ecoaram na cabeça do jornalista. Ele não sabia dizer o quanto daquilo tinha a ver com os sintomas e o quanto era relacionado a reação ao conteúdo daquela mensagem. “Os que vieram antes de você”. Ele falava da lista e de Martino. Todos mortos.

–

Você é o Operador?

A frase dita por Xavier fez com que o homem se voltasse novamente a ele. Pareceu surpreso por alguns segundos, mas não demorou para retomar os rumos da conversa.

–

Operador? Sabe, senhor Delabona, eu particularmente acho esse um dos piores nomes para nos definir. É muito simples para significar nossa atividade.

–

E por atividade posso entender manipulação de jogos de futebol? Xavier sentia o suor frio escorrer pelo rosto. Fazia um grande esforço para não deixar o mal-estar tomar conta da situação. Manter a concentração era fundamental para descobrir o que precisava saber. O homem deu mais um leve sorriso e aproximou-se.

–

Esta é uma forma bastante simplificada de resumir o que fazemos. Eu diria que nós somos uma organização econômica, com fins lucrativos, como tantas que existem por aí.

–

Você quer dizer uma máfia como tantas que existem por aí. Aliás, imagino que estejam “por aí” há bastante tempo.

CAIXINHA DE SURPRESAS

—
Ah, sim. Nossa atuação é antiga. Mas eu gostaria de lhe contar um pouco mais sobre esta história. Vejo que o senhor está bastante cansado. Porque não nos sentamos para conversar melhor – o homem voltou-se em direção a cadeira. Ao mesmo tempo um dos trogloditas trouxe uma cadeira a Xavier.

Ele sentou já com certa dificuldade. A cadeira veio em hora providencial, pois não aguentaria muito tempo mais em pé. O mal-estar só aumentava. Além da tontura intensa ele sentia agora uma forte dor de cabeça e náuseas.

—
Muito bem, não vamos perder mais tempo. Como lhe disse eu o trouxe aqui como um prêmio pela sua perseverança. Portanto vou lhe conceder algumas poucas perguntas.

—
Você fez isso com os outros? Martino esteve aqui?

—
Não. Você é o primeiro. E não acho que você deveria gastar seu tempo com perguntas assim.

A emoção, misturada com o mal-estar, estavam deixando tudo bastante confuso. Xavier olhou em volta para os outros três homens na sala, todos capangas. Não viu Mario. Na verdade se deu conta de que não

o via desde que entraram pela porta. Onde teriam levado ele? O que aconteceria depois? Para esta pergunta Xavier já imaginava a resposta. Ele respirou fundo e se recompôs. Não havia opção a não ser entrar no jogo.

—

Muito bem, então. Vocês já manipularam resultados de jogos de Copas do Mundo?

—

Esta sim é uma boa pergunta. Os que existiram antes de você tinham certeza de que a resposta era sim. Mas não conseguiram avançar depois daí. Sabe porque? Medo da resposta. Medo de que o esporte que eles tanto amavam pudesse não ser puro. E é por isso que você chegou até aqui, senhor Delabona. Você não é um fanático. E acho que seu amigo Martino percebeu que este seria o único jeito de avançar. Era preciso de alguém que não ligasse. Alguém que quisesse apenas descobrir a verdade.

Aquilo fazia total sentido para Xavier. Ele vinha procurando uma resposta desde o começo e agora o assassino de Martino o tinha ajudado a descobrir porque ele estava ali. Sentiu uma forte pontada no estômago. Agora nada mais importava, apenas a verdade.

R U L I A N B M A F T U M 204

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

—

Você não respondeu a minha pergunta.

—

É claro, sinto muito. As Copas do Mundo estão entre nossos principais produtos.

—

E como vocês fazem?

—

Não existe uma fórmula única. Senhor Delabona, uma grande vantagem do futebol é que podemos atuar de diversas formas. Um técnico que escala o time de forma errada, ou faz uma substituição desastrosa. Um jogador que é expulso, faz um pênalti. E é claro, os juízes. Destes acho que nem preciso falar da quantidade de possibilidades de interferir no resultado de uma partida. Eu gosto muito de uma frase que vocês usam no Brasil. Acho que ela define bem porque nosso trabalho se torna relativamente simples. Se não me engano é algo do tipo “Futebol é uma caixinha de surpresas”. Quer dizer, tudo pode acontecer. Tudo pode mudar em minutos. Até o mais forte sucumbir ao mais fraco. Davi contra Golias. E as pessoas adoram, vibram com isso. É o que faz o futebol ser tão fascinante. Todos reclamam, mas no fundo ninguém quer que mude. E é esta característica, senhor Delabona, que torna o jogo tão popular. Ele é imprevisível. O que fazemos é apenas explorar esta característica. Eram dois loucos, frente a frente. O homem estava revelando um dos maiores esquemas da história e parecia gostar. Quanto a Xavier nem

a certeza de que ia morrer, nem o mal estar que aumentava a cada minuto, nada era mais intenso do que a vontade de saber mais.

–

E como isso é organizado? Quem controla?

–

Você sabe quantos jogos de futebol acontecem toda a semana no mundo? Milhares. Não há como controlar tudo. Existem acordos. Digamos que nós zelamos pelo cumprimento deste acordos.

Xavier não conseguia mais disfarçar. Ele se agarrava na cadeira tentando controlar as náuseas, as fortes dores de cabeça e a tontura.

Encontrava-se frente a frente com o homem responsável pela morte de seu amigo Martino Andreatto. A vontade de pular no pescoço dele era grande, mas não tinha forças suficientes.

–

Martino estava chegando perto, não é? É por isso que vocês mataram ele.

–

Seu amigo Martino estava progredindo. Mas ele não teve coragem de dar os últimos passos. Nenhum deles teve. Mas devo confessar que ele foi brilhante. Chego a pensar se ele não se deixou morrer, se não facilitou

R U L I A N B M A F T U M 205

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

as coisas. Assim conseguiu colocar você na jogada. Uma pessoa que não

dá a mínima para futebol. É genial não concorda? Ele foi atrás dos outros e percebeu que todos pararam no mesmo ponto. Por quê? Porque eram apaixonados e obsessivos pelo assunto e não conseguiam suportar a ideia de que as coisas não funcionam como eles imaginavam. Então ele precisava de alguém sem apego. Precisava de você.

Xavier tentou falar algo mas a garganta se fechou. Ele tossiu pesadamente.

—

A única coisa que não entendo foi por que o senhor Andreatto colocou a filha dele na história. Por que colocar em risco uma moça tão jovem e bonita, não é verdade?

—

Onde está Lenora? O que vocês fizeram com ela? Xavier conseguiu despejar as palavras em meio a outro acesso de tosse.

—

Não se preocupe, senhor Delabona, cuidaremos bem dela.

Xavier acompanhou o movimento do Operador com os olhos. Ele veio em sua direção e se abaixou bem na frente dele.

—

Deixe-me adivinhar. Você está sentindo tudo se revirar aí dentro. Tenho certeza de que nunca passou por algo assim. Sua cabeça dói. Você tem vontade de vomitar, mas não consegue. Sua visão está muito ruim e você não sabe se o que está vendo é verdade ou não. E acho que logo você

vai ter uma surpresa com seus cabelos.

A tosse aumentou e a dor de cabeça era alucinante. Ao tentar se equilibrar na cadeira, Xavier foi ao chão. A voz do Operador fazia eco em sua cabeça. Virou os olhos para o lado e viu outra pessoa parada ao lado da parede. Parecia Mario Camellaras, mas ele já não sabia decodificar o que estava vendo.

O Operador chegou com os lábios bem perto do ouvido de Xavier e começou a sussurrar. Conseguiu entender algumas das frases. Eram coisas sobre futebol. Ele matou Martino. O futebol matou Martino. A dor era muito intensa, ele precisava fechar os olhos.

* * *

O vento bateu no rosto dele em uma lufada contínua e refrescante. Fechou os olhos por alguns segundos e esboçou um leve sorriso nos lábios. Ele gostava muito daquela sensação e desejava tê-la mais vezes.

R U L I A N B M A F T U M 206

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Tudo estava sob controle. Exatamente como planejado.

O sol quente, mas não quente demais. O mar calmo e com uma tonalidade de azul cristalina. O vento batia forte, enchia as velas, e dava ao barco uma boa velocidade. Em sua cama, logo ali embaixo, estava Isabella, sua preferida entre as amantes que tinha. Fizeram amor várias vezes durante a noite. E repetiriam a dose dali há pouco.

Tudo estava sob controle.

Ele gostava do som daquelas palavras e não se cansava de repeti-las para si mesmo.

Também era motivo de prazer para ele saber o quanto seu trabalho era reconhecido. Agora como nunca. Seu melhor cliente voltou a fazer contato de forma insistente. Houve uma primeira tentativa, dias após a finalização do trabalho anterior, devidamente rechaçada. Aceitar aquilo iria contra as regras. Regras estas que tinham sido fundamentais para o sucesso da carreira até ali.

Alguns dias se passaram e os apelos voltaram. Com valores assustadoramente maiores. Precisavam dele. Praticamente imploravam por ele. Mas nem o dinheiro e nem a vaidade o fariam ceder. Afinal, a disciplina a seus métodos o levaram até ali. Mas a situação desta vez tinha um agravante. Lenora Silvano.

Fechou os olhos mais uma vez, agora para poder vê-la. Conseguia visualizar cada detalhe do corpo dela, do rosto dela. Há muitos anos uma mulher não provocava sentimentos assim nele. E nunca acontecera com alguém “do trabalho”. Quando bateu os olhos em Lenora ele soube.

Encontrara a mulher que o levaria ao êxtase, e a ruína.

Ao voltar para casa depois do último trabalho dedicou-se a descobrir tudo o que pôde sobre ela. Precisava saber porque aquela jovem o abalava tanto. E a cada descoberta o fascínio e o mistério só aumentavam. Precisaria vê-la de novo. Chegar perto dela. E por mais que a razão o afastasse da ideia, ele desejava aquilo mais do que tudo.

Respondeu a mensagem ao seu cliente antes de voltar para baixo.

Isabella estava despertando. E ele sabia o quanto ela odiava acordar sozinha na cama.

No dia seguinte, antes de embarcar, Boamorte já dominava todas as informações sobre o caso. Após a sua primeira série de recusas os clientes especiais recorreram a outra solução, que não funcionou. Quando

R U L I A N B M A F T U M 207

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

soube quem o substituiu sentiu-se ofendido. Afinal, os Gêmeos Negros representavam muito do que ele repudiava.

Boamorte não conhecia a história com detalhes. O que sabia é que se tratavam de dois irmãos provenientes de algum país da África que ninguém sabia ao certo qual. Eles teriam sido treinados ainda pequenos por um grupo guerrilheiro, um dos tantos que existem por lá. E desde cedo se destacaram por duas características: pela força fora do comum e pela falta de senso moral. Eles simplesmente não se importavam com ninguém, apenas um com o outro. Reza a lenda que, ainda jovens, dizimaram com as próprias mãos todo o grupo de guerrilheiros que faziam parte. Portanto, para Boamorte, tratavam-se de dois animais, toscos, obtusos, descuidados.

A missão era mais complicada do que o normal. Ele teria que limpar a sujeira deixada pelos idiotas. E, além disso, aproximar-se para descobrir mais detalhes sobre o que o jornalista brasileiro Xavier

Delabona sabia. E se aproximar dele significava ficar perto de Lenora Silvano.

A forma de fazer já estava definida. Até porque não seria a primeira vez que usaria aquela estratégia. Foi invadido por uma onda de vaidade. Acontecia todas as vezes que se lembrava de seu trabalho mais célebre, mais arriscado e confuso.

O ano era 2006. A pessoa se chamava Alexander Litvidenko, um ex-agente do serviço secreto da Rússia. Parece que o homem estava dando trabalho há um tempo e tinha conseguido escapar de outras tentativas de “sumiço”. Boamorte foi chamado com uma tarefa bem definida. Uma solução rápida era necessária, além de uma demanda adicional.

Precisava ser doloroso, muito doloroso. Boamorte teve poucos dias para estudar a situação. Os riscos eram grandes, Mas, por outro lado, bem feito o trabalho representaria um novo patamar profissional. E ele vinha esperando uma chance assim há algum tempo.

Estudou os hábitos do russo com cuidado, afinal se tratava de um ex-espião e qualquer deslize seria fatal. Descobriu que Litvidenko investigava algo sobre a morte de uma jornalista russa. Em Londres ele tinha um informante italiano que o ajudava com as investigações, porém os dois nunca haviam se encontrado. Assumir o papel do italiano não foi difícil. Litvidenko frequentava um bar de hotel todos os dias para tomar

R U L I A N B M A F T U M 208

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

chá. Hábito adquirido nos anos em que viveu em Londres.

No total foram quatro encontros entre Alexander Litvidenko e o suposto informante italiano. A dose certa e calculada no chá nas quatro ocasiões e pronto. No último encontro o russo já dava sinais claros do envenenamento. A missão estava cumprida.

Mas, logo após, Boamorte se assustou com o rumo que a coisa tomou. O ex-espião foi internado em um hospital e a história ganhou o mundo. Imagens dele, totalmente careca e debilitado em uma cama de hospital circularam pelos noticiários. Falaram em envenenamento por Polônio. Uma afronta ao talento de Boamorte. Provavelmente alguém querendo mais repercussão, quem sabe a própria vítima. Afinal, basta colocar um composto radioativo em qualquer história para chamar a atenção rapidamente. Alexander Litvidenko morreu vinte dias depois. Nos últimos dias releu com deleite sua inspiração para o sumiço de Litvidenko, Cavalo Amarelo, de Agatha Christie. Foi lendo este livro que tomou conhecimento dos efeitos do tálio como veneno.

O envenenamento por tálio é bastante eficaz. Os sintomas se confundem com os de outras doenças. Assim, mesmo depois de vários exames, é muito difícil identificar. O tálio confunde o corpo e se faz passar por potássio – elemento essencial para o organismo. Ele prejudica o funcionamento das células, principalmente no sistema nervoso. A pessoa envenenada passa a ter insônia, ilusões, dores fortes de cabeça e de estômago, depressão profunda e até desejo de morrer. O tálio também

ataca os testículos e o coração, e causa paralisia muscular. O único problema é que se a pessoa sobrevive, nem que seja por alguns dias, caem todos os pelos do corpo, o que pode ajudar no diagnóstico. Mas, quando chega a este ponto, normalmente já é tarde demais.

Boamorte não gostava de repetir padrões, mas resolveu abrir uma exceção no novo trabalho. Assumiria novamente seu personagem italiano. E usaria novamente o talio. A diferença agora é que não seria ele a sujar as mãos.

Em uma das viagens de Xavier Delabona e de Lenora Silvano foi ao encontro de Lucia, a mãe. Ameaçou-a. Na verdade ameaçou a vida da filha dela. Relatou a Lucia todos os hábitos diários de Lenora, coisas que nem ela sabia. Disse que se não cooperasse a filha morreria. E cooperar significava apresentá-lo como Mario Camellaras, um suposto amigo de

R U L I A N B M A F T U M 209

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Martino. Seria a forma de descobrir mais sobre o que eles sabiam e de ficar perto de Lenora. Cooperar também significava pingar uma dosagem específica de tálío na bebida de Xavier, quatro vezes. Seria uma ironia perfeita. Matar o próprio amante para salvar a filha querida.

Tudo correu como o planejado. Lucia cumpriu com sua parte do acordo perfeitamente. Tentou enganá-lo, implorou, se humilhou, mas Boamorte não abria exceções. Aos poucos via a evolução no quadro clínico de Xavier, as dores, a insônia, as alucinações. Também conseguiu

informações importantes, que eram devidamente repassadas a seu cliente especial. E, é claro, estava perto de Lenora, olhando para ela, falando com ela, sentindo o cheiro dela. Tudo corria como planejado. Acompanhou Lucia, Xavier e Lenora até Genova. Lá iam encontrar um homem chamado Cesar Salaró. A visita não foi muito reveladora, mas na volta a Turim algo estranho aconteceu. Xavier decidiu que deveriam ir a Zurique. Era um movimento inesperado. Alguma coisa passou sem que ele soubesse. Informou então ao cliente especial. Ele pediu que deixassem ir e que descobrisse o que estava acontecendo. Foi o que fez Boamorte. Em Zurique observou-os de perto quando estiveram na sede da FIFA. E depois quando foram ao encontro de um homem chamado Alain Patrice Coubert. Pretendia deixá-los falar com ele para depois se revelar e coletar as informações.

Mas eis que algo aconteceu. Os dois gigantes gêmeos idiotas resolveram aparecer para terminar o serviço. O fracasso em Paris não foi aceito pelo cliente. Mas decidiram assim mesmo finalizar a missão por conta própria. Boamorte estava preparado para esta possibilidade.

Viu quando as duas sombras negras agarraram os três e os levaram para a garagem. Conseguiu entrar em cena a tempo de salvar Xavier e Lenora. Os gêmeos tiveram a chance deles e fracassaram. O trabalho agora era de Boamorte e ele não permitiria a ninguém estragar o plano perfeito em andamento.

A vontade dele era meter uma bala na cabeça de cada um daqueles

brutamontes ignorantes.

Precisou pensar rápido. Forçou a porta da frente e conseguiu entrar no prédio sem ser visto. Discou para a polícia local e fez uma denúncia anônima. Chegou a cena a tempo de salvar a vidas dos brasileiros. Um tiro na perna de cada um foi o suficiente. Teve ainda confirmada a

R U L I A N B M A F T U M 210

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

eficiência da polícia Suíça. Tirou Xavier e Lenora dali e ainda viu de camarote os gêmeos serem presos.

Foi perfeito. Ele não via a hora de ficar a sós com Lenora. Contaria quando fosse o momento. Uma mulher obstinada e dedicada como ela com certeza apreciaria tanta perfeição.

Mas antes era preciso terminar o serviço.

Ao ser informado do ocorrido o cliente especial avisou que queria que Xavier e Lenora viessem a seu encontro. Ou seja, ele também estava em Zurique. Boamorte não gostava de conhecer as pessoas que o contratavam, mas aquele cliente muito especial exigiu a presença dele junto.

* * *

Ao desligar o telefone Paul Santini esboçou um leve sorriso. Afinal quem não gosta quando as coisas saem exatamente como o planejado? Era Lenora Silvano. Estava assustada e bastante nervosa. Disse que viu Xavier Delabona e Mario Camellaras serem levados por dois homens

em um carro cinza. A moça conseguiu despistar outro que a seguiu pelas ruas de Zurique. Decidiu ligar pedindo ajuda.

Santini olhou pela janela do carro e imaginou em qual daquelas ruas estaria Lenora. Pela descrição que ela deu do local não deveria ser longe dali. Mandou uma equipe para ter certeza de que ficaria bem. Já ele e o resto dos homens tinham outro destino.

Paul Santini não conseguiu evitar mais um sorriso discreto. Sabia desde o começo que estava certo quando disse sim a proposta para assumir o caso de manipulação de resultados no futebol. Pensou nas piadas dos colegas, pois era notório dentro da Interpol que este tipo de investigação sempre acabava em pouca repercussão. Pensou também nos momentos de desânimo iniciais, quando viu que o caso era totalmente engessado e propenso ao fracasso.

Porém, nada daquilo o fez mudar de ideia. Santini confiava em seu instinto. Seu faro investigativo nunca falhara antes e algo lhe dizia que aquele caso era a oportunidade que ele tanto aguardava. Ele ria por último.

Lembrou de como sua antena captou a energia assim que bateu os

R U L I A N B M A F T U M 211

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

olhos nos dois brasileiros, Xavier e Lenora. Naquele momento algo muito forte disse a ele que ali estava o caminho que procurava para dar um rumo a investigação.

O último encontro terminou com Santini entregando aos dois um contato da ex-mulher de um jornalista alemão. Naquele dia, com o que ouviu de Xavier e com os relatos de seu agente Leister Mandu, percebeu o que acontecia. Os brasileiros estavam montando um quebra cabeças. Procuravam pistas sobre jornalistas que de alguma forma estiveram envolvidos com casos de manipulações de resultados no futebol. E todos tiveram mortes consideradas acidentais. O mesmo padrão do que acontecera com Martino Andreatto, amigo de Xavier e pai de Lenora, morto alguns dias antes.

Nos dias que passaram após o encontro em Paris, Santini soube de todos os passos de Xavier Delabona e Lenora Silvano. Recebia de seus agentes de campo informações detalhadas a cada seis horas. Colocou os melhores em cena para evitar que fossem descobertos. Xavier não era idiota. Com certeza, o jornalista sabia que a partir daquele encontro na França estariam sendo observados de perto. Mas, mesmo assim, Paul Santini ordenou descrição total de seus homens.

Ao lado dele no banco do carro estava uma pasta com o relatório atualizado. Todos os movimentos de Xavier e Lenora. Com destaque para a viagem a Genova junto com Lucia Silvano e um italiano chamado Mario Camellaras. Não havia informações sobre Camellaras. Nenhuma família, residência, nada. E qualquer investigador sabia que isso era sinônimo de encrenca.

Quando recebeu a informação de que os dois brasileiros estavam a

caminho de Zurique não teve dúvidas de que algo grande aconteceria. Seria muita coincidência uma investigação sobre manipulação de resultados ter como destino a cidade que é sede da FIFA. Paul Santini decidiu entrar em cena pessoalmente.

A última notícia veio pouco antes do telefonema de Lenora. Uma morte. Dois homens foram presos na cena do crime. Criminosos internacionais há tempos procurados pela Interpol. Eram conhecidos como os Gigantes Negros e tinham uma ficha imensa. Mais um motivo para mostrar a Santini que estava certo. O caso era muito maior do que parecia.

R U L I A N B M A F T U M 212

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

O rádio deu um bipe. A informação era de que a casa para onde foram levados Xavier Delabona e Mario Camellaras já estava cercada. O carro de Paul Santini se encontrava a poucos metros do local. Ordenou a invasão imediata. Acompanhou a operação pelo sinal do rádio. Tudo foi resolvido rapidamente. Quando chegou lá os suspeitos já estavam dominados.

Paul Santini entrou ainda em tempo de ver os supostos criminosos sendo algemados. Mas a situação não parecia nada boa. Caído no chão o corpo de Xavier Delabona. Não havia sinais de sangue. Um dos agentes informou que o jornalista brasileiro ainda estava vivo. Os médicos chegaram em seguida. Mario Camellaras não foi encontrado.

No total cinco prisões. Quatro homens que nitidamente se tratavam de seguranças e um asiático baixinho que demonstrou uma tranquilidade assustadora. Limitou-se a dizer que era uma peça da engrenagem e que prendê-lo não faria diferença.

R U L I A N B M A F T U M 213

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

CAPÍTULO 9

Fifa aumenta o cerco contra manipulações de resultados

Jérôme Valcke declarou que o compromisso da organização de dar fim aos jogos arranjados é algo 'complicado'

10/02/2012 - Globo.com

A Comissão Disciplinar da Fifa decidiu na última quarta-feira estender para o mundo todo a aplicação de punições por manipulações de resultados de partidas disputadas em todas as divisões.

O presidente da comissão, o suíço Marcel Mathier, afirmou que as organizações de campeonatos deverão solicitar à Fifa a extensão a âmbito mundial das punições que tenham imposto, conforme o artigo 136 do Código

Disciplinar da entidade máxima do futebol.

Ao conhecer as resoluções da Comissão

Disciplinar, o secretário-geral da Fifa,

Jérôme Valcke, declarou que o compromisso da

organização de dar fim aos jogos arranjados

é algo "complicado".

- As decisões de nossa entidade confirmam

que estamos decididos a proteger os funda-

mentos do esporte e o fair play, e que não

toleramos de forma alguma o comportamento

daqueles que não compartilham os valores da

Fifa - destacou Valcke.

Também no comunicado, é informado que o

número de partidas arranjadas é cada vez

maior e que no momento mais de 50 são

investigadas em vários países.

R U L I A N B M A F T U M 214

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Os olhos se abriram e ele sentiu-os queimar. Não conseguia

focalizar nada. Havia apenas uma luz vindo de algum lugar. Ele então

fechou-os novamente. A escuridão o fez se sentir mais seguro e ele não

sabia o porquê. Ficou assim por mais algum tempo.

Ouviu algo batendo ao seu lado e então abriu novamente os olhos.

Agora já conseguia focalizar o que parecia ser uma luminária no teto. Os olhos ainda ardiam bastante, mas ele decidiu mantê-los abertos. Virou a cabeça lentamente para o lado de onde parecia ter vindo o barulho. Com o canto dos olhos percebeu a silhueta de uma pessoa. Piscou várias vezes tentando limpar a visão para focalizar melhor.

Começou a sentir uma série de pequenos choques pelo corpo. Na verdade isso serviu para que ele lembrasse que tinha um corpo. Demorou alguns segundos para dar os comandos certos ao cérebro e, lentamente, mexeu as duas pernas. Depois os braços. Não conseguia mais do que breves movimentos. Os membros pareciam pesar uma tonelada cada. Tentou abrir a boca, mas ela estava grudada por uma gosma.

Sentiu, repentinamente, como se a gosma o secasse por dentro. Aquilo provocou nele uma grande agonia. Conseguiu abrir a boca mais uma vez e emitir um som. Ele pode ouvir o ruído. Moveu a cabeça mais uma vez para o lado do vulto. Agora viu que se tratava de uma mulher. Abriu a boca e se concentrou para que a voz saísse com mais energia desta vez.

—

Água...Água.

—

Xavier!? Xavier, você acordou? Você acordou!

* * *

Agora eram quatro pessoas ali no pequeno quarto. Xavier Delabona já estava sentado na cama. O vulto que tinha visto antes era Lenora

Silvano. Também conseguia distinguir facilmente as outras pessoas além dela, Lucia e um homem baixo e gordo que se apresentou como Doutor Eric Matier.

Xavier ainda não tinha muita noção de tempo, mas pareceu que o homem chegou minutos após alguém, talvez Lenora, ter lhe dado água. Aos poucos, o líquido foi dissolvendo a gosma e ele pode dizer algumas palavras. Conseguiu também mexer pernas e braços de forma mais intensa. Foi aí que o médico apareceu e começou a examiná-lo de cima a

R U L I A N B M A F T U M 215

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

baixo. Ao final, ajudou-o a se sentar.

—

Senhor Delabona, consegue me ouvir?

Xavier percebeu que o homem falava em inglês.

—

Sim. Estou ouvindo.

A resposta saiu com dificuldade e em português mesmo.

Percebendo que o jornalista ainda estava confuso, Lenora se aproximou e tocou na mão dele.

—

Pode continuar doutor. Eu vou traduzindo para ele.

Então Eric Matier foi, calmamente, dando detalhes da situação de

Xavier. Disse que o fato dele ter acordado era um bom sinal. Que parecia

ter recuperado todas as condições motoras, auditivas e visuais. Outros exames seriam necessários, mas o fato de terem descoberto a causa de tudo a tempo havia salvado a vida dele.

Doutor Matier explicou o estrago que o envenenamento por tálíio pode provocar em uma pessoa. Xavier foi reconhecendo alguns daqueles sintomas. O médico contou que tão logo descobriram que se tratava de tálíio o tratamento começou. O coma durou três dias e havia o temor de que ele acordasse com sequelas graves, ou que nem acordasse mais. Por isso o fato de ele estar ali, sentado na cama, era considerado um caso não muito comum.

Lenora continuava traduzindo o que o médico dizia. Aos poucos, Xavier passou a compreender. Podia sentir as coisas voltando ao normal, lentamente.

—

E agora, o que acontece comigo?

As outras três pessoas no quarto se assustaram com a interrupção.

A voz saiu baixa, mas firme. O médico tirou os pequenos óculos e os limpou em seu jaleco branco antes de prosseguir.

—

Bom, senhor Delabona. O fato de você estar perguntando, de raciocinar adequadamente, só comprova o que eu disse há pouco. Ao que parece, pode não haver sequelas mais graves no seu caso. Talvez apenas as menos preocupantes. Mas vamos precisar que fique mais um tempo

em observação antes de termos certeza.

Lenora se preparava para traduzir mas Xavier tocou-a, suavemente com a mão. Ela sabia o significado do gesto e, diferente das outras vezes, ficou feliz em não ser mais útil.

—

O que seriam as sequelas menos preocupantes, doutor?

R U L I A N B M A F T U M 216

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

O médico olhou para Lenora e então novamente para ele. Foi então que Xavier se deu conta de que Lucia não estava mais no quarto.

—

O senhor terá que fazer um acompanhamento periódico de sua saúde, principalmente dos rins que foram bastante prejudicados. Além disso é provável que os pelos não voltem a crescer.

Xavier ficou alguns segundos em silêncio após a explicação do médico. Lentamente levantou as mãos e passou-as pelo rosto e depois na cabeça. Então entendeu o que o médico estava falando. Sobravam-lhe poucos cabelos.

—

Lembre-se, senhor Delabona, homens carecas passam um ar de força e inteligência. Dizem até que as mulheres apreciam.

A voz gutural era inconfundível. Na porta de entrada do quarto, quase precisando abaixar a cabeça para entrar, estava o inspetor Paul

Santini.

—

Fico feliz em ver que está bem. Mas terei que incomodá-lo.

* * *

Paul Santini puxou uma cadeira para perto da cama. Estava com seu indefectível terno preto cuidadosamente recortado para suas medidas. Xavier mais uma vez teve que admitir que se tratava de um homem incomum. A imponência da figura de Santini era assustadora. Tudo parecia feito para impor respeito, o tamanho, o físico, os gestos e, é claro, a voz poderosa. Por isso, o inspetor conseguiu ficar sozinho no quarto com Xavier sem muito esforço. Não houve nenhum questionamento do médico, apenas um “ele ainda está fraco”. Era como as pessoas comuns se sentiam normalmente perto de Paul Santini, frágeis. Nas outras vezes que esteve com ele Xavier conseguiu equilibrar o jogo. Mas nas circunstâncias em que se encontrava seria difícil. E Santini sabia disso.

—

Você já sabe o que aconteceu? Santini falava pausadamente em inglês.

—

Sei que fui envenenado.

O homem apenas mexeu a cabeça. Estudou Xavier por alguns segundos. Escolhia as palavras cuidadosamente. O jornalista sentia medo

do que estava por vir. Aos poucos suas faculdades mentais voltavam ao

R U L I A N B M A F T U M 217

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

normal e ele lembrou-se de seus últimos minutos antes de desmaiar.

Algumas frases soltas vinham a sua cabeça, mas ele não sabia quanto daquilo era realidade.

—

Senhor Delabona, vou facilitar as coisas pra você. Quero que saiba que isso não é muito comum nestas ocasiões, mas em virtude do que você passou vou abrir uma exceção.

Xavier percebeu um leve sorriso no rosto do inspetor. Estiveram juntos poucas vezes. Aparentemente não tinham praticamente nada em comum. Mas havia uma sintonia estranha ali e os dois sentiam isso.

Xavier mesmo se pegou quase sorrindo também.

Nos minutos seguintes Paul Santini relatou sua versão da história.

Utilizou-se de todas as técnicas possíveis para contar os fatos sem entrar em detalhes. Mesmo assim, um enredo bastante sensato foi sendo montado. Santini não teve problemas em deixar claro toda sua astúcia em lidar com o caso. De como deixou que Xavier e Lenora fizessem a investigação, sempre vigiados de perto por suas equipes. Ao mesmo tempo, seguiu as próprias pistas. Ao final, as duas histórias se cruzaram na noite em que ele e sua equipe invadiram a casa em Zurique.

Santini ajeitou-se na cadeira e olhou para o homem deitado na

cama. Estava satisfeito pela forma como tinha contato a história, isso era nítido. Sua figura chamava ainda mais atenção quando tomada por aquele ar de vitória que ele fazia questão de demonstrar.

—
Bom, senhor Delabona, agora é sua vez. Preciso da sua versão final dos fatos.

—
Mas você não contou nada sobre a prisão do Operador. Você já deve ter pego o depoimento dele. O que ele disse?

—
Senhor Delabona, como bom jornalista que é, sabe que não posso comentar nada sobre o interrogatório com você.

—
Como bom jornalista sei o que essa resposta significa. Ele não falou nada.

Santini ficou em silêncio.

Enquanto ouvia o inspetor falar, Xavier pensou no que poderia contar. O que esconder, o que revelar. Mas agora, ao olhar para o homem ali em sua frente, percebeu que não fazia mais sentido ocultar nada. Ele conseguiu o que buscava. Quando começou não havia nada. Agora tinha em sua frente um inspetor da Interpol (um dos melhores, sem dúvida)

R U L I A N B M A F T U M 218

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

afirmando que a história que começou com dois pedaços de papel era agora uma investigação séria. A morte do grande amigo Martino Andreatto não seria em vão.

E assim, Xavier Delabona, aos trancos e barrancos por conta do inglês ainda deficiente, revelou toda a sua versão dos fatos ao inspetor Paul Santini. Enquanto ia falando sentia-se mais leve, como se tudo fizesse sentido. Era a certeza de que ele estar agora em uma cama de hospital depois de quase ter morrido valera a pena. Ao mesmo tempo, uma ansiedade ia tomando conta dele quanto mais perto do final de sua fala. Não queria que acabasse. Não queria ouvir o que viria depois.

—

Suas revelações foram muito importantes. Agradeço pela sua colaboração e pela honestidade, senhor Delabona. Saiba que esta investigação está agora no topo da lista de prioridades da Interpol, por conta do nosso trabalho – Santini disse as últimas palavras com um gesto apontando para Xavier e depois para ele mesmo. Um momento de humildade bastante incomum para aquele homem.

—

Inspetor, ao ouvir a sua história e a minha, algo me incomoda. Paul Santini pareceu surpreso com a atitude do jornalista e até aproximou o corpo da cama. Fez um gesto para que ele continuasse.

—

Não soa estranho que o tal Operador tenha se exposto tanto no

final? Essas pessoas me pareceram tão poderosas, tão influentes, para, no fim das contas, serem pegas de uma forma tão comum.

Santini não respondeu imediatamente. Voltou o corpo para trás e apoiou as costas na cadeira. Estudou Xavier mais uma vez com um olhar cortante. Tinha em sua frente, mesmo na situação em que se encontrava, um adversário a altura. Não merecia ser subestimado.

—

De alguma forma eles sabiam que seguíamos vocês. Pelo seu depoimento fica claro que vocês estavam sendo monitorados de perto por ele há algum tempo. Se eles queriam ser pegos? Talvez. Talvez eles tenham receio de que esta organização criminoso esteja sofrendo abalos. E por isso precisavam nos dar algo para que sossegássemos um pouco. Mas, se depender de mim, isso não vai acontecer.

—

Sabe senhor Delabona, organizações assim muito grandes sempre vão ter furos. Mas eles são espertos. Quando casos deste tipo acontecem eles tentam fazer com que pensemos: Pegamos eles! Acabou! Aí as autoridades deitam na própria glória, vão para um bar encher a cara e

R U L I A N B M A F T U M 219

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

param de cavar.

—

Mas se depender de você isso não vai acontecer – completou Xavier.

Os dois sorriram, agora, sem máscaras.

—

Bom, eu não vou incomodá-lo mais por hoje. Talvez precise conversar com o senhor novamente antes que volte ao Brasil, se não se importar?

—

Claro que não. Se puder ser útil novamente avise.

—

Bom, infelizmente não posso ir antes de lhe fazer uma pergunta. As pernas de Xavier tremeram e o corpo inteiro queimou. Ele esperava por esse momento desde o começo da conversa. Mas torcia para que ele não chegasse.

—

O senhor quer denunciá-la?

Um grande nó se formou na garganta de Xavier impedindo-o de falar. Mas ele não achou ruim. Desejou que aquele nó ficasse lá por um bom tempo, para que não precisasse responder.

—

Acho que você sabe do que estou falando, não? Santini praticamente sussurrou aquelas últimas palavras em um claro sinal de piedade.

Xavier sabia. Nas primeiras horas após acordar uma série de frases soltas vieram a cabeça dele. No princípio achou que eram delírios. Mas

depois lembrou das coisas ditas pelo Operador logo que desmaiou. Entre as revelações feitas a de que ele fora envenenado. Envenenado por Lucia.

—

Veja, senhor Delabona, trata-se de uma situação bastante delicada. Eu mesmo poderia encaminhar a denúncia, depois de colher o depoimento da senhora Lucia Silvano. Mas, por conta das circunstâncias, não o farei. A não ser que o senhor deseje isso.

O nó não se desfez e Xavier se limitou a sacudir a cabeça levemente para os lados. Paul Santini aceitou como uma resposta e se levantou em direção a porta. Mas, antes de sair, já de costas para a cama, usou sua voz gutural mais uma vez.

—

Ela foi obrigada, senhor Xavier. Eu, no lugar dela, não sei se faria diferente.

* * *

Eric Matier cumpria novamente uma rotina cuidadosa de exames

R U L I A N B M A F T U M 220

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

debruçado sobre o corpo de Xavier Delabona. Aquilo havia se tornado rotina desde que ele acordou do coma. O doutor seguia um ritual paciencioso testando, medindo, tocando.

Três dias depois do primeiro contato que Xavier Delabona teve com ele, o doutor continuava pacientemente acompanhando cada momento do

jornalista, pois ele virou uma celebridade no hospital. Afinal não era todo dia que alguém com o caso dele aparecia em Zurique. A todo momento médicos e enfermeiros passavam pelo quarto para vê-lo. Mas, por várias vezes, doutor Matier aparecia para salvá-lo dos curiosos. O médico contou que, para todos os outros, a informação dada foi de um envenenamento por acidente. Foi o que pediu o Inspetor Paul Santini, assim que colocou os pés no hospital. Chamou o médico responsável, no caso Eric Matier, e determinou que a história contada fosse essa. E Xavier conhecia o imenso poder de persuasão de Santini.

Ao terminar com a rotina daquele dia, doutor Matier fez o que fazia sempre. Parou, tirou os óculos e limpou-os cuidadosamente no jaleco branquíssimo. Lenora esteve no quarto com Xavier todas as vezes em que o médico fez aquilo. E ele podia perceber a ansiedade da moça em saber o que seria dito em seguida. As vezes parecia que ela iria pular no pescoço de Eric Matier para que ele falasse logo o que sabia.

—

Sua recuperação é bastante impressionante, senhor Delabona.

Creio que logo será possível liberá-lo.

Lenora aproximou-se de Xavier e tocou com as mãos em seu braço.

Ela estava sorrindo. Ele também não pode evitar a alegria.

—

Mas lembre-se que será preciso um acompanhamento periódico de sua saúde. Apesar de aparentemente estar tudo bem, sequelas futuras

podem surgir.

Não era a primeira vez que Eric Matier tocava no assunto. Dois dias antes o médico conversou com Xavier e Lenora apontando todos os problemas que o envenenamento ainda poderia causar. Lenora fez pesquisas na internet e tinha várias perguntas. Havia o risco de câncer? Matier afirmou que não havia pesquisas relacionando o tálcio com câncer. E quanto a insônia e depressão? O médico afirmou que ao expelir o tálcio do organismo os riscos eram pequenos. Então, o que acontece? Seria preciso um monitoramento constante dos rins, afinal os exames mostraram alterações significativas, mas que, por enquanto, estavam sob

R U L I A N B M A F T U M 221

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

controle. E os pelos do corpo? Sobre estes Eric Matier foi categórico em afirma que não sabia. No momento Xavier encontrava-se completamente imberbe. E não era possível afirmar que se tratava de algo definitivo. Só o tempo poderia dizer.

Lenora esteve ali o tempo todo que Xavier podia lembrar. Ele sabia que ela deixou tudo de lado para ficar com ele. Tudo menos a rotina diária de exercícios. Esta estava até mais intensa, pela cara de cansada que Lenora mostrava nos últimos dias. A moça também parecia tensa. As ligações misteriosas continuavam a acontecer. Por algumas vezes ela se afastava do quarto por vários minutos para atender o telefone. Quando tentou tocar no assunto, a moça fez de tudo para desconversar. Ela

simplesmente bloqueava. E ele já sabia que Lenora era irredutível quando não queria falar sobre algo.

Assim que o médico saiu o telefone de Lenora tocou novamente. A moça saiu do quarto. Tinha sido assim todos os dias. Era praticamente o único momento em que ela se afastava de Xavier. Por mais que ela tentasse esconder, Lenora ficava transtornada quando via de quem era a ligação.

Ao vê-la sair, Xavier fechou os olhos. Ele já estava decidido. Antes de ir embora precisaria conversar com ela sobre o assunto do excesso de exercícios. Ele continuava percebendo vários dos sintomas associados a vigorexia. Tentaria sensibilizá-la. E, pelo menos, a situação poderia ajudar.

Os olhos dele se abriram e ela estava na porta. Do jeito que imaginou tantas vezes naquela cama de hospital. Lucia.

—

Oi Xavier. Podemos conversar?

A voz dela era decidida. Lucia então caminhou em direção a cama e parou em frente dele. Xavier procurou por traços de sofrimento no rosto dela. Ela olhava diretamente para ele, sem hesitar. Essa coragem era uma característica que o atraía intensamente. Mas agora sentiu uma espécie de medo. Enquanto se ajeitou na cama ela sentou-se na cadeira ao lado.

—

Eu pensei muito no que falar a você neste momento. Você poderia

ter morrido e eu sou a responsável.

–

Lucia, eu...

–

Por favor, eu preciso falar primeiro.

Xavier acenou a cabeça concordando.

RULIANBMAFTUM 222

CAIXINHADESURPRESAS

–

Antes de mais nada, eu te agradeço por não ter contado nada a Lenora. Eu conheço minha filha. Ela não me perdoaria.

–

Eu acho melhor que ela não saiba de nada mesmo – emendou Xavier.

Lucia encarou-o novamente. Os grandes olhos cheios de vida pareciam vazios naquele momento.

–

O que nós tivemos foi muito forte, Xavier. Eu sei e você sabe.

A voz continuava firme, sem hesitação. Ela estava emocionada, mas fazia o possível para não demonstrar.

–

Quero que saiba que para mim não foi uma escolha. Aquele sádico ameaçou a vida da minha filha. Não espero que você entenda, mas foi o

que aconteceu. Você não o conheceu, Xavier, não olhou nos olhos dele. Ele seria capaz de fazer mal a ela. Como fez a Martino. Ele me contou com detalhes como fez para matá-lo. Eu fiquei apavorada, não conseguia pensar em nada, a não ser fazer o que ele estava mandando.

Xavier não conseguiu dizer mais nada. Ficou em silêncio.

—

O inspetor Santini me procurou. Disse que você não vai me denunciar. Eu entenderia se você resolvesse mudar de ideia.

Xavier olhava para Lucia enquanto ela falava. A mulher por quem tinha se apaixonado estava ali, mas não era mais a mesma. Não poderia ser mais a mesma. Ele a amava. Mas naquele momento também a odiava.

—

Estou voltando para a Itália hoje. Não poderia ir sem ver você primeiro. Sem ter certeza de que está bem.

—

Eu estou bem Lucia. Vou ficar bom logo.

—

Eu sei que vai.

* * *

Pela janela do táxi Xavier via o movimento da cidade. Ficou ali alguns dias, o suficiente para querer ir embora logo. Queria mais do que tudo voltar para casa, para sua cama, para seu trabalho. O tempo que permaneceu internado no hospital o fez refletir sobre muitas coisas. O

trabalho era uma delas. Ao voltar precisaria repensar sua vida.

Olhou para o lado e lá estava Lenora Silvano. A moça ficou ao lado dele todos aqueles dias. Agora iriam se separar depois de um contato intenso. Iria sentir falta das conversas, de estar ao lado de Lenora.

R U L I A N B M A F T U M 223

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

Apesar de todos os riscos, de toda a confusão que passou por sua vida nos últimos dias, Xavier agradecia ao amigo Martino Andreatto por ter conhecido Lenora. As vezes imaginava se tudo não teria sido um plano maquiavélico do velho apenas para aproximar os dois.

Os olhos de Xavier lacrimejaram e ele sorriu.

–

Lenora, tem uma coisa que preciso te falar. Já estou adiando isso há um tempo.

–

O que foi?

–

É sobre a sua saúde – Xavier percebeu a fisionomia de Lenora mudar automaticamente, mas estava decidido a dizer o que precisava.

–

Essa sua rotina de atividades físicas não é uma coisa normal. O contato diário com você me fez perceber que há algo errado.

Lenora virou o rosto para a janela do táxi, evitando o olhar direto de

Xavier.

—

Lenora, se existe algo de positivo nisso tudo que passei nos últimos dias foi ter conhecido você.

A frase pegou a moça de surpresa e foi o suficiente para fazê-la voltar para a conversa. Xavier pegou a mão dela.

—

Nestes dias que passamos juntos aprendi a te admirar. Gostei de você de cara, mas no princípio achei que fosse pelo fato de você ser filha de quem é. Mas depois percebi que não. Eu gosto de você porque você é uma pessoa extraordinária.

As palavras saíam da boca de Xavier como se estivessem sendo ditas por uma entidade superior. Os olhos de Lenora encheram-se de lágrimas.

—

E é por eu gostar de você, por me importar com você que eu te peço. Você precisa procurar ajuda. Essa sua devoção ao exercício é uma doença, Lenora. E você tem que admitir isso e procurar apoio.

Lenora tentou, mas não conseguiu evitar que as lágrimas rolassem pelo seu rosto. A intensidade das palavras de Xavier tocou fundo nela.

—

Quero que você me prometa que vai procurar ajuda assim que voltar pra casa. Você sabe que sua mãe já fez uma pesquisa. Ela tem o

nome de uma terapeuta que poderá te dar o apoio que você precisa.

Lenora tentou falar algo, mas não conseguia. Ela apenas sacudiu a cabeça de maneira firme, concordando. Xavier então puxou-a para perto dele e a abraçou. Colocou a cabeça dela em seu peito. Foi o suficiente

R U L I A N B M A F T U M 224

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

para que os dois começassem a chorar. Ficaram assim por vários minutos, abraçados. O sentimento que havia despertado entre os dois era algo muito forte. Uma ligação que não terminaria ali. Ambos sabiam disso.

* * *

Xavier Delabona jogou água no rosto lentamente. Os olhos arderam um pouco. Olhou-se no espelho. Acostumar com a nova fisionomia levaria tempo. Não havia cabelo e nem sobrancelhas. Segundo o doutor Eric Matier não era possível saber se os pelos do corpo voltariam a crescer. Perdeu vários quilos durante o tratamento, mas já recuperara alguns deles. Mesmo assim o rosto ainda trazia marcas da quase morte. Passou a mão pela cabeça, agora sem pelos e sorriu. Até que aquele visual não era assim tão feio.

Xavier sentou-se na sala de embarque. Olhou para o relógio e viu que faltava algum tempo. Teria que enfrentar uma viagem longa de volta ao Brasil. Mas o tempo não seria de todo ruim. Precisaria mesmo de uma transição mais lenta de volta a vida normal.

O voo de Lenora Silvano com destino a Turim saía uma hora e meia

mais cedo que o dele. Antes que a moça embarcasse os dois combinaram que manteriam contato sempre. Xavier prometeu que passariam suas próximas férias juntos, em algum lugar da Europa. Ele, inclusive, concordou em visitar estádios de futebol durante a viagem.

O jornalista pensou se não seria o caso de tocar no assunto das ligações misteriosas, mas achou um pouco demais. Já tinha conseguido falar o que era importante. Lenora embarcou prometendo mais uma vez que marcaria uma conversa com a psicóloga assim que chegasse a Turim. Então agora só restava esperar pelo embarque. Xavier fechou os olhos por alguns segundos. Várias imagens daqueles últimos dias se passaram, como se fosse um trailer de um longa metragem. Ainda era difícil acreditar.

—

A parte mais difícil é voltar para a vida real.

Bem que a voz poderia ser do narrador do trailer, afinal ela se parecia mesmo com a daqueles caras que fazem as locuções das propagandas dos filmes. Mas infelizmente não era o caso.

Havia uma cadeira vazia entre os dois. Xavier não pôde precisar há

R U L I A N B M A F T U M 225

C A I X I N H A D E S U R P R E S A S

quanto tempo ele estava ali. Paul Santini esticou a mão, esperando um cumprimento. Xavier retribuiu o gesto.

—

Desculpe incomodá-lo mais uma vez, senhor Delabona. Mas não poderia deixá-lo ir embora sem me despedir.

Xavier imaginou em que momento eles criaram uma relação que até permitia ao inspetor fazer piadinhas.

—

Inspetor Santini, nós dois sabemos que você não está aqui só para me desejar boa viagem. Alias, eu é que preciso lhe desejar os parabéns. O inspetor deu um leve sorriso.

—

Eu vi seu nome nos jornais.

—

Obrigado. Saiba que o senhor ajudou muito para que isso acontecesse.

Dois dias antes, quando ainda estava no hospital, Lenora trouxe a Xavier uma notícia dos jornais do dia. A Interpol e a FIFA anunciavam a criação de uma força-tarefa para investigar a corrupção do futebol. Este grupo teria como foco principal de atenção os esquemas de manipulação de resultados. A força-tarefa seria chefiada pelo inspetor Paul Santini, da Interpol. No jornal aparecia uma foto de Santini apertando a mão do presidente da FIFA durante a cerimônia de lançamento da parceria.

—

E agora? Quais os próximos passos, inspetor?

—

Lembra-se de nossa primeira conversa? Quando o senhor trouxe a ideia de que teríamos uma grande máfia no futebol?

—

Sim, lembro.

—

O que posso lhe dizer, senhor Delabona, é que há muito ainda por ser descoberto. A prisão que o senhor nos ajudou a fazer é apenas uma ponta de um grande novelo. Por isso precisaremos de toda a ajuda para avançar em nosso trabalho. Espero poder contar com você.

—

Sinto muito inspetor. Minha participação nesta história está encerrada.

—

E quanto ao homem que matou seu amigo Martino Andreatto? Não tem vontade de vê-lo preso?

—

É claro que tenho. Mas sinto que o que Martino queria de mim já está feito. Na verdade é a ele, e não a mim, que você devia agradecer por ter um trabalho tão importante agora.

Paul Santini limitou-se a concordar com a cabeça, resignado. A provocação recebeu uma resposta a altura. O inspetor sabia reconhecer

quando tinha um interlocutor do mesmo nível.

—

Pois bem senhor Delabona, vou deixá-lo em paz antes de sua viagem. Mas preciso saber apenas mais uma coisa.

—

E o que seria?

Santini coçou o queixo e aproximou o rosto de Xavier.

—

Quando chegamos àquela casa, você estava desacordado. No caminho para o hospital houve alguns momentos de delírio, onde você disse coisas. Eu gravei tudo em meu celular, pois não entendo português. Passei então o áudio a minha equipe pedindo para que fosse traduzido. Recebi a transcrição no dia seguinte, mas confesso que não dei muita importância. Porém, ontem, resolvi verificar.

Xavier ouvia atentamente, mas não sabia do que se tratava. Naquele instante teve início o embarque de seu voo e uma fila já se formava próxima ao portão.

—

Nos seus delírios, senhor Delabona, o senhor repetiu uma série de palavras. E aí lembrei que, quando meus homens chegaram à casa relataram que o tal Operador estava debruçado sobre você. Parecia dizer algo em seus ouvidos.

O prólogo de Santini fez Xavier lembrar. O sotaque asiático do

inglês do Operador dizendo uma série de coisas a ele quando estava prestes a desmaiar. As palavras voltaram em sua memória. Sim, ele lembrava de tudo.

—

Ele contou a você não foi?

—

Do que você está falando, inspetor?

Ao fundo mais um chamado para o voo de Xavier nos alto falantes.

O jornalista levantou-se e pegou a mochila. Paul Santini também ficou em pé e chegou mais perto ainda do jornalista.

—

Ele contou a você. Eu sabia – Santini esticou a mão para se despedir de Xavier.

—

Então, senhor Delabona, quem vai ganhar a próxima Copa do Mundo?

Xavier apertou a mão de Santini e deu um leve sorriso.

—

Quem vai ganhar a próxima Copa do Mundo?

—

Bom inspetor, não precisa ser nenhum gênio para perceber. É só analisar os fatos. É tão óbvio que acho que você também já sabe.